

TERRITÓRIO LOVECRAFT



**MATT
RUFF**





Território Lovecraft

Matt Ruff

Tradução de Thaís Paiva



Copyright © 2016 by Matt Ruff

Direitos de tradução para o português acordados com Melanie Jackson Agency, LLC.

TÍTULO ORIGINAL

Lovecraft Country

PREPARAÇÃO

Ilana Goldfeld

REVISÃO

Marcela de Oliveira

Luiz Felipe Fonseca

DESIGN DE CAPA E ILUSTRAÇÃO

Jarrold Taylor

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Antonio Rhoden

REVISÃO DE E-BOOK

Thais Entriel

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

E-ISBN

978-85-510-0620-7

Edição digital: 2020

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Para Harold e Rita

SUMÁRIO



[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Território Lovecraft](#)

[A casa assombrada dos sonhos](#)

[O livro de Abdullah](#)

[Hippolyta perturba o universo](#)

[Jekyll em Hyde Park](#)

[A casa Narrow](#)

[Horace e o boneco do diabo](#)

[A marca de Caim](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Leia também](#)

TERRITÓRIO LOVECRAFT



QUILÔMETRO DE JIM CROW — Unidade de medida, exclusiva aos motoristas negros, composta tanto de distância física quanto de quantidades variáveis de medo, paranoia, frustração e indignação. Sua natureza amorfa torna impossível calcular com acerto a duração de uma viagem, e sua violência põe constantemente em xeque a saúde e a sanidade dos viajantes.

— Guia de viagem do negro precavido, edição do verão de 1954

Atticus já estava quase em casa quando foi parado na rodovia pelo oficial da polícia estadual.

Tinha partido de Jacksonville dois dias antes, dirigindo o Cadillac Coupe 48 de segunda mão que comprara com o que restara do soldo do Exército. No primeiro dia, percorreu mais de setecentos quilômetros, comendo e bebendo o que havia em uma cesta que ele deixara pronta de antemão, e parou apenas para abastecer. Em um dos postos de gasolina, o banheiro para negros estava quebrado e, quando o atendente se recusou a dar a chave do banheiro dos brancos, Atticus foi forçado a urinar nos arbustos atrás do estabelecimento.

Passou a noite em Chattanooga. O *Guia de viagem do negro precavido* trazia como opção quatro hotéis e uma pensão, todos na mesma parte da cidade. Atticus escolheu a pensão, que era ao lado de uma lanchonete vinte e quatro horas. O quarto custou, conforme prometido pelo *Guia*, três dólares.

Na manhã seguinte, na lanchonete, ele consultou um guia rodoviário. Ainda faltavam quase mil quilômetros para chegar a Chicago. No meio da rota planejada ficava a cidade de Louisville, no Kentucky, onde, de acordo com o *Guia*, haveria um restaurante que aceitaria atendê-lo para o almoço. Atticus chegara a cogitar ir lá, mas qualquer propensão a adiar ainda mais sua volta para casa foi solapada pelo desejo de deixar logo o Sul do país, de modo que, assim que terminou o café da manhã, ele pegou a cesta no carro e pediu ao cozinheiro para enchê-la de sanduíches, Cocas e frango frito frio.

Por volta de uma da tarde, chegou ao rio Ohio, que demarcava a fronteira entre Kentucky e Indiana. Enquanto cruzava sua ponte, que homenageava um escravagista morto, Atticus botou o braço para fora da janela e se despediu de Jim Crow mostrando o dedo do meio. Um motorista branco que seguia no

sentido contrário viu o gesto e gritou algo repugnante, mas Atticus só gargalhou e pisou fundo, entrando, assim, no Norte do país.

Uma hora depois, enquanto percorria um longo trecho de plantação, um dos pneus do Cadillac furou. Atticus conduziu com dificuldade o carro até um ponto seguro do acostamento e saiu para trocar, mas o estepe também estava vazio. Ficou frustrado ao descobrir isso — ele checara o reserva antes de partir, e parecera estar tudo certo —, mas, por mais que Atticus olhasse torto para o estepe, ele estava decidido a continuar murcho. “Era um pneu sulista”, pensou Atticus: a vingança de Jim Crow.

Atrás dele havia uns quinze quilômetros só de plantação e bosque, mas na estrada à sua frente já dava para ver, talvez a uns três quilômetros, um aglomerado de construções. Levando consigo o *Guia de viagem do negro precavido*, ele começou a andar. A estrada estava movimentada e, no início, ele tentou acenar para os carros que se aproximavam, mas os motoristas ou ignoravam Atticus ou aceleravam para passar logo por ele. No fim das contas, acabou desistindo, concentrando-se apenas em continuar pondo um pé diante do outro.

Chegou à primeira construção, cuja placa dizia OFICINA MECÂNICA JANSEN, e Atticus pensou estar com sorte — até ver a bandeira confederada erguida sobre a entrada da garagem. Isso quase bastou para que ele seguisse pela estrada, mas acabou decidindo arriscar.

No interior da oficina, havia dois homens brancos: um camarada baixinho de bigode ralo em uma banqueta lendo uma revista, e outro bem maior, debruçado sobre o capô aberto de uma caminhonete. Quando Atticus entrou, o baixinho ergueu os olhos da revista e sibilou de forma grosseira, sugando o ar por entre os dentes.

— Com licença — disse Atticus.

Isso atraiu a atenção do grandalhão. Ele se empertigou, virando-se, e Atticus viu no seu antebraço uma tatuagem que parecia uma cabeça de lobo.

— Desculpe incomodar — continuou —, mas eu tive um problema na estrada e preciso comprar um pneu.

O grandão o olhou com hostilidade durante um instante e depois sentenciou:

— Não.

— Já percebi que vocês estão ocupados — argumentou Atticus, como se aquele pudesse ser o problema. — Não estou pedindo que troquem o pneu

para mim. É só me vender que eu mesmo...

— Não.

— Não estou entendendo. Vocês não querem o meu dinheiro? Não precisam *fazer* nada, só...

— Não. — O grandalhão cruzou os braços. — Está querendo que eu repita mais cinquenta vezes? Porque eu posso muito bem fazer isso.

Soltando fogo pelas ventas, Atticus disse:

— É um lebréu irlandês na sua tatuagem, né? Vigésimo Sétimo Regimento de Infantaria? — Ele mostrou o broche na própria lapela. — Eu fui do 24º. Percorremos boa parte da Coreia lutando junto ao 27º.

— Não fui à Coreia. Lutei em Guadalcanal e Luzon. E lá não tinha nenhum crioulo.

Com isso, ele voltou a se enfiar sob o capô da caminhonete. O gesto ostensivo de dar as costas era, ao mesmo tempo, uma dispensa e um desafio, e coube a Atticus escolher como iria interpretá-lo. Depois de todas as experiências humilhantes que sofrera na Flórida ao longo dos meses anteriores, Atticus chegou mais perto do que gostaria de perder a calma. O homenzinho na banquetta ainda o encarava, e se ele tivesse soltado um pio ou aberto um sorrisinho sequer, Atticus teria distribuído socos. No entanto, o homem não sorriu nem falou nada, talvez pressentindo a rapidez com que perderia os dentes — mesmo contando com a proteção do grandalhão —, e Atticus foi embora, pisando forte e com os punhos cerrados.

Do outro lado da rua havia um empório com um telefone público na varanda da frente. Atticus olhou no *Guia* e encontrou uma oficina administrada por negros em Indianápolis, a uns oitenta quilômetros dali. Ligou para lá e explicou sua situação difícil ao mecânico que atendeu. Este se mostrou solidário e disse que ia ajudar, mas avisou que demoraria um bocado.

— Tudo bem — disse Atticus. — Vou estar aqui.

Ele desligou e percebeu que, lá de dentro do empório, uma senhora o vigiava pelo mosquiteiro. Mais uma vez, decidiu dar meia-volta e se afastar.

Voltou para o carro. No porta-malas, ao lado do estepe inútil, havia uma caixa de papelão cheia de livros maltratados. Atticus escolheu uma edição de *As crônicas marcianas*, de Ray Bradbury. Sentou-se no Cadillac e ficou lendo sobre o “verão do foguete” de 1999, quando as neves do inverno foram

derretidas pela combustão dos motores de uma nave espacial lançada rumo a Marte. Ficou imaginando como seria se ele estivesse a bordo, ganhando os céus em um jato de fogo, abandonando para sempre tanto Norte quanto Sul.

Quatro horas se passaram. Ele leu *As crônicas marcianas* inteiro. Bebeu Coca quente e comeu um sanduíche, mas, ciente do olhar dos motoristas que passavam, nem tocou no frango frito. Suava em bicas com o calor estagnado do verão. Quando não deu mais para continuar ignorando a bexiga, esperou uma trégua no trânsito e se aliviou atrás de um sicômoro na beira da estrada.

Já passava das sete da noite quando o reboque chegou. O motorista, um negro de pele clara e cabelos grisalhos, apresentou-se como Earl Maybree.

— Só Earl, só Earl — insistiu ele, quando Atticus tentou chamá-lo de “sr. Maybree”.

Earl pegou o estepe na parte de trás do reboque e disse:

— Vamos trocar logo esse pneu para você seguir viagem.

Com os dois trabalhando juntos, a tarefa levou menos de dez minutos. A simplicidade da coisa, somada à tarde desperdiçada a troco de nada, deixou Atticus soltando fogo pelas ventas mais uma vez. Ele se afastou um pouco do carro para se recompor, fingindo estudar o horizonte, onde, àquela altura, o sol já se punha.

— Pretende continuar dirigindo até onde? — perguntou Earl.

— Chicago.

Earl ergueu a sobrancelha.

— Ainda hoje?

— Bem... esse era o plano.

— Faz o seguinte, eu estou encerrando meu expediente por hoje. Venha comigo para a minha casa, faça uma refeição de verdade preparada pela minha esposa, que tal? Descanse um pouco...

— Obrigado, senhor, mas eu não quero incomodar.

— Bobagem. É caminho. E não quero que você saia de Indiana achando que por aqui não tem ninguém que preste.

Earl morava no distrito negro perto da avenida Indiana, a noroeste do capitólio estadual. Sua casa de dois andares era uma construção estreita de madeira, com um gramado minúsculo na frente. Quando chegaram, o sol já havia se posto e nuvens estavam sendo varridas do norte, fazendo a escuridão chegar mais rápido. Uma partida de taco estava em andamento na rua, mas naquele exato momento as mãos dos jogadores começaram a chamá-los para

entrar.

Earl e Atticus também entraram. A esposa do mecânico, Mavis, recebeu o visitante com simpatia, mostrando onde ele poderia lavar as mãos. Apesar das sinceras boas-vindas, Atticus ficou apreensivo ao se sentar à mesa, pois não queria conversar sobre os assuntos mais comuns durante um jantar — o tempo em que servira na Coreia; sua estadia em Jacksonville; os eventos daquele dia; e, acima de tudo, seu pai em Chicago. No entanto, depois da oração, Earl o surpreendeu ao perguntar o que ele achava de *As crônicas marcianas*.

— Vi o exemplar no seu carro.

Então eles conversaram sobre Ray Bradbury, e Robert Heinlein, e Isaac Asimov, de quem Earl gostava; e L. Ron Hubbard, de quem não gostava; e da série do Tom Swift, que Earl amava quando criança e que, agora, adulto, o deixava constrangido, tanto pela forma como os negros eram retratados na obra quanto por ele não ter se dado conta disso quando era garoto, apesar de o pai ter apontado essa característica muitas e muitas vezes.

— Sei, meu pai também tinha dificuldade de aceitar o meu gosto quando o assunto era livros — comentou Atticus.

Mavis não falou muito durante o jantar, parecia contente em ouvir e em encher o prato de Atticus sempre que este corria o risco de ficar vazio. Quando terminaram a sobremesa, já estava um breu lá fora e a chuva tamborilava na janela da cozinha.

— Bem — disse Mavis, enfim —, você não pode sair dirigindo à noite nessas condições.

Atticus, que já tinha desistido de recusar por educação, deixou-se conduzir para o andar de cima, onde ficava o quarto de hóspedes. Na cômoda, havia uma fotografia de um jovem de uniforme, com uma fita preta amarrada em um dos cantos do porta-retratos.

— Nosso Dennis — disse Mavis; ou, pelo menos, foi isso que Atticus achou ter escutado. Contudo, enquanto fazia a cama com lençóis limpos, ela acrescentou: — Ele morreu na floresta.

Atticus deduziu que ela estava falando das Ardenas.

Ele ficou deitado na cama, com o livro que Earl lhe oferecera: mais Bradbury, uma coletânea de contos chamada *Dark Carnival*. Fora um gesto simpático, mas aquela não era a melhor leitura para a hora de dormir. Depois de ler uma história sobre vampiros fazendo uma reunião de família e outra

muito esquisita sobre um homem que teve todo o seu esqueleto removido, Atticus fechou o livro, passou um tempo fitando o selo da Arkham House na lombada e então o deixou de lado. Esticou-se e retirou do bolso da calça a carta que recebera do pai. Lendo-a mais uma vez, pousou o dedo em uma palavra perto do fim da página.

— Arkham — sussurrou.

Parou de chover às três da manhã. Atticus abriu os olhos em meio ao silêncio e, por alguns instantes, ficou sem saber em que terra estava. Vestiu-se no escuro e desceu a escada pé ante pé, na intenção de deixar um bilhete de despedida, mas Earl já estava acordado e fumava um cigarro sentado à mesa da cozinha.

— Ia sair de fininho? — perguntou Earl.

— Sim, senhor. Fico muito grato pela hospitalidade, mas preciso ir.

Earl aquiesceu e, com a mão do cigarro, fez um gestinho para Atticus seguir viagem.

— Agradeça à sra. Maybree por mim, repasse a minha despedida a ela.

Earl fez o gesto outra vez. Atticus entrou no carro e deu a partida, dirigindo pelas ruas escuras e ainda úmidas, sentindo-se como o fantasma em cuja cama ele havia dormido.

Ao primeiro raio de sol, ele já tinha avançado bastante na direção norte. Passou por uma placa que dizia CHICAGO 83KM. O oficial da polícia estadual estava parado no acostamento do outro lado da rodovia. Cinco minutos antes, ele estava cochilando e talvez não tivesse reparado na passagem de Atticus. No entanto, devido à luz rósea da aurora, o policial se endireitou no banco, bocejando e piscando. Assim, viu Atticus passar por ele de carro e ficou alerta no mesmo instante.

Atticus acompanhou pelo retrovisor o carro patrulha dar meia-volta com uma curva bem fechada e entrar na estrada. Ele pegou no porta-luvas o documento do carro e o certificado de transferência de propriedade do veículo, deixando-os no banco do carona junto à habilitação, tudo bem à vista para que, quando fosse pegá-los, não houvesse nenhum mal-entendido. Luzes piscaram no retrovisor, e a sirene policial soou. Atticus encostou o carro, abaixou o vidro da janela e, conforme aprendera em sua primeira aula de condução, apoiou as duas mãos na parte superior do volante.

O policial não demonstrou nenhuma pressa ao sair do carro, parando para se alongar antes de andar a passos lentos até o Cadillac.

— Esse carro é seu?

— Sim, senhor — respondeu Atticus, e meneou a cabeça na direção dos papéis no banco do carona, sem tirar as mãos do volante.

— Quero ver.

Atticus entregou os documentos.

— Atticus Turner — disse o policial, lendo o nome na habilitação. — Sabe por que parei seu carro?

— Não, senhor — mentiu Atticus.

— Você não estava acima do limite de velocidade. Mas, quando vi sua placa, achei que pudesse estar meio perdido. A Flórida fica para o outro lado.

Atticus apertou o volante com um pouco mais de força.

— Estou indo para Chicago. Senhor.

— Para quê?

— Assunto de família. Meu pai precisa de mim.

— Mas você mora na Flórida?

— Trabalhei em Jacksonville desde que voltei do serviço militar.

O policial bocejou, sem se incomodar em cobrir a boca.

— Trabalhou ou trabalha?

— Como assim, senhor?

— Você vai voltar para a Flórida?

— Não pretendo, não, senhor.

— Não pretende. Então você vai ficar em Chicago?

— Durante um tempo, sim.

— Quanto tempo?

— Não sei. Enquanto meu pai precisar de mim.

— E depois?

— Não sei. Ainda não decidi.

— Ainda não decidiu. — O policial franziu o cenho. — Mas aqui você está só de passagem. Certo?

— Sim, senhor — disse Atticus, resistindo à tentação de acrescentar “se você me deixar passar”.

Ainda franzindo o cenho, o policial empurrou os documentos de qualquer jeito pela janela. Atticus colocou-os de volta no banco do carona.

— O que tem aí embaixo? — perguntou o policial em seguida, apontando para a cesta no chão.

— As sobras do meu almoço de ontem.

— E lá atrás? Tem algo no porta-malas?

— Só roupas — respondeu Atticus. — Meu uniforme do Exército. Alguns livros.

— Que tipo de livro?

— No geral, ficção científica.

— Ficção *científica*? E este carro é seu?

— Senhor policial...

— Saia do carro.

O policial deu uns passos para trás, pousando a mão na coronha do revólver. Atticus saiu do veículo bem devagar. De pé, ele era uns dois centímetros mais alto que o policial; para compensar tal impertinência, o homem o girou com grosseria, imprensando-o contra o Cadillac e revistando-o de forma agressiva.

— Muito bem — disse o policial. — Abra o porta-malas.

O homem mexeu de qualquer jeito nas roupas de Atticus, revistando as laterais da mala de mão como se o objeto também fosse um homem negro imprensado contra um carro. Então, concentrou-se nos livros, espalhando todo o conteúdo da caixa pelo porta-malas. Atticus tentou não se importar, dizendo a si mesmo que as edições baratas foram feitas para serem maltratadas mesmo, mas foi difícil — era como se estivesse vendo seus amigos serem surrados.

— O que é isso?

O policial pegou um objeto embrulhado para presente no fundo da caixa.

— Outro livro — respondeu Atticus. — Um presente para o meu tio.

O agente rasgou o embrulho, revelando uma edição em capa dura.

— *Uma princesa de Marte*. — Ele olhou de soslaio para Atticus. — Então quer dizer que seu tio gosta de princesas, é?

Ele atirou o livro de volta na caixa, e Atticus morreu um pouquinho por dentro ao ver que o exemplar caiu aberto, amassando as páginas.

O policial contornou o Cadillac. Quando abriu a porta do carona, Atticus pensou que ele fosse pegar *As crônicas marcianas*, que ainda estava em algum lugar na parte da frente do carro. No entanto, o que o homem pegou foi o *Guia de viagem do negro precavido*. Folheou o volume, primeiro intrigado, depois impressionado.

— Esses endereços aqui... Aqui só tem lugares que atendem negros?

Atticus assentiu.

— Bem, e eu que achava que já tinha visto de tudo nessa vida... — Ele franziu o cenho, olhando para a lombada. — É meio fininho, não é mesmo?

Atticus nem respondeu.

— Tudo bem — disse o policial, por fim. — Vou liberar você. Mas vou ficar com este guia aqui... Não se preocupe — acrescentou ele, antecipando-se à objeção que Atticus era ajuizado demais para fazer —, não vai precisar mais dele. Você falou que está indo para Chicago, não é? Pois bem. Você não vai querer parar em lugar *nenhum* até chegar lá. Entendido?

Atticus entendeu.

* * *

A sede da Agência de Viagens do Negro Precavido (proprietário: George Berry) ficava em Washington Park, na área de South Side em Chicago. Atticus estacionou na frente da loja maçônica ao lado da agência e ficou ali, sentado, observando os pedestres e motoristas que madrugaram. Não se via entre eles um único rosto branco. Em Jacksonville também havia ruas em que raramente se avistava uma pessoa branca, mas aquela rua, aquele bairro, era o lar de Atticus — e já havia sido, tempos antes, seu mundo inteiro —, e era o que mais o reconfortava no mundo, exceto pela voz de sua mãe. Ele começou a relaxar, o nó de tensão em seu estômago se afrouxando aos poucos, e concluiu que o policial estava certo: ali, ele já não precisava de nenhum guia.

A agência ainda estava fechada àquela hora, mas dava para ver uma luz acesa no apartamento do segundo andar. Em vez de tocar o interfone, ele virou a esquina e entrou no beco dos fundos, subiu a escada de incêndio e bateu à porta da cozinha. Lá de dentro veio o som de uma cadeira arrastando no chão e do trinco da porta se abrindo. Por uma fresta, o rosto de tio George espiou com desconfiança. Contudo, assim que reconheceu quem estava ali, ele gritou “Olá!” e escancarou a porta, puxando Atticus para um abraço forte.

— Olá para você também — respondeu Atticus, rindo e abraçando-o.

— Nossa, como é bom ver você! — Dando um passo para trás, George segurou Atticus pelos ombros e o olhou de cima a baixo. — Quando você voltou?

— Cheguei agorinha mesmo.

— Venha, entre.

Ao adentrar a cozinha, Atticus foi tomado pela impressão de estar em uma casa maluca de parque de diversões, sensação que também experimentara durante a única outra visita que fizera desde que entrara para as Forças Armadas. Embora tivesse parado de crescer (pouco) antes de se alistar, suas lembranças mais intensas daquele lugar eram de quando ele era uma pessoa muito menor, então parecia que a cozinha tinha encolhido. Quando George fechou a porta e se virou para abraçá-lo mais uma vez, Atticus percebeu que o tio também encolhera, embora, no caso dele, isso só significasse que eles estavam com a mesma altura.

— Tia Hippolyta está em casa? — perguntou Atticus, curioso para medi-la também.

— Não. Ela está no Wyoming. Abriram um spa novo perto de Yellowstone, e, acredite se quiser, os donos são quaker. Supostamente é permitida a entrada de todos. Ela foi lá conferir.

Logo no início do casamento, Hippolyta se voluntariara para testar novos lugares para inserir no *Guia de viagem do negro precavido*, especializando-se em destinos de férias. No início, ela e George iam juntos, mas nos últimos tempos era mais comum ela ir sozinha, enquanto o marido ficava cuidando do filho do casal.

— Ela vai passar no mínimo uma semana fora — continuou ele. — Mas sei que Horace vai ficar feliz em ver você, assim que acordar.

— Horace ainda está dormindo? — perguntou Atticus, surpreso. — Já começaram as férias escolares?

— Não, ainda não, mas hoje é sábado — respondeu George. Rindo da reação de Atticus à notícia, continuou: — Acho que não preciso nem perguntar como foi a viagem.

— Não mesmo. — Ele estendeu para o tio o livro que trouxera do carro como quem carregava um passarinho ferido. — Toma.

— O que é isso... Ah, sr. Burroughs!

— Uma lembrancinha do Japão. Existia uma livraria perto da base em Gifu, e o cara tinha uma única estante de livros em inglês, a maioria ficção científica... Achei que esta poderia ser uma primeira edição, mas agora acho que é só velha mesmo.

— Viajada — corrigiu George.

O livro se abriu sozinho nas páginas que tinham sido amassadas; Atticus

fizera o possível para alisá-las, mas os vincos eram permanentes.

— Hum, estava em melhor estado quando comprei.

— Não, olha, está ótimo. Ainda dá para ler perfeitamente. — George abriu um sorriso. — Venha, vamos arranjar um lugar de honra para guardar este livro.

Rumou para o quarto que ele e Hippolyta dividiam com seus melhores livros.

Atticus o seguiu por parte do caminho, detendo-se à porta do outro quarto do apartamento para olhar o primo. Horace, de doze anos, dormia de barriga para cima e boca aberta, com a respiração ruidosa e difícil. Ao lado do travesseiro, havia um exemplar de *Tom Corbett, Space Cadet* e vários outros espalhados pelo chão.

Na parede oposta à cama havia uma mesinha de cavalete baixa. Nela se encontrava uma cartolina dividida em quadrinhos com cenas de uma aventura intergaláctica: negros vestindo capas, vagando por paisagens dignas de Buck Rogers. Atticus fitou os desenhos ali mesmo de onde estava, na soleira, inclinando a cabeça para tentar entender a trama.

George voltou pelo corredor.

— Ele está ficando muito bom — elogiou Atticus, em voz baixa.

— É, está tentando me convencer a começar um selo de quadrinhos. Eu falei que, se ele economizar bastante do próprio dinheiro, eu talvez inteire para uma tiragem *pequena*... Então, você está com fome? E se eu acordasse o Horace e ligasse para o seu pai, para irmos tomar café da manhã juntos? Já foi ver o Montrose?

— Ainda não. Antes disso, preciso conversar com você sobre uma coisa.

— Está bem. Vá se sentar, fique à vontade, que eu vou fazer um café.

Enquanto George estava ocupado na cozinha, Atticus foi para a saleta de visitas, que, durante sua infância, fazia vezes tanto de biblioteca quanto de sala de leitura. As estantes eram divididas entre dele e dela, sendo que tia Hippolyta gostava mais de ciência e história natural, intercalando um ou outro Jane Austen. George aprovava a literatura mais respeitável, mas reservava sua paixão mais profunda e a maior parte de suas prateleiras para os gêneros *pulp*: ficção científica, fantasia, histórias de mistério e de detetive, terror e lendas bizarras.

Atticus compartilhava da devoção por aqueles gêneros dominados por autores brancos, o que sempre causava atrito entre ele e o pai. Como irmão

mais velho, George era praticamente imune ao desdém de Montrose, e podia muito bem mandar o irmão guardar as opiniões para si mesmo. Atticus não tinha o mesmo privilégio. Quando o pai se dispunha a discutir seu gosto em literatura, não lhe restava escolha além de aturar.

E o que não faltava era motivo para discussão. Edgar Rice Burroughs, por exemplo, proporcionava uma excelente fonte de combustível para críticas, com suas histórias do Tarzan (não precisava nem começar a listar todos os problemas que Montrose via em Tarzan, partindo da própria concepção do personagem), ou a série de Barsoom, cujo protagonista, John Carter, fora capitão do Exército no norte da Virgínia antes de se tornar um senhor da guerra marciano.

— Um oficial confederado? — dizia o pai de Atticus, exasperado. — Este é o herói?

Quando Atticus tentava defender, dizendo que não era tão ruim assim, já que John Carter era, tecnicamente, um ex-confederado, o pai ironizava:

— *Ex-confederado?* E como é que isso funciona, é tipo um ex-nazista? O homem lutou a favor da escravidão! Não dá para deixar esse tipo de coisa para trás!

Montrose poderia tê-lo proibido de ler aquelas coisas e ponto final. Atticus conhecia outros pais que haviam tomado essa providência, que haviam pegado os quadrinhos e as revistas *Amazing Stories* de seus filhos e jogado tudo no lixo. Montrose, por outro lado, com raras exceções, não concordava com o banimento de livros. Sempre insistia que só queria que Atticus pensasse bem a respeito do que estava lendo, em vez de assimilar tudo de maneira leviana — e, para ser sincero, Atticus tinha que admitir que essa era uma postura muito razoável. No entanto, na mesma medida em que era sensato reconhecer as boas intenções do pai, também não se podia ignorar que ele era um homem beligerante que adorava encontrar motivo para pegar no pé do filho.

Tio George também não ajudava muito.

— Não é como se seu pai estivesse errado — dissera ele, um dia, quando Atticus reclamara de Montrose.

— Mas você ama essas histórias! — contestara Atticus. — Tanto quanto eu!

— Amo mesmo — concordara George. — Mas histórias são como pessoas, Atticus. Nós até podemos amá-las, mas não podemos alegar que são

perfeitas. Sempre tentamos enaltecer suas virtudes e relevar seus defeitos, mas isso não faz os defeitos desaparecerem.

— Mas você não fica irritado, não como Pop fica.

— É, isso é verdade, eu não fico irritado... Não com as histórias. Ainda assim, às vezes elas me decepcionam. — Ele voltara o olhar para as estantes. — Às vezes, são como uma punhalada no coração.

De pé em frente àquelas mesmas prateleiras, Atticus esticou a mão e pegou um livro do selo Arkham House: *The Outsider and Others*, de H. P. Lovecraft.

Aquele era um autor do qual o próprio Atticus ficava surpreso por gostar. Lovecraft escrevia histórias de terror, o que era mais da preferência de George, enquanto Atticus simpatizava mais com aventuras de final feliz — ou, ao menos, esperançoso. No entanto, um belo dia, ele decidiu de repente dar uma chance a Lovecraft, escolhendo de forma aleatória um conto longo chamado “Nas montanhas da loucura”.

A história envolve uma expedição científica à Antártica em busca de fósseis. Enquanto procuram novos sítios, cientistas descobrem uma cadeia de montanhas com picos mais altos que o Everest. Em um platô na cordilheira, há uma cidade, construída milhões de anos antes por uma raça alienígena chamada Coisas Ancestrais, ou Antigos, que vieram do espaço durante a era pré-Cambriana. Embora os Antigos tenham abandonado a cidade muito tempo antes, seus antigos escravos (monstros protoplasmáticos chamados *shoggoths*) ainda vagam pelos túneis subterrâneos abaixo das ruínas.

— *Shoggoths*? — perguntara o pai de Atticus no dia em que o menino cometeu o erro de comentar o assunto com Montrose.

— *Shoggoths* — corrigira Atticus.

— Aham. E a raça dos mestres, o Klan Ancestral...

— *Coisas Ancestrais*. Antigos.

— Aposto que eles têm pele clara. E que os *shiggoths*, eles são escuros.

— As *Coisas Ancestrais* têm formato de barril. São *alados*.

— Mas são brancos, não é?

— Cinza.

— Mas cinza-claro?

Depois de um pouco mais de provocação no mesmo estilo — e com um adendo mais sério sobre a visão obstinada e equivocada do sr. Lovecraft a respeito da evolução —, Montrose deixara o assunto morrer, ou assim

pareceu. No entanto, algumas noites depois, ele trouxera uma surpresa para casa.

Naquela noite, sua mãe tinha saído com uma amiga, e Atticus estava sozinho lendo “O chamado de Cthulhu”, tentando ignorar um gorgolejo esquisito que vinha da pia da cozinha. Na verdade, quando o pai chegou em casa, ele ficou até aliviado.

Montrose abordou o assunto sem rodeios.

— Passei na biblioteca pública depois do trabalho — disse, enquanto pendurava o casaco. — Fiz uma pesquisinha sobre o seu amigo, o sr. Lovecraft.

— É? — respondeu Atticus, sem entusiasmo.

Ele já tinha reconhecido a mistura perversa de raiva e triunfo na voz do pai, e sabia que algo de que gostava estava prestes a ser estragado para sempre.

— Parece que ele também era poeta. Não é nenhum Langston Hughes, mas, mesmo assim, é interessante... Veja.

O volume datilografado que o pai entregou a Atticus era como uma paródia barata dos textos arcanos das histórias de Lovecraft: uma publicação literária amadora, produzida em um mimeógrafo antigo, o miolo encadernado entre duas folhas de papelão manchado. Não havia folha de rosto, mas uma etiqueta na capa revelava sua origem: PROVIDENCE, 1912. Atticus nunca conseguira entender como ele tinha ido parar numa biblioteca pública de Chicago, mas, já que estava lá, não era de causar espanto que seu pai tivesse sido capaz de encontrá-lo. Montrose tinha um faro para coisas do gênero.

Uma ficha catalográfica fazia vezes de marcador de livro. Atticus foi até a página indicada e lá estavam: seis versos de uma poesia cômica de autoria de Howard Phillips Lovecraft.

O título do poema era “Da criação dos crioulos”.

Às vezes, são como uma punhalada no coração...

— Reencontrando velhos amigos? — perguntou George, reaparecendo com o café.

— Isso. — Atticus pôs o livro no lugar e aceitou a xícara que George oferecia. — Obrigado.

Eles se sentaram, e Atticus foi engolido por uma onda de exaustão.

— Então, como são as coisas na Flórida?

— Segregadas — respondeu Atticus, pensando, ao pronunciar a palavra,

que não era a mais adequada, já que dava para usá-la ao descrever Chicago.

Contudo, George assentiu.

— É, eu desconfiava de que você não fosse gostar do Sul. Apesar disso, não esperava que fosse voltar tão cedo. Achei que aguentaria pelo menos até o fim do verão.

— Eu também. E, na verdade, estava pensando em ir para a Califórnia depois. Mas aí eu recebi isto.

Mostrou a George a carta do pai. O tio reconheceu a letra no envelope no mesmo instante e assentiu de novo.

— Montrose tinha me pedido seu endereço.

— Ele falou para você o que planejava me dizer na carta?

George deu uma gargalhada.

— Está de brincadeira, né? Ele nem mesmo admitiu que *ia* escrever para você. Só me disse que deveria ter seu endereço, “por precaução”. Desde que você foi embora, tem sido assim: ele fica preocupado, quer ter notícias suas, mas Deus o livre admitir isso em voz alta. Então, quando estamos falando de outra coisa, ele solta, como quem não quer nada: “Ah, *aliás*, teve notícias daquele menino?”

— “Aquele menino” — repetiu Atticus, franzindo o nariz.

— Ora, para que dizer o seu nome e correr o risco de parecer que ele se importa contigo? E, veja bem, até que isso é uma evolução. No primeiro ano em que você estava na Coreia, ele nem perguntava nada. Vinha jantar comigo e esperava que eu falasse de você por conta própria. E, se eu não fizesse isso, ele não dizia nada, mas também não ia embora. Ficava aqui até dez, onze horas, meia-noite, tão tarde quanto fosse necessário, esperando que eu mencionasse você. Isso me deixava maluco. — George balançou a cabeça. — Então, o que ele escreveu, afinal?

— Foi sobre a mamãe. Disse que descobriu de onde veio a família dela.

— Então ele ainda está obcecado com isso? Hum.

A mãe de Atticus, Dora, era filha única de mãe solteira. A identidade do pai era um mistério, um tabu. A mãe dela fora deserdada e, por sua vez, quase nunca falava da própria família; por conta disso, Dora sabia muito pouco sobre os avós maternos, com exceção de que moravam no Brooklyn e vinham, originalmente, de algum lugar da Nova Inglaterra.

Montrose, que conhecia cinco gerações de seus antepassados, havia jurado que descobriria mais sobre a ancestralidade de Dora. No início, enquanto

estava cortejando a moça, ele pretendia fazer isso como um gesto de amor, mas, na época do nascimento de Atticus, a busca já havia se transformado em algo puramente egoísta, acrescentando mais um item à longa lista de coisas que geravam briga entre o casal.

Atticus se lembrava de, quando criança, estar deitado no quarto e escutá-los discutindo o assunto.

— Como é possível que você não queira saber? — perguntava o pai dele. — De onde você vem é parte de quem você é. Como pode permitir que isso seja roubado de você?

— Eu sei aonde o passado leva — retrucava a mãe. — É deprimente. Por que eu iria querer saber mais sobre ele? Conhecer o seu passado deixou *você* mais feliz?

— Não é uma questão de *ser feliz*. É uma questão de ser completo. Você tem esse direito. Você tem essa obrigação.

— Mas eu não quero. Por favor, deixe isso para lá.

Atticus tinha dezessete anos quando a mãe morreu. No dia do enterro, encontrou o pai remexendo numa caixa das lembranças que Dora guardava. Montrose pegara uma fotografia dos avós de Dora — a única imagem deles que ela possuía — e a tirou do porta-retratos para ler o que estivesse escrito no verso. Em busca de alguma pista.

Atticus arrancou a foto das mãos do pai, que levou um susto.

— Esquece isso! — gritara. — Ela mandou deixar para lá!

Montrose, afastando-se da caixa, se recuperara rápido, com uma fúria que mais que rivalizava com a do filho. Ele batera em Atticus com força suficiente para atirá-lo no chão e então se postara acima do filho, vociferando:

— *Nunca mais* me diga o que fazer. *Nunca mais*.

— Claro que ele ainda está obcecado — disse Atticus, voltando à pergunta de George. — Mas o que eu queria perguntar era... Você falou que Pop te deixava maluco. Você acha que ele finalmente levou a si mesmo à loucura?

Então, leu a carta em voz alta, tendo um pouco de dificuldade com a letra do pai:

— “Sei que, como a sua mãe, você acha que pode perdoar, *esquecer*, o passado. Não é verdade. Isso não é possível. O passado ainda existe, é uma coisa viva. Ele é seu, e você *deve* a ele. Agora descobri uma coisa sobre os... ancestrais de sua mãe. Você tem um legado *secreto* e sagrado, um direito

inato que foi escondido de você.”

— Legado? — repetiu George. — Ele está falando de uma herança?

— Ele não chega a falar sobre isso. Mas, seja lá o que for, tem algo a ver com o lugar de onde a família da mamãe supostamente vem. Ele diz que eu preciso ir para casa, para que possamos ir até lá, juntos, e reivindicar o que é meu.

— Bem, isso não parece loucura. Talvez ele esteja se iludindo, mas...

— A parte maluca não é o legado. É a localização. O lugar para onde ele quer que eu vá com ele fica no Território Lovecraft.

George balançou a cabeça, sem entender.

— Arkham — continuou Atticus. — A carta diz que os ancestrais da mamãe vieram de Arkham, Massachusetts.

Arkham, lar do reanimador de cadáveres Herbert West, e da Universidade Miskatonic, que financiara a expedição às montanhas da loucura em busca de fósseis.

— É um lugar imaginário, não é? Quer dizer...

— Ah, é sim — disse George. — Lovecraft se inspirou em Salem, creio eu, mas o lugar não existe de verdade... Deixe eu dar uma olhada nessa carta.

Atticus a entregou para George, que a estudou, franzindo o cenho e inclinando a cabeça para o lado.

— É um “d” — afirmou ele, enfim.

— O quê?

— Não é Arkham com “k”, é Ardham com “d”.

Atticus se levantou e fitou a carta, por trás de George.

— Isso aí é um “d”?

— É.

— Não. Talvez um “b”...

— Não, é um “d”. Ardham, com certeza.

— Caramba — disse Atticus, frustrado, dando um suspiro. — Sabe, para alguém que fala tanto sobre a importância da educação, seria de se esperar que ele aprendesse a *escrever* direito.

— Não é culpa dele — retrucou George. — Montrose é disléxico.

Isso era novidade para Atticus.

— Desde quando?

— Desde sempre. Por isso que ele tinha tanta dificuldade na escola. Bem, esse era um dos motivos. Seu avô Turner tinha o mesmo problema.

— Por que eu não sei disso?

— Você está mesmo me perguntando por que Montrose nunca te contou isso? — George gargalhou. — Vou deixar você mesmo responder.

George foi até uma das estantes e pegou um guia rodoviário. Depois de consultar o índice no fim, foi até o mapa de Massachusetts.

— É, aqui está.

Ardham, marcada por um ponto sem preenchimento — o que sinalizava um povoado de até 250 pessoas —, ficava na parte centro-norte do estado, logo abaixo da divisa com Nova Hampshire. Um afluente sem nome do rio Connecticut a cercava, seguindo para o sul; o mapa não mostrava nenhuma estrada dando acesso direto, embora nas imediações uma rodovia estadual cruzasse o afluente.

— Sinto muito — disse George, enquanto Atticus, de cenho franzido, observava o mapa. — Seu pai não está louco. Você devia ter ligado antes de fazer essa longa viagem de carro.

— Não, já estava mais do que na hora de vir para casa. Acho que é melhor ir lá vê-lo. Descobrir o que ele quer dizer com esse “direito inato”.

— Espere aí...

— O que foi?

— Condado de Devon... — falou George, batendo no mapa com o dedo.

— Condado de Devon, em Massachusetts, já ouvi isso em algum lugar... Hum, será? Talvez essa Ardham fique mesmo no Território Lovecraft...

— Como assim?

— Vamos lá embaixo, no escritório. Preciso procurar nos meus arquivos.

* * *

George começara a publicar o *Guia de viagem do negro precavido* como um meio de promover os serviços de sua agência de viagens. Embora o *Guia* tivesse, no fim das contas, virado um produto lucrativo, a agência — que crescera a ponto de ter três filiais — continuava sendo seu negócio principal e a maior fonte de renda.

A agência providenciava roteiros de viagem e passagens para qualquer pessoa, mas sua especialidade era ajudar negros de classe média a lidar com

uma indústria turística que, na melhor das hipóteses, estava pouco disposta a aceitá-los como clientes. Valendo-se de sua rede de contatos e clientes ocultos, George mantinha arquivos atualizados não apenas com hotéis que aceitavam hospedar negros, mas também com companhias aéreas e de navegação que tinham mais chances de honrar suas reservas. Para os que desejavam passar férias no exterior, a agência podia recomendar destinos relativamente livres de racismo local e, não menos importante, que não ficassem apinhados de turistas brancos americanos — pois nada era mais frustrante do que viajar milhares de quilômetros só para encontrar os mesmos racistas com quem você tem que lidar todos os dias no próprio país.

Os arquivos ficavam armazenados em um cômodo nos fundos. George acendeu as luzes quando eles entraram e se esticou para pegar algo no alto de um armário ao lado da porta.

— Veja isso — indicou a Atticus.

Era um guia rodoviário, uma edição igual à do exemplar do andar de cima, mas cheia de ilustrações em cores vivas. Atticus reconheceu o traço de Horace: as primeiras experimentações artísticas do garoto às vezes envolviam quadrinhos desenhados sobre mapas de postos de gasolina. No entanto, Horace tinha mesmo ficado muito bom; folheando as páginas, Atticus se deu conta de que tinha em mãos uma versão ilustrada do *Guia de viagem do negro precavido*.

Centros populacionais de maioria negra, como South Side, em Chicago, eram representados como fortalezas reluzentes. Vizinhanças e enclaves menores eram marcados com torres ou oásis. Hotéis e motéis afastados eram hospedarias com estalajadeiros sorridentes. Lares turísticos — residências particulares que alugavam quartos para viajantes negros — eram cabanas de camponeses, ou casas na árvore, ou tocas de *hobbit*.

Partes menos amistosas do país eram povoadas por ogros e *trolls*, vampiros e lobisomens, bestas selvagens, fantasmas, feiticeiros malvados e cavaleiros de capuz branco. Em Oklahoma, havia um grande dragão branco rodeando Tulsa, cuspidendo fogo na vizinhança onde nasceram o pai de Atticus e tio George.

Atticus procurou Massachusetts. O condado de Devon estava marcado com um símbolo que ele já tinha visto em vários outros lugares do guia: um relógio de sol. Ao lado dele, cobrindo o gnômon com a própria sombra, havia um templo sinistro segurando um nó de força.

— Victor Franklin — falou George.

Enquanto Atticus analisava o guia, o tio vasculhava gavetas do arquivo, então voltou sacudindo uma página datilografada que tirara de uma pasta.

— Quem? — perguntou Atticus.

— Um velho amigo, estudou comigo em Howard. Acho que você não chegou a conhecê-lo, mas já faz uns anos que ele administra a agência na Grand Boulevard. Setembro passado ele foi visitar os pais na costa leste, e eu pedi que fizesse um desvio até a Nova Inglaterra, para investigar novos destinos para o *Guia*.

“Um dos lugares para o qual eu o mandei ficava em Nova Hampshire. Outro antigo colega de escola, Lester Deering, mudou-se para lá para abrir um hotel. Naquela época o lugar já deveria estar aberto e funcionando a todo vapor, mas Lester acabou tendo alguns problemas com os empreiteiros da área e precisou adiar a inauguração... No dia em que Victor chegou lá, Lester estava na cidade vizinha, tentando encontrar outro eletricitista para terminar o trabalho. Então Victor chegou ao hotel, que estava fechado e vazio, e quando ele tentou arrumar um quarto em um motel na estrada...”

— Não havia vagas.

— Isso mesmo. Não para ele. Aí ele mandou tudo para o inferno e decidiu voltar a Massachusetts, para passar a noite em um lar turístico.

“Então, começou a dirigir para o sul. Quando chegou à divisa estadual, estava muito apertado para fazer xixi. Ele podia ter ido a um posto de gasolina e pedido para usar o banheiro, mas a julgar pelo desenrolar do seu dia até aquele momento, ele já estava até adivinhando que o banheiro do posto não ia estar disponível, então decidiu encostar e se aliviar nos arbustos mesmo.

“Assim que saiu do carro, ele ficou nervoso. O sol já se estava se pondo, fazia quilômetros que ele não cruzava com um único carro, e não vira outro negro desde que saíra de Boston. Mas ele estava apertado, então avançou pela vegetação, só o suficiente para não ser avistado por quem passasse de carro por ali. Estava esvaziando a bexiga quando ouviu algo se agitando ao longe, entre as árvores.”

— *Shoggoth*? — perguntou Atticus.

George riu.

— Acho que Victor nem sabe o que é isso, mas ele estava pensando em algo bastante parecido. “Era um troço grande, o que quer que fosse”, segundo

me contou, “e eu não estava nem um pouco interessado em ficar ali e pagar para ver”. Então fechou a braguilha com pressa e correu de volta para a estrada, onde o verdadeiro monstro o aguardava.

“Era o xerife do condado. Victor tinha ficado tão concentrado na coisa que estava partindo galhos no meio das árvores que nem percebeu a viatura que se tinha se aproximado. Estava parada lá, atrás do Lincoln de Victor. E o xerife encontrava-se encostado no capô do Lincoln, com uma espingarda na mão. Victor disse que, quando viu a expressão do sujeito, quase deu meia-volta e saiu correndo. Contou que a única coisa que o impediu foi a certeza de que, se fizesse isso, tomaria um tiro nas costas.

“Então, ele ergueu as mãos e disse: ‘Olá, senhor policial, como posso ajudá-lo?’ O xerife foi direto para o interrogatório de sempre: quem é você, de onde está vindo, por que parou aqui? Victor respondeu da maneira mais respeitosa que conseguiu, até que o xerife o interrompeu e disse: ‘Então o que você está me dizendo é que veio lá de Chicago até aqui só para mijar no meu mato, que nem um animal?’ Victor estava tentando pensar em uma resposta que não o fizesse levar um tiro na cara quando o xerife fez mais uma pergunta: ‘Você sabe o que é uma cidade do poente?’

“Victor disse ao xerife que sim, conhecia a expressão. ‘Então’, disse o xerife, ‘você está em Devon, que é um *condado* do poente. Se eu pegasse você aqui depois do pôr do sol, meu dever seria cumprir o meu juramento e enforcar você em uma dessas árvores.’ E Victor... Ele disse que, de tão apavorado, estava até *calmo*, conhece essa sensação?... Victor olhou para o céu e, embora o sol não estivesse mais à vista acima das árvores, ainda estava claro, então argumentou: ‘O sol não se pôs ainda’, e aí ele contou que quase desmaiou ao perceber como aquelas palavras saíram da sua boca, como se ele estivesse sendo debochado... Mas o xerife só deu um risinho seco. ‘Ainda não’, concordou ele. ‘O pôr do sol hoje é às 19h09. Você tem sete minutos’. ‘Está bem’, concordou Victor, ‘se o senhor permitir que eu siga minha viagem, estarei fora da cidade em seis.’ ‘Não se você seguir para o sul’, disse o xerife. ‘Aí só se ultrapassar o limite de velocidade. E, se fizer isso, eu serei obrigado a parar você...’ ‘Então eu volto para o norte’, disse Victor. ‘Acho que *talvez* dê certo’, falou o xerife. ‘Por que você não tenta e vê o que acontece?’

“Então Victor entrou no Lincoln, morrendo de medo de que o xerife estivesse só se divertindo um pouco às suas custas antes de meter uma bala

nele, mas aí, assim que abriu a porta do carro, outra coisa lhe ocorreu. Olhou para a estrada, olhou para o xerife e falou: ‘É permitido dar meia-volta aqui?’ O xerife sorriu e respondeu: ‘Ainda bem que você perguntou. Normalmente eu diria que manobrar no meio da estrada é uma infração, mas, se você pedir por favor, quem sabe eu não deixe, só dessa vez?’ Então Victor pediu por favor, e o xerife pensou um pouco, usando parte do tempo que restava, mas acabou dizendo que tudo bem. Então Victor entrou no Lincoln, e o xerife, na viatura, e ambos deram meia-volta. Victor seguiu pela estrada logo abaixo do limite de velocidade, com o xerife colado na traseira dele o tempo inteiro. Ele conseguiu chegar a Nova Hampshire com uns trinta segundos de sobra.”

Ouvir aquela história causou em Atticus emoções diferentes, mas a mais forte foi a vergonha. Ele ficara muito abalado com seu encontro com o policial em Indiana, e olha que o patrulheiro nem mesmo chegara a sacar a pistola.

— Então o xerife deixou Victor ir?

— O xerife parou bem na divisa dos estados. Mas a estrada seguia em linha reta por mais uns oitocentos metros, e quando Victor olhou o retrovisor viu o xerife saindo da viatura e apontando a espingarda para ele. Abaixou a cabeça bem a tempo: o xerife destruiu a janela traseira dele, um dos tiros atravessou o carro e trincou o para-brisa logo acima do volante, bem na altura dos olhos. Mas Victor continuou dirigindo, sem tirar o pé do acelerador. Atravessou um condado inteiro sem reduzir a velocidade até ter certeza de que o xerife não estava em seu encalço. Então ele teve uma tremedeira tão forte que quase enfiou o carro em uma vala.

— Como ele conseguiu chegar em casa?

— Pelo Canadá. Na fronteira de Quebec, os guardas chegaram a fazer algumas perguntas sobre os buracos de bala, mas acabaram deixando Victor entrar, e aí ele conseguiu mandar trocar o vidro em Montreal. Quando finalmente chegou aqui, ele me entregou esse relatório — e George balançou a folha de papel outra vez —, dizendo que não recomendava que o condado de Devon fosse incluído no *Guia de viagem do negro precavido*.

— Olha, obrigado pelo aviso, George — disse Atticus —, mas você sabe que eu não posso contar essa história a Pop. Isso só o deixaria mais determinado a ir.

— É, eu sei. Acho que é melhor deixar o *shoggoth* de fora, também.

* * *

O pai de Atticus não atendeu o interfone. Atticus tentou de novo, e a senhoria do prédio, a sra. Frazier (que, mesmo com oitenta e dois anos, ainda conseguia ouvir um alfinete caindo em qualquer lugar de sua propriedade), veio ver quem era. A reação dela foi igual à de George, abraçando Atticus e lhe desejando boas-vindas. Contudo, depois de mimar o rapaz mais um pouco, ela contou que o pai dele não estava em casa, que tinha saído havia quase uma semana.

— Ele saiu com um homem branco no domingo passado, pouco antes do pôr do sol.

— Um homem branco? — repetiu Atticus. — Era um policial?

— Ah, acho que não. Ele não estava de uniforme e parecia jovem demais para ser detetive. E o carro dele era muito chique, prateado, com vidros escuros. Nunca tinha visto um carro assim.

— O homem disse o nome?

— Não, e seu pai não o apresentou. Mas seu pai chegou a me dizer que você estava vindo para casa e saberia onde encontrá-lo.

— Sra. Frazier, sobre o meu pai, parecia que estava tudo... tudo bem com ele?

— Bem, você sabe como é o seu pai... Eu não diria que ele estava de *bom* humor, mas eu nunca o vi com tão pouca raiva na presença de um branco.

Atticus pegou uma chave reserva com a sra. Frazier e foi até o apartamento no terceiro andar. Ficou parado à porta, acostumando-se outra vez à mudança na escala: o apartamento, que nunca fora grande, parecia apertado e claustrofóbico. Na sala ficavam o sofá-cama, no qual Atticus dormia quando morara ali, e a vitrola Frankenstein, construída pelo próprio Montrose, que instalara um toca-discos moderno, um receptor e alto-falantes em um antigo fonógrafo que sobrevivera aos incêndios de Tulsa. Atticus examinou com um novo olhar a coleção de discos do pai, que atulhava as paredes e as estantes. Ela continha não apenas música, mas também álbuns de gravações de discursos, palestras, peças teatrais.

Atticus ficou surpreso ao ver um aparelho de TV. Durante muito tempo o pai se recusara a comprar o aparelho, dizendo que só gastaria seu dinheiro quando os negros tivessem as próprias emissoras. Talvez a revista *Mecânica*

popular tivesse começado a oferecer kits para os leitores construírem a própria televisão.

Ele deu meia-volta e, pelo corredor estreito que passava pela cozinha e pelo banheiro, seguiu até o quarto dos pais, nos fundos do apartamento. Dois armários de parede no corredor, rasos e sem porta, continham prateleiras extras, algumas das quais ainda traziam o nome de Atticus, mas nada restara de seus pertences — foram jogados no lixo, conforme a ameaça feita por Montrose quando o filho anunciara que pretendia se alistar no Exército americano. Atticus, que já tinha garantido a segurança de seus poucos itens mais valiosos levando-os para a casa de George, aceitara a ameaça. Quando as palavras de Montrose cederam lugar aos punhos, Atticus também aceitara a agressão, prometendo a si mesmo que aquela seria a última vez em que o pai encostaria um dedo nele.

Contudo, a grande briga entre eles só aconteceria depois, no verão de 1951, quando Atticus voltou para casa durante a licença que procedeu sua primeira campanha de guerra. Já havia se passado tempo suficiente para que tanto Atticus quanto o pai se arrependessem de pelo menos algumas das coisas que tinham feito e dito. Não houve uma reconciliação formal, e decididamente não houve pedidos de desculpas, mas quando Atticus apareceu de repente à porta do pai numa manhã, Montrose o deixou entrar. Aquele mero ato já transbordava de significado.

O cessar-fogo oficial durara menos de um dia. Naquela mesma noite, Atticus recebeu a ligação de um repórter do *Chicago Defender* que queria entrevistá-lo para uma série de perfis de soldados negros. Atticus mostrou-se lisonjeado, mas Montrose ficou lívido ao saber.

— O que há de errado com você? — ralhara o pai. — Como se já não bastasse arriscar sua vida por um país que o odeia, agora você quer inspirar outros jovens a cometer o mesmo erro estúpido?

Naquela ocasião, as palavras deram lugar aos golpes mais rapidamente, e Atticus decidira, pela primeira vez, que reagiria à altura. Olhando ao redor no quarto dos fundos, Atticus ainda via o emboço rachado nos pontos onde ele e o pai, engalfinhados, haviam atingido as paredes. Por incrível que parecesse, fora de Montrose a decisão de pôr fim à briga, bem na hora em que estavam prestes a causar danos mais sérios um ao outro. Atticus fora embora, jurando que nunca mais voltaria. No entanto, em um gesto de autocontrole, deixara para trás o número do jornalista e não cedera nenhuma entrevista sobre seu

serviço militar, nem naquela ocasião nem mais tarde.

— Ah, Pop — disse Atticus, e suspirou.

Passou a mão na cabeça e olhou para a cama, sentindo-se tentado a se deitar. Em vez disso, foi à cozinha beber água. Só então viu o bilhete na porta da geladeira. Uma única palavra, rabiscada em um pedaço de papel de rascunho. Atticus já conseguia reconhecer o “d”, mas em sua cabeça ainda escutava o nome daquela outra cidade, a que só existia no Território Lovecraft.

Telefonou para George.

— Você vai atrás dele? — perguntou o tio.

— Vou, acho que é melhor eu ir.

— Está bem. Vou com você.

— Tem certeza?

— Mas é claro. Podemos ir no Woody. — Woody era a perua de George, um Packard Series 22 com acabamentos de bétula e painéis laterais. — Só preciso de algumas horas para encontrar alguém que fique com Horace e para cuidar de algumas outras coisas.

— Tudo bem. Mas escuta, George, nesse meio-tempo, você conhece alguém a quem eu possa perguntar sobre esse homem branco com quem o Pop saiu?

— Você pode perguntar na Irmãos. Se ele não voltou desde domingo, deve ter pedido folga, senão eles teriam me ligado para saber dele.

A Gráfica Irmãos Garvey — que, na verdade, era propriedade de um casal de judeus, os Garfield — cuidava de todos os impressos da agência de George, incluindo as tiragens do *Guia de viagem do negro precavido*. Montrose trabalhava para a gráfica como operador de máquina, fazendo a manutenção e operando as prensas, além de pegar de vez em quando nos dois caminhões de entregas da loja.

Atticus dirigiu até a gráfica e conversou com o encarregado dos fins de semana, que confirmou que Montrose tinha adiantado suas duas semanas de férias, alegando uma emergência familiar. No entanto, o funcionário não sabia nada sobre um homem branco.

Atticus teve mais sorte no Denmark Vesey's, bar onde o pai costumava ir depois do trabalho. O bartender, Charlie Boyd, contou que estava no turno da noite cerca de uns dez dias antes quando um homem branco entrara — uma ocorrência rara, considerando que o Vesey's era o tipo de estabelecimento

que a maioria dos brancos só visitava quando estava em busca de briga ou de propina.

— O cara tinha uns vinte e poucos anos — contou Charlie. — Cabelos castanhos, olhos azuis, bem-vestido. Acho que não era policial, mas tinha aquela mesma atitude, como se pudesse simplesmente entrar aqui e ponto final. E não ficou com medo do Montanha.

Montanha era o leão de chácara, um cara de quase dois metros e com a pele tão retinta que, ao vê-lo, às vezes outros negros lhe lançavam o olhar desconfiado típico do homem branco.

— Esse cara falou com o meu pai?

Charlie assentiu.

— Foi direto até ele. E você conhece bem o seu pai, ele mandou um “Quem diabo é você?”, mas o cara respondeu “Sr. Turner? Conversamos ao telefone”, e entregou um cartão de visitas a ele. — Charlie deu de ombros. — Talvez fosse advogado. Isso explicaria como conseguiu pagar pelo carro que estava dirigindo.

— Você viu o carro dele?

— O Montanha viu. Sedã prateado, quatro portas e vidros escuros. Montanha não reconheceu a marca, mas achou que era importado. E muito caro.

— Sobre o que Pop e esse cara conversaram?

— Isso eu não sei. Depois que ele entregou o cartão ao seu pai, eles foram juntos até uma das mesas. Conversaram por uns quinze minutos, e então o cara branco levantou e foi embora. Seu pai ficou mais um tempo sentado, terminou a bebida e também saiu. Essa foi a última vez que vi o Montrose aqui no bar.

— E quando foi isso?

— Na noite da quarta-feira retrasada.

A carta de Montrose para Atticus fora carimbada e postada no dia seguinte. Contudo, em algum momento entre quinta-feira e a noite de domingo, o pai decidira que não ia esperar uma resposta.

Ainda sem entender os fatos, Atticus voltou ao apartamento.

De novo, Atticus foi atingido em cheio pela exaustão e, dessa vez, ele se rendeu, atirando-se na cama do pai e dormindo tarde adentro.

Foi acordado pelo telefone. Era George, ligando para avisar que ainda tinha que resolver algumas coisas, mas que estaria pronto para sair às seis da tarde. Depois de desligar, Atticus abriu a geladeira — sem encontrar, entre as sobras de mais de uma semana, algo que lhe apetecesse ou que se atrevesse a comer — e depois se arrastou, bocejando, até a sala de estar. Foi até a janela e abriu uma fresta nas cortinas.

Aquele era basicamente um quarteirão de classe média, com moradores que se esforçavam avidamente para fazer parte do sonho americano de consumismo. Quase sempre frustrados em seu objetivo, gastavam seus dólares suados onde e como podiam: em móveis e aparelhos para seus apartamentinhos mínimos; em roupas chiques para a igreja e para os poucos teatros e boates que permitiam sua entrada; e em carros de luxo que, por mais que não pudessem conduzir em segurança fora da cidade, serviam como símbolos de status estacionados na calçada.

Contudo, mesmo naquela rua de Cadillacs, o carro parado na esquina se sobressaía, como um porta-voz de um mundo à parte, cheio de riqueza e privilégio. Elegante, rebaixado e com uma aparência um pouco sinistra, era o tipo de carro que, sem dúvida, recebera o nome de um predador. A pintura e os acabamentos prateados refletiam de maneira fria o sol da tarde, evocando o inverno em vez do verão. As janelas não eram apenas escuras, mas pareciam opacas, de um preto quase sólido que não deixava entrever qualquer traço de quem ou o que estivesse lá dentro.

O carro não chamara atenção apenas de Atticus. Um grupo de meninos que passava na calçada estacou na frente do veículo, boquiaberto. Um deles estendeu a mão para tocá-lo, e, no instante em que os dedos roçaram de leve o metal da lataria, ele soltou um ganido e puxou o braço de volta. Os outros gargalharam. Trocados alguns desafios, outro garoto se adiantou e pôs a mão espalmada no capô... e deu um salto para trás, gritando. Os meninos se dispersaram e saíram correndo, gargalhando de pânico.

Àquela altura, Atticus também estava agitado. Vestiu uma camisa, calça e sapatos, e desceu a escada com pressa. Não podiam ter se passado mais de dois minutos, mas, quando ele chegou à calçada, o carro prateado tinha desaparecido. Em vão, vasculhou a rua de um lado para outro e então encarou a vaga vazia onde estivera o automóvel, perguntando-se se não havia

imaginado coisas.

* * *

Atticus chegou à casa de George e se deparou com uma mulher baixa e esguia que trajava um vestido leve e estava de guarda ao lado do Packard.

— Letitia? — perguntou ele. — Letitia Dandridge?

— Atticus Turner — respondeu Letitia, fingindo estar decepcionada diante da hesitação dele.

Isso porque ela o vira quando ele ainda estava a um quarteirão de distância e o reconheceu de imediato. Mas então ela riu e abriu os braços.

Quando Atticus era criança, os Dandridge moravam depois da rua State, em uma parte mais pobre do bairro. A irmã mais velha de Letitia, Ruby, sempre ficava de babá de Atticus, e o irmão dela, Marvin, trabalhava meio período na agência de viagens. Um ano mais nova que Atticus, Letitia fora, durante algum tempo, a única garota dentre os membros do Clube de Ficção Científica Futurista de South Side, que se reunia na saleta de visitas de George depois da escola. No fim, a sra. Dandridge obrigara a menina a sair do clube, insistindo que a filha parasse de perder tempo com aquela baboseira toda e comesse a trabalhar para ajudar em casa, como faziam seus irmãos mais velhos. Depois disso, Atticus quase nunca mais a viu.

— Letitia Dandridge — admirou-se ele. — Como vão as coisas? Me conte o que você tem feito.

— Ah, sabe, o mesmo que você... Andei viajando, me aventurando pelo mundo.

— É? — Ele sorriu. — Espero que com menos guerra.

Ela deu de ombros.

— Tenho as minhas histórias para contar.

— E agora você voltou para cá?

Letitia assentiu, dizendo:

— Ficou sabendo que Momma morreu ano passado?

— Acho que tio George chegou a mencionar numa das cartas. Sinto muito.

— É, eu perdi o enterro — disse ela, no mesmo tom que Atticus usaria ao contar que perdeu um ônibus. — Acho que Momma ficou bem irritada

comigo. Depois disso, comecei a ter uma terrível maré de azar.

Atticus manteve uma expressão neutra. A sra. Dandridge trabalhava em um salão de beleza, mas seu verdadeiro negócio era ler a sorte das pessoas e ajudá-las a se comunicar com os parentes falecidos — talentos com os quais ela fora agraciada através de um acordo vagamente pentecostal com Jesus. Atticus não tinha uma opinião formada sobre isso, mas sabia que Letitia levava tudo aquilo muito a sério.

— Então você voltou para casa para... fazer as pazes com ela?

— Na verdade, eu não tive muita escolha — respondeu Letitia. — Estou ficando na casa da Ruby enquanto penso no que vou fazer. Ela acha que eu deveria arrumar um emprego como doméstica em North Side, mas *isso* nunca vai acontecer, então...

— Então o que você está fazendo aqui? George pediu a você que ficasse com o Horace?

— Não, quem vai fazer isso é a Ruby. Eu vou com vocês.

— Ah, é?

— Até parte do caminho — disse George.

Ele tinha acabado de sair do prédio carregando uma sacola de compras e um monte de cantis e contornou o carro até o porta-malas aberto.

— Vamos dar uma carona a Letitia até a casa do irmão dela em Springfield, em Massachusetts. Estaremos a uns oitenta quilômetros de Ardham, e lá poderemos descansar um pouco antes de ir procurar Montrose.

— E sabemos chegar a Ardham? — perguntou Atticus.

— Esse é outro motivo pelo qual vamos parar na casa do Marvin. Ele está trabalhando no Museu Afro-Americano de Springfield, e pedi que pesquisasse isso para nós. Ele vai nos arrumar um mapa do condado de Devon e tentar descobrir o que for possível.

Depois de guardar a comida e a água, George consultou uma lista de afazeres, ticando alguns itens: colchão, travesseiros e cobertores; estepe e macaco; gasolina reserva; sinalizadores; kit de primeiros socorros; lanternas; material de leitura...

— Pelo visto estamos prontos — concluiu ele. — Eu dirijo o primeiro trecho. Quem vai querer se sentar na frente comigo?

Atticus e Letitia abriram sorrisos marotos, trocando olhares e voltando a ser crianças por um instante.

— Letitia pode ir na frente — disse Atticus. — Vou me esticar no banco

de trás, enquanto não chega minha vez de dirigir.

— Ora essa. O banco da frente é bem grande. Dá para nós três, se você quiser vir junto. — Atuando outra vez, Letitia passou o braço pelo dele, arqueando uma sobrancelha. — *Eu* não me incomodo.

* * *

Os guerrilheiros norte-coreanos lutavam à noite. Durante o dia, enterravam suas armas e se escondiam entre os civis, bem debaixo do nariz de todo mundo. Em mais de uma ocasião, enquanto passava por uma plantação de arroz, Atticus havia estudado os fazendeiros em seus pijamas de algodão, tentando adivinhar qual deles ia trocar, quando a noite chegasse, ancinho por rifle e baioneta. No entanto, se havia algum truque para detectar infiltrados comunistas, Atticus nunca o aprendera.

Sua experiência ensinara que os brancos eram muito mais transparentes. Os que sentiam mais ódio quase nunca tentavam esconder sua hostilidade, e quando, por algum motivo, tentavam camuflá-la, geralmente exibiam toda a sagacidade de uma criança de cinco anos, que nem imagina que o mundo possa vê-los de outra maneira senão aquela como eles mesmos gostariam de ser vistos.

Ou seja: ele logo percebeu que eles teriam problemas em Simmonsville.

Até aquele momento, a viagem tinha sido bastante agradável. Cruzaram sem incidentes Indiana, Ohio e a parte noroeste da Pensilvânia. George sabia onde ficava cada posto. Esso ao longo do caminho, então não houve problemas quando precisaram usar um banheiro. Na segunda parada, por volta da meia-noite, George deixou a direção por conta de Atticus e se aninhou no banco de trás para descansar os olhos. Letitia apoiou um travesseiro na porta do carona e dormiu encolhida, chutando Atticus de vez em quando na coxa, talvez para que ele não cochilasse ao volante.

Quando o sol nasceu, estavam em Erie, Pensilvânia. Tomaram café da manhã no Egg Benedict's, um café que o *Guia* indicava — e cuja recomendação foi reforçada por George ao rabiscar uma nota em seu caderninho. Depois, Letitia insistiu em assumir a direção. O Packard era quase grande demais para a jovem — ela tinha que sentar na ponta do banco

para alcançar os pedais —, mas acabou se saindo bem, embora pesasse o pé no acelerador, o que deixava George nervoso. Cochilando no banco de trás, Atticus ouviu os apelos do tio: “Mais devagar, não queremos dar motivos para uma patrulha rodoviária nos parar.” Mas Letitia disse que ele não precisava se preocupar, pois era domingo, e, com certeza, Jesus não permitiria que nada de ruim acontecesse com ela antes que tivesse a chance de se redimir por perder o culto. George ainda estava tentando responder àquele raciocínio quando Atticus adormeceu.

Quando acordou, estavam em um posto em Auburn, Nova York. George foi encher os cantis de água, e Letitia, pegando uma maçã na sacola de compras, saiu do carro para esticar as pernas. Sem pensar duas vezes no que estava fazendo, Atticus pegou uma banana.

Ele estava de pé ao lado do Packard, esfregando os olhos sonolentos, quando ouviu uma gargalhada vinda das bombas de diesel. Um caminhoneiro e um dos frentistas riam dele, um cutucando o outro com o cotovelo. Atticus olhou a banana mordida na mão e sentiu o rosto arder. Pela milionésima vez na vida, ele se perguntou “Existe alguma maneira de apenas ignorar isso e seguir com o meu dia?”, e percebeu que as menores ofensas eram as mais difíceis de deixar passar. Então o frentista começou a bater no peito e grunhir como um gorila, e Atticus atirou a banana de lado, já erguendo os punhos cerrados.

No entanto, antes que ele pudesse fazer alguma coisa, uma pirâmide de latas de óleo perto das bombas desmoronou com estrondo. O frentista abandonou sua imitação de macaco e correu para impedir que as latas se espalhassem para todos os lados. Acabou pisando em uma delas e se estabacou de bunda no chão. O caminhoneiro irrompeu em novas gargalhadas, e vários outros clientes ecoaram o riso. Atticus não riu, mas resolveu se considerar vingado. Abaixou os braços e deu meia-volta, e então viu Letitia retornando para o carro, sem a maçã nas mãos.

Voltaram à estrada. Atticus dirigia e Letitia estava acomodada no banco de trás, com o queixo apoiado nas mãos e uma expressão muito orgulhosa de si mesma. George revisava suas anotações de viagem e disse que queria parar em Simmonsville para almoçar.

— Recebi um relatório positivo sobre um restaurante lá, o Lydia’s. Já que estamos passando por aqui, fiquei com vontade de averiguar.

— Onde fica? — perguntou Atticus.

George mostrou o local no mapa: Simmonsville era um cisquinho de nada no meio das terras de pecuária de leite ao sul de Utica, uma região que, no guia de Horace, provavelmente seria povoada de *trolls* comedores de gado que palitavam os dentes com os ossos dos motoristas incautos.

— Você quer mesmo parar no meio dessa zona rural? Por que não seguimos até Albany?

— Eu até concordaria com você — respondeu George —, mas o cara que me deu essa dica disse que a dona do restaurante foi extremamente gentil. Ela falou que ele era bem-vindo sempre que quisesse voltar.

Eles levaram mais uma hora e meia para chegar lá, seguindo na direção leste por uma rodovia estadual que às vezes tinha quatro pistas, mas, na maior parte do tempo, contaria com apenas duas. Em um dos trechos mais estreitos, eles passaram por um outdoor divulgando a grande inauguração de uma nova via expressa, a New York State Thruway. O anúncio tinha o desenho de uma família branca literalmente voando para seu destino em um carro flutuante com uma cúpula transparente como teto.

— Olha só, George — disse Atticus. — É o futuro.

Na bifurcação que saía para Simmonsville havia um quartel de bombeiros voluntários entre as duas vias. Na frente do prédio havia um homem loiro, musculoso e sem camisa, vestindo uma calça de lona marrom-clara e suspensórios cinza. Sentado em uma cadeira de madeira clara, o sujeito pegava um sol e fumava um cigarro, e prestou atenção no Packard que se aproximava, estreitando os olhos quando o carro pegou a saída para Simmonsville.

— É um prédio de tijolos vermelhos — disse George, concentrado em suas anotações. — Fica do lado esquerdo, no final da cidade.

Atticus, que tinha percebido o olhar do bombeiro e compreendido a mensagem por trás da expressão do homem, não disse nada; ficou apenas observando o retrovisor até perder o quartel de vista.

A via os levava mais para o sul, passando por algumas casas esparsas, e terminava em uma curva que dava em uma diminuta rua principal ao leste, onde havia uma meia dúzia de lojas. Todas estavam fechadas, e a rua se encontrava deserta, exceto por um garoto numa bicicleta na frente de uma loja de ração. Entediado, ele pedalava traçando um formato de oito no chão. Ao lado da loja de ração havia um terreno baldio com um cercado improvisado. Largada ali estava uma grande égua marrom, que agitava o rabo

para espantar a nuvem de moscas que se erguia do chão de terra.

Atrás do cercado havia um aglomerado pouco convidativo de tijolos pintados de cal, com LANCHONETE SIMMONSVILLE pintado à mão nas vitrines.

— Deve ser aqui — comentou George.

Atticus parou o carro, mas deixou o motor ligado.

— Você tinha dito que o lugar se chamava Lydia's.

— Esse é o único prédio de tijolos. E está no ponto que me indicaram. — George apontou a rua à frente deles, que seguia com plantações em ambos os lados. — A cidade acaba aqui.

— Não sei, não, George, isso não está me cheirando bem.

— Ah, qual é. Você sabe muito bem que não devemos julgar um livro pela capa.

— Um livro não se recusa a servir você — argumentou ele. — Nem cospe no seu copo d'água.

No entanto, diante da insistência de George, Atticus contrariou o próprio bom senso e parou o carro no estacionamento com chão de cascalho ao lado do prédio. Deixou o Packard de frente para a saída e com a chave na ignição, só por precaução.

A lanchonete era pequena, tinha apenas poucas mesas e um balcão, atrás do qual ficava uma chapa. O único cliente, um homem de chapéu *pork pie* sentado ao balcão, limpava os restinhos de molho do prato com um pedaço de pão. Ele olhou para trás quando o trio entrou, franzindo as sobrancelhas em uma boa imitação do bombeiro. O adolescente atrás do balcão teve a reação oposta, arregalando os olhos como se George, Atticus e Letitia fossem marcianos verdes que tinham acabado de se teletransportar de Barsoom. Aquela expressão de espanto durou um segundo inteiro, e então foi substituída por uma máscara de indiferença muito maldisfarçada: o olhar desconfiado do homem branco.

— Olá, como vai? — cumprimentou George, exagerando na simpatia para evidenciar que eles vinham em paz. — Nós estávamos passando de carro por aqui, e pensamos...

O cliente bateu no balcão com força, fazendo tanto o prato quanto o rapaz pularem. O homem se levantou, ajustou o chapéu e foi direto para a porta, parecendo que ia passar como um rolo compressor por cima de Letitia, que se encontrava em seu caminho. Ela, contudo, se manteve impassível e, no último instante, ele desviou, roçando o ombro no dela, e então saiu.

— Então — prosseguiu George, como se nada tivesse acontecido —, a gente se senta em qualquer lugar?

O rapaz piscou e seu pomo de adão subiu e desceu, o que George decidiu interpretar como um “sim”; então puxou uma cadeira na mesa mais perto da porta.

— George... — Atticus começou a falar, mas então suspirou e também se sentou.

Letitia continuou de pé, espanando alguma sujeira invisível do ombro, e anunciou:

— Vou ao toalete.

Ela se dirigiu aos fundos da lanchonete, no instante em que o garoto saía de trás do balcão com os cardápios. Ele teve que fazer uma dancinha para não colidir com ela e derrubou um porta-guardanapo ao abanar o braço para se equilibrar.

— Então, qual é a especialidade da casa? — perguntou George, pegando o cardápio que o atendente largou na mesa à sua frente. — O que você recomenda?

O garoto piscou, engolindo em seco, e Atticus estava começando a se perguntar se tinha alguma coisa errada com ele, fora o de sempre.

— Façamos o seguinte — continuou George. — Vamos começar com um cafezinho, está bem?

O garoto bateu em retirada para trás do balcão, parecendo ao mesmo tempo aliviado e assustado. Preparou xícaras e pires e ia apanhar o bule quando o telefone tocou. O menino se virou na direção do som, hesitou e então voltou a se virar para o café. O telefone tocou de novo, e ele repetiu sua valsinha indecisa, mas dessa vez conseguiu a proeza de empurrar as xícaras do balcão para o chão. Ele deu alguns passos para trás, afastando-se da louça quebrada, ergueu as mãos e, no terceiro toque, saiu correndo para os fundos do restaurante. Atticus observou o garoto se afastar. Escutou o telefone ser tirado do gancho e ouviu o rapaz dizer “Alô?”. Então pelo menos ele não era mudo.

Atticus encarou George.

— Você recebeu um relatório positivo sobre este lugar, foi?

— Já faz uns meses — admitiu George, dando de ombros. — É óbvio que o estabelecimento está sob nova direção ou algo assim.

— Ah, é mesmo?

— Tudo bem, tudo bem, mas agora já estamos aqui...

— Mas nem por isso precisamos continuar aqui. Se sairmos agora, podemos chegar a Albany em uma hora e meia.

— Nem pensar, já estamos aqui, vamos pedir logo.

— George...

— Já estamos *aqui* — repetiu George. — E temos todo o direito de estar. Sou um cidadão. Você é um cidadão... e veterano de guerra, ainda por cima. Nosso dinheiro vale tanto quanto o de qualquer outra pessoa.

— Concordo com você. Mas sou um cidadão que gosta de fazer bom uso do próprio dinheiro, e se a comida aqui for tão ruim quanto o serviço...

— Ei, aquele outro sujeito limpou o prato... Em todo o caso, estou com fome. Vamos dar uma chance ao garoto.

Mas o rapaz nervoso não parecia estar com a menor pressa de voltar — assim como Letitia, na verdade. Atticus começou a ficar inquieto, apoiando-se no encosto da cadeira e se alongando. Os nós dos dedos roçaram na parede, e ele percebeu que, assim como o exterior, o interior da lanchonete era de tijolo pintado de cal. Olhou para cima: o teto era de madeira novíssima, sem nenhuma pintura a não ser pelas vigas de sustentação, grossas como postes, que também estavam besuntadas de branco. Em seguida, analisou o chão: linóleo novo, instalado sem muito capricho.

— Ô, George — disse Atticus.

— Oi.

— Lembra de uma vez quando eu era pequeno e viajei com você e Pop para Washington, D.C.?

— Claro, claro que lembro. Foi lá que eu conheci Hippolyta, lembra? Mas o que fez você pensar nisso agora?

Voltando a atenção para a parede outra vez, Atticus mencionou um fato curioso que aprendera naquela viagem de tanto tempo antes.

— Por que a Casa Branca é branca?

— Guerra de 1812 — respondeu George. — Soldados britânicos incendiaram a mansão executiva, e depois, quando os escravos foram reconstruir, tiveram que pintar as paredes de branco para cobrir as...

— Manchas de queimado — completou Atticus, no instante em que o caminhão de bombeiro estacionou na frente da lanchonete.

Quem dirigia era o homem de suspensório. Vinham na boleia mais um bombeiro e o cliente de chapéu, e havia dois homens na lateral do veículo.

George afastou a cadeira da mesa e sugeriu:

— Porta dos fundos?

— Talvez seja melhor nos defendermos aqui, pegar um de cada vez conforme eles passarem pela porta — respondeu Atticus.

Os bombeiros formaram uma linha ao lado do caminhão. Suspensório estava armado com um machado e um dos outros tinha um taco de beisebol. No entanto, antes que eles pudessem adentrar a lanchonete, algo fez com que todos virassem para trás e olhassem na direção de onde tinham vindo. Por um momento, ficaram imóveis, e então o homem do taco se afastou, sumindo de vista. Logo foi seguido por outro homem, depois outro, e por último o de chapéu, deixando apenas Suspensório ao lado do caminhão, machado abaixado e braços abertos em um gesto de espanto.

Atticus e George estavam colados à janela, tentando ver o que acontecia lá fora, quando finalmente Letitia voltou do toalete, andando tranquila porém apressada. A testa dela estava coberta de gotículas de suor, e o cabelo, sujo.

— Hora de ir embora — declarou.

Não precisou falar duas vezes. Eles saíram discretamente pela porta da frente e correram para o carro, George e Atticus olhando para trás, para a égua que havia fugido do cercado e estava solta na rua, relinchando e desferindo coices nos homens que a cercavam. O do taco chegou perto demais dela e foi atingido nas costelas.

George abriu com pressa a porta do passageiro e se arrastou pelo banco até o lado do motorista, Letitia e Atticus entraram em seguida. Atticus estava fechando a porta quando, tarde demais, Suspensório notou a partida deles e deu um berro. Com um ronco do motor, George arrancou com o carro, jogando cascalho para todos os lados.

Seguiram em frente a toda velocidade, cortando as plantações. George não tirava os olhos do retrovisor, e Atticus lançou um olhar inquisitivo a Letitia.

— O atendente fugiu pela porta dos fundos — explicou ela. — Mas, antes disso, ouvi o garoto ao telefone, falando sobre os pretos assustadores que tinham invadido o restaurante. Achei que íamos precisar de uma distração.

— E talvez precisemos de outra — disse George.

O caminhão de bombeiros estava no encalço deles. George segurou o volante com força e acelerou ainda mais.

— Letitia, querida — falou ele —, pode me fazer o favor de pegar, com muito cuidado, uma coisa aqui embaixo do meu banco?

O revólver era um Colt calibre .45, reconfortantemente grande. Atticus

assentiu, dizendo:

— Eu estava torcendo para que isso estivesse na sua lista.

Ele estendeu a mão, mas, antes de passar a arma para ele, Letitia abriu o tambor, verificou que todas as seis câmaras estavam carregadas e fechou de novo.

— Tente não matar ninguém — pediu George. — Mas veja se consegue fazer esses babacas desistirem.

— Vou fazer o possível — disse Atticus.

Trocou um olhar significativo com Letitia outra vez, então pegou a arma e se virou para abrir a janela.

Um borrão brilhante chamou sua atenção. Do outro lado da plantação, que ficava cada vez mais estreita, havia outra estrada, e nela surgira um carro prateado de janelas escuras, avançando emparelhado com o Packard.

— George — chamou Atticus.

— Já vi.

As duas estradas convergiam em um entroncamento logo à frente, mas, com o caminhão no encalço deles, George não podia reduzir a velocidade. Então, pisou fundo no acelerador e sentou a mão na buzina.

O carro prateado também acelerou.

Atticus puxou o cão com o polegar e deu um tiro de advertência por cima da plantação. O carro prateado não reagiu, mas enquanto o eco do disparo se dissipava, houve um segundo disparo de pistola, mais agudo, vindo de trás deles. Pork Pie estava inclinado para fora do caminhão, segurando o chapéu com uma das mãos e, com a outra, mirando um revólver de cano curto na direção deles.

— Diabo! — praguejou George.

Letitia fechou os olhos, sussurrando com urgência para o Senhor. Atticus mirou no carro prateado.

No último segundo, o carro prateado cedeu. O Packard passou zunindo pelo cruzamento, e o prateado entrou atrás dele cantando pneu, freando e derrapando até parar bem na frente do caminhão, que avançou rumo ao carro, sirene e buzina se fundindo em um único relincho.

O caminhão desviou. Para Atticus, que olhava para trás, parecia que tinha mudado de direção tarde demais. Contudo, no instante que precedia o impacto, o veículo inteiro derrapou para o lado, como se empurrado por uma força externa. Por um palmo ele não pegou o carro prateado, e então seguiu

atravessando a estrada, descontrolado, e arrebentou a cerca da plantação do outro lado. Deu para ver um dos bombeiros sendo catapultado para os ares, logo antes de uma imensa e crescente nuvem de poeira engolfar o caminhão.

O carro prateado permaneceu no cruzamento. No momento seguinte, ele também desapareceu sob a nuvem de poeira que tomava conta da estrada, mas antes disso Atticus o viu ligar o farol uma única vez, como se estivesse piscando para ele.

* * *

Durante a infância, um caso de pólio deixara o irmão de Letitia, Marvin, com um braço atrofiado, mas mesmo assim ele insistiu em carregar a bolsa dela para dentro. A casinha estava com um cheiro gostoso de guisado, no fogo desde o meio-dia, e de pão, que tinha acabado de sair do forno. Alguns minutos depois de chegar, o grupo já estava sentado à mesa da cozinha, fazendo uma oração antes de comer, e a primeira mordida melhorou tanto o ânimo dos três que, quando Marvin perguntou como fora a viagem, eles caíram na gargalhada.

Contaram a história da aventura em Simmonsville, e tanto George quanto Atticus elogiaram a esperteza de Letitia ao soltar a égua.

— Foi como ter o nosso próprio espião — disse George. — E que sorte a nossa.

— Ora, deixe disso — falou Letitia, ruborizando.

Contudo, pareceu haver um acordo silencioso entre eles para não mencionar nem o carro prateado nem o caminhão de bombeiro acidentado. E Atticus, sabendo que sua jornada com George ainda não havia terminado, não conseguiu relaxar por completo. Quando Marvin trouxe a sobremesa — sorvete com torta caseira de mirtilo, cada garfada sugando ainda mais sua vontade de continuar viajando —, Atticus começou a olhar de vez em quando para o relógio na parede. Já passava das quatro da tarde.

Marvin pegou a deixa. Deixando a própria sobremesa inacabada, ele saiu da cozinha e voltou trazendo um bloco de notas.

— Então, fiz a pesquisa que me pediu. Já tinha ouvido histórias sobre o condado de Devon, mas nunca havia percebido como aquele lugar é

esquisito. — Consultou as anotações. — A sede do condado, Bideford, recebeu este nome em homenagem a uma cidade na Inglaterra onde ocorreram alguns dos últimos julgamentos de bruxas. Isso foi em 1682... Uma mulher chamada Temperance Lloyd foi condenada por ter tido relações sexuais com o diabo, que apareceu para ela na forma de um homem negro. Eles a enforcaram com outras duas mulheres.

George ergueu a sobrancelha.

— Você não está insinuando que Bideford, em Massachusetts, foi fundada por bruxas, está?

— Caçadores de bruxas, na verdade. Várias das famílias que se instalaram em Bideford em 1731 tinham parentesco com os acusadores no caso de Temperance Lloyd e sentiam muito orgulho disso. A cidade ganhou a reputação de ser mais retrógrada que o normal, até mesmo para os padrões do século XVIII. Durante a Guerra de Independência, os cidadãos de Bideford apoiaram o rei George e, em 1795, o prefeito foi preso pela milícia do estado por ainda possuir escravos mais de dez anos após a Suprema Corte de Massachusetts ter declarado que a escravidão era inconstitucional. Então, uns anos depois disso, o estado tentou incluir o condado de Devon no condado de Worcester. A maior parte de Devon concordou, mas Bideford e três cidades vizinhas se recusaram a ser assimiladas, e no fim das contas a legislatura desistiu e os deixou à parte. Desde então, o lugar parece a terra esquecida pela passagem do tempo: provinciano, cheio de casamentos consanguíneos, prendendo-se ao passado com unhas e dentes.

— E eles não gostam de pretos — sugeriu Atticus.

— Eles não gostam de forasteiros, ponto final. Mas é verdade, descobri muitas histórias em nosso obituário sobre viajantes que foram atacados em Devon. Muitas denúncias de pessoas desaparecidas, também. — Marvin olhou para George. — O trecho de estrada pelo qual o seu amigo Victor dirigiu? Um lugar horrível para um homem negro passar de carro, dia ou noite.

— Mas e Ardham? — perguntou George.

— Há um pouco mais de mistério envolvendo Ardham. Foi fundada mais ou menos na mesma época que Bideford, mas nenhuma das histórias da região indica por quem, e também não há nada sobre quem mora lá hoje. Não consegui encontrar uma única notícia publicada sobre a cidade, nada. Eu ia ligar para o escritório de registro de propriedades e examinar escrituras, mas

eles não abrem aos fins de semana. Em todo o caso, duvido muito que o escritório de Bideford fosse se mostrar prestativo.

— Não precisa se preocupar com isso — disse Atticus. — Pode nos dizer como chegar lá?

— Acho que sim. Pega para mim o tubo de mapas que está em cima da geladeira.

Eles recolheram a louça do almoço e desenrolaram o mapa do condado de Devon na mesa. Os centros das quatro cidades de Devon formavam uma espécie de caixa ao redor de uma floresta chamada Bosque de Sabbath Kingdom, com Bideford ocupando o canto sudoeste. A comunidade não incorporada de Ardham era um quinto ponto, próximo ao topo do mapa. Ela ficava aninhada em uma pequena área aberta, cercada ao norte por montanhas sem nome e ao sul pelo afluente do rio Connecticut, ali identificado como Shadowbrook. Uma ponte a sudeste de Ardham cruzava o rio e, na outra margem, havia uma estrada que seguia bosque adentro, mas, após cerca de um quilômetro e meio, a via desaparecia, como se o cartógrafo tivesse ficado sem tinta na caneta. Uns doze quilômetros depois, ela reaparecia a sudoeste, cruzando o riacho Torridge e levando a Bideford.

— Este é o mapa mais detalhado que encontrei — informou Marvin. — A maioria nem dá pistas de que há uma estrada cortando a floresta, mas há, sim. Não é pavimentada e é cheia de curvas e bifurcações e becos sem saída, mas dá para dirigir por ela, e em algum momento se chega a Ardham. Pelo menos, foi o que me disseram.

— E quem foi que disse isso? — perguntou Atticus.

— Um amigo no departamento estadual de recenciamento. Por conta da fama de Devon, achei que ele poderia ter algumas histórias para contar, então liguei para a casa dele hoje mais cedo. Por sorte, ele tinha conversado com o agente do censo que visitou Ardham em 1950. O agente teve certa dificuldade: na primeira tentativa, deu meia-volta na estrada que corta a floresta porque achou que estava sendo perseguido por um urso-pardo. Voltou uma semana depois com um guarda florestal do parque estadual de Mount Holyoke.

— Ele disse como era a cidade?

— O agente comparou Ardham a um povoado agrícola medieval. Um grande solar na encosta de uma colina, chalés e plantações perto do leito do rio. Beleza de cartão-postal, mas moradores tão antipáticos quanto os de

Bideford. No solar, ninguém foi atender a porta, e os moradores das casas menores atiraram pedras no carro.

— Bem — disse George. — Tenho certeza de que Montrose já terá conquistado todos eles até chegarmos lá.

— Mas e aquele xerife? — perguntou Atticus.

— Ah, é. — Marvin folheou outra vez o bloco de notas. — Eustace Hunt... Só faz poucos anos que ele assumiu o cargo, mas a Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor já tem um volume grande de reclamações contra ele. Quarenta e cinco anos, solteiro, foi instrutor dos Fuzileiros Navais na Carolina do Norte. Mudou-se para Bideford depois de dar baixa.

— Achei que não gostassem de forasteiros.

— Ele é um caso especial, uma espécie de filho pródigo. Os Hunt foram uma das famílias fundadoras de Bideford, mas em 1861 eles entraram na febre da secessão e foram se alistar com o General Lee, no sul. O xerife Hunt é descendente de um dos sobreviventes da Carga de Pickett.

— E tem muito orgulho disso — acrescentou Atticus. — Tem certeza de que não há nenhum outro caminho para chegar a Ardham? Talvez uma estradinha pouco movimentada que atravessasse essas montanhas saindo de Nova Hampshire?

— Não que eu saiba — respondeu Marvin. — Sinto muito.

— Então, o que você quer fazer? — perguntou George a Atticus.

— Bom, não sei você, mas eu já estou de saco cheio de branquelos caipiras por hoje. E, pelo que Marvin nos contou, não importa muito a hora em que chegarmos lá, antes ou depois do pôr do sol. Seja como for, o xerife não vai ficar feliz em ver a gente. Então talvez seja melhor que ele não nos veja e ponto final.

— Quer dizer, ir depois do anoitecer?

— Pensei em ir de madrugada. Podemos sair daqui umas duas da manhã, passando por Bideford às três, quando todos os caçadores de bruxa estiverem dormindo. Quando chegarmos à floresta, vemos as condições da estrada, e aí decidimos se vamos seguir em frente ou procurar um lugar para nos esconder dos ursos até o sol nascer. Assim, devemos chegar ao solar bem a tempo do café da manhã.

— Ótimo — disse George, dando risada. — Vai dar certo.

Então, Letitia disse:

— Eu vou com vocês.

Até então, ela estivera tão quieta que eles até se esqueceram de sua presença.

— O quê? — exclamou Atticus. — Não.

— De jeito nenhum — acrescentou George.

Marvin, por sua vez, começou a rir e comentou:

— Epa! Alguém acabou de receber uma mensagem de Jesus.

Letitia amarrou a cara para ele.

— Ora essa, para que dizer uma blasfêmia dessas? Qual a necessidade disso? E vocês... — Ela se virou para Atticus e George. — Vocês não tinham acabado de falar que tiveram muita sorte por eu estar lá hoje?

— De fato, minha querida, e somos muito gratos a você — concordou George. — Mas...

— E eu não falei para vocês que o Senhor ia me proteger? Vocês acham que foi só por sorte que a minha presença ajudou vocês?

— Pronto, lá vem — disse Marvin.

— Vocês acham mesmo que foi por mero *acaso* que eu precisava de uma carona para Springfield?

— Acaso ou não — retrucou Atticus —, você não está precisando de carona para Ardham, e nós não vamos levar você dessa vez.

— Atticus...

— Letitia, não. Já basta a gente ter que ir. Esse lugar não é apenas uma roça racista, é... bizarro.

— Um motivo a mais para não recusar um presente da Divina Providência.

— “Presente da Divina Providência” — disse Marvin. — E *eu* é que sou o blasfemo.

Ele começou a rir outra vez e chegou sua cadeira para trás quando Letitia tentou chutá-lo por debaixo da mesa.

Atticus e George, por outro lado, mostraram-se mais firmes.

* * *

Naquela noite, Letitia dormiu no quarto de Marvin, enquanto ele próprio ficou no sofá da sala. George e Atticus tiraram umas horinhas de sono nos colchões sobressalentes do porão. George foi dormir direto, mas Atticus ficou

lendo até quase meia-noite.

Quando o alarme tocou à 1h45, Marvin já estava fazendo café. Atticus sentou-se à mesa enquanto George foi ao carro verificar outra vez os itens de sua lista.

— Letitia está acordada — anunciou Marvin, mesmo que ninguém tivesse perguntado. — Deu para ouvi-la se mexendo no quarto. Mas acho que ela não virá se despedir.

— Desculpe se a visita ficou com um gosto desagradável.

— Não, a culpa foi toda minha, por implicar com ela. Letitia veio para pegar dinheiro emprestado comigo. Ela ainda não me disse para quê, mas já sei que é para algo que o Senhor quer que ela faça. O que quer dizer que Ele quer que eu conceda o empréstimo, não é? O problema é que eu sou um cético que zomba da Divina Providência, e agora acho que ela encasquetou que ajudar vocês é o preço que Deus exige que ela pague para, em troca, amaciar o meu coração. — Marvin balançou a cabeça. — Foi Momma que a ensinou a pensar dessa forma. Letitia é mais genuína nessas crenças do que Momma era, mas, mesmo assim, isso me dá nos *nervos*...

Sem saber o que responder, Atticus ficou bebendo o café.

— Enfim — concluiu Marvin —, ela vai superar, assim que pensar em outra estratégia. A vontade de Deus é maleável.

George voltou para dentro.

— Não dá para ficar mais prontos do que já estamos — disse ele.

— Vai tomar um café antes de ir? — perguntou Marvin.

— Não, obrigado, acho que não vou ter dificuldade em manter os olhos abertos. E prefiro não ter que parar para mijar no mato.

— Então está bem. Tomem bastante cuidado. Na volta para casa, deem uma passada aqui para a gente saber que vocês estão bem. — Marvin olhou para Atticus. — Letitia e eu estaremos orando por vocês.

George assumiu a direção. O caminho para o norte passava pela parte branca de Springfield, e, quando eles pararam em um sinal vermelho nas imediações da cidade, um carro de polícia encostou ao lado deles. George não tirou os olhos da estrada à frente, nem Atticus. Quando o sinal abriu, a viatura esperou que eles avançassem e os seguiu até a fronteira. Quando ficou claro que estavam deixando a cidade, a viatura deu meia-volta sem incomodá-los. Contudo, o encontro punha em xeque toda a estratégia por trás da decisão de viajar de madrugada, e eles não conseguiram deixar de pensar

que aquilo era um mau agouro.

— Bideford é bem menor que Springfield — sugeriu George. — O contingente noturno da polícia deve ser um único policial que passa o tempo inteiro de pernas para o ar na delegacia.

— Tomara — disse Atticus, sentindo-se tolo. — Continue acreditando nisso.

A estrada estava deserta, e eles fizeram a viagem em um bom tempo. Por volta de quinze para as três, passaram pela saída para Nova Salem. De repente, George apagou os faróis do carro e parou no acostamento.

— O que foi? — perguntou Atticus.

— Talvez sejam só os meus nervos me pregando uma peça, mas tenho a sensação de que ainda tem alguém atrás da gente.

Ficaram ali sentados no escuro, olhando para a bifurcação atrás deles, iluminada por um poste. Não apareceu nenhum outro veículo.

— Nervos — afirmou George, sem transmitir muita convicção.

Alguns quilômetros depois, passaram por uma placa anunciando CONDADO DE DEVON e, um pouco mais adiante, dobraram em uma encruzilhada e entraram na rua King, a via principal de Bideford. Graças ao mapa de Marvin, eles sabiam que dava para chegar à ponte do riacho Torridge sem passar pelo centro da cidade, mas decidiram que pegar um caminho mais direto seria melhor do que correr o risco de se perder em estradas secundárias.

Mais uma vez, a lógica deles se mostrou falha. Apesar de rejeitarem vários aspectos do progresso, os cidadãos de Bideford claramente não tinham nenhum problema com a eletricidade: holofotes na frente da prefeitura, do tribunal de justiça e de vários outros prédios faziam com que o trecho de dois quarteirões da rua King estivesse claro como o dia. O cruzamento no centro dessa área iluminada tinha o único sinal de trânsito de Bideford, que ficou vermelho assim que eles se aproximaram.

Ficaram aguardando o sinal abrir, sentindo-se terrivelmente expostos, embora parecesse que, assim como na estrada, eles tinham a rua inteira para si. George tamborilava no volante, perscrutando, nervoso, as calçadas vazias. Atticus espiou as janelas escuras no segundo andar de uma barbearia de esquina. Ao baixar o olhar para a loja em si, viu um pôster desbotado do segregacionista Partido Democrata para o Direito dos Estados, com as caras brancas e austeras de Strom Thurmond e Fielding Wright olhando feio para

ele.

O sinal abriu. George pisou fundo no acelerador, e o cantar dos pneus do Packard foi muito alto para a quietude das três da manhã. Passaram por um forte de tijolos baixo e largo, onde havia mais um holofote iluminando as palavras GABINETE DO XERIFE DE DEVON, e tanto George quanto Atticus se encolheram nos bancos, permanecendo meio abaixados até que a construção tivesse ficado para trás.

A rua King terminava no riacho. Eles pegaram a direita na rua Bank, uma via estreita que passava por trás de pequenos prédios industriais. Havia um homem branco desocupado na porta dos fundos de uma das fábricas, fumando. Ao avistar o Packard virando a esquina, jogou fora o cigarro e foi para o meio da rua, erguendo o braço para proteger os olhos do farol.

— Wakely? — gritou ele. — Wakely, é você?

George e Atticus congelaram, sem reação.

— Wakely? — gritou o homem outra vez, aproximando-se do carro e enfiando a mão no bolso da calça. — Quem é?

Ele atravessou a via para o lado do motorista, e George pisou fundo de novo. O estranho berrou “Ei!” e cambaleou para trás, batendo na balaustrada que ladeava a margem do riacho.

Eles quase perderam a entrada para a ponte, mal sinalizada e mal iluminada, mas Atticus percebeu a abertura na cerca e disse “Ali.” Um toque no freio, mais um cantar de pneus, e eles cruzaram o riacho por um túnel de madeira. A estrada do outro lado era asfaltada nos primeiros metros, mas logo depois, assim como a tinta de caneta que acabara no mapa de Marvin, a cobertura se dissipou, dando lugar a uma superfície irregular de terra e pedras. Enquanto pedrinhas castigavam a parte de baixo do carro, galhos de árvores se esticavam das sombras para arranhar o teto e o para-brisa.

— Jesus — exclamou Atticus, apesar de estar muito aliviado de ter deixado Bideford para trás.

A estrada fez uma curva fechada para a esquerda e, por um momento, eles viram as luzes da rua King outra vez, o brilho suave atravessando os galhos das árvores. Então viraram para a direita e começaram a subir, George sibilando conforme a estrada ficava ainda pior. Contudo, no topo da elevação, sentiram que tinham acabado de passar em um teste, porque a partir dali a estrada melhorou consideravelmente e as árvores pararam de atacar o teto do carro.

— Sabe de uma coisa? — disse George. — Depois disso tudo, acho bom que Montrose esteja lá.

— Verdade — concordou Atticus. — Seria muito engraçado se, no fim as contas, ele estivesse na Ardham do Minnesota, não é?

Fizeram outra curva fechada e se depararam com um obstáculo: um portão de barras de metal entre dois postes de pedra com uma placa dizendo PROPRIEDADE PARTICULAR. George foi reduzindo até parar na frente do portão. A luz dos faróis mostrava que não estava trancado com correntes ou cadeados, mas fechado apenas por um sistema simples que consistia em uma pequena barra que subia e descia.

Ficaram sentados no carro, tentando ouvir algum sinal de ursos. E *shoggoths*.

— Vamos tirar no cara ou coroa — disse George, por fim.

— Não, tudo bem, eu abro — ofereceu Atticus, e acrescentou, rindo, enquanto se virava para saltar: — Você estava certo sobre o café.

Um turbilhão de luz e barulho os engoliu. A viatura estava escondida entre as árvores na curva atrás deles, e tinha se aproximado devagarinho, pegando-os de surpresa a despeito do tempo que passaram tentando detectar algum som vindo de fora. Os faróis altos repentinos e agressivos serviram de deixa para os homens que aguardavam entre os arbustos ao lado do portão, e eles correram para o Packard em um movimento de pinça. Com o coldre das armas, quebraram as janelas do veículo. Atticus se encolheu, protegendo-se da chuva de cacos de vidro. George inclinou-se para a frente, abaixando-se para pegar algo sob o banco, mas um instinto mais forte de autopreservação fez com que recuasse e erguesse as mãos, mesmo quando o cano de uma espingarda se revelou do lado de fora de sua janela estilhaçada.

Os momentos seguintes transcorreram com uma familiaridade amarga: foram ordenados a sair do carro, apanharam, receberam berros na cara, foram revistados, apanharam de novo, e finalmente foram levados à parte de trás do Packard, onde foram forçados a se sentar sobre o para-lamas traseiro com as mãos atrás da cabeça e os pés cruzados à frente do corpo.

O xerife Eustace Hunt ficou diante dos faróis da viatura como um corpo malévolo eclipsando o sol. Seus homens, dois satélites menores, entraram em órbita ao lado dele. Os três carregavam espingardas, sendo a do xerife de cano duplo, e Atticus percebeu que eles se mantinham a uma distância cautelosa, fora do alcance caso ele ou George tentassem dar um salto

desesperado para cima deles.

— O que foi que eu disse, Eastchurch? — perguntou o xerife ao delegado à sua esquerda. — Às vezes a gente só sente: algum forasteiro tentando se esgueirar pela porta dos fundos, quando acha que nós não estamos prestando atenção.

— É, mas você disse que eram ciganos, xerife — respondeu o delegado.

— Bem... Foi uma pequena licença poética. O importante é acertar na questão principal. — Indicando a placa do carro, o xerife disse: — Podem não ser ciganos, mas são viajantes.

— A não ser que o carro seja roubado — sugeriu o outro delegado.

— Verdade, um argumento muito válido, Talbot... E então, rapazes? — perguntou o xerife a George e Atticus. — Vocês são mesmo de Illinois? Ou só ladrõezinhos de carro de Worcester?

— Senhor xerife — começou George, e então se calou, fitando as armas.

— Prossiga — encorajou o xerife. — Estamos todos morrendo de curiosidade.

George balançou a cabeça, devagar.

— Não sei quem o senhor estava esperando aqui de tocaia, xerife, mas o senhor está cometendo... Isso é um mal-entendido.

O xerife deu um risinho e falou:

— Ouviu bem, Eastchurch? Como ele se corrigiu? Ele ia dizer que eu estou cometendo um erro, mas, se ele dissesse isso, seria um crioulo declarando que um bom homem branco e cristão estava errado, e ele sabe que isso nunca acaba bem. Já apontar um mal-entendido é mais educado, como se estivesse me dizendo que deixei alguma coisa cair no chão... Acho que gostei desse aí, Eastchurch. Ele é inteligente.

— Mas não muito — opinou o delegado.

— Todos nós fazemos o que podemos, dentro das limitações que Deus nos deu — declarou o xerife, e então se dirigiu a George: — Eu também sou inteligente. Como prova, vou prever o que você ia falar agora: ia me garantir que não sabe nada sobre o roubo a uma casa em Bideford ontem à noite, nem sobre dois outros em residências em Bucks Mill na semana passada. E, quando eu perguntar sobre a fogueira que John Wakely viu acesa aqui nessa floresta na sexta-feira, você vai dizer “Que fogueira, xerife? E nós lá temos cara de escoteiros?”

Com o bom humor começando a diminuir, ele prosseguiu:

— Vocês ficaram gananciosos demais. Na verdade, seu grande erro foi ter vindo para o condado de Devon. Se tivessem parado em Bucks Mill, talvez tivessem conseguido se safar. Meu outro delegado, Coleman, estava quase me convencendo de que quem estava cometendo os roubos eram garotos da região... Na verdade, ele mesmo está vigiando Instow neste exato momento. E vai se arrepender de ter perdido toda essa diversão.

— Xerife Hunt... — começou Atticus, e de repente as três espingardas foram apontadas para sua cabeça, mas ele respirou fundo e continuou falando com a voz tranquila: —... meu tio George está certo, senhor xerife. Isso é um mal-entendido. Não somos ladrões. O senhor fique à vontade para revistar nosso carro em busca de itens roubados, se...

— Eastchurch — cortou o xerife.

— Pois não, xerife.

— Diz que não foi isso que eu ouvi. Esse crioulo acabou de me dar *permissão* para revistar o carro dele?

— Creio que sim, xerife.

O xerife balançou a cabeça, incrédulo, e comentou:

— Desse aí, eu já não gosto.

Atticus, contudo, continuou, sem vacilar:

— Não somos ladrões, senhor xerife. Nem de casas, nem de carros. Viemos a Devon como convidados.

— Convidados? — O xerife rosnou uma risada. — Para a *minha* floresta? Acho muito difícil.

— Para Ardham — disse Atticus. — Pedimos desculpas se estávamos invadindo sua terra, mas fomos convidados a ir lá, e não conhecemos outra rota.

— Ardham! — Mais gargalhadas. — Garoto, você é um péssimo mentiroso. Já ouvi umas coisas bem esquisitas sobre aquele vilarejo, mas se você acha que eles dariam boas-vindas a gente *da sua laia*... Bem, digamos que é melhor você pedir reembolso, porque seu álibi veio com defeito.

— Mas essa é a verdade, senhor xerife. Fomos convidados à mansão de Ardham. A casa grande na encosta. Estão nos esperando.

— Sei, sei. E quem está esperando vocês?

— Montrose Turner.

O xerife estalou a língua.

— Veja bem, esse foi um erro básico de pesquisa. Você se deu o trabalho

de aprender o *meu* nome, o que, por si só, já diz muita coisa, mas se tivesse mesmo feito o dever de casa, saberia que os únicos na área com sobrenome Turner são Andrew e Grace, que moram em Instow.

— Montrose Turner é meu pai — explicou Atticus. — Ele está passando uns dias no solar de Ardham e me pediu que o encontrasse lá.

— Mas ele não informou a você quem eram seus anfitriões — observou o xerife. — O que é curioso. De onde eu venho, quando se fica na casa de alguém, se sabe o nome dessa pessoa, mesmo que o convite tenha sido feito por outra. Talvez vocês façam as coisas de outra maneira em Illinois.

— Senhor xerife...

— Ou talvez a gentilha com quem você anda tenha deixado você mal-acostumado, acreditando em qualquer mentira estúpida que você conte.

— O senhor não tem que acreditar na nossa palavra — argumentou Atticus. — É só nos levar até Ardham.

— Só levar vocês até lá. Só chegar lá e bater na porta às três da manhã.

— O horário não vai ser um problema. Estão esperando por nós.

— Tem certeza?

— Absoluta — respondeu Atticus, conseguindo soar sincero apesar de suas dúvidas.

— Então está bem — disse o xerife, aquiescendo. — Vamos a Ardham.

Atticus e George permaneceram imóveis, esperando o porém.

— É, vamos a Ardham — continuou o xerife. — O problema é que é bem complicado dirigir até lá. Vocês já viram como a estrada é cheia de curvas e ladeiras, e piora depois deste portão. Ainda bem que eu conheço um atalho. Que passa por aqui.

O xerife inclinou o rosto na direção da escuridão além da estrada.

— Talbot, pega a lanterna, por gentileza. Vamos dar uma caminhada na floresta, e não quero que ninguém dê com a cara em uma árvore por acidente.

— Claro, xerife. — O delegado se enfiou na viatura outra vez.

O xerife gesticulou com a espingarda para George e Atticus e ordenou:

— Vocês dois, levantem-se bem devagar. Mãos na cabeça.

— Senhor xerife — falou Atticus.

— Só um momento — tentou George.

— Levantem — repetiu o xerife. — Ou vou mandar vocês para Ardham aqui mesmo.

* * *

— Vê se deixa essa lanterna reta, Talbot — mandou o xerife. — O mais jovem está pensando em fugir, e eu não quero ter que forçar a vista quando meter uma bala nas costas dele.

Desde o instante em que deixaram a estrada, Atticus estivera procurando algum tipo de abrigo onde ele e George pudessem se enfiar e sobreviver à primeira saraivada que viria em resposta a qualquer tentativa de fuga. No entanto, ou o xerife conhecia muito bem aquela área, ou o próprio Bosque estava conspirando contra eles: o chão era bem regular, apenas com vegetação rasteira, e as árvores, que até pouco tempo antes eram muito cerradas, estavam afastadas demais para oferecer alguma proteção. Ainda assim, se estivesse sozinho, ele já teria saído correndo. Agora, ciente de que só lhes restavam mais alguns passos até que o xerife os obrigasse a ficar de joelhos e os executasse, ele tentou atrair o olhar de George sem virar a cabeça: se ambos comessem a correr ao mesmo tempo, talvez um deles conseguisse escapar.

— Nem tente, garoto — avisou o xerife. — Já sei o que você está pensando, mas eu praticava tiro ao prato em Camp Lejeune. Vocês podiam correr em direções opostas que eu conseguiria atirar nos dois sem nem ter que recarregar. Eu...

O som veio de um ponto à frente, logo além do alcance da luz da lanterna: um *craque* repentino e agudo, como um tiro de rifle ou um galho grosso se partindo, seguido por um baque pesado e seco no chão. Atticus, George e os três policiais pararam, e o feixe de luz tremeu.

— Segura *firme* essa lanterna, Talbot — ordenou o xerife.

Na escuridão, uma coisa muito grande se arrastava ou era arrastada pelo chão. Eles ouviram outro galho se partir, e mais um, e então o silvo prolongado de uma árvore inteira sendo derrubada. Um estrondo.

BUM!

O tiro de espingarda foi mais alto do que todos os sons que o precederam. George cambaleou e caiu de joelhos. Atticus emitiu um grito abafado e tombou ao lado dele, Tateando o corpo do tio em busca do ferimento, mas George balançou a cabeça: não levava tiro, só estava com a perna bamba de medo.

Atticus olhou ao redor. O xerife tinha se deslocado um pouco para a esquerda e mirava na floresta escura. Fumaça saía em espirais de um dos canos da espingarda. O delegado Talbot estava com a lanterna voltada para a mesma direção da arma, mas a espingarda de Eastchurch continuava apontada com firmeza para Atticus e George.

O xerife gritou para a escuridão:

— Essa floresta é *minha*, ouviu? Homem ou fera, eu acho bom você dar o fora daqui!

Ele deu um segundo tiro, e George estremeceu nos braços de Atticus.

A quietude caiu ao redor deles. O xerife recarregou a arma e então se pôs a escutar. Da floresta só vinha silêncio: o derrubador de árvores, homem ou fera, estava morto ou se fazendo de morto.

— Tudo certo — disse o xerife. — Onde estávamos?

— Vamos, George — disse Atticus ao tio, de maneira gentil. — Levante-se.

— Não, não precisa, podem ficar aí no chão — falou o xerife. — Acho que já caminhamos o suficiente. Hora de acabar com isso. A não ser que... vocês estejam prontos para nos contar tudo sobre os roubos.

O novo som veio da estrada atrás deles: um *vup!* suave de ignição acompanhado do desabrochar de uma grande esfera de fogo. Quando o xerife e os delegados se viraram para olhar, a esfera já tinha se transformado em uma pira flamejante no formato de um carro.

— Que diabo foi isso? — perguntou o delegado Talbot.

O xerife Hunt fitou Atticus.

— Garoto — acusou ele —, você por acaso esqueceu de nos contar alguma coisa?

Uma buzina de carro soou. “A buzina do Packard”, pensou Atticus. O que significava que a oferenda em chamas era a viatura.

— Eastchurch — chamou o xerife —, você vem comigo. Talbot, você fica. Se eles fizerem *qualquer coisa*, apaga os dois.

O xerife hesitou, como se estivesse decidindo se não deveria executar ele mesmo a última parte da ordem, só por precaução. Então a buzina do Packard soou outra vez, e ele deu meia-volta e saiu correndo para a estrada, com Eastchurch alguns passos atrás.

Atticus olhou para George, que assentiu vigorosamente. O mais novo olhou para baixo: havia um galho grosso no chão bem na frente do joelho do

tio.

Atticus virou o rosto até conseguir ver, com o canto dos olhos, o delegado Talbot. Ele estava a menos de dois metros, com a espingarda em uma das mãos e a lanterna na outra. A arma estava apontada frouxamente para Atticus e George, mas o cano se encontrava inclinado para o chão. Enquanto isso, o feixe da lanterna, assim como a atenção do delegado, ia de um lugar para outro: ele apontou a luz para as silhuetas do xerife e de Eastchurch, que se afastavam, depois para Atticus e George, e então para o ponto na floresta em que tinham ouvido a árvore caindo.

Atticus tirou a mão do peito de George e levou-a ao galho. Segurou-o com firmeza e se preparou, esperando até o feixe da lanterna começar a se deslocar outra vez. Apoiou-se em George para ficar de pé, então deu um passo para trás, tomou impulso e botou toda a força que tinha em um golpe poderoso.

O galho cortou o vazio. Atticus tropeçou e quase caiu de novo. Conseguiu recobrar o equilíbrio bem na frente da lanterna, que havia caído no chão. Segurando o galho com ambas as mãos, olhou freneticamente ao redor, procurando o delegado, certo de que ia levar um tiro a qualquer momento. Mas o delegado desaparecera.

“Mas que diabo...”, pensou Atticus.

Então ele ouviu. No coração do Bosque, bem à frente deles e muito mais perto do que antes: a fera. “Só pode ser uma fera”, afirmou para si mesmo, “e das grandes” — grande o suficiente para derrubar árvores e delegados desatentos —, mas parecia estar se escondendo, fazendo apenas barulho suficiente para que Atticus notasse sua presença, movendo-se pela vegetação rasteira.

Estava se afastando. Ele se abaixou, tateando, e pegou a lanterna, sem jeito; quando finalmente conseguiu segurá-la com firmeza, a fera já estava longe do raio de luz, contornando na direção da estrada.

— Atticus — disse George —, me ajude a levantar.

Atticus foi até ele e passou o braço pelos ombros do tio. Enquanto se levantavam, a luz emanada do fogo diminuiu por um segundo quando uma grande sombra borrada passou entre eles e a claridade.

Ao longe, o xerife Hunt gritou:

— Eastchurch!... Onde diabo você se meteu?

Uma longa pausa. Então uma espingarda disparou. Atticus e George viram

o clarão do tiro. Parecia ter vindo da estrada, em um disparo para o alto.

Sobreveio a quietude, rompida apenas pelo crepitar das chamas.

Atticus e George se entreolharam. O tio suspirou, dando de ombros. Atticus desligou a lanterna e começou a conduzir o tio para a estrada, tentando se mover em silêncio.

Estavam quase lá quando Atticus chutou algo duro. Uma espingarda. De um cano só. Ele se agachou e olhou ao redor, procurando algum sinal do delegado Eastchurch, mas não ficou nem um pouco surpreso quando não encontrou nada. Passou a lanterna para George, recolheu a arma e continuou seguindo na direção da estrada.

A viatura tinha se transformado em uma carcaça anônima e empretecida, cuspiendo chamas e fumaça no ar. O porta-malas e a tampa traseira do Packard estavam abertos e, à luz bruxuleante, Atticus notou que os cobertores em cima do colchão haviam sido empurrados para um dos lados.

O xerife Hunt estava deitado de barriga para baixo no chão logo atrás da perua, um corte fundo na parte de trás da cabeça sangrava. Ao lado dele, ensanguentado e amassado, encontrava-se o galão de gasolina reserva com que o homem fora nocauteado.

— Letitia? — chamou Atticus, em voz baixa.

Ela emergiu das sombras no outro lado da estrada, segurando a espingarda do xerife, e perguntou:

— O que aconteceu com os outros dois?

— O urso-pardo comeu — respondeu Atticus, tentando não se deter na pergunta seguinte: por que eles e não nós?

A viatura expeliu uma nova bola de fogo.

— Mas que inferno — disse George.

O calor estava intenso, e era um milagre e tanto que o Packard não tivesse pegado fogo também.

— Temos que dar o fora daqui — acrescentou.

Enquanto ele corria para a frente da perua, Letitia e Atticus se entreolharam por cima do corpo emborcado do xerife. Letitia sorria, muito orgulhosa de si mesma.

— Eu não disse que Deus tinha me botado no seu caminho por um motivo? — gabou-se ela.

Atticus virou para trás, examinando o Bosque, e pensou: “Não acho que tenha sido Deus quem nos salvou.”

George já tinha aberto o portão e estava ao lado da porta do motorista.

— Vamos! — gritou ele para os dois. — Vamos embora logo!

Letitia pôs a espingarda do xerife no compartimento traseiro do Packard. Atticus pegou o galão de gasolina — ainda meio cheio — e também o guardou. Então, enquanto ela corria para a porta do carona e entrava no carro, ele parou ao lado do corpo do xerife, com a arma do delegado Eastchurch nas mãos e uma pergunta na mente.

— Atticus! — chamou George. — Vamos!

— Ah, dane-se — disse Atticus.

Ele enfiou a espingarda no Packard, ao lado da outra, e entrou. George deu a partida.

Atticus já tinha puxado a tampa traseira e estava prestes a fechar o portamalas quando notou o outro carro. Estava lá atrás, parado na curva da estrada, com o motor e os faróis desligados, visível apenas por causa do reflexo das chamas na lataria prateada.

George pisou no acelerador. Atticus perdeu o equilíbrio e quase tombou para fora, por cima da tampa traseira. Quando conseguiu se equilibrar, eles já estavam percorrendo outra curva, e a única coisa visível era o bruxulear das chamas. No instante seguinte, aquilo também desapareceu.

* * *

Atticus despertou com a luz cinzenta e a névoa da manhã. Sentou-se, sentindo o corpo rígido e os caquinhos de vidro no banco embaixo dele. George estava dormindo ao volante, com a cabeça caída para trás e roncando, e Letitia estava deitada no banco de trás, enrolada em um cobertor.

Atticus abriu a porta e saiu. O Packard estava estacionado sob um círculo de árvores, resguardado da estrada por uma série de arbustos altos. Da direção oposta à estrada vinha o som de água corrente. Seguiu com cautela rumo ao barulho e, depois de abrir caminho através de outra barreira de vegetação, Atticus se viu no alto de uma barragem íngreme. O córrego lá embaixo era rochoso e raso nas margens, mas as águas escuras no centro do canal indicavam que ele logo ficava mais profundo.

Do outro lado do rio, ainda meio encoberto pela névoa, estava o vilarejo

agrícola descrito pelo recenseador. O Shadowbrook fazia uma curva, como um fosso, ao redor das plantações de Ardham, que eram divididas em lotes por muros baixos de pedra. O lote bem na direção de Atticus estava em pousio, e um rebanho de cabras pastava na grama e nos brotos selvagens que cresciam ali. Mais para a direita, à meia distância, dava para ver uma ponte unindo as duas margens do Shadowbrook.

Ao norte, além das plantações, o terreno subia para um planalto onde havia casinhas de paredes brancas, e à esquerda ficava um grupo de construções maiores, incluindo uma igreja com campanário. Ainda mais alto, acima de todo o resto, viam-se os contornos pálidos do solar. Por causa da névoa, sua forma ainda estava turva e indistinta, mas Atticus conseguia ver que algumas das janelas já estavam com luzes acesas.

Em alguns dos chalés também havia luzes, embora não fossem tão intensas. De um deles saiu um homem carregando um banquinho e dois baldes de metal até o lote em pousio. As cabras escutaram a aproximação e correram até ele. Então, Atticus ouviu um barulho de água à esquerda e viu uma mulher mergulhando um balde de madeira no rio, tão perto que ele poderia ter chamado a atenção dela, mas, assim como o pastor de cabras, era branca, então Atticus silenciosamente bateu em retirada, desaparecendo por trás dos arbustos.

Alguém tocou no ombro dele. George. Atticus levou um dedo aos lábios e falou, baixinho:

— Parece que achamos.

Ele empurrou a vegetação um pouco para o lado para que George pudesse espiar.

— Parece que sim — concordou o tio, sem muito entusiasmo.

George recuou, franzindo o cenho, voltou-se para o carro e então olhou para Atticus de novo, dizendo:

— Posso te perguntar uma coisa?

— Você quer saber como chegamos aqui, não é?

Atticus pensou um pouco. Ele se lembrava de se afastar do carro de polícia em chamas, lembrava-se de uma jornada aparentemente sem fim e cada vez mais onírica pelo Bosque às escuras... e se lembrava de acordar, momentos antes, com a luz cinzenta e a névoa.

— Eu não sei — disse Atticus em resposta ao cenho franzido de George.

— Eu ia te perguntar a mesma coisa.

* * *

Os três estavam no banco da frente, George dirigindo, Letitia no meio e Atticus na janela, com o revólver no colo.

A ponte para Ardham era um arco de pedra coberta de musgo. Nas laterais, a intervalos regulares, havia postes de ferro com ganchos no topo. Atticus supôs que fossem para pendurar algum tipo de fonte de iluminação, mas não conseguiu deixar de imaginar o que mais a população de Ardham poderia pendurar naqueles postes — ainda mais os do centro da ponte, a uma distância maior da água. Talvez pensando a mesma coisa, George acelerou para chegar mais rápido ao outro lado, mas teve que pisar fundo no freio quando um homem branco entrou na frente do Packard.

O sujeito, que carregava uma vara de pesca rudimentar e um cesto cheio de trutas ainda se debatendo, estudou-os ali de fora. No carro, os três esperaram para ver se ele ia xingá-los, gritar pedindo ajuda, jogar uma pedra ou mesmo atirar o cesto neles. No fim das contas, ele não fez nada disso: abaixou a cabeça, como se estivesse pedindo desculpas, e recuou para deixá-los passar. George ficou tão surpreso que, a princípio, não conseguiu fazer nada além de encarar o homem, mas o pescador ficou esperando, com paciência e olhando para baixo, até ele engatar a primeira.

Eles seguiram para uma bifurcação, onde uma das vias dava nas casinhas a oeste e a outra continuava ladeira acima. Eles subiram. No topo da colina, o terreno mudava para cascalho, a estrada fazia uma curva e terminava na entrada do solar.

O casarão, feito de pedra em tom cinza-claro, consistia em uma estrutura central de três andares e teto reto, flanqueada por duas alas de dois andares com telhados inclinados de ardósia. Não havia luz na maior parte das janelas das alas laterais, mas as da estrutura central estavam iluminadas, e Atticus percebeu uma figura no terceiro andar, observando-os.

George estacionou perto da entrada principal do solar. À esquerda, o caminho que levava os carros à casa fazia uma volta em torno de um gramado em formato elíptico onde, ladeado por dois bancos de ferro, havia um dos ícones dos mapas de Horace: um relógio solar sobre um pedestal. O

trio olhou a peça por um breve momento, mas sua atenção foi atraída inevitavelmente para o carro prateado que estava estacionado mais à frente, na entrada da ala oeste. Contas de orvalho cobriam o capô e a curvatura opaca do para-brisa.

— Bem — disse Atticus. — Melhor bater logo à porta para ver o que tem para o café da manhã.

Guardou o revólver no porta-luvas do Packard e saiu.

O trecho acima das portas duplas do solar era adornado, em prata, com uma figura que mostrava a metade de um sol sobre o horizonte. Nas portas havia meio-sóis menores, servindo de base para as aldrabas. Atticus galgou os degraus da frente e estendeu a mão para a aldraba da direita, mas, antes que pudesse tocá-la, a porta se abriu para dentro.

Um homem ruivo com uniforme de mordomo surgiu na soleira. Era extraordinariamente pálido — quase um albino —, mas seu olhar nem vacilou, e o sorriso que abriu para Atticus foi imediato e sincero.

— Suponho que seja o sr. Turner — disse ele. — Bem-vindo à confraria de Ardham, senhor.

* * *

— Meu nome é William. Fui instruído a aguardar sua chegada, sr. Turner, e a fazer de tudo para que o senhor e qualquer acompanhante seu fiquem confortavelmente acomodados. — Voltou-se para George. — Imagino que seja o sr. Berry, o meio-irmão mais velho do sr. Turner pai?

— Sim, sou irmão de Montrose — confirmou George.

William aquiesceu.

— O sr. Turner desconfiou de que talvez o senhor viesse também. Mas e a senhorita...?

— Dandridge — disse Letitia.

— Ela é amiga da família — informou Atticus. — Uma grande amiga.

— Então é uma hóspede mais do que bem-vinda aqui, é claro — assegurou William.

— E de quem exatamente nós somos hóspedes?

— Do sr. Samuel Braithwhite. — William abriu as mãos, em um gesto que

abrangia mais do que apenas a construção em cuja porta eles estavam. — Esta é a casa de veraneio do sr. Braithwhite.

— Sr. Braithwhite — repetiu Atticus, devagar, como se estivesse estudando como sua língua se sentia ao pronunciar o nome. — E por acaso aquilo — ele apontou para o carro prateado — também pertence ao sr. Braithwhite?

— O Daimler? Sim, senhor. Modelo personalizado, encomendado especialmente pelo sr. Braithwhite. É uma máquina e tanto, não é mesmo?

— De fato — respondeu Atticus, e então prosseguiu: — Muito obrigado pela recepção calorosa, William, mas estou ansioso para encontrar meu pai. Pode nos levar até ele?

— Sinto muito, senhor, mas infelizmente seu pai não está aqui. O sr. Turner e o sr. Braithwhite pegaram o carro ontem à tarde e foram se encontrar com o advogado do sr. Braithwhite em Boston.

— De carro? Você não disse que aquele ali era o carro do sr. Braithwhite?

— O sr. Braithwhite tem muitos carros, senhor. Agora, se quiserem entrar, posso levá-los às suas acomodações. Não se preocupem com a bagagem, mandarei alguém buscar para os senhores.

No entanto, Atticus não conseguia parar de pensar no xerife que ficara para trás na floresta, que talvez já estivesse de volta em Bideford reunindo uma multidão furiosa para linchá-los, e não fez qualquer menção de entrar.

— Algo errado, senhor? — perguntou William, e então notou os vidros quebrados do Packard. — Ah, céus... Os senhores passaram por algum tipo de tribulação durante o trajeto?

George deu uma gargalhada.

— Pode-se dizer que sim.

— Bideford — sentenciou William. Era uma afirmativa, não uma pergunta. — Sinto *muito, muito mesmo*, sr. Turner... Algum dos senhores se feriu?

— Ainda não — respondeu Atticus.

— Bem, não precisam mais se preocupar. Os senhores estão inteiramente a salvo aqui.

A imagem do carro de polícia em chamas sob o céu noturno veio à mente de Atticus.

— Acho que você não pode prometer isso assim tão cedo.

— Perdão, sr. Turner, mas *posso*, sim. Na condição de hóspedes do sr.

Braithwhite, vocês estão sob a proteção dele. Enquanto permanecerem em Ardham, não precisarão se preocupar com ninguém de Bideford. Essa garantia também vale para seu pai, é claro, enquanto ele viajar com o sr. Braithwhite... Agora, por favor, queiram entrar.

O saguão lembrava o lobby de um hotel rústico que muito provavelmente nunca entraria no *Guia de viagem do negro precavido*. As paredes revestidas de madeira escura eram adornadas com cenas dramáticas de atividades ao ar livre, com gente branca caçando, cavalgando ou simplesmente admirando a paisagem.

Dois corredores levavam às alas laterais e, nos fundos do saguão, portas duplas levavam a um salão de jantar. À esquerda, uma reentrância na parede abrigava filas de chaves em argolas. William parou ali na frente, tamborilando um dedo no queixo.

Enquanto ele ponderava sobre o arranjo das acomodações, Atticus foi estudar uma pintura na parede oposta à entrada do salão de jantar. Era o retrato de um homem branco em uma beca, de pé no meio de um laboratório alquímico. Tinha um cajado de madeira na mão direita, e no dedo indicador sobressaía-se um anel de sinete gravado com o símbolo de um meio-sol. A mão esquerda do homem estava estendida, gesticulando na direção de uma janela que mostrava um porto muito movimentado. O céu sobre as águas estava estrelado, mas o horizonte emanava uma luminosidade rósea.

— Titus Braithwhite — leu Atticus na placa de latão na moldura.

— Fundador de Ardham — explicou William, que, de posse das chaves, se juntara a Atticus na frente do quadro. — A família Braithwhite fez fortuna com navegação, mas Titus Braithwhite tinha um grande interesse em filosofia natural, em ciência. Seus vizinhos de Boston ficaram um tanto desconfortáveis com alguns de seus estudos mais esotéricos, então ele fundou Ardham e construiu a sede da confraria como um retiro onde ele e os colegas filósofos pudessem conduzir seus experimentos com privacidade.

— Parece uma escolha estranha de lugar — comentou Atticus. — Considerando que o povo de Bideford não vê a bruxaria com bons olhos.

William deu um risinho educado.

— Titus Braithwhite não era bruxo, sr. Turner.

— Mas não precisava ser bruxo para ser acusado de bruxaria e enforcado, não é mesmo?

— Isso é verdade, senhor. Mas Titus Braithwhite tinha um acordo com os

líderes da comunidade de Bideford. Usava sua riqueza e suas conexões políticas para fazer certos favores para eles, e em troca os líderes de Bideford ajudaram a preservar a privacidade dele. Ajudaram a manter os curiosos bem longe daqui. Talvez possamos dizer que ele encontrou uma boa utilidade para o preconceito dos vizinhos.

— Não sei, não — disse Atticus. — Não tenho nenhuma experiência de preconceito como algo positivo.

— É claro, senhor... Talvez isso não tenha sido correto da parte dele — admitiu William. — E talvez ele tenha sido punido por isso. Em 1795 houve um terrível incêndio aqui. A confraria foi destruída e Titus Braithwhite pereceu nas chamas, assim como seus colegas e a maior parte de sua família. O sr. Braithwhite atual descende de um primo do sr. Titus que morava em Plymouth na época da tragédia.

— O que faz o sr. Braithwhite atual? Ainda no ramo da navegação?

— Ele tem diversas áreas de interesse.

— E qual é o interesse dele na minha família, William? Isto é, se não se incomodar em responder.

— Não sei, senhor. E, de qualquer maneira, não caberia a mim informar. Eu cuido da casa do sr. Braithwhite, não de seus negócios.

— É mesmo? — Atticus indicou o quadro com um aceno da cabeça. — Você parece saber bastante sobre os negócios da família.

— Só conheço a história, sr. Turner. Pense em mim como seu guia turístico... seu humilde guia turístico. Agora, com sua permissão, posso levá-los a seus aposentos?

A escadaria para o segundo andar ficava logo na entrada da ala oeste. Entre os dois andares havia uma janela que deixava a luz do dia entrar, mas, assim como no saguão, também havia arandelas e lustres elétricos.

— Como é possível haver energia elétrica aqui? — perguntou Atticus.

— Temos um gerador no galpão nos fundos da propriedade, atrás da garagem — informou William. — Quando mandou reconstruir a sede da confraria nos anos 1920, o sr. Braithwhite a modernizou e fez uma série de melhorias. Os senhores poderão desfrutar de todos os confortos e comodidades durante sua estadia, incluindo água quente nas torneiras.

No topo da escadaria, eles dobraram à direita. Naquele andar, a área central do prédio continha um salão de jogos, uma biblioteca e uma sala de fumar. William lhes ofereceu um breve tour pelas instalações, ressaltando que

estavam todos mais do que convidados a dispor de todas — exceto pela sala de fumar, que, tradicionalmente, era só para homens.

— Olha aí o preconceito com boa utilidade — resmungou Letitia.

— O que há no terceiro andar? — perguntou Atticus.

— A suíte particular do sr. Braithwhite. Tenho certeza de que, quando voltar, ele adoraria mostrá-la aos senhores. Enquanto isso — prosseguiu William, conduzindo o grupo em frente —, vou acomodá-los na ala leste. É mais silenciosa que a oeste, e ela será exclusiva para os senhores, de modo que os demais convidados do sr. Braithwhite não vão perturbá-los.

— Mais pessoas estão hospedadas aqui?

— Ainda não, mas o sr. Braithwhite convocou uma reunião com os demais membros da confraria. Estou aguardando a chegada deles muito em breve.

— O senhor aguarda a chegada deles — disse Atticus —, mas não sabe o motivo da reunião.

— O senhor aprende rápido, sr. Turner.

William levou-os pelo corredor da ala leste, detendo-se à terceira porta à direita.

— Este é o seu quarto, sr. Turner — anunciou ele, enfiando a chave na porta. — Ele forma uma suíte dupla com o quarto contíguo, que é onde ficará o sr. Berry.

Ao passar pela porta, o olhar de Atticus foi direto para a cama *king size*, cuja cabeceira gigantesca era esculpida com mais uma cena de gente branca fazendo atividades ao ar livre. Na parede direita havia um guarda-roupa, grande o suficiente para comportar uma cama dobrável. O lado esquerdo do cômodo era tomado por uma área de estar, com poltronas, uma lareira, um pequeno bar em uma cristaleira e uma escrivaninha de frente para uma imensa janela.

— Aconchegante — comentou Atticus.

Ao adentrar o quarto e dar meia-volta, descobriu uma grande estante de livros em toda a parede que circundava a porta.

William contornou a cama e foi até outra porta, ao lado do guarda-roupa.

— Seu banheiro fica aqui, sr. Turner. Oferecemos muitos itens de higiene, mas caso precise de qualquer outra coisa, não hesite em pedir. Além disso, não sei que tipo de roupa o senhor trouxe, mas, caso queira se trocar para o jantar, encontrará alguns ternos aqui — informou ele, mostrando o guarda-roupa. — O jantar é servido no salão no térreo, às oito da noite —

prosseguiu, retornando à área de estar. — O almoço é à uma, e o café da manhã é servido entre seis e nove da manhã. Mas, caso prefira comer em seus aposentos, podemos trazer as refeições a qualquer hora do dia ou da noite. — Ele tocou o auscultador do telefone antigo que ficava na escrivaninha. — É só discar zero para falar com um funcionário.

— E se eu quiser fazer uma chamada externa?

— Sinto muito, senhor, mas a linha é interna, não faz chamadas para fora. O sr. Braithwhite tinha a esperança de conseguir instalar um serviço telefônico de verdade na confraria, mas isso acabou se mostrando impossível, por motivos tanto burocráticos quanto técnicos. Infelizmente, ele não tem um relacionamento tão amigável com o restante do condado de Devon como teve o primeiro sr. Braithwhite desta casa.

— Nisso eu me identifico com ele — disse Atticus, detendo-se para olhar pela janela. — Falando no relacionamento com a comunidade, quem são as pessoas que moram nos chalés lá embaixo?

— Pessoas simples — respondeu William.

— Pessoas simples? Quer dizer que são amish?

— Mais ou menos, mas a seita dos ardhmitas é bem mais antiga do que os menonitas.

— E eles moram aqui o ano inteiro?

— Sim, senhor. Em Ardham, eles encontraram refúgio do resto do mundo. Em troca do aluguel, eles prestam serviços e fazem a manutenção da sede da confraria. A maior parte da comida consumida aqui vem do vilarejo.

— Então eles alimentam o sr. Braithwhite, e ele, em troca, é responsável pela segurança deles?

— Exato, senhor.

— Mas e eletricidade e água corrente? — perguntou Atticus. — Eles também têm isso?

— Como falei, são pessoas simples. Não têm interesse em tais coisas. — William voltou-se para George. — Sr. Berry, seu quarto é por aqui. Venha, deixe que eu mostre ao senhor.

Depois de William e George atravessarem a porta que separava os quartos, Letitia disse:

— Vem dar uma olhada nisso.

Atticus foi até ela, à frente de uma das estantes.

— O que foi?

— Só dê uma olhada nisso.

— Hum — disse Atticus. — Sr. Burroughs...

A prateleira de cima estava abarrotada de livros da série do Tarzan, e a debaixo tinha a coleção completa de John Carter, assim como Carson Napier de Vênus e a série Pellucidar. As outras prateleiras tinham mais autores e títulos que ele conhecia, alguns dos quais pareciam muito fora de contexto naquele ambiente.

— Eles têm todos os seus livros preferidos aqui, não é? — perguntou Letitia.

— É, muitos deles. E vários outros que eu sempre quis ler...

— Não fique muito à vontade nesse lugar — advertiu Letitia.

— Não precisa nem falar — respondeu Atticus, agachando-se.

A prateleira de baixo era o Território Lovecraft: Algernon Blackwood, Robert Bloch, August Derleth, William Hope Hodgson, Frank Belknap Long, Clark Ashton Smith, além, é claro, do próprio Lovecraft. Correndo o dedo pela lombada dos livros, Atticus se deteve em um exemplar encadernado em couro vermelho que se destacava entre *A casa à beira do abismo* e *Para além da parede do sono*.

A capa do livro vermelho tinha, em alto relevo, o símbolo do meio-sol e as palavras REGULAMENTOS E PRECEITOS DA ORDEM ADAMITA DA AURORA ANCESTRAL. Atticus o mostrou a Letitia e então, ao ouvir o movimento de George e William retornando, devolveu o livro à prateleira e se levantou.

— Srta. Dandridge — disse William —, seus aposentos ficam do outro lado do corredor. Queira me acompanhar...

E então eles saíram.

Atticus olhou para George e perguntou:

— Você também tem uma biblioteca particular?

— Tenho. E ainda me trazem comida, podia ficar lá durante um mês inteiro e nem ia querer sair.

Atticus aquiesceu.

— Eu me pergunto se não seria essa a intenção. Muito gentil da parte dele nos dar uma ala inteira, não é?

— Muito mesmo... Você viu alguma escada, além daquela pela qual nós passamos?

— Não. Não neste corredor.

— Vamos torcer para que não haja outro incêndio — disse George.

Do outro lado do corredor, Letitia soltou um grito agudo. Atticus e George correram até lá.

Encontraram Letitia e William no banheiro da suíte. Ela estava de pé, com as mãos entrelaçadas à frente do corpo, parada diante do que, à primeira vista, Atticus julgou ser um buraco no chão: uma banheira rebaixada, toda em mármore preto, grande o suficiente para que os quatro se acomodassem sem encostar um no outro.

— Ora essa — comentou George, por cima do ombro de Atticus. — Letitia tem uma piscina só para ela.

* * *

Um pouco depois, no saguão:

— Vou mandar trazer as bagagens agora, sr. Turner. Não sei se nosso mecânico consegue fazer algo em relação aos vidros de seu carro, mas tomarei providências para que seja estacionado em um local coberto e protegido.

— Obrigado — disse Atticus. — William?

— Pois não, senhor?

— O sr. Braithwhite disse quando ele e meu pai voltariam de Boston?

— Ele não tinha certeza. Quem sabe hoje à noite, mas talvez só amanhã. — Sorriu. — Contudo, tenho certeza de que podemos entretê-lo nesse meio-tempo. Além do que o senhor já viu, temos salas de música e exercício no térreo, e outros passatempos que terei prazer em mostrar ao senhor. O senhor também pode ficar à vontade para caminhar pela propriedade ou pelo vilarejo. Caso deseje fazer uma caminhada mais longa pelos campos, no Bosque ou montanha acima, posso providenciar um guia para que o senhor não se perca.

— Não, não há necessidade. Não pretendo me afastar.

— Esplêndido, senhor. Então, se não houver mais nada que eu possa fazer pelo senhor...

— Uma última coisa — disse Atticus.

— Pois não, senhor.

— Quando meu pai estava aqui, em que quarto você o acomodou?

Um breve momento de hesitação.

— Naquele ali, senhor. — William apontou para a porta à direita do quarto de Letitia.

Atticus girou a maçaneta.

— Trancada.

— Naturalmente, senhor. Posso buscar a chave lá embaixo, se desejar. Contudo, não há nada aí dentro. Seu pai levou consigo todos os pertences, e o quarto já foi limpo. — Uma pausa. — Deseja que eu vá buscar a chave, sr. Turner?

— Não, não precisa — respondeu Atticus. Dando as costas à porta, ele retribuiu o sorriso de William e declarou: — Confio em você.

* * *

Atticus e George estavam sentados em um dos bancos na frente da confraria, observando um pavão que se empertigava ao redor do relógio de sol.

— Titus Braithwhite. — George puxou assunto, quebrando um longo silêncio. — Já tinha ouvido esse nome antes? Você fez uma cara enquanto olhava o retrato dele...

— É mesmo? — disse Atticus, reclinando-se no banco. — Titus Braithwhite era o dono da tatara-tatara-tataravó da minha mãe.

— Achei que Dora não soubesse nada sobre suas origens.

— Ela não sabia quase nada. Só sabia que uma de suas antepassadas distantes era uma mulher chamada Hannah que era propriedade de Titus Braithwhite, um vendedor de escravos de Boston. Hannah era criada na propriedade de Braithwhite no interior, até que uma noite resolveu fugir.

— Atravessando aquela floresta? Mulher corajosa.

— Corajosa, sim, mas também completamente apavorada — disse Atticus. — Houve uma espécie de catástrofe na casa, e Hannah mal conseguiu escapar com vida.

— O incêndio?

— Provavelmente, embora, segundo parte da história que mamãe me contava, Hannah nunca tivesse relatado a ninguém o que acontecera exatamente, só que fora algo tão horrível que ela *teve* que fugir... Enfim, ela

conseguiu escapar e começou uma vida nova como mulher liberta, mas passou o resto de seus dias com medo de que Braithwhite ou a família dele a encontrassem.

George tentou formular a pergunta seguinte de maneira delicada:

— Quando fugiu, ela estava grávida?

— Perguntei isso à mamãe uma vez. Ela respondeu que eu estava me desviando do cerne da história.

— Que era?

— Nunca olhe para trás. E nunca confie em nenhum Braithwhite.

— Imagino que ela não tenha contado nada a Montrose.

— Não, e me fez jurar que eu também não contaria. Mas acho que ele finalmente deve ter encontrado uma pista em algum lugar. Ou talvez alguma pista o tenha encontrado.

Letitia se juntou a eles, recém-saída do banho em um vestido violeta que não faria feio no baile da Cinderela.

— Deus do céu — exclamou George.

— Gostou? — Rindo de deleite, Letitia deu uma voltinha para eles, fazendo os paetês reluzirem à claridade matinal que atravessava a névoa.

— É lindo — disse Atticus. — Mas você não trouxe isso na sua malinha, não é mesmo?

— Claro que não, seu bobo, encontrei esse vestido no meu quarto. E mais uns dez parecidos. Vocês não abriram o guarda-roupa de vocês?

— Você encontrou o vestido — repetiu George. — E coube?

— Como se tivesse sido feito para mim — confirmou ela, e deu outra voltinha.

Atticus se levantou.

— Acho que deveríamos caminhar até o vilarejo.

— Sério? — retrucou George. — Eu estava pensando agorinha mesmo que deveríamos nos trancar no quarto até Montrose voltar.

— Eu não esperaria sentado Pop voltar. Acho que nós é que teremos que ir procurá-lo.

— Acha que ele está no vilarejo?

— Digamos que duvido que ele esteja em Boston com o sr. Braithwhite.

— Se ele está preso em algum lugar, não é mais lógico que seja aqui em cima?

— Depende do raciocínio. — Atticus ergueu o olhar para as janelas do

terceiro andar e então se voltou outra vez para George, que o encarava com uma expressão de dúvida. — É uma espécie de pressentimento.

— Então está bem — concordou George. — Vamos com a sua teoria. E se o encontrarmos...

— Nós damos o fora daqui sem nem olhar para trás.

George aquiesceu e disse:

— É um bom plano.

— É um plano, ponto final — replicou Letitia. — Mas você não acha que vai ser *tão* fácil assim, acha?

* * *

O carro já tinha sido tirado de onde o deixaram, portanto eles seguiram o caminho até o fim, contornando a ala oeste da confraria até chegar à garagem, um barracão comprido e estreito dividido em baias com portas holandesas que parecia ter sido um estábulo de cavalos. Seguindo a fileira de carros, eles passaram por um furgão, dois Rolls-Royces sedã com vidros pretos e um conversível *vintage* cinza-perolado.

O Packard estava na quinta baia. Atticus pegou o revólver no porta-luvas e verificou se ainda estava carregado. Então, percebeu que não tinha como levá-lo, era grande demais para passar despercebido no bolso da calça.

— Preciso voltar lá em cima para pegar um paletó — disse ele.

Letitia, no entanto, estendeu a mão.

— Passe esse negócio para cá.

Ela fez George e Atticus se virarem enquanto deu um jeito de esconder a arma entre as dobras do vestido. Quando terminou, ela deu outra voltinha para eles, toda exibida.

— Se conseguirmos sair dessa — disse Atticus —, você vai ter que me contar essas suas histórias.

Eles voltaram para a frente da confraria e encontraram uma trilha que levava à igreja de Ardham. Na descida, passaram por um grupo de aldeões que subia: um homem, que Atticus reconheceu como o pastor de cabras, carregava nos ombros uma carcaça recém-esfolada, uma mulher trazia um par de galinhas depenadas e um cesto de ovos, e dois outros homens com sacas

de tubérculos e outras verduras. Apesar de estarem carregando peso, eles deram passagem a Atticus, George e Letitia, saindo do caminho e abaixando a cabeça como fizera o pescador.

— Bom dia — cumprimentou Atticus ao passar por eles, mas nenhum dos ardhamitas respondeu e nem sequer olhou para ele.

A igreja e as demais construções do vilarejo formavam uma espécie de quadrado no fim da estrada ladeada por casinhas. Do outro lado da igreja havia uma oficina, na frente da qual um homem afiava uma foice em uma pedra de amolar com pedal. O cuteleiro ergueu os olhos assim que Atticus e seus companheiros chegaram ao fim da estradinha, mas logo voltou a atenção para o trabalho. O mastim acorrentado ao lado dele foi menos circunspecto: ao perceber a presença de estranhos, o animal saltou da varanda da oficina e teria partido para cima deles se não fosse pela corrente.

George olhou para o cachorro, receoso, e falou:

— Então, onde você quer procurar primeiro?

Antes mesmo que ele tivesse terminado a pergunta, Letitia já tinha aberto a porta da igreja.

— Parece que vamos começar por aqui — concluiu Atticus.

A igreja era formada por um único cômodo grande. O corredor de entrada, sobre o qual pendia uma corda presa ao campanário lá em cima, abria-se para uma nave com bancos rústicos de madeira que deviam acomodar umas quarenta pessoas. A luz do dia entrava por janelas altas e estreitas de vidro fosco. Havia também uma lamparina a óleo com vidro cor-de-rosa pendurada acima do corredor central, emitindo uma luz bruxuleante e tênue como o brilho de uma estrela moribunda. Nos fundos da nave, a igreja se estreitava, e a plataforma elevada da capela-mor não tinha nem altar nem púlpito, só um atril de madeira onde um grande livro repousava.

Na parede acima do atril, uma janela com vitral, o único verdadeiro adorno da igreja, retratava uma cena do Jardim do Éden. Atticus se aproximava para ver melhor quando Letitia, alguns passos à sua frente, levou um susto e cobriu a boca com as mãos — e então deu risadinhas, ainda tapando a boca.

No vitral, Adão e Eva estavam abraçados sob um meio-sol rosado — um sol nascente de uma aurora ancestral. Embora bem familiar, faltavam à cena alguns elementos. O diabo em forma de serpente estava ausente e, ainda que as árvores e os arbustos do Jardim estivessem bem iluminados pela alvorada, não havia fruto proibido. Além disso, as mãos de Eva estavam ocupadas com

outra coisa.

E não havia folhas de figueira para esconder nada. Atticus ficou encarando, boquiaberto, posto que nunca tinha visto um vitral pornográfico.

— Bom — comentou George —, já sabemos que não são batistas.

— Não — respondeu Atticus. — São adamitas... o que quer que isso seja.

Ele foi até o atril para ver que tipo de Bíblia havia ali, mas sua curiosidade foi frustrada: o livrão estava trancado com cadeado e, por precaução, havia sido preso por uma corrente ao atril.

Os três saíram da igreja. O couteleiro tinha ido para dentro da oficina e martelava alguma coisa com vontade, mas o mastim ainda estava lá, forçando ao máximo a corrente esticada.

O trio continuou a explorar a área, e sua atenção se voltou para mais além da igreja, a uma construção de pedra e alvenaria. Era um prédio redondo, com uns três metros de altura e quase dez de largura na base, afunilando ligeiramente mais para o topo. Em um dos lados, bem no alto, dava para ver o vestígio de ferrugem das grades de metal que um dia cobriram uma janela; a abertura, no entanto, fora tapada com alvenaria. A porta reforçada com aço estava trancada e era tão maciça que, quando Atticus bateu nela com o punho, mal fez barulho.

— O que acham? — perguntou ele, olhando para George e Letitia. — Óbvio demais?

— Posso ajudar?

A mulher tinha cabelos ruivos esvoaçantes e pele clara, e o primeiro pensamento de Atticus foi que ela devia ser parente de William. O segundo foi que ela parecia muito com a Eva do vitral, mas de roupa: com uma blusa de algodão de manga comprida, calça jeans e botas de couro. Começou a caminhar até eles, fazendo chacoalhar as chaves dos mais variados tamanhos presas em uma argola em seu quadril.

— Bom dia. Meu nome é Atticus, e eles são George e Letitia — disse ele, sorrindo. — Estamos hospedados no solar.

— Isso eu já tinha imaginado — disse a mulher, que também sorria, mas com um traço de zombaria. — Eu sou a Dell.

— Você é a polícia daqui, Dell?

Ela franziu o cenho, confusa com a pergunta. Atticus apontou para o chaveiro dela e inclinou a cabeça na direção da construção de pedra.

— É a cadeia, não é?

— *Cadeia?* — zombou ela.

Passando por Atticus, ela tirou o chaveiro do cinto e usou a chave maior para destrancar a porta. Ela a abriu com ambas as mãos, e então se virou para Atticus com um gesto convidando-o a entrar.

— Cuidado com o degrau.

Ele teve que abaixar a cabeça para passar pela porta e então notou um desnível, o chão de pedra do recinto ficava vinte centímetros abaixo da soleira. O ambiente estava frio e seco, tomado por aromas adocicados e apetitosos. Enquanto a vista dele se adaptava à pouca luz, um membro decepado se revelou à sua frente: um pernil de veado, pendurado em uma corrente presa a uma viga de madeira do teto. Havia outras correntes com outros grandes pedaços de carne pendurados, secos ou defumados, alguns intactos e outros com partes faltando.

Deixando a porta para trás, Atticus foi examinar os cestos espalhados pelas paredes, e muitas vezes seu nariz identificava o conteúdo antes de seus olhos. Ouviu sons atrás de si. Letitia e George também tinham entrado, e ela estava pisando com força para ver se descobria um porão. No entanto, o chão parecia maciço, e Atticus não viu nenhum alçapão.

— Animais — falou Dell, parada à porta.

— O que você disse? — perguntou Atticus.

— Animais sempre vêm ao vilarejo em busca de comida. Guaxinins, raposas, de vez em quando um urso. Se estiverem com muita fome, ursos conseguem acabar com as portas dos chalés, mas aqui eles não conseguem entrar.

— Ficamos sabendo que tem urso-pardo na floresta — comentou Atticus.

— Urso-pardo! — Dell deu outro riso sardônico. — Não, não tem ursos-pardos, só ursos-negros. Mas os negros já nos dão um trabalho danado. Eles são inteligentes. Não inteligentes *de verdade*, afinal, são feras, mas o bastante para causar confusão. E são persistentes também. Usamos cachorros para afugentá-los, mas tem vezes que eles não desistem, nem mesmo quando estão feridos. Esses vêm parar aqui dentro... de certa forma.

Ela meneou a cabeça na direção de uma das peças de carne.

Enquanto Atticus e os outros contemplavam o triste destino do urso, Dell deu um passo para trás, atravessando a soleira, e colocou a mão na porta. Por um instante, pareceu que ela ia trancá-los lá dentro, mas só estava abrindo caminho para que eles saíssem.

— Prontos para prosseguir? — perguntou ela.

* * *

Dell os escoltou até o pomar de macieiras num terreno inclinado a oeste do vilarejo, onde eles receberam mais um cumprimento silencioso, dessa vez do apicultor que cuidava das colmeias ali. Dell descreveu o próprio trabalho em Ardham como “administradora do vilarejo”, uma posição de gerência que incluía atuar como intermediária entre o povoado e o solar. Ela riu por Atticus achar que era parente de William.

— Não sou esnobe o suficiente para fazer parte da família *dele* — comentou ela.

Atticus quis perguntar sobre a igreja e se ela tinha alguma participação ali, mas, ainda impressionado com a semelhança entre ela e a Eva dos vitrais, acabou não conseguindo abordar o assunto, e ela também não forneceu nenhuma informação por conta própria.

Depois do pomar, desceram até a margem do rio, assustando alguns pescadores, e então fizeram o caminho de volta ao centro do vilarejo. Atticus também queria examinar as casinhas, mas sem ninguém o observando durante a atividade, então agradeceu a Dell pelo tour e fez menção de pegar a trilha de volta para o solar. Dell rumou para a oficina, onde o couteleiro ainda martelava alguma coisa de forma barulhenta. Assim que ela entrou, Atticus mudou de rumo, conduzindo George e Letitia para a rua dos chalés.

Não chegaram muito longe. O mastim percebeu a alteração no trajeto e começou a latir furiosamente. Atticus caminhou mais rápido, sem olhar para trás, mas então uma matilha saiu de trás do chalé mais próximo e parou na frente deles. Eram quatro: dois vira-latas de tamanho mediano, um *rat terrier* e um animal gigantesco que parecia uma mistura de lebréu irlandês com dinamarquês. Eles não atacaram. Foram até o meio da rua e aguardaram, arfando, para ver se Atticus, George e Letitia se aproximariam.

O mastim parou de latir, e Atticus olhou para trás. Dell estava parada na varanda da oficina de braços cruzados, um sorriso abertamente desdenhoso nos lábios. “Não inteligentes *de verdade*”, pensou ele, ainda ouvindo a voz dela. “Usamos cachorros para afugentá-los”.

— Tudo bem — disse Atticus. — Certo.

* * *

Voltaram, subindo pelo mesmo caminho. Os cães perderam interesse neles assim que os três retornaram à trilha que levava ao solar, mas, do topo da colina, eles viram o cão que era meio dinamarquês, meio lebréu e mais um dos vira-latas marchando pela rua dos chalés, como se fossem tubarões patrulhando a costa de uma ilha.

— Então, o que vocês acham? — perguntou Atticus.

— A oficina tem fundações de pedra — observou Letitia. — Além daquele armazém, é o único prédio que é assim.

— Você acha que tem um porão?

Ela fez que sim.

— E, com toda aquela martelação, podia ter alguém gritando lá embaixo e a gente nem ia ouvir.

Atticus olhou para George, que deu de ombros.

— Se Montrose não aparecer até hoje à noite, nós podemos voltar lá embaixo, na surdina, depois do jantar — sugeriu ele. — Talvez até com umas costeletas para aqueles cachorros.

— Talvez — disse Atticus, pensando nas duas espingardas que ainda estavam no Packard, mas lembrando, também, de uma patrulha noturna em uma vila na região de Pyongyang; uma missão de busca e resgate que parecia ser simples mas terminara com quatro soldados negros mortos. — Talvez seja melhor bolar outra abordagem.

— O que tem em mente?

— Ainda não sei. Ainda estou pensando nos detalhes.

— Bem, se voltarmos lá para dentro — sugeriu George —, podemos pensar nos detalhes enquanto aproveitamos o serviço de quarto.

— Claro — disse Atticus. — Talvez eu leia um pouco também.

* * *

Os outros hóspedes de Braithwhite começaram a chegar durante a tarde. Atticus, estudando os regulamentos da Ordem Adamita da Aurora Ancestral no andar de cima, fez um recenciamento dos membros da confraria a partir do que viu de sua janela: catorze homens caucasianos, entre cinquenta e, pelo menos, setenta anos, que dirigiam (ou eram trazidos por motoristas em) limusines e carros caros. Metade dos veículos tinha placa de Massachusetts, e o resto, de estados vizinhos — exceto por uma limusine retardatária que viera do distrito de Columbia. Todos os membros da confraria usavam grossos anéis de sinete de prata, marcando-os como iniciados na Ordem.

Iniciados: o livro vermelho se referia a eles como Peregrinos da Aurora, Filhos de Adão, e Antenautas, “Visitantes do tempo Antes” (ou seja, “Antes da Queda” — embora a Queda dos Antenautas, assim como o Éden dos ardhamitas, fosse bem diferente da queda que Atticus estudara na escola dominical). O livro não usava a palavra “magos”, mas ficava claro que era isso que eles consideravam, ou desejavam ser. Ao observar cada homem chegar, Atticus tentou deduzir se algum deles tinha poder mágico de verdade, mas percebeu que magos, assim como comunistas, eram difíceis de identificar só pela aparência.

Às sete e quinze, não muito depois do último Filho de Adão ser conduzido para o interior da confraria, o telefone tocou. Era William, perguntando se Atticus e seus companheiros pretendiam jantar no salão.

— Foi o que planeamos, sim — respondeu Atticus. — Algum problema?

— De modo algum, sr. Turner. Sugiro então que os senhores se arrumem, e eu passarei para pegá-los às oito, que tal?

Atticus escolheu no guarda-roupa um terno preto, uma peça de excelente alfaiataria. Coube como uma luva, assim como os sapatos. George optou por um smoking, e, quando eles bateram à porta de Letitia, ela surgiu usando um elegante vestido de festa branco. Mais cedo, Letitia anunciara sua intenção de contrabandear o vestido lilás de Cinderela, assim como outros itens de seu guarda-roupa, levando-os para o Packard.

— Se tivermos que fugir de repente — disse ela —, não vejo motivo para deixar essas lindas roupas para trás.

No entanto, pela expressão dela, Atticus estava achando que o plano havia sido frustrado.

— O que aconteceu? — perguntou ele. — William pegou você no flagra, tentando se esgueirar pela porta dos fundos?

— Não, consegui levar os vestidos para o carro sem maiores contratempos. Mas tem um problema.

Antes que ela pudesse continuar, William surgiu no fim do corredor.

— Boa noite, sr. Turner, sr. Berry. Srta. Dandridge, a senhorita está muito bonita. Espero que estejam apreciando a estadia.

— Está sendo um dia interessante — respondeu Atticus. — Mas sabe, William, você não precisava ter vindo nos buscar. Nós conseguiríamos chegar lá embaixo sozinhos.

— Entendo, senhor. Contudo, se me permite ser franco, infelizmente alguns dos membros da confraria podem ser um tanto... *bruscos* com estranhos. Achei melhor acompanhá-los, até que tenham a oportunidade de serem oficialmente apresentados.

— Já sei, você não quer que eles nos confundam com a criadagem, não é?

William deu o mesmo sorriso de sempre.

— A mesa dos senhores está pronta, sr. Turner.

Os Filhos de Adão estavam todos reunidos no saguão do andar de baixo. Serviçais passavam com bandejas de bebidas e canapés, mas alguns dos membros mais antigos reclamavam por ainda não terem sido acomodados no salão de jantar. O Antenauta de Washington, D.C. — um senhor decrépito que Atticus já apelidara de Preston Brooks pela forma como brandia sua bengala —, proclamava em alto e bom som que ao menos *ele* não deveria ser forçado a ficar ali de pé, feito um empregado qualquer.

Então Atticus adentrou o recinto, e todos se calaram. Ao contrário dos aldeões, os membros da confraria não tinham o menor problema em encará-los. A maior parte dos olhares era de pura curiosidade — chegando a beirar a falta de educação —, mas Preston conseguiu transmitir três sentimentos muito diferentes em seu olhar desconfiado: a curiosidade inicial deu lugar, ao ver George e Letitia, à confusão e então a uma perplexidade indignada.

— *Três?* — berrou ele, agitando a bengala. — Qual é a necessidade de *três*?

— Queira me acompanhar, sr. Turner — disse William, tentando, ao mesmo tempo, fingir que não via Preston e afastar Atticus do velho.

Letitia acenou de leve para Preston quando o grupo passou por ele para entrar no salão de jantar.

A mesa em que William os acomodou ficava embaixo de um estandarte vermelho e prateado com o símbolo do meio-sol. Localizada no meio do

salão, circundada por uma área vazia, sugeria um lugar de honra — ou, talvez, que eles estivessem sendo deliberadamente colocados em exibição. Dois serviçais puxaram cadeiras para George e Letitia, enquanto o próprio William puxava a de Atticus. Os criados serviram água e vinho, e outros trouxeram da cozinha o primeiro prato, uma sopa.

Enquanto isso, os Filhos de Adão eram conduzidos salão adentro. Foram postos em duplas ou trios, exceto por Preston, que ficou com uma mesa inteira só para si. Vários homens continuaram a encarar Atticus, até que Letitia começou a fazer caretas para eles; quando acontecia, eles voltaram a atenção para as próprias sopas.

O jovem apareceu quando os presentes comiam a salada. Era branco, tinha uns vinte e poucos anos, cabelos castanhos, e trajava um terno bem cortado quase idêntico ao de Atticus. Seguiu de maneira discreta até a única mesa ainda vazia, no canto perto da entrada da cozinha. Os Antenautas quase não prestaram atenção nele, ao contrário dos serviçais; ele mal se sentara e já havia comida e bebida a seu dispor.

O prato principal chegou.

— Se estiverem com fome — sugeriu Atticus —, é melhor comer logo.

— Por quê? — perguntou George. — Está pensando em escapulir antes da sobremesa?

— Estou com certa vontade de incomodar esse povo — respondeu Atticus. — Veremos o que acontece depois.

A maior parte dos outros comensais ainda estava terminando a salada. Atticus esperou até que o prato principal estivesse prestes a ser servido para um grupo de Antenautas, incluindo Preston. Então se levantou.

— Com licença! — disse ele, em voz alta, tilintando a colher na taça d'água. — Com licença, um minuto de sua atenção.

No mesmo instante, todos os olhares se concentraram nele. A maior parte dos Antenautas continuava curiosa, mas alguns estavam visivelmente irritados com a interrupção do serviço, e Preston levou a mão à bengala.

Atticus se dirigiu a todos no salão:

— Meu nome é Atticus Turner. Assim como os senhores, estou aqui como convidado do sr. Braithwhite, mas infelizmente ainda não sei o porquê da minha presença. Vim a Ardham à procura de meu pai. Ainda não o encontrei, e não sei o que o sr. Braithwhite queria com ele, e tampouco sei o que quer comigo.

Hesitou e observou os rostos voltados para ele, para ver se alguém fornecia aquela informação, mas os outros convidados só continuaram a encará-lo com curiosidade ou irritação.

— Não sei o que o sr. Braithwhite quer comigo — prosseguiu Atticus —, mas tenho uma teoria. E espero que os senhores possam me ajudar a testá-la.

“Sei que todos aqui pertencem a uma organização chamada Ordem da Aurora Ancestral. Hoje de manhã eu encontrei, por acaso, um exemplar dos regulamentos e dei uma boa lida.”

Atticus retirou o livro vermelho do bolso do paletó, erguendo-o para todos.

— Espero não estar quebrando nenhuma norma de segurança — acrescentou ele, ao perceber os olhares consternados que provocara. — Sei que fraternidades gostam de manter segredos. Tenho certa experiência nisso. Meu pai e meu tio George, que está aqui comigo, são membros da Maçonaria Prince Hall, e há certas coisas sobre as quais eles se recusam a falar.

“Os cavalheiros conhecem a Maçonaria Prince Hall? Sei que já ouviram falar dos maçons, mas Prince Hall... Talvez os senhores achem isso interessante... Prince Hall era um abolicionista que morava em Boston à época da Revolução. Ele entrou para a milícia de Massachusetts para ajudar na luta pela independência. E queria se juntar aos maçons da região, mas, como era negro, não foi aceito. Então ele e outros alforriados formaram sua própria loja maçônica.”

Olhando ao redor, Atticus continuou:

— Devo dizer que fiquei muito decepcionado ao ler em seu livro de regras que, da mesma forma, Prince Hall não seria bem-vindo no clube dos senhores. Não cheguei a ficar surpreso — acrescentou, olhando para Preston —, mas desapontado.

“Mas então continuei lendo e descobri uma brecha: uma cláusula de filiação que suplanta todas as outras. Homens que tenham parentesco consanguíneo com Titus Braithwhite são automaticamente considerados membros da ordem. Não apenas *qualificados* à filiação, mas membros legítimos. Não precisam sequer pedir para entrar.

“É claro que ‘consanguíneo’ é um termo controverso, e há uns dez parágrafos nos regulamentos que deixam bem claro o que conta e o que não conta como ligação consanguínea. Contudo, minha interpretação do que li é a de que um descendente direto de Titus Braithwhite certamente se encaixaria nessa condição. Supondo que tal pessoa existisse.

“E ainda tem mais! Membros Braithwhite da Ordem são membros *especiais*. Como era mesmo que o livro dizia? ‘Não apenas Filhos de Adão, mas Filhos Entre Filhos’.”

Atticus fitou o estandarte acima dele e continuou:

— Filhos Entre Filhos. Que bom jogo de palavras... Mas o que isso significa é que integrantes da família Braithwhite são as autoridades maiores da organização. Eles têm o poder de convocar reuniões... e dar ordens aos demais membros. Ordens que deverão ser obedecidas.

“O que me traz de volta à minha teoria. Acho que o motivo de minha presença aqui tem algo a ver com minha descendência direta de Titus Braithwhite... E talvez eu não seja apenas *um* descendente, mas o último. Não tenho cem por cento de certeza de que seja esse o caso. É uma hipótese. Mas acho que os senhores conhecem a verdade, e por isso estão aqui.

“Agora, se for verdade, eu poderia apenas ordenar aos senhores que me contassem tudo, e então, de acordo com as regras de sua própria loja, seriam obrigados a me obedecer. Eu poderia até fazer isso, mas acontece que passei muito tempo viajando nos últimos dias e estou cansado. Sendo assim, prefiro discutir essa questão com o próprio sr. Braithwhite. Então farei o seguinte: como um Filho Entre Filhos, eu exijo que todos os senhores se levantem, agora mesmo, e deixem este salão. Abandonem copos e pratos como estão, levem só a si mesmos. Saiam pela porta e atravessem o saguão até o lado de fora, até o quintal da frente. Se quiserem, podem se sentar nos bancos. Mas fiquem lá, até que eu ou o sr. Braithwhite digamos que podem voltar para dentro.

“Senhores — concluiu Atticus —, isso é uma ordem.”

Quando ele terminou, silêncio. Preston estrangulava a bengala com uma força colérica, e sua expressão era como se ele mesmo estivesse sendo estrangulado — e não era o único Antenauta a exhibir sinais de uma fúria abjeta. Conforme o momento se arrastava, Atticus teve tempo de se perguntar se sua teoria estava toda errada e de sentir a tensão de George e Letitia, que esperavam a multidão se inflamar.

Então, alguém arrastou uma cadeira, e Atticus se virou e viu um Filho de Adão, ruborizado, levantando-se bem devagar. O homem fez uma pequena medida, deu meia-volta e dirigiu-se à porta. Os próximos a se levantar foram os dois homens que dividiam a mesa com o que saíra, e então os dois da mesa ao lado fizeram o mesmo, até que, por fim, todos estavam se levantando,

inclusive Preston — que saiu sem qualquer tipo de cumprimento.

Enquanto os Antenautas saíam para o saguão, os serviçais começaram o próprio êxodo para a cozinha. William ficou para trás para fechar a porta depois da saída dos membros da confraria, e então seguiu os demais serviçais. Restaram apenas Atticus, George, Letitia e o jovem na mesa no canto ao fundo, que fora a única pessoa branca que se deleitara com a fala de Atticus. Enquanto este caminhava na sua direção, o jovem aplaudiu, erguendo as mãos para deixar o anel de prata em evidência.

— Sei que você já sabe disso — falou o jovem Antenauta —, mas o regulamento diz que, na verdade, o Filho Entre Filhos é o Braithwhite mais *velho* dentre os presentes. Que, por acaso, sou eu. Sou um ano e dez dias mais velho que você. — Ele sorriu. — Não que aqueles idiotas saibam disso. E nem mesmo Pendergast, aquele velho lambão, se arriscaria a quebrar as regras... Ainda bem, pois ele provavelmente esmagaria o maxilar de qualquer negro comum que se atrevesse a falar com ele daquela forma.

— Ele poderia até tentar — replicou Atticus.

O sorriso de Braithwhite ficou ainda maior.

— A propósito, eu me chamo Caleb. Gostaria de se sentar, Atticus?

Ele assentiu, e a cadeira mais próxima de Atticus se afastou sozinha da mesa. Atticus pestanejou, mas não recuou. Continuou de pé, e apoiou a mão no encosto da cadeira.

— Caleb — disse Atticus. — E Samuel Braithwhite seria o seu pai?

— Isso mesmo.

— Mas quem estava dirigindo o Daimler era você, não é? E foi você quem buscou meu pai em Chicago.

— Fui eu. Meu pai não gosta muito de viagens longas.

— Por que envolver o meu pai nisso? — perguntou Atticus. — Afinal, vocês querem a mim, não é? É a mim que seu pai quer, por algum motivo... Por que não foram apenas me buscar?

— Porque existem certas regras — respondeu Caleb Braithwhite. — Você tinha que vir por livre e espontânea vontade, e, se eu tivesse pedido, você poderia ter dito não. E eu aposto que teria mesmo... Mas não podemos dizer não a nossos pais, não é mesmo?

— Onde está o meu pai?

— Ele está a salvo. E continuará assim, basta que você faça o que mandarmos.

— Quero vê-lo.

— Claro que quer. — Braithwhite deteve-se, ainda com a boca aberta, enquanto George e Letitia vieram para o lado de Atticus. — Ai ai ai — ralhou Braithwhite, e George grunhiu, largando a faca de carne que estava segurando.

Enquanto o talher caía no chão com estrépito, Braithwhite se concentrou em Letitia, que ergueu as mãos.

— Quero ver o meu pai — disse Atticus. — Agora.

Braithwhite continuou a encarar Letitia.

— Primeiro o meu — respondeu ele.

* * *

Na cozinha havia um elevador de serviço.

— Só para os integrantes da família — anunciou Caleb Braithwhite, ao abrir a grade.

— Tudo bem — disse Atticus a George e Letitia. — Podem me esperar aqui.

— Vocês dois deveriam terminar o jantar — disse Caleb, e então se voltou para William, que acompanhava tudo à distância. — Pode cuidar deles? E mande alguém ao vilarejo para buscar Delilah.

— Sim, senhor.

O elevador subia devagar. Caleb Braithwhite aproveitou aquele tempo para informar Atticus de mais uma regra.

— Meu pai não tem muito tato. Talvez diga algumas coisas que deixem você com vontade de bater nele. Mas eu o aconselho a não desperdiçar energia. Ele é imune.

— A surra? — perguntou Atticus.

— A uma lista extensa de coisas.

— Então talvez eu bata só em você.

— Você poderia até tentar — disse Caleb, sorrindo.

No terceiro andar, o elevador dava direto em um pequeno salão de jantar privado. Havia uma mesa com uma única cadeira na cabeceira, ainda com os restos de uma refeição.

Do lado oposto ao elevador havia uma pintura. Mais abstrato do que o retrato no primeiro andar, o quadro mostrava uma figura de beca e coroa sob um céu cor-de-rosa. A figura majestosa estendia a mão para uma fileira de silhuetas sombrias que surgiam entre as árvores. As sombras mais próximas das árvores não passavam de manchas pretas, mas, nas mais próximas ao rei, já começavam a brotar pernas e rabos e cabeças, embora nem mesmo a que estava aos pés do monarca tivesse um formato muito reconhecível. Talvez fosse um cachorro.

— Pai? — chamou Caleb Braithwhite, perto de uma das duas portas do cômodo.

Ao longe, ouviu-se um baque alto e o chacoalhar de algo caindo. Durante alguns instantes, nada além de silêncio, até que, por fim, ouviram-se passos se aproximando.

Samuel Braithwhite não parecia nem um mago, nem um rei. Sua aparência era mais a de um banqueiro depois do expediente, ou talvez um inventor à la Thomas Edison. Estava com as mangas da camisa dobradas e o colarinho desabotoado, e entrou no recinto ainda limpando as mãos em um pano. Não pareceu surpreso, tampouco satisfeito, ao encontrar Atticus em sua sala de jantar, mas passou um bom tempo avaliando-o de cima a baixo, como se estivesse determinado a fazer valer aquela interrupção.

— Ele é mais escuro do que eu esperava — disse Samuel Braithwhite, enfim. — Tem certeza de que é a pessoa certa?

Caleb aquiesceu.

— É ele, sim.

— Meus convidados estão todos lá fora, no gramado.

— Sim, senhor. Isso...

— William me ligou para contar o ocorrido. Onde ele foi arrumar uma cópia dos regulamentos?

— Não sei, senhor. Ele passou o dia inteiro solto pela casa. Imagino que tenha encontrado por acaso.

— Hum. — Braithwhite encarou o filho, franzindo o cenho. — E quando você viu o que estava acontecendo lá embaixo, por que não intercedeu?

— Eu...

— Deixa para lá. Eu já sei por quê. — Braithwhite suspirou. — Então... Turner, não é?

— Para você é *senhor* Turner — disse Atticus.

— Tem alguma ideia do aborrecimento que você me causou? Os Filhos de Adão já são insuportáveis na melhor das circunstâncias, e agora eu terei que lidar com eles sem terem jantado.

— Lamento o inconveniente.

— Você não faz ideia do que é lamentar. Ainda não. — Braithwhite limpou as mãos uma última vez e largou o pano na mesa. — Então, *senhor* Turner, quer saber por que está aqui?

Atticus assentiu, dizendo:

— Imagino que não seja para receber o meu quinhão da fortuna da família.

— Não — respondeu Samuel Braithwhite. — Você é a fortuna da família.

— Hein?

Em vez de repetir o que acabara de dizer, Braithwhite fez um gesto para a pintura na parede.

— O que acha desta obra, sr. Turner?

Atticus deu de ombros e respondeu:

— Não faz meu estilo.

— O artista chamava-se Josef Tannhauser. Era contemporâneo de Titus Braithwhite. Não era membro da confraria, mas tinha interesses afins. Morreu em um sanatório em Boston, em 1801. A pintura, uma das últimas que fez, se chama *Gênesis 2:19*. Conhece esse versículo?

Atticus fez que não com a cabeça.

Braithwhite recitou:

— “Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todo animal do campo e toda ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome.” Na concepção de Tannhauser, esse ato de nomear vai muito além de uma mera questão de escolher rótulos. Adão está tomando parte na criação, designando a cada criatura sua forma final e sua posição dentro da hierarquia da natureza.

— Pondo tudo em seu devido lugar — disse Atticus.

— Isso mesmo. Na aurora dos tempos, só por um instante, tudo estava em seu devido lugar e como deveria ser, passando de Deus ao homem, à mulher, até a mais rebaixada criatura rastejante. — Ele olhou para Atticus. — E então a entropia entrou em ação, como de costume. Perdeu-se o Paraíso, Babel e o Dilúvio trouxeram confusão e desordem, o que um dia foi uma elegante hierarquia se transformou em uma bagunça de tribos e nações. É claro que não foi bem assim que aconteceu — acrescentou Braithwhite. — O

literalismo bíblico é um recurso para as pessoas simplórias. Mas é uma parábola útil.

— Sobre entropia — disse Atticus.

Entropia e história e evolução social, ou involução: o livro vermelho tinha muito a dizer sobre tais assuntos.

— E é aí que vocês entram, não é? — perguntou Atticus. — Vocês e sua Ordem, vocês vão virar o jogo, encontrar o caminho de volta para o Jardim. Usando mágica.

Braithwhite crispou os lábios.

— Essa é uma palavra vulgar — disse ele, encarando Atticus —, uma palavra típica dos homens simplórios. Não somos mágicos. Somos cientistas. Filósofos da natureza. Natureza — repetiu, batendo os nós dos dedos na mesa. — A natureza é sólida. Tem regras. As pessoas que ficam falando de mágica acreditam que tudo é possível. Isso não é verdade. Não dá para pegar uma varinha de condão e transformar chumbo em ouro. Não é assim que funciona.

— E como é que funciona?

— Para a maioria, não funciona e ponto final. A natureza se mantém impenetrável aos desejos dos supostos feiticeiros. Mas... — Ele tocou a mesa outra vez, correndo os dedos devagar pelo grão da madeira. — *Há* brechas. Não são exceções às regras, veja bem... Isso não existe... Mas casos especiais, anomalias naturais que podem ser descobertas e exploradas por homens suficientemente visionários. Até mesmo nesses casos há limites quanto ao que é possível, e uma pequena façanha aqui e ali é tudo a que a maioria dos praticantes pode aspirar. Só os filósofos naturais mais extraordinários conseguem extrapolar esse limite, rumo a obras grandiosas de verdade.

— Homens como você.

Braithwhite sentiu o tom jocoso de Atticus e ficou mal-humorado.

— A totalidade do meu potencial ainda está por se revelar — disse ele. — Mas já sou mais poderoso do que qualquer outro iniciado vivo. Lembre-se disso, para o seu próprio bem.

— E Titus Braithwhite?

— Ele era inigualável. Um gênio da arte.

— Sei — disse Atticus. — E que fim ele teve?

— Um não muito bom — admitiu Braithwhite. — Desafiar a entropia é um trabalho perigoso, e até mesmo os gênios estão sujeitos a acidentes. Titus

Braithwhite entendia os riscos. Apesar disso, decidiu forçar os limites.

— E pôs fogo na casa.

— O fogo foi só uma parte — disse Samuel Braithwhite. — Ainda não sabemos ao certo o que aconteceu naquela noite. Um ardhamita chamado Tobias Foote, que foi considerado, durante muito tempo, o único sobrevivente da catástrofe, disse que, antes de explodir, o solar foi tomado por todas as cores existentes na natureza e mais algumas outras. Aquela visão fez com que Foote enlouquecesse. Ele foi parar no mesmo sanatório que Josef Tannhauser e morreu menos de um ano depois. Tenho o diário em que ele escrevia antes de morrer. A maior parte é bobagem, mas, entre os desvarios dele, há pistas da existência de uma segunda sobrevivente... uma “mulher escura” que fugiu para o Bosque logo antes de a casa começar a brilhar.

“Mas essa descoberta só veio à tona muito depois. Na ocasião, o ocorrido foi uma tragédia irremediável. Todas as melhores mentes da Ordem pereceram. Os poucos membros da confraria que não estavam presentes no ritual eram todos aproveitadores de segunda categoria que debandaram logo depois da catástrofe. Um corpus imenso de sabedoria esotérica se perdeu, e o trabalho que a Ordem estava desenvolvendo ficou estagnado.

“Foi só no início deste século que meu pai redescobriu parte dessa sabedoria perdida e começou a recuperar a Ordem. Desde então, seguimos a largos passos, tivemos sucessos extraordinários, e agora acreditamos que estamos prontos para retomar a grande obra que foi interrompida em 1795. No entanto, o resto do mundo também não permaneceu o mesmo. Quando a Ordem da Aurora Ancestral foi fundada, a era dos reis ainda começava a dar lugar à era dos homens comuns, e o horror que Titus Braithwhite sentia diante dessa perspectiva foi, em parte, o que o motivou a correr os riscos que correu. Só posso imaginar o horror que ele sentiria hoje, após cento e oitenta anos de domínio do homem comum. E tudo isso não é nada se comparado ao que está por vir nas próximas décadas. Veja bem, temos que agir depressa. Nosso tempo está se esgotando.”

— Bem, tudo isso parece muito importante, coisa e tal — disse Atticus. — Mas não estou entendendo o que tem a ver comigo.

— Os Filhos de Adão, sr. Turner. Os *Filhos* de Adão: o poder do verdadeiro filósofo corre no sangue, e Titus Braithwhite, um Filho Entre Filhos, era um homem muito poderoso. Você é um reservatório daquele

poder. Ele foi diluído, sem dúvida, além de um tanto maculado, mas ainda é útil ao trabalho que precisamos fazer. A Ordem da Aurora Ancestral necessita de você.

Atticus olhou de Braithwhite para seu filho, buscando no rosto deles algum sinal de que aquilo era tudo uma grande peça que eles queriam pregar, uma piada elaborada de um homem rico. A parte mais engraçada, no entanto, era que ele não estava nem um pouco surpreso; ao ler o livro vermelho, deduzira algo muito próximo disso. Só que, dito em voz alta, tudo parecia muito mais ridículo.

— Vocês *necessitam* de mim... para ser o seu preto mágico?

Braithwhite, contudo, não estava achando graça.

— Acho que você não compreendeu a sua situação — falou ele. — Entendo o motivo de uma possível confusão. O problema é que você é duas coisas diferentes ao mesmo tempo. Por um lado, é o avatar de Titus Braithwhite, o mais próximo que podemos chegar dele neste mundo. É por respeito a isso que estou tratando você dessa forma: convidando-o à minha casa em vez de arrastá-lo até aqui, certificando-me de que esteja não apenas seguro, mas também confortável; sendo receptivo, alimentando você, *vestindo* você.

“Tudo isso é por Titus Braithwhite. Ao mesmo tempo, você também é Turner, o negro. E por *isso* eu não tenho nenhum respeito. Eu tolero esse lado seu, em minha casa e até mesmo em minha presença, por causa do outro lado. No entanto, minha tolerância não é infinita, e você já está desafiando os meus limites.”

“Imune”, pensou Atticus, reprimindo o impulso de cerrar os punhos. Seria interessante testar *esses* limites. Contudo, ele não havia esquecido o motivo para estar ali, e não mordeu a isca.

— Quero ver meu pai.

— Se eu permitir que o veja, você vai parar de incomodar meus convidados? Vai se comportar?

— Deixarei os convidados em paz, desde que façam o mesmo comigo.

Braithwhite crispou os lábios de novo. No entanto, se a exasperação do velho estava bem clara, o mesmo valia para seu desejo de terminar aquela conversa.

— Encarregue-se disso — disse ele ao filho. — E certifique-se de que ele não cause mais problemas.

— Sim, senhor — respondeu Caleb Braithwhite.

— Diga a William que estou pronto para a reunião. Mande-o chamar os que estão no gramado e trazê-los aqui para cima.

— Sim, senhor.

— Quanto a ele — disse Braithwhite pai, indicando Atticus com um gesto da cabeça —, precisaremos dele para o ritual de amanhã. Até lá, não quero mais vê-lo na minha frente, nem receber ligações de William avisando que ele aprontou alguma coisa. Está claro?

— Sim, senhor — respondeu Caleb pela terceira vez.

Então, fez uma medida, como um dos aldeões, com uma expressão que não demonstrava nada além de um respeito solene. Foi só quando ele e Atticus já estavam no elevador, descendo, que ele deixou transparecer que estava se divertindo.

* * *

— Dell vai levá-lo até o seu pai — informou Caleb Braithwhite a Atticus.

Estavam no saguão com George, Letitia, Dell, William e alguns outros serviçais da casa, uns homenzarrões que pareciam estar ali para garantir que ninguém saísse da linha. Os Antenautas já tinham subido. Dava para ver, pelas portas abertas do salão de jantar, que os criados limpavam as mesas.

— Vocês dois permanecerão aqui — disse Caleb a George e Letitia. — William vai levá-los de volta aos seus quartos. — Sorriu para Letitia. — A não ser que você queira se juntar a mim para a sobremesa.

— Obrigada, mas eu passo — respondeu ela, e então, voltando-se para Atticus: — Vamos ficar esperando você.

Atticus aquiesceu, e Caleb Braithwhite indagou:

— Você entende que, se causar mais problemas, haverá consequências?

— É, eu captei a mensagem — respondeu Atticus, e então se dirigiu a Dell: — Vamos.

Desceram a colina à luz do crepúsculo de verão. Os aldeões já tinham dado o dia por encerrado, e Atticus via lamparinas e velas acesas nas casinhas. Também havia um fio de lamparinas pendurado nos postes da ponte. O vilarejo estava deserto e na penumbra, exceto pela oficina.

— Sou eu — avisou Dell, enquanto subia para a varanda da oficina.

O mastim estava solto e foi recebê-la na porta. Ela o agarrou com agressividade pelo pescoço e o empurrou para o lado. O cachorro, então, recuou para um cantinho perto da porta, sentando-se — mas ainda alerta, acompanhando cada movimento de Atticus com um rosnado grave.

O cuteleiro estava no meio da oficina, sentado em um banco e apoiado em uma viga. Ao lado dele, na bancada de trabalho, estavam a foice recém-afiada, um caneco alto com espuma até a borda e uma série de pequenas pedras, como peças de damas, dispostas em uma espécie de tabuleiro gravado na própria superfície da mesa.

— Algum problema? — perguntou Dell, e o homem meneou a cabeça, permitindo-se dar uma boa olhada em Atticus.

O alçapão estava escondido por um baú em um dos cantos ao fundo da oficina. Dell o levantou, revelando uma escada íngreme de madeira que descia escuridão adentro.

Atticus ficou ali, observando o buraco escuro.

— Vocês largaram o meu pai aí embaixo? — perguntou, virando-se para estender a pergunta também ao cuteleiro.

Dell respondeu, sem nenhuma vergonha ou constrangimento:

— Só fiz o que me mandaram. — Ela pegou uma lamparina em um gancho na parede, acendeu-a e a entregou para Atticus. — Você vai precisar disso.

— Você não vem comigo?

— Ele não gosta de mim — respondeu ela. — Ele joga coisas.

— E faz muito bem — disse Atticus.

Ele desceu. Assim como o armazém, o porão era frio e seco, apesar do cheiro de mofo. A luz da lamparina se refletia em longas fileiras de jarros em prateleiras de madeira — algum tipo de conserva —, iluminando uma miscelânea de detritos da oficina: uma roda de carroça quebrada, uma marreta de madeira com cabo partido.

— Pop? — chamou Atticus, e ouviu um som vindo da outra extremidade do porão.

Seguindo nessa direção, ele começou a ver tipos diferentes de detrito: manchas secas de mingau, um miolo de maçã amassado, cacos de vidro. Atticus pensou: “Ele joga coisas.”

Alguns passos depois, o feixe de luz encontrou um estrado de madeira grosseira. Havia uma figura sentada na ponta do colchão, encurvada e com

um cobertor nos ombros. No chão, a luz cintilou sobre um metal: havia uma corrente presa por um cadeado ao tornozelo esquerdo da figura e, na outra ponta, chumbada a um aro na parede.

— Pop?

O pai dele ergueu os olhos vermelhos e levantou a mão para se proteger da luminosidade, deixando à mostra a palma da mão coberta de cicatrizes antigas. Atticus trouxe a lamparina para mais perto de si e a ergueu de modo que iluminasse o próprio rosto.

— Sou eu, Pop.

Ele viu a expressão de reconhecimento se alastrar pelos olhos do pai, seguido quase imediatamente de outra mais familiar do que Atticus gostaria: decepção, com pitadas de desprezo. Apesar de tudo, Atticus sentiu o próprio desprezo efervescendo em resposta, como bile subindo pela garganta.

— Sério, Pop? — disse Atticus. — Sério *mesmo*?

— Vinte e dois anos — falou Montrose Turner. — Você passou vinte e dois anos me contrariando por todo e qualquer motivo. E agora, na única ocasião em que eu *não* queria que você me obedecesse, o que acontece?

— Quer falar de tempo, Pop? Quantos anos a mamãe passou falando para você para deixar isso tudo para lá? Por que você não a obedeceu?

Montrose se levantou, deixando o cobertor cair.

— Quer começar uma discussão sobre a sua mãe? Então chega mais perto.

Atticus, no entanto, negou com a cabeça.

— Eu não vim brigar com você, Pop. — Ele olhou para a corrente e, então, para o rosto do pai. — Você está bem?

— Claro que estou! — disse Montrose, ainda irado. — Por que diabo você veio para cá?

— Porque você me pediu. Por que você não me esperou? Depois de me mandar aquela carta...

— Ah! — Montrose levantou a mão outra vez, protegendo-se da pergunta, e desviou o olhar; depois de um momento, ele respondeu: — Foi aquele garoto. Caleb. Não sei como, mas ele entrou na minha cabeça.

— Como assim? Ele hipnotizou você?

— Não! Não foi isso! Foi, tipo... Eu não sei como foi. Eu sabia que ele não estava falando a verdade, ok? Não sou *burro*. Mas eu ficava repetindo para mim mesmo que, desde que *soubesse* que ele não estava falando a verdade, eu é que estava enganando ele. Eu ia entrar no jogo dele só até descobrir toda

a verdade... E eu precisava saber a verdade. Não por mim. Por Dora. Por você... Então, quando ele se ofereceu para me dar uma carona, eu disse é claro, por que não? — Ele franziu o cenho, olhando para a corrente. — Por que não?

— Então ele trouxe você para cá e o trancou aqui embaixo?

— Não, isso foi o pai dele. Primeiro, eles me colocaram na casa grande. Por algumas horas. Mas toda aquela farsa começou a ruir, e o velho não mente tão bem quanto o filho. Ou talvez ele não quisesse mesmo que eu ficasse sob o mesmo teto que ele. No instante em que eu o vi, foi como se o feitiço, ou o que quer que fosse, tivesse se quebrado. Eu me rebelei. — Ele abriu um pequeno sorriso, que não durou muito. — Então eles me entregaram na mão dos servos. Que dia é hoje?

Atticus teve que pensar um pouco.

— Segunda-feira. Noite. Você saiu de casa há oito dias.

— Oito dias, só isso?

— Vim assim que recebi sua carta.

Montrose meneou a cabeça.

— Eu achava que você ia levar um mês, no mínimo. Na verdade, estava rezando para você simplesmente não vir. — O desprezo voltou à voz dele. — Vinte e dois anos.

— É, Pop, vinte e dois anos. Fica pensando nisso que eu já volto.

Deixando a lamparina no chão, Atticus deu meia-volta e subiu a escada.

Dell estava esperando por ele na entrada do alçapão. Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, e Atticus meteu a marreta na testa dela. Seus olhos se reviraram, e ela desmoronou no chão. Mal tinha terminado de cair e Atticus já estava passando por cima dela para interceptar o mastim, que corria em sua direção. O animal saltou e foi abatido com um golpe preciso no crânio.

Depois veio o couteleiro, tropeçando e derrubando a bebida enquanto tateava em busca da foice. Atticus largou a marreta e pegou uma pá que estava pendurada na parede. Usou a chapa da pá para desviar o golpe da foice e acertou o homem no pescoço com o cabo da ferramenta. Pegou o couteleiro pela franja, bateu a cabeça dele na mesa, arrastou-o, ao mesmo tempo lutando contra ele, até o alçapão e o atirou escada abaixo.

O mastim tentava se levantar, mas não conseguia fazer as pernas trabalharem. Atticus o golpeou com a pá até que ele parasse de se mexer. Então, deteve-se, prestando atenção no som da própria respiração e nos

barulhos do vilarejo lá fora. O latido de um cachorro vinha de algum lugar entre as casas, mas não se aproximou e logo se calou.

Atticus pegou o chaveiro de Dell. Também encontrou uma torquês.

O homem estava caído no pé da escada, imóvel. Atticus passou por cima dele, foi até o pai e lhe entregou as chaves e a torquês. Então, arrastou o homem para longe dos degraus e o encostou em uma das prateleiras de conservas. Subiu, jogou Dell no ombro e carregou-a para o porão, deixando-a ao lado do cuteleiro. A essa altura, Montrose já tinha conseguido se soltar, pegado a lanterna e ido dar uma olhada em seus carcereiros.

— Pode deixar os próximos dois por minha conta — disse ele.

— Pode ficar com os próximos cinquenta se quiser. E talvez isso seja mesmo necessário se não dermos o fora daqui logo.

— Está de carro? — perguntou Montrose.

Atticus fez que sim e falou:

— Woody.

— Woody? George também veio?

— Sua família se importa com você, Pop. Aceita de uma vez.

Eles subiram a escada, atiraram o mastim pelo buraco, fecharam o alçapão e puseram o baú de volta no lugar. Apagaram todas as lamparinas e pararam à porta da frente, ouvindo, outra vez, na penumbra.

— Onde está George? — sussurrou Montrose.

— Trazendo o carro, espero.

— *Espera?*

— Um momento. — Atticus ergueu a mão. — Você ouviu isso?

Um veículo se aproximava, vindo da rua das casinhas. Atticus se inclinou porta afora para ver se era o Packard, mas de repente as luzes de um farol alto o acertaram.

Não era o Packard. Era o Daimler. A ficha mal tinha caído para Atticus quando o carro prateado já estava parado na frente da oficina. Letitia botou a cabeça para fora da janela do motorista e chamou Atticus pelo nome.

— Você trouxe uma garota? — indagou Montrose.

— A gente fala disso na estrada — sugeriu Atticus.

Eles entraram no banco de trás, Atticus sentando-se atrás de Letitia, e Montrose, de seu irmão.

— Montrose! — exclamou George, virando-se para olhá-lo. — Você está bem?

— Você trouxe uma *garota*? — repetiu Montrose.

— Oi, sr. Turner! — cumprimentou Letitia, com simpatia, sorrindo pelo retrovisor enquanto manobrava o carro. — Eles tentaram não me trazer, mas eu e o Senhor Jesus Cristo tínhamos outros planos.

Atticus olhou para George.

— Vocês conseguiram fugir sem problema?

— Acho que sim. — George mostrou o revólver. — Prendemos William no banheiro da Letitia. Viramos o armário na frente da porta, arrancamos o fio do telefone e trancamos a porta do corredor. Um dos grandalhões estava lá com ele, então acho que não vai demorar muito para arrebentar a porta, mas conseguimos fugir do solar sem que ninguém nos visse.

— E Woody?

— Tive que abandoná-lo — disse George, com tristeza. — Estava preso atrás daquele monte de limusine... Letitia que viu quando foi lá fora hoje à tarde. Mas esse aqui ainda estava estacionado na frente da casa.

— Estava com as chaves na ignição e tudo — acrescentou ela, e seu tom de voz sugeria: “Um presente da Divina Providência.”

Acreditando ou não, Atticus concluiu que havia certas vantagens em fugir no Daimler. Nenhum dos aldeões veio interpelá-los quando eles passaram pelos chalés. Os cães nem latiram.

— É, mas eu vou sentir falta daquele carro — disse George. — Quando chegar em casa, talvez eu consiga trocar este por um Packard novo.

— E como você vai fazer isso? — perguntou Montrose. — Por acaso tem contatos no submundo que eu desconheça?

— Talvez eu possa ajudar com isso — disse Letitia.

Ela fez uma curva fechada à direita em direção à ponte.

O motor morreu no meio da curva. Não engasgou nem falhou, apenas morreu. Enquanto o carro reduzia até parar de frente para a ponte, Letitia levou a mão à ignição e girou a chave. Nada.

— Que diabo aconteceu? — exclamou Montrose.

Olhando para a extensão da ponte, eles viram as lamparinas que pendiam, em pares, dos ganchos de metal. Eram cinco, e então quatro, pois o par mais distante acabara de se apagar. Um instante depois, o par seguinte também se apagou, dando a impressão de uma onda de escuridão que avançava, vinda do Bosque.

No momento em que ela engolfou o terceiro par de lamparinas, ficou

evidente que era mais do que uma ilusão de ótica. Os faróis altos do Daimler ainda funcionavam, e dava para ver que o feixe de luz chegava ao centro da ponte, até desaparecer, de repente, na escuridão.

Letitia largou a ignição. A escuridão parou de avançar, mas pareceu se tornar mais material enquanto se acomodava no meio da ponte, uma bolha de sombra viva que impedia a fuga deles. “Gênesis 2:19”, pensou Atticus, atordoado. “Adão se esqueceu de um.”

— *Inferno!* — exclamou Montrose.

Ele se debruçou por cima do banco, pegou o revólver das mãos de George e abriu a porta.

— Pop, espera! — disse Atticus, pensando que ele pretendia atacar a coisa na ponte.

No entanto, ao sair do carro, o pai dele foi para a direção contrária. Atticus se virou no banco para olhar pelo vidro de trás.

Caleb Braithwhite estava descendo a trilha que vinha do solar. Caminhava devagar, sem pressa, e embora estivesse a uma distância considerável, Atticus conseguia ver o rosto dele muito bem, como se houvesse uma luz sobre ele. O jovem sorria.

Atticus praguejou. Abriu a porta e tropeçou, mas, no instante em que ficou de pé, suas pernas ficaram presas ao chão, como se tivesse pisado em cimento de secagem rápida.

Seu pai não avançara muito; estava a menos de quatro metros da traseira do Daimler, inclinado para a frente, como se enfrentasse um vento forte, e seu braço direito estava totalmente esticado. Com a arma apontada, o cão puxado e o dedo no gatilho. Mas ele não atirou — ou não conseguiu atirar.

Caleb Braithwhite continuou vindo em sua direção, sem fazer qualquer tentativa de sair da linha de tiro. Atticus se abaixou, tentando puxar uma das pernas paralisadas com ambas as mãos. Não conseguiu fazer com que elas se movessem. Atrás dele, ouviu Letitia e George dentro do Daimler, batendo no vidro das portas da frente.

Caleb parou na frente de Montrose, sorrindo para o cano do revólver. Atticus rezou para que ele tentasse puxar a arma e apertasse o gatilho, mas quando Caleb, enfim, tocou a arma, ele teve o cuidado de prender o cão com o polegar para impedir que ela disparasse, e torceu a arma para o lado.

Então o jovem segurava a arma e abriu o cilindro para ver se estava carregada. Fechou-o. Engatilhou-a outra vez.

— Não — disse Atticus. — Não!
Caleb olhou de relance para Atticus e falou:
— Eu avisei a você. Consequências.
Apontou a arma para o peito de Montrose e puxou o gatilho.

* * *

Era manhã de novo.

Atticus, de vigília ao lado da cama do pai, foi acordado de seu torpor pelo cantar do galo no vilarejo. Inclinou-se na direção da cama, confirmou que Montrose ainda estava respirando e então, tirando o lençol, ficou olhando o peito do pai subir e descer à luz cinzenta da alvorada.

Não havia nenhuma ferida.

Atticus ainda tinha dificuldades de aceitar aquilo. Vira e ouvira a arma disparar e o pai desmoronar no chão. Criados vieram correndo da confraria, e Atticus, delirando de ódio, lutara tanto quanto pudera contra eles, mas, estando com as pernas presas, fora logo sobrepujado. Ele e os demais foram carregados de volta à ala leste e trancados na suíte dupla. Recuperada a capacidade de se mexer, Atticus gritara para que George e Letitia trouxessem água e toalhas. Contudo, ao rasgar a camisa do pai, não encontrara o desastre anatômico que esperava, mas pele e ossos intactos, sob os quais o coração do pai ainda batia forte.

A princípio, ele não acreditara — tinha visto a arma disparando, à queimadura — e, desesperado, rolara o corpo do pai de um lado para outro, procurando o ferimento a bala que não estava lá.

Nenhum ferimento. Nem buraco de bala ou queimadura de pólvora na camisa. E o único sangue vinha dos próprios nós dos dedos de Atticus, em carne viva.

Com toda aquela movimentação, Montrose abrira os olhos e mandara que o deixassem em paz, garantindo estar bem — embora parecesse tão estupefato quanto o filho. Tentara se sentar, mas uma dor repentina e lancinante fizera com que voltasse a se deitar. Reunindo forças, ele ainda tentou outra vez, e até conseguiu ficar de pé antes que a agonia da bala fantasma em seu peito o fizesse desmaiar. Atticus conseguira ampará-lo e o

trouxera de volta para a cama, enquanto se conformava com aquele milagre de dois gumes: seu pai estava vivo. Mas não podia sair do lugar.

Atticus estava cobrindo o pai outra vez quando Montrose começou a piscar, despertando.

— Oi, Pop — disse Atticus, com suavidade, mas pronto para segurá-lo caso ele tentasse se levantar.

Montrose, contudo, aprendera a lição: mudou de posição no colchão, mas continuou na horizontal.

— Eu estava sonhando com a sua mãe — disse ele.

— É? Foi um sonho bom?

— Pelo menos ela não disse “eu bem que avisei”. — Montrose virou o rosto com cautela, olhando o quarto ao seu redor. — Onde estão George e Letitia?

— No quarto do George — respondeu Atticus, apontando a porta que dava no quarto contíguo.

— Eles estão bem?

— Letitia está com o olho roxo porque brigou com o cara que a carregou para dentro, e George também está um pouco machucado. Fora isso, estão bem.

Montrose virou o rosto para ele outra vez.

— Já tentou arrebentar aquela janela ali?

— Não vamos embora sem você, Pop.

— Você podia, pelo menos, tirar a garota daqui.

— Se você acha que é capaz de convencer Letitia a fugir, eu vou lá acordá-la agora mesmo.

— Não. Acho que esse não é um dos meus pontos fortes, convencer as pessoas a fazer alguma coisa. — Ele franziu o cenho, olhando para o filho. — Sabe o que Braithwhite pretende fazer com você?

— Não sei os detalhes específicos. Mas dá para adivinhar.

Montrose assentiu.

— Ele vai conjurar um dos membros do Klan Ancestral. E provavelmente um bando de *shiggoths* também. E você será o sacrifício.

— Que bom que você está se sentindo bem o bastante para fazer piadinha com isso, Pop.

— Bom, eu não disse que estou feliz com a situação. Mas com o tanto que li daquelas suas histórias, já sei como isso vai terminar. O grande mago e

seus asseclas também serão devorados. Ou vão acabar loucos.

— Em geral é assim — concordou Atticus. — Mas, quando conversei com ele, Braithwhite não parecia muito preocupado. Talvez ele saiba o que está fazendo.

— O pai é um idiota. Ali o perigoso é o filho. Se tiver a oportunidade de empurrar o cara no abismo, não hesite.

Meia hora depois, Montrose tinha acabado de adormecer de novo quando Atticus ouviu o barulho da chave na porta do corredor. Era Caleb Braithwhite. Estava sozinho.

— Você está aqui para me levar lá para cima? — perguntou Atticus, em voz baixa.

— Não. — Braithwhite ficou parado à porta e, embora não estivesse desconfortável, parecia não querer se intrometer. — Ainda temos algumas horas até o ritual acontecer. Meu pai e os outros membros ainda estão debatendo sobre o momento certo para realizá-lo.

— A hora faz diferença?

— Meu pai acha que não, mas Pendergast e alguns outros têm fortes convicções a respeito de teorias astronômicas conflitantes. Então eles estão tomando café da manhã e discutindo esses detalhes. Se eles não se matarem até lá, imagino que venham buscar você por volta do meio-dia.

— Só eles? — perguntou Atticus. — Você não estará lá?

— Não. Recebi ordens de ficar fora da propriedade até que o ritual esteja terminado.

— Isso é para preservar a linhagem da família caso algo dê errado? Ou eles só querem fazer as coisas de adulto sem você agarrado nas pernas deles?

— Um pouco dos dois. Eu vim me despedir... e pedir desculpas. — Ele inclinou o rosto na direção de Montrose, que dormia. — Eu sinto muito pelo que aconteceu, de verdade.

— Sei, eu vi como você estava chateado ao puxar o gatilho ontem à noite.

— Eu só fiz o que tive que fazer. Eu já disse...

— Nem precisa ficar gastando saliva com isso. Quer fazer a coisa certa? Leve Letitia com você. George também, se puder.

— Não posso.

— Você sabe que não tem nenhum motivo para continuar prendendo os dois aqui. Eu não vou causar mais problemas, não com Pop desse jeito.

— Você *provavelmente* não vai causar mais problemas — admitiu

Braithwhite —, mas eu tenho certeza de que o mesmo não vale para Letitia se eu tentar levá-la embora sem você. E as ordens do meu pai foram explícitas: eu vou embora. Só eu.

— Então não temos mais nada a dizer um ao outro.

— Tudo bem — assentiu. — Então eu vou embora.

No entanto, ele hesitou com a mão na maçaneta e disse:

— Vou mandar trazer o café da manhã.

— Nem precisa se dar ao trabalho.

— Não, confie em mim, é melhor você comer alguma coisa — declarou Caleb Braithwhite. — Vai ser melhor se você estiver com as energias repostas, para o ritual. E nunca se sabe, cada refeição pode ser a última... Isso vale para todos nós.

* * *

Atticus estava pronto quando vieram buscá-lo. Tinha engraxado os sapatos, vestido uma calça nova e uma camisa branca limpa, e suas mangas estavam dobradas como se ele estivesse pronto para fazer trabalho braçal.

William, que destrancou a porta, sorria como se estivesse ali para acompanhar Atticus para o almoço. Atrás dele, no corredor, os demais criados — alguns dos quais ainda machucados da noite anterior — foram menos simpáticos.

Atticus olhou para o pai uma última vez, e para George e Letitia, que estavam ao lado da cama.

— Cuidem uns dos outros, está bem? — disse ele. — Rezem por mim.

O lugar onde aconteceria o ritual era um espaço retangular amplo bem no meio do terceiro andar. Embora não tivesse janelas, havia uma claraboia e umas seis arandelas nas paredes com lâmpadas potentes. A julgar pelos arranhões no chão e por vários outros indícios, Atticus supôs que a sala fosse uma oficina que normalmente estaria apinhada de móveis e equipamentos pesados. No entanto, haviam removido tudo o que não era crucial ao evento em questão.

Na parte leste do cômodo havia uma única porta, em pé no meio do nada. As vigas de madeira que compunham os alizares haviam sido talhadas com

letras de um alfabeto estranho, que Atticus supunha que formassem palavras com algum tipo de poder. A porta em si era preta e lustrosa, com dobradiças e maçaneta prateadas.

Tinham desenhado um círculo no chão ao redor da porta em giz branco com uns salpicos prateados. Havia uma abertura no arco oeste do círculo da qual se estendiam duas linhas paralelas, formando um caminho de uns trinta centímetros de largura que se conectava a um outro círculo na outra ponta da sala. O segundo círculo continha um dispositivo curioso: um cilindro prateado que ia até a altura da cintura, tampado com um pedaço grande de cristal transparente.

No meio do caminho entre a porta e o cilindro, logo abaixo da claraboia, havia um terceiro círculo, com mais letras estranhas espalhadas ao longo de sua circunferência, e no centro havia um símbolo grande que se assemelhava a uma estrela de cinco pontas meio deformada; suas linhas eram curvas, e Atticus pensou que parecia um pentagrama tradicional distorcido por um campo magnético. A alusão ao magnetismo não fora gratuita — o conjunto de círculos o fazia se lembrar de um diagrama de circuito, e ele já estava adivinhando como seria o ritual. A porta se abriria, deixando entrar alguma força ou energia do Além. O cilindro, que devia ser uma espécie de capacitor, a capturaria. Para completar o circuito, era necessário um condutor: para impulsionar a energia para a frente, para direcioná-la ao lugar certo e... para queimar, como um fusível, se ela acabasse se mostrando poderosa demais para ser contida.

— Você quer que eu fique ali — declarou Atticus.

— Isso — confirmou Samuel Braithwhite.

Mesmo trajando a beca cerimonial, ele ainda parecia mais mundano que mágico, como um professor de Harvard que não sabia onde tinha guardado o capelo. Os outros Filhos de Adão, vestidos da mesma maneira, estavam mais afastados, reunidos atrás do círculo que continha o cilindro — o que, por acaso, era o local mais próximo da saída. William e os demais serviçais tinham sido dispensados, com ordens de esperar lá embaixo. Atticus se perguntou se algum deles tivera o bom senso de correr para longe dali.

— Também será necessário que você recite uma invocação — disse Braithwhite.

Gesticulou para um dos Antenautas que pareciam mais nervosos, e o homem se adiantou, trazendo um rolo de pergaminho e desenrolando-o para

mostrá-lo a Atticus, que falou:

— Não sei ler isso. Nem sei que língua é essa.

— É o idioma de Adão — respondeu Braithwhite. — Todo mundo sabe lê-lo. Você só precisa se lembrar.

— Se você diz... O que vai sair daquela porta?

— Luz. A primeira luz da criação.

— A primeira luz da criação — repetiu Atticus. — E o que ela vai fazer comigo?

Preston bateu com a bengala no chão e gritou:

— Tempo!

— Você vai descobrir logo, logo — falou Braithwhite a Atticus. — Agora entre aí.

Enfezado pelo tom de Braithwhite, mais uma vez Atticus cogitou derrubá-lo no chão e socá-lo, mas àquela altura ele já sabia que seus punhos não o obedeceriam caso tentasse. Além disso, tinha que pensar no pai, e também em George e Letitia; a única esperança deles dependia da colaboração de Atticus.

Então ele entrou no círculo.

— Vire para a porta — ordenou Braithwhite — e estenda as mãos à frente.

Atticus ergueu as mãos lado a lado. Braithwhite tirou uma faca de dentro de sua beca e deu um corte atravessado em cada palma. A lâmina estava tão afiada que o sangue começou a verter antes mesmo que Atticus sentisse dor.

— Tempo! — gritou Preston, de novo.

Um dos Antenautas tocou uma corneta, uma nota prolongada e estridente que reverberou na coluna de Atticus. O sangue escorria de suas mãos e se derramou no chão, e as gotículas correram como mercúrio para as linhas curvas do pentagrama, sendo, então, absorvidas por elas. O pentagrama parecia sorver também a luz do sol do meio-dia que entrava pela claraboia e começou a brilhar.

Braithwhite, que segurava um pedaço de giz prateado, agachou ao lado do círculo. Fez um único traço em uma das letras, transformando-a em outra, e Atticus sentiu a paralisia tomar conta de suas pernas outra vez. Braithwhite assentiu para seu assistente, que entregou o pergaminho a Atticus. Ele o pegou, mas ainda não conseguia compreender a invocação.

Então, Braithwhite se levantou e caminhou apressado dando a volta por trás da porta e saindo do outro lado do círculo que continha Atticus. Ao

segundo soar da corneta, ele abaixou e mudou outra letra. Conhecimento invadiu a cabeça de Atticus como uma enxurrada, e ele percebeu que conseguia ler as palavras no pergaminho e ouvi-las em sua mente. No entanto, quando tentou pronunciá-las em voz alta, algo segurou sua língua; uma sensação como a de um dedo invisível pressionado contra seus lábios.

— Tempo! — gritou Preston. — Tempo!

A corneta soou outra vez, e Braithwhite fez um terceiro risco com giz. Atticus abriu a boca.

Quando começou a falar, percebeu que Braithwhite e seu assistente iam apressados para perto dos outros Antenautas. Mas conforme Atticus recitava as palavras de poder, a sala ao seu redor pareceu se dissipar, até restar apenas a porta à sua frente e os traçados brilhantes no chão.

Uma luminosidade surgiu ao redor dos contornos dos alizares, com uma tonalidade que Atticus nunca tinha visto e que não teria sido capaz de descrever, mas que, ao mesmo tempo, era intimamente familiar. Conforme ela foi ficando cada vez mais intensa, Atticus percebeu que sua própria compreensão foi se expandindo. “Ah”, pensou ele, no instante em que a maçaneta começou a estremecer e a girar. “Ah, agora eu entendo.”

Pouco tempo depois de ter sido destacado para a Coreia, Atticus fora a uma missa de domingo no acampamento. O capelão habitual da unidade estava na prisão militar, assim como vários outros negros, acusados de provocar uma briga com alguns soldados brancos, que haviam se recusado a frequentar a mesma barraca durante a missa. O capelão substituto tomou para si a tarefa de passar um sermão nos negros alistados no 24º Regimento de Infantaria sobre a importância da tolerância racial. Disse que eles deveriam se esforçar para viver na terra da mesma maneira que fariam no céu. Na casa do Senhor, eles se desfariam de seus corpos mortais; não haveria mais raça, nem homem e mulher, apenas almas puras, unidas em Deus.

A reclamação óbvia a respeito desse sermão fora que ele se destinara à congregação errada. Não haviam sido os soldados negros que desafiaram a ordem de dessegregação do presidente Truman — e tampouco haviam começado a briga por causa da barraca da missa, a despeito do que declarara a polícia militar. No entanto, alguns dos camaradas de Atticus também implicaram com a teologia do capelão.

— Não há homens nem mulheres no céu? — resmungara um soldado atrás

dele. — Se eu não for mais homem, qual é a diferença entre isso e só estar *morto*?

Agora Atticus tinha a resposta, e também a resposta à pergunta que fizera a Samuel Braithwhite. Um filósofo natural experiente poderia ter alguma chance de sair com vida da exposição à luz da criação em seu estado bruto, mas Atticus seria aniquilado por ela. Desassociado de sua identidade, de tudo o que constituía quem ele era: desprovido não apenas de sua masculinidade, mas também de seu nome. Seria como morrer, mas uma aniquilação positiva em vez de negativa. Um retorno às possibilidades infinitas da condição primordial.

Aniquilação positiva. Aquela perspectiva o assustava menos do que seria de se esperar, e ele até podia compreender como, para determinado tipo de pessoa, aquele destino não seria nem um pouco assustador — muito pelo contrário, seria desejável.

Para determinado tipo de pessoa. Mas não para Atticus. Ele gostava de quem e do que era. Sempre gostara. Era com as demais criaturas de Deus que, de vez em quando, ele tinha problemas.

E então, porque ele não buscava o esquecimento, e também porque não estava pronto para morrer, ele levou a mão à manga dobrada da camisa e tirou o pedacinho de papel que estivera escondido ali. A nota anônima que havia sido entregue junto ao café da manhã.

“Para Atticus”, estava escrito. “Uma reviravolta na história. Quando for capaz de ler isto, leia:” e se seguiam três palavras no idioma de Adão.

“Tempo”, pensou Atticus.

Ele as pronunciou em voz alta, e o padrão iluminado no chão se transformou. O círculo ao redor da porta se partiu, e o caminho entre os círculos se desmanchou. O círculo que envolvia Atticus se fechou, e bem na hora: a porta estava se abrindo.

Um véu de escuridão protetora cobriu os olhos de Atticus, agindo como um escudo contra a luz que o teria calcinado ali mesmo. A mente dele, percebendo que a obscuridade era boa, decidiu se entregar a ela.

Enquanto perdia a consciência, ouviu os Filhos de Adão gritando.

Quando a escuridão se foi, ele estava encolhido no chão. As feridas nas mãos, curadas, restando apenas cicatrizes leves. De resto, ele saíra ileso.

O mesmo não se podia dizer do resto da sala. As tábuas do assoalho fora do círculo protetor estavam empretecidas e carbonizadas, assim como as paredes e o teto. O portal mágico e o capacitor tinham virado escombros queimados e derretidos, e a claraboia não passava de um buraco no telhado.

Quanto aos Filhos de Adão, estavam mais para Filhos de Pompeia: estátuas de cinzas, congeladas em poses de horror. Então Atticus se levantou e a vibração provocada por seus passos foi o suficiente para causar a desintegração final. Rendendo-se à entropia, os Antenautas ruíram, transformando-se em pilhas de poeira branca.

Atticus tentou não sujar os sapatos a caminho da saída.

* * *

Encontrou George, Letitia e o pai no saguão. Estavam ao lado das malas, e pareciam turistas insatisfeitos fazendo o check-out, claramente arrependidos com a escolha de hospedagem, abalados mas inteiros.

— Pop! — exclamou Atticus. — Você está bem?

Ao que Montrose respondeu dando de ombros, emburrado.

— William ligou para o nosso quarto uns minutos atrás e disse que podíamos ir embora — explicou George. — Quando os criados vieram destrancar as portas, Montrose já estava de pé, novinho em folha.

— E o que aconteceu com o sr. Braithwhite e a Ordem? — perguntou Letitia — Eles estão...

— Mortos. Todos eles. — Atticus olhou para o pai. — Braithwhite filho orquestrou um golpe.

— Eu avisei — falou Montrose, assentindo.

— E agora, como nós ficamos? — perguntou George.

Ouviram um carro se aproximar da porta da frente e foram ver. Era William, trazendo o Packard de George da garagem. Os vidros quebrados tinham sido trocados, e o veículo tinha sido tão encerado e polido que parecia novo.

— Sr. Turner! — exclamou William, eufórico, ao sair do carro. — Estou

tão contente de ver que o senhor saiu intacto de seus percalços.

— É, eu também — respondeu Atticus. — Belo trabalho no conserto.

— Tudo obra do sr. Braithwhite. Ele cuidou disso pessoalmente hoje de manhã antes de ir embora. Pediu que eu desse um recado: ele lamenta muito não ter podido estar presente para se despedir dos senhores e se desculpa, mais uma vez, por todos os infortúnios pelos quais passaram. O sr. Braithwhite espera que aceitem isto como prova de suas mais sinceras desculpas: caixas de livros para o senhor e seu tio. E para o senhor, sr. Turner — disse William, dirigindo-se a Montrose —, uma cópia de todos os dados genealógicos que o sr. Braithwhite conseguiu coletar sobre a família de sua falecida esposa. Srta. Dandridge, tomei a liberdade de embalar seus vestidos. Sr. Berry, além de consertar seu carro, o sr. Braithwhite acrescentou uma customização que, acredita ele, o senhor vai apreciar.

— Que tipo de customização? — indagou George.

— Um toque de imunidade. Daqui para a frente, o senhor perceberá uma propensão muito menor a se tornar alvo de confusões na estrada. É provável que autoridades policiais, em especial, passem a tratá-lo como se o senhor fosse invisível.

— Então George pode andar acima do limite de velocidade e sair impune? — perguntou Montrose. — Isso é possível?

— Sim, senhor. Confesso que ignoro como o mecanismo funciona, mas o sr. Braithwhite também o usa em todos os seus carros. É muito útil quando ele está com pressa... Ou quando não consegue encontrar um lugar onde seja permitido estacionar.

— E o xerife Hunt? — perguntou Atticus. — Somos invisíveis para ele também?

— De certa forma, sim — respondeu William. — Que eu saiba, o xerife está muito ocupado contratando novos delegados. Ele já se esqueceu completamente daquele encontro com os senhores, e isso continuará esquecido desde que não o encontrem de novo. Para isso, depois que saírem daqui, queiram pegar a esquerda sempre que encontrarem uma bifurcação. Depois da terceira esquerda, os senhores já terão saído do Bosque, e do condado de Devon, sem ter que passar por Bideford.

— E então é só isso? — indagou Atticus. — Voltamos para casa, e pronto?

— A não ser que prefiram outro destino, sr. Turner.

Olhando para além de Atticus, William ergueu a mão e estalou os dedos.

Os criados vieram da confraria carregando a bagagem.

— Mas e o sr. Braithwhite? — perguntou George, uma vez que as malas já estavam no carro.

— O sr. Braithwhite? O que tem ele, senhor?

— Acho que meu tio está querendo saber quais são os planos do sr. Braithwhite — esclareceu Atticus. — Agora que ele é o senhor do solar.

— Pode ter a certeza de que eu não sei, sr. Turner. Como declarei quando nos conhecemos, eu cuido da casa do sr. Braithwhite, não de seus negócios.

— E, como eu disse, acho que você sabe demais sobre os negócios dele. Meus “percalços”, por exemplo... Eu não teria sobrevivido se não fosse pelo bilhete que você me entregou.

— Isso foi obra do sr. Braithwhite, sr. Turner. Eu só estava seguindo as instruções dele. — William hesitou, pensativo. — Talvez eu mereça o crédito por saber escolher *qual* sr. Braithwhite apoiar... Mas a escolha não foi difícil. — Ele sorriu. — Bem, tenho muito o que limpar, portanto, com sua licença. Desejo aos senhores uma boa viagem.

Com isso e uma mesura final, ele se apressou para dentro da confraria, fechando as portas em seguida.

Os quatro ficaram ali, sob o sol da tarde, pensando: “Dispensados.”

— É sempre a mesma coisa — disse Montrose. — Não importa o que eles tenham feito a você, depois é como se nada tivesse acontecido. A gente tem é que ficar agradecido por ainda estar respirando.

— Bem, eu estou mesmo agradecido por isso — admitiu George, e então foi até o carro e correu a mão pelos painéis de madeira. — Imunidade. Ora essa.

— Teremos que experimentar isso no caminho de volta para a casa do Marvin — disse Letitia. — Eu ficaria feliz em dirigir se você quisesse.

George gargalhou.

— De jeito nenhum — retrucou ele. — Eu vou primeiro.

Letitia e Montrose foram na frente com ele. Atticus se espremeu entre as malas e os presentes de despedida de Braithwhite, de modo que pudesse ficar olhando pelo vidro de trás enquanto o carro seguia viagem.

Ficou observando a sede da confraria até perdê-la de vista. Depois que cruzaram a ponte e entraram no Bosque, vigiou a estrada, procurando qualquer vestígio prateado entre as curvas e meandros atrás deles. Não viu sinal do Daimler de Braithwhite, mas quando eles chegaram à terceira

bifurcação na estrada, teve um vislumbre de uma sombra imensa se movendo por entre as árvores, ao longe. “Veio dizer adeus?”, pensou Atticus. “Ou é só um até logo?”

A pouco mais de um quilômetro e meio, eles passaram por uma placa informando que estavam saindo do condado de Devon.

— Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo — disse Letitia.

George acrescentou:

— Aleluia.

Enquanto Montrose murmurou:

— Já vai tarde.

Atticus não disse nada, só se virou para a frente e tentou acreditar que a terra em que estavam entrando era diferente daquela que deixavam para trás.

A CASA ASSOMBRADA DOS SONHOS



Nenhuma parte das instalações supracitadas deverá, sob qualquer hipótese, ser usada ou ocupada direta ou indiretamente por negro ou negros, restrição esta que não deverá impedir a ocupação, durante o período em que estiver empregado, de alojamentos para zeladores ou choferes no porão, em um celeiro ou garagem nos fundos da propriedade, ou em alojamentos à parte para criados... Nenhuma parte das instalações supracitadas deverá ser vendida, cedida, transferida ou alugada a negro ou negros, e fica vedada a permissão ou licença de uso ou ocupação a qualquer negro, exceto a criados domésticos, zeladores ou choferes empregados nas instalações supracitadas conforme referido acima.

“Formulário Padrão, Convenção Restritiva”, elaborada para a junta imobiliária de Chicago por Nathan William MacChesney, da Comissão de Planejamento de Chicago, 1927.

O verão se aproximava do fim quando Letitia recebeu a bênção pela qual estivera esperando. Àquela altura, a provação de Ardhham já parecia uma lembrança distante. Certas vezes, conforme junho virava julho, e julho virava agosto, ela até chegara a se perguntar se não estaria errada ao acreditar que Deus tinha um propósito especial para ela. Talvez o mérito de ajudar Atticus a encontrar o pai devesse ser a própria recompensa — além, é claro, de voltar para casa viva.

Se aquele fosse o caso, ela aceitaria de bom grado e com a maior gratidão. Por mais que seu irmão Marvin dissesse o contrário, Letitia não era boba de acreditar que Deus lhe devia alguma coisa. No entanto, ela também sabia que o Senhor faz as coisas no próprio ritmo e que às vezes a paciência é parte do preço que Ele exige para nos conceder o que Ele deseja que tenhamos.

Quando a bênção enfim chegou, era tudo o que Letitia desejara, e ainda mais. Contudo, Letitia estivera errada sobre uma coisa: sua provação ainda não terminara.

* * *

Ela foi até a Agência de Viagens do Negro Precavido no mesmo dia em que depositara o cheque. George estava sozinho no escritório, revisando as provas

da edição de outono do *Guia*. Letitia foi direto ao ponto.

— Mercado imobiliário — disse George. — Você ganhou na loteria?

— Mais ou menos. Recebi uma carta registrada semana passada. — Na verdade, o envelope estava endereçado a “Srta. Dandridge” e, como Letitia estava na casa de Ruby, seria de se supor que a carta era, na verdade, para a irmã dela, mas Letitia estava sozinha naquela manhã e foi vencida pela curiosidade. — A carta era de um advogado. Ele disse que recebeu um dinheiro de alguém que fazia negócios com meu pai e queria pagar uma dívida antiga.

No caso de Warren Dandridge, “fazer negócios” significava “apostar”. O pai de Letitia ganhava a vida com as cartas: pôquer e *gin rummy*, principalmente, embora jogasse qualquer coisa que pudesse vencer.

— Já sei o que você está pensando — disse Letitia.

— Não estou pensando nada, querida. Sempre tive o maior respeito pelo seu pai.

— Eu sei. Mas você seria tolo se não pensasse no que pensou. Papai não era trambiqueiro, mas andava com trambiqueiros. Ruby queria queimar a carta.

— Mas você foi contra, não foi?

— Eu tive que ir lá saber. — Na esperança de que, mesmo que fosse um golpe, ela talvez conseguisse, de alguma forma, virar o jogo a seu favor. — O escritório do advogado ficava num prédio chique na rua LaSalle. Os seguranças nem me deixaram entrar no saguão.

Ela foi obrigada a usar o elevador de serviço e achara aquilo tranquilizador. Bancar o difícil era um velho truque de golpistas, mas um advogado branco em um prédio de gente branca já era trabalho demais para enganar alguém, e ela achava que os amigos do seu pai não teriam respeito suficiente pela inteligência feminina para se esforçar tanto.

— O advogado disse quem era essa pessoa que fazia negócios com seu pai? — perguntou George.

— Não. Afinal de contas, foi por isso que ele procurou um advogado... Queria permanecer anônimo.

— Hum.

— Eu sei. Assim que ele me disse isso, tive certeza de que ele ia me pedir um adiantamento em dinheiro ou cobrar algum tipo de taxa. Mas ele não queria nada, nem a minha assinatura. Eu só tive que mostrar minha

identidade, e ele me entregou um cheque.

— De quanto foi o cheque?

— Não conta para ninguém?

— É claro.

Ela disse o valor.

— Ora, ora — disse George. — Com essa quantia, você poderia, de fato, comprar um apartamento... pequeno, mas ainda assim. Se...

— É claro, isso se o cheque tiver fundo, o que vou descobrir logo. Nesse meio-tempo, estou aqui porque quero mais do que só um apartamento.

— Uma casa?

Ela hesitou, sem saber ao certo como explicar o que desejava.

— Um *lugar* — disse Letitia, por fim. — Com mais espaço para mim e para Ruby, assim não ficaremos o tempo inteiro passando uma por cima da outra, com um quarto para quando Marvin vier nos visitar e uns quartos extras para alugar...

George sorriu.

— Você quer ser proprietária de um prédio?

— Sei que não é nada glamoroso. Mas é, acho que é isso mesmo. — Letitia olhou ao redor, avaliando o escritório. — Talvez com espaço para que eu pudesse ter meu próprio negócio...

— Bem, eu admiro a sua ambição, mas mesmo que você possa pagar a entrada de um imóvel desse tipo, sabe que nenhum banco vai te conceder uma hipoteca.

Letitia assentiu. Para os negros, era quase impossível obter uma hipoteca, uma vez que bancos não gostavam de investir em vizinhanças negras ou que corressem o risco de se tornar negras. Quando se tratava de crédito imobiliário, a maior parte dos negros era forçada a aceitar contratos de financiamento com garantia de imóvel. O plano de pagamento era parecido com o da hipoteca, mas a propriedade não passava para o nome da pessoa até que a dívida estivesse quitada — e em caso de inadimplência, mesmo que fosse da última parcela, a pessoa perdia tudo o que havia investido. A parte boa era que qualquer um conseguia o financiamento: muitos vendedores ofereciam contratos a quem eles acreditavam que seria inadimplente, porque assim era possível lucrar pelos vários pagamentos de entrada feitos a um único imóvel.

— O outro problema — disse George — é encontrar um lugar. Você sabe

muito bem qual é a atual situação no quesito moradia.

— Bom, quanto a isso, pensei em tentar desbravar uma nova região.

— Você quer comprar um imóvel em uma vizinhança branca?

— Sei que você conhece gente que já fez isso. Como o sr. e a sra. Powell. Você não os ajudou a encontrar uma casa em East Woodlawn, numa época em que praticamente não havia negros lá?

— É, ajudei — admitiu George, com relutância. — Mas o que aconteceu com Albert e Thea serve mais como alerta do que como exemplo...

— Então me conta. O que aconteceu?

— Bem, isso já tem uns seis anos, foi logo depois que a Suprema Corte determinou a inconstitucionalidade de cláusulas restritivas de raça em convenções residenciais. Albert e Thea tinham um bom dinheiro guardado e estavam esperando para comprar uma casa havia séculos, então interpretaram essa decisão como um sinal para seguir em frente. Foi então que Albert veio me procurar, perguntando se eu conhecia algum corretor imobiliário de confiança.

“A questão é que a determinação da Suprema Corte garante apenas que as convenções restritivas racistas não se sustentem no tribunal, mas os proprietários ainda podem optar por segui-las. E a maior parte dos brancos jamais venderia uma casa para um negro, sob o risco de perder todos os amigos, salvo em situação de extrema necessidade. Então Albert precisou de um corretor que não se incomodasse em jogar meio sujo, além de uma pessoa branca para ser o testa de ferro.”

— Tipo, para comprar a casa para ele? Ele teve que pagar a alguém para isso?

— Geralmente é assim que funciona — respondeu George. — No caso de Albert, ele teve um pouco de sorte. A irmã dele é casada com um homem branco. Judeu, mas com traços germânicos, então ele conseguia se passar por luterano. Albert convenceu o cunhado dele a comprar a casa, usando o dinheiro de Albert e Thea, com o combinado de que a casa seria deles assim que a transação fosse concluída.

“O passo seguinte foi tomar posse. Mesmo com a Suprema Corte do lado deles, Albert e Thea tinham medo de que os novos vizinhos impedissem a mudança. Então, eles a fizeram na surdina: foram à missa de sábado à noite, pediram proteção a São Judas Tadeu e se mudaram na manhã seguinte, enquanto os vizinhos estavam em suas respectivas igrejas. Assim que

descarregaram o caminhão, Albert ligou para a polícia da região para avisar que havia um casal de negros morando na jurisdição e que provavelmente precisaria de proteção.

“Mas é claro que os policiais foram traíras e contaram aos vizinhos. Então, na segunda-feira de manhã, quando Albert e Thea saíram para trabalhar, todas as outras casas do quarteirão tinham placas dizendo SOMOS UMA VIZINHANÇA BRANCA — INDESEJÁVEIS, SAIAM DAQUI.

“Isso foi na segunda. Na terça à noite, alguém atirou um tijolo na janela da frente de Albert e Thea. Albert telefonou de novo para a polícia, que não fez nada; então ele ligou para a Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor e para a comissão de relações humanas da cidade. Eu também fiz as minhas ligações. No fim das contas, os policiais deixaram uma viatura na frente da casa. Não foi de grande ajuda, porque naquele primeiro ano eles tiveram trinta e nove ocorrências de vandalismo, incluindo duas tentativas de incêndio criminoso. O cachorro do Albert foi envenenado. E, é claro, ele e Thea não podiam ir nem até a esquina sem que as pessoas os insultassem...”

Letitia aquiesceu, entendendo o argumento que George estava tentando defender, mas afoita para contra-argumentar.

— Mas no fim eles ficaram com a casa, não é?

— Ah, ficaram. Albert ficou com os cabelos brancos depois de passar um ano sem dormir direito, e Thea teve um ataque cardíaco, mas eles ficaram com a casa... — George balançou a cabeça. — Você está mesmo considerando isso?

— Bem, George, não vejo por que o Senhor me daria essa oportunidade se não fosse para que eu a aproveitasse.

— E Marvin e Ruby? Eles são a favor?

O advogado deixara uma coisa muito clara: o cheque era para as *filhas* de Warren Dandridge, então Warren e seu ceticismo não tinham nada a ver com o assunto. Quanto a Ruby...

— São — respondeu ela. — São a favor, sim.

* * *

As palavras no painel de vidro jateado diziam HAROLD BAILEY, VENDEDOR DE

IMÓVEIS. Vendedor de imóveis, esse era o nome para agentes imobiliários negros. Não confundir com um *corretor* imobiliário branco, profissão na qual a associação nacional não aceitava negros. Havia também uns adesivos que indicavam que o sr. Bailey era membro da Maçonaria Prince Hall e da Ordem Melhorada dos Alces.

As luzes do escritório do sr. Bailey estavam apagadas, e a porta, trancada. Letitia, parada no corredor do terceiro andar junto a Ruby, tentava controlar sua impaciência.

Só de vista, ninguém diria que eram irmãs. Letitia, esguia e de pele clara, tinha puxado ao pai. Ruby, curvilínea e de pele escura, lembrava uma versão mais jovem de Momma — mas uma versão que podia ser influenciada. No entanto, sua maleabilidade não era infinita, pois havia nela um pouco da essência de Momma, o que, com o tempo, podia surgir de repente, como uma onda gigante no mar calmo. O truque era convencê-la antes disso. Até aquele momento, Ruby estava disposta a colaborar com o plano de Letitia, mas, se a reunião que tinham marcado aquela manhã tivesse que ser reagendada, talvez ela começasse a mudar de ideia.

— Ele *disse* nove horas...

— Bem, eu prometi à sra. Parker que estaria lá às onze e meia para tomar conta da Clarice — disse Ruby. — E eu *queria* dar uma passada antes na Mandel Brothers para procurar uns sapatos em liquidação, para aquela vaga em um bufê sobre a qual comentei outro dia.

— Não sei por que você quer arrumar um emprego novo. Agora que temos isto...

— Claro que não sabe. Você precisa aprender a manter *um* emprego estável antes de pensar em procurar um *segundo*.

— Agora eu *vou* ter um emprego, Ruby. É por isso que estamos aqui. Estabilidade!

— Sei, você vai ser senhoria na Rua Onde Tudo é Fácil. — Ruby suspirou. — Ainda dá tempo de doar esse dinheiro para a igreja.

— Ruby! — exclamou Letitia, horrorizada. — Você não *contou* a ninguém na igreja, contou?

— Não se preocupe, Tio Patinhas, não contei o seu segredo a ninguém.

— Acho bom. O papai ia querer que *nós* ficássemos com esse dinheiro.

Ruby deu uma risada seca.

— Como se você desse a mínima para a vontade do papai.

— Eu me importo, sim! E também me importo com você. — Letitia recebeu outro riso sarcástico como resposta. — Você quer passar o resto da vida morando em um quartinho minúsculo?

— Claro que não. Mas...

— E, por mais que você se mate de trabalhar, quando foi a última vez em que recebeu uma fortuna como essa?

— Nunca — respondeu Ruby. — E é por isso que sei que não posso confiar nela.

Uma porta se abriu no fim do corredor. As irmãs se viraram para o homem branco que viera falar com elas.

— Srta. Dandridge? — perguntou ele.

— Sou eu — respondeu Letitia, e então sentiu Ruby se irritar ao lado dela. — Nós duas, na verdade.

— Sou John Archibald. Amigo do sr. Bailey. Ele me pediu para avisá-las que não poderá encontrar com as senhoritas hoje...

— Ah.

— Ele também me explicou por que estão aqui. Eu mesmo posso atendê-las se quiserem.

Ao dizer isso, ele saiu para o corredor, afastando-se da porta o suficiente para que Letitia lesse CORRETOR IMOBILIÁRIO escrito no painel de vidro.

Ele notou a hesitação dela e disse:

— Mas é claro que, se a senhorita preferir esperar pelo sr. Bailey...

Ruby estava com a mão no cotovelo de Letitia, puxando de leve como se dissesse “Vamos embora”. No entanto, podia demorar mais uma semana até Ruby ter outro horário livre. Era tempo demais para se esperar.

— Você e o sr. Bailey — disse Letitia. — Vocês são só amigos, ou...

— Sócios — respondeu o sr. Archibald. — Sócios ocultos.

* * *

— Todas essas são vizinhanças brancas.

— Isso — confirmou o sr. Archibald. — O Hal me falou que esse era o interesse de vocês.

— Ninguém falou nada *comigo* de vizinhança branca — interpôs Ruby,

cravando o olhar em Letitia, que continuou folheando o fichário que o sr. Archibald lhes entregara.

— Tem uma coisa que não entendi sobre esses preços — falou Letitia. — Esses dois prédios aqui, por exemplo: são quase iguais em metragem quadrada e tamanho do terreno. Mas o primeiro é muito mais barato.

Ela lhe mostrou o catálogo.

— É uma questão de localização — explicou o sr. Archibald.

— Mas ficam na mesma rua.

— Mas em quarteirões diferentes. O primeiro imóvel fica em um quarteirão que ainda é inteiramente branco. Tenho certeza de que a senhorita sabe que pode ser difícil ser o primeiro negro a se instalar em um quarteirão...

— Nós não queremos nada difícil — disse Ruby. — Definitivamente não.

— ... então, neste caso, esse investidor que eu e Hal conhecemos concordou em aplicar o que chamamos de desconto do estreante. Depois dessa primeira venda, as seguintes são muito mais fáceis. Com o tempo, como é o caso desse segundo imóvel, a maré começa a virar, de modo que é possível que o quarteirão inteiro passe a ser propriedade apenas de negros em um ou dois anos.

— Muitas comissões para você — disse Letitia.

— Muitas comissões para mim e para o sr. Bailey. E muitos novos lares para famílias negras de bem.

Letitia aquiesceu.

— Muito justo.

Não era nada justo, mas Letitia não podia se dar ao luxo de se revoltar contra uma prática da qual ela mesma pretendia se beneficiar. O problema era que, mesmo com o desconto do estreante, ela não tinha certeza se conseguiria pagar pelo imóvel que desejava. E, por mais que o sr. Archibald se esforçasse para passar uma imagem de honestidade, ela não tinha dúvidas de que ele lhe venderia o imóvel e aceitaria seu pagamento de entrada mesmo achando que ela corria o risco de inadimplência.

Ela virou outra página.

— Tem algo errado aqui — disse, olhando o catálogo. — Impossível esse preço estar certo, não é?

O sr. Archibald se inclinou para ver qual era o imóvel a que ela se referia.

— Ah. A Casa Winthrop.

* * *

— Achei feia — sentenciou Ruby.

— Quando for nossa, você vai achar bonita — retrucou Letitia. — Da mesma forma que acontece quando as pessoas têm um bebê.

Meio-dia do domingo seguinte, e as irmãs, em suas melhores roupas de ir à igreja, estavam à frente de um edifício atarracado cuja fachada de tijolos imprimia todo o charme de uma escola pública. Contudo, o que mais interessava a Letitia era o interior. Olhando para cima, ela avistou o vidro da claraboia que, segundo o anúncio imobiliário, cobria um átrio de dois andares ladeado por quatorze outros cômodos. Quatorze. O apartamento em que Letitia e seus irmãos haviam crescido só tinha dois e um banheiro comunal que nem ficava no mesmo andar.

A Casa Winthrop compartilhava o quarteirão estreito com um finado bar e um terreno baldio coberto de mato que já abrigara um parque. O quarteirão ficava do lado oeste de uma rua com duas faixas. Ao lado leste tinha uma fileira de casas pequenas, todas residências para uma única família e com proprietários brancos. Na casinha bem à frente da Casa Winthrop, uma mulher estava sentada na varanda e acompanhara, inquieta e de cara feia, a aproximação de Letitia e Ruby.

— Além disso, fica bem mais longe do trabalho — disse Ruby.

— É, mas quando você chegar em casa, vai poder se espalhar e ficar confortável.

— Estou confortável no apartamento atual.

— Vai ficar mais confortável aqui — insistiu Letitia.

Ela ergueu os olhos outra vez, observando uma cadeira enferrujada completamente fora de lugar, empoleirada em um dos cantos do telhado.

— A vista deve ser boa. Será que dá para ver o rio?

Ela se virou, sorrindo, e encontrou a expressão hostil da mulher as observando.

— É, a vista é ótima — ironizou Ruby, também olhando para o outro lado da rua. — Tenho certeza de que vamos ficar *muito* confortáveis.

* * *

O sr. Archibald chegou alguns minutos depois. Tocou a aba do chapéu, cumprimentando a senhora branca e mal-encarada, e logo fez Letitia e Ruby entrarem.

Partículas de poeira flutuavam, iluminadas pelos raios de sol que banhavam o piso xadrez do átrio. Arcos à direita e à esquerda da porta da frente davam acesso ao que o sr. Archibald identificou como uma sala de jantar e uma sala de visitas, embora, dada a ausência de mobília, elas tivessem que se valer da palavra dele. Havia uma escadaria na parede à direita do átrio, que levava a um mezanino no fundo do cômodo, com mais portas nos andares de cima e de baixo.

Letitia se aproximou do objeto no meio do átrio, um elemento coberto por um lençol no centro de um círculo de mármore. O catálogo mencionava uma fonte, mas não ocorrera a Letitia que pudesse ficar dentro da casa.

— Posso? — perguntou ela.

— Fique à vontade — respondeu o sr. Archibald.

Letitia pegou uma das pontas do lençol e puxou, revelando uma divindade nua feita de cobre.

— Meu Deus — exclamou Ruby.

A estátua de bronze tinha os cabelos presos em uma tiara com uma lua crescente e segurava uma tocha imensa em cada mão, com chamas altas que iam além de seus ombros. Havia uma chave-mestra pendurada entre seus seios nus. Aos seus pés havia um cesto com cobras sibilantes, e canos de cobre que alimentavam a fonte compunham o corpo revolto das serpentes.

— Hécate — disse o solícito sr. Archibald. — Deusa da Lua.

— É, eu estou vendo mesmo a lua — observou Letitia, contornando a estátua até chegar à parte traseira.

Havia dois outros rostos brotando da parte de trás da cabeça de Hécate, como uma figura saída de um show de horrores, e, assim como as cobras, um coro de sapos com bocas de torneira, formava um montinho desagradável atrás dos calcanhares dela.

— Isso aí vai ter que sair.

— Posso conversar com o vendedor sobre isso, com certeza — falou o sr. Archibald —, mas, como expliquei ontem, os termos do contrato de compra determinam...

— É, eu sei, eu estava prestando atenção.

Como ela só seria proprietária do imóvel uma vez que ele estivesse

quitado, qualquer “alteração significativa” teria que ser aprovada pelo vendedor.

— Tem certeza de que eu não posso conversar com o vendedor pessoalmente?

— Não, infelizmente não.

O catálogo dizia que a Casa Winthrop era propriedade da Imobiliária Penumbra. Letitia supunha que era administrada pelo investidor amigo do sr. Archibald — ou mesmo pelo próprio Archibald. Toda e qualquer comunicação com a Penumbra teria que passar pelo agente imobiliário.

— Transmitirei a ele suas preocupações.

— Faça isso, por favor. — Letitia deu uma fungada. — O tipo de inquilino que pretendemos ter... famílias, pessoas de igreja... eles não vão gostar nem um pouco disso.

Enquanto falava, ela refletiu que, na verdade, os negros de South Side aguentariam coisas muito piores que ornamentos pagãos para garantir um teto sobre suas cabeças. “Mas eles não deveriam ser obrigados a aguentar nada disso”, pensou — e *ela* com certeza não tinha a menor vontade de ver Hécate nua todos os dias.

Voltou sua atenção para duas portas escuras, uma no mezanino e outra logo abaixo, ambas fechadas com grades sanfonadas.

— Aquilo é o elevador?

— É — respondeu o sr. Archibald. — O homem que construiu a casa, Hiram Winthrop, instalou por causa da esposa, que teve pólio.

— Ouviu isso, Ruby? — disse Letitia. — Pólio, que nem o Marvin.

— Marvin não tem o menor problema com escadas.

— Mas outras pessoas têm. Isso pode ser um ponto positivo na hora de alugar.

Ela estava pensando em velhinhos. Quietos. De fácil convívio. Que pagavam em dia.

— Na verdade, o elevador *precisa* de reparos — observou o sr. Archibald de um jeito tão delicado que deixou muito claro em quem recairia essa responsabilidade.

Ruby deu uma risada desdenhosa.

— Mas é claro. O que mais tem de errado com esta casa?

— A parte elétrica precisa de uma revisão. A energia está desligada, mas o último residente relatou que os fusíveis queimavam com bastante frequência.

Além disso...

— Espera aí — interrompeu Ruby. — Quero saber o que tem de *errado* com esta casa.

Ela o encarou, semicerrando os olhos: era Momma, emergindo lá do âmago de Ruby.

— Uma casa tão grande com um preço tão baixo, e você está disposto a vender para *nós*? — continuou ela. — Tem mais coisa aí além de uns fusíveis queimados. O que você está escondendo da gente?

O sr. Archibald hesitou. Sua expressão deixava claro que ele estava esperando justamente aquela pergunta e ficou até aliviado que o assunto tivesse vindo à tona. No entanto, parecia não saber muito bem como responder.

Letitia lhe poupou o trabalho e falou:

— É mal-assombrada.

— O quê? — perguntou Ruby.

— A casa é mal-assombrada. O que mais poderia ser? — Ela encarou o sr. Archibald, que, calado, assentia. — Então, quem é o fantasma? A sra. Winthrop? Ela fica indo e vindo de cadeira de rodas pelos corredores à noite?

— Sinceramente não sei — disse o sr. Archibald. — Eu...

— Espere aí — interrompeu Ruby. — Então é *verdade*?

— Só ouvi histórias. — O sr. Archibald ergueu a mão, como quem faz um juramento. — Eu mesmo nunca testemunhei nenhum fenômeno, e também não acredito nessas coisas. Mas é verdade que alguns dos residentes anteriores relataram alguns... incidentes. Baques surdos à noite. E todas as últimas tentativas de vender terminaram com os compradores desistindo do imóvel.

— E quando o senhor pretendia nos dar essa informação?

— Srta. Dandridge, por favor, entenda que eu não estava omitindo nada, mas é que me considero um homem racional. Eu não acredito em...

— Sem problema — disse Letitia. — Não temos medo de gente morta.

— Letitia!

— Só mais uma coisa... Agora que estamos sabendo disso, o senhor acha que o proprietário consideraria abaixar ainda mais o preço?

— Letitia!

— Ruby! — devolveu ela, imitando o tom da irmã. — Tem elevador!

A primeira pessoa a chegar à festa de inauguração da nova casa foi a esposa de George, Hippolyta. Ela veio em seu Buick Roadmaster, com Horace no banco do carona e uma cabeceira de segunda mão amarrada ao teto do carro.

O elevador ainda não estava funcionando, então eles tiveram que carregar o móvel pesado escada acima — Horace e Letitia segurando de um lado, e Hippolyta, do alto de seu um metro e oitenta, do outro —, com destino ao quarto que Letitia escolhera para si, onde já havia um estrado de cama, um colchão e lençóis. Depois de fazer a cama, Letitia deu uns passos para trás e respirou fundo, suspeitando de que a qualquer momento fosse piscar e acordar sob os lençóis da antiga casa de Ruby. A casa dos sonhos, contudo, permaneceu sólida ao redor dela, então Letitia respirou fundo outra vez e gargalhou, virando-se para Hippolyta.

— Venha. Vamos fazer o tour pela casa.

As duas saíram para o mezanino e flagraram Horace, no andar de baixo, espiando sob o lençol de Hécate.

— Cuidado! — advertiu Letitia, fazendo o menino pular. — Você vai ficar cego! — Ela gargalhou de novo. — Sobe aqui, quero mostrar algo que você e sua mãe vão gostar.

Ela os levou a um quarto no canto sudeste do segundo andar. Com estante embutida, devia ter sido um escritório, mas Letitia planejava transformá-lo em um quarto para ser alugado. Contudo, no momento, o espaço abrigava o enorme brinquedo de um homem rico.

O sr. Archibald dissera que o aparato era um planetário mecânico: um modelo de sistema solar, embora o sistema que reproduzia não fosse o do Sol, mas o de uma estrela dupla. Os sóis gêmeos eram esferas de ouro e prata montadas em um eixo central. Havia onze planetas dispostos ao redor deles, engastados em hastes de latão com tamanhos variados, alguns dos quais com seus próprios satélites, e um cometa esculpido em um pedaço de quartzo leitoso. Tudo isso ficava sobre uma mesa atarracada de metal, cujo tampo de vidro deixava entrever as complexas engrenagens.

— Uau! — exclamou Horace.

Hippolyta ficou em silêncio, mas seus olhos estavam tão arregalados quanto os do filho. Ela se inclinou para examinar um dos maiores planetas,

uma bola de vidro cheia de um fluido que formava faixas e redemoinhos como a atmosfera de Júpiter.

— Não falei que vocês iam gostar? E se mexe também! Horace, abaixe e puxe aquela pequena alavanca na base, aí mesmo.

Ele obedeceu com entusiasmo. O planetário ganhou vida, sóis dançando ao redor do eixo, hastes de latão girando. O maquinário exposto emitia um *tique-tique-claque* barulhento, mas o movimento dos planetas era suave e, semicerrando os olhos do jeito certo, parecia que as hastes sumiam e os planetas flutuavam soltos.

Letitia olhou de soslaio para Hippolyta, que, naquele momento, parecia a criança mais alta do mundo diante de seus presentes de Natal.

— Pode ficar com ele se quiser.

— Mãe! — gritou Horace. — Eu quero!

— Ah, não... — começou Hippolyta, enquanto em seu rosto estava escrito “quem me dera...”.

— Não posso vender para uma loja de antiguidades, porque não é meu — explicou Letitia. — Mas não tem nada no meu contrato que proíba empréstimos. E eu sei que vocês iam gostar de ficar com ele.

— *Mamãe...*

— Mas onde íamos colocar isso?

— No meu quarto! — gritou Horace.

— Aham, sei. E onde você vai dormir depois que tirarmos a sua cama para o planetário caber no quarto?

— No chão!

Ele logo deu uma demonstração, deitando de barriga para cima no piso de madeira enquanto os planetas giravam acima dele.

— Pode ficar com as imagens também — disse Letitia.

A parede oposta à estante era decorada com pesadas placas fotográficas de vidro mostrando agrupamentos de estrelas.

Hippolyta foi examiná-las mais de perto.

— Curioso, não reconheço nenhuma dessas constelações — comentou ela, após um momento.

Avaliou com diligência a imagem de uma galáxia em espiral que estava identificada como O POLVO AFOGADO.

— Sabe de onde vieram?

Letitia fez que não.

Horace se pôs de pé outra vez e abriu uma porta estreita ao lado da estante.

— O que tem aqui?

— É a escada para o telhado. Não suba. — Virando-se para Hippolyta, Letitia disse: — Estou falando sério, quero dar o planetário para vocês. Talvez vocês possam botar no telhado.

— Isso seria um feito e tanto, levá-lo para o nosso telhado. — Hippolyta riu. — Só para tirá-lo daqui, já precisaríamos desmontá-lo.

— Eu posso fazer isso! — voluntariou-se Horace. — Posso remontar também! Nós podemos...

A porta do átrio bateu. Horace deu um pulo, e sua mãe também se sobressaltou. Só Letitia continuou calma, ao menos na aparência, sem nem piscar.

— Essa casa velha é cheia de correntes de ar — falou.

* * *

Mais convidados chegaram. Alguns trouxeram móveis, outros, comida e bebida para a festa. Montanha Hawkins, o leão de chácara do Denmark Vesey's, trouxe três amigos tão grandes quanto ele. Vieram em um Cadillac que era uma lata-velha com o silenciador furado, de modo que sua chegada foi notada pelo quarteirão inteiro. O plano era, no fim da noite, eles saírem pela porta dos fundos e deixarem o carro para trás como um aviso para os vizinhos: quem arrumar confusão vai se ver com os gigantes.

À noitinha já havia mais de cinquenta pessoas na casa — mais seres vivos do que a Casa Winthrop vira em muitos anos, ou talvez desde sempre. Letitia foi dar uma olhada na mesa do bufê que fora montada no salão de jantar e parou para conversar com o pai de Atticus, cujo presente para a casa nova fora uma espingarda e uma caixa de munição.

— Três — disse Montrose, indicando com a cabeça o retrato de família acima da lareira na sala de jantar: Hiram Winthrop, sua esposa e um menino da idade de Horace. — Todo esse espaço só para três pessoas.

— Duas, na verdade — corrigiu-o Letitia. — Pesquisei um pouco, e parece que a sra. Winthrop morreu pouco antes de eles se mudarem. Então ficaram só ele e o garoto. E os criados, é claro.

O alojamento dos criados ficava no porão, embaixo da cozinha e da lavanderia.

— Sabe a origem do dinheiro dele?

— A fortuna da família vinha de uma rede de moinhos têxteis na região leste do país. Mas acho que nosso amigo Hiram gostava mais de gastar do que de ganhar dinheiro.

— Moinhos têxteis — grunhiu Montrose. — Dinheiro vindo das fazendas de algodão.

— Engraçado como o mundo dá voltas, não é?

Montanha e os outros leões de chácara tinham trazido uns instrumentos musicais, e alguns convidados dançavam no átrio — ou tentavam dançar, já que a banda estava sempre fora de compasso, arrancando resmungos bem-humorados dos convivas.

Letitia foi até Charlie Boyd, que estava sentado na borda da fonte. O lençol, que antes cobria Hécate, a vestia como uma toga, e alguém tinha pendurado em uma das tochas uma flâmula com o mascote da Universidade Howard.

— O que houve com o Montanha hoje? — perguntou Letitia. — Em geral eles tocam melhor do que isso.

Charlie deu de ombros.

— Para ser sincero, eu diria que essa não é a primeira festa do dia para eles. Mas Montanha botou a culpa nas más vibrações.

— Vibrações?

— Pelo chão. — Charlie fez uma mímica como se estivesse segurando uma vassoura e batendo no teto com o cabo. — Ainda não tem ninguém morando lá embaixo, tem?

— Ainda não. Mas tem bons beliches lá embaixo, se estiver interessado.

— Obrigado, mas eu já moro num porão. Por outro lado, se você estiver interessada em me alugar um daqueles quartos lá de cima...

— Podemos ver isso — prometeu Letitia. — Viu Atticus por aí?

— Ele estava falando sobre ir até o telhado.

Letitia apertou o interruptor do quarto do planetário e nada aconteceu, mas bastou a luz do corredor para ver que a porta para o telhado estava aberta. Ela contornou a engenhoca com cuidado e avistou, de rabo de olho, algo minúsculo e cheio de pernas nadando dentro do fluido do gigante gasoso da maquete. Um truque de sombras, que desapareceu assim que ela fitou

diretamente o planeta.

No telhado, as chaminés pareciam um círculo de pedras ao redor da cúpula da claraboia. Atticus estava na outra extremidade, sentado na cadeira e de costas para Letitia. Quando ela ia chamar o nome dele foi tomada pela dúvida: outra ilusão de óptica fez com que a pessoa sentada na cadeira parecesse ter cabelos lisos e finos, penteados para trás e um pescoço branco.

Então Atticus se virou, sorrindo.

— Oi — cumprimentou ele. — Eu já disse que você está bonita hoje?

Ela fez uma breve pirueta ao lado da claraboia, e o gesto lembrou a ela onde conseguira aquele vestido. E ele também se lembrou, pois seu sorriso vacilou.

Ela foi até ele e parou ao seu lado. Na outra calçada da rua, os vizinhos estavam dando outra festa. “Música pior e bebida pior”, pensou Letitia, recordando-se do comentário que seu pai fizera uma vez a respeito das celebrações das pessoas brancas.

— Até que eles estão se comportando bem — comentou Atticus. — Mais cedo tinha uns meninos no jardim, tentando explodir com os olhos o Cadillac do Montanha, mas eles desistiram e voltaram para dentro. Acho que você não vai ter problemas hoje. Já amanhã...

Ele deu de ombros.

— Não estou preocupada — respondeu ela de imediato.

— Ruby está. E eu não tiro a razão dela.

— Quando Ruby falou alguma coisa com você? Foi agora?

— Esbarrei com ela na rua uns dias atrás. Escuta, Letitia, sei que não é da minha conta...

— E não é mesmo. E se você está tão preocupado com a gente, por que é que a Ruby só te encontra por acaso? Já faz o quê, três meses que a gente voltou? Nesse meio-tempo, quantas vezes você me ligou ou veio ver como eu estava?

— Eu sei. Eu sei, e eu peço desculpas. Mas, depois do que aconteceu, achei que seria mais seguro para você se eu ficasse longe. Caso ainda não tenha acabado.

— É, foi o que eu pensei. Mas você podia ter tido a cortesia de me perguntar se eu *queria* que você me protegesse desse jeito. Por acaso eu não tenho o direito de escolher?

Atticus não soube o que responder. Deixou o olhar vagar pela noite,

fingindo interesse nas luzes de navegação de um avião que passava por ali.

Depois de um instante, Letitia falou:

— Ouvi dizer que você está trabalhando com o George agora.

— Isso é uma questão de ponto de vista — respondeu Atticus. — Estou fazendo um ou outro trabalho para ele, no geral é pesquisa para o *Guia*. Tenho feito umas viagens, testado alguns lugares.

— Que nem a Hippolyta?

— Tia Hippolyta escolhe os próprios destinos. Já eu, ganho uma lista, e George cobre meus custos de viagem.

— De onde eu venho, isso se chama trabalho.

— Pop fala que é bico. Ele está me torrando a paciência, dizendo que devia parar de perder tempo e usar o meu benefício de veterano para entrar na faculdade. Não que ele esteja errado — admitiu Atticus. — Mas sei lá... parece que ainda não é o momento certo.

— Bom, se estiver procurando outros bicos — disse Letitia —, estou precisando de ajuda aqui. Você entende alguma coisa de conserto de elevador?

— Parece um trabalho para Pop. Você deveria falar com ele.

— Mas estou falando com você. Não tenho como pagar, mas posso te oferecer um quarto para quando não estiver na estrada a trabalho para o George. Assim, se quiser, pode colocar um pouco de distância entre você e seu pai.

Atticus cogitou a ideia.

— Então eu seria seu faz-tudo de plantão? E um cara para ajudar a manter os vizinhos sob controle, talvez?

— Mal não ia fazer — reconheceu Letitia. — Talvez você pudesse usar o uniforme de vez em quando, para que eles saibam que tem um militar morando aqui.

— Combinado — disse ele. — Só tem uma coisa: amanhã eu viajo para o Colorado. Vou sondar uma nova rede de hospedarias e conversar com uns donos de posto de gasolina para ver se consigo deixar uns exemplares do *Guia* lá para vender. Devo voltar antes de sexta-feira. Você e Ruby vão ficar bem até lá, sozinhas?

— É claro que sim. E não estaremos sozinhas — disse ela, sorrindo. — Temos o Espírito Santo nos protegendo.

* * *

Momma vinha conhecer a casa. De alguma maneira, Letitia tinha se esquecido da visita, até acordar, sobressaltada, na segunda-feira, quando a manhã já ia avançada e ela só tinha alguns instantes para se aprontar.

Correu para o mezanino e descobriu, para seu terror, que esquecera de limpar a casa depois da festa na noite de sábado: o piso xadrez do átrio estava coberto de confete colorido e havia serpentina para todo lado. Quando olhou para a sala de jantar (depois de descer para o térreo sem dar um único passo) viu ainda mais bagunça: a mesa transbordando de pratos e copos, e manchas nas paredes que só saíam com esfregões e uma boa lavada.

E Hécate! A deusa estava nua de novo, mas tinha ficado ainda mais indecente, os peitos e o traseiro estavam maiores, o canto da boca curvado em um sorriso maldoso, como se já estivesse prevendo a reação de Momma. Letitia levou a mão à boca, horrorizada: “Vou levar uma surra de cinto, com certeza!”

Deu meia-volta, pronta para ir correndo buscar um escovão na cozinha e varrer tudo — confete, louças, Hécate, tudo aquilo —, mas a deusa colocou a mão pesada de bronze sobre o ombro dela, segurando-a onde estava. Letitia ouviu a batida de uma porta de táxi na rua e escutou Momma dizendo ao motorista para ter cuidado com sua mala.

Um feixe de luz surgiu sob o mezanino. O elevador subia do porão, e seu interior branco e luminoso resplandecia como um farol. Dentro dele vinha Hiram Winthrop, vestindo um traje espacial. Ele encarou Letitia pelo visor do capacete. Então ela piscou, e a cabeça de Winthrop deu lugar a um redemoinho de trevas onde nadavam várias criaturas de muitas pernas.

Enquanto o elevador continuava a subir, Hécate apertou mais forte, esmagando o ombro de Letitia. Momma esmurrava a porta da frente.

— Letitia! — gritava ela. — Sei que você está aí! Le...

— ... *titia*.

Letitia acordou, sentando-se na cama em meio a escuridão, a mão da irmã em seu ombro.

— O que foi? O quê?

— Tem alguém dentro da casa — sussurrou Ruby.

Letitia apurou os ouvidos, sem escutar nada a princípio, mas então captou

um fraco som cadenciado à distância.

— O que é isso?

Sem esperar resposta, ela se desvencilhou da mão de Ruby e levantou da cama. O choque do chão gelado contra os pés descalços imediatamente a despertou. Pegou a espingarda embaixo da cama, abriu a arma pela culatra, passou os dedos pelo invólucro de latão dos cartuchos que já estavam ali, fechou o cano e saiu para o mezanino.

O luar que entrava pela claraboia iluminava o chão do átrio — o chão impecavelmente limpo, notou Letitia — e Hécate, a deusa banhada pela luz de seu próprio astro. Virando à direita, Letitia viu que, assim como em seu sonho, o elevador se encontrava agora no segundo andar, com a grade aberta.

— Foi isso que me acordou — disse Ruby. — Eu ouvi ele se mexendo.

Letitia enfiou a cabeça no elevador vazio, que cheirava a couro e madeira mofados. Deteve-se, apurando a audição outra vez. O som cadenciado estava mais alto: *tique-tique-claque, tique-tique-claque*.

A porta da sala do planetário estava entreaberta, deixando escapar para o corredor um feixe de luz elétrica amarelada. Letitia contou até três, invocou o nome do Senhor e entrou no quarto. *Tique-tique-claque, tique-tique-claque*: as estrelas e os planetas orbitavam e transladavam, assim como Letitia, apontando a arma de um lado para outro, de um canto para outro. No entanto, o cômodo estava desocupado — pelo menos, não havia ninguém à vista.

— O que foi, Letitia? — perguntou Ruby, alguns metros atrás dela, no corredor.

— Nada.

Ela recuou, abaixando a arma, e a porta bateu bem na cara dela, fazendo Ruby soltar um grito estridente. Logo em seguida foi a vez do elevador, com a grade se fechando com estrépito, e então, uma após a outra, todas as demais portas da casa: bam, bam, bam, *bam*.

— Ah, meu Deus, ah, meu Deus! — exclamou Ruby.

O pânico da irmã alterou completamente a reação de Letitia, que passou do medo à raiva.

— Que inferno, Ruby — repreendeu ela —, pare de choramingar! É só barulho!

Então, houve o maior estrondo de todos, um abalo gigante, como se a casa inteira tivesse sido erguida das fundações e depois caído de volta no chão. Letitia conseguiu permanecer de pé, mas Ruby foi jogada contra a parede.

— Letitia! — gritou ela. O pavor de cair era a única coisa que a impedia de fugir correndo dali. — Quero ir para casa!

— Você está em casa!

Quando a Casa Winthrop sacudiu uma segunda vez, Letitia estava pronta, com os pés plantados no chão como o capitão no convés de um navio adernando. Aquele navio era dela.

— Nós não vamos embora. A casa é nossa agora. — Enfrentou a tempestade: — A maré está começando a virar.

* * *

Mas Ruby não quis ficar, de jeito nenhum.

Pouco depois do raiar do dia, naquilo que parecia o total oposto de seu sonho, Letitia assistiu a Ruby enfiar no bagageiro do táxi uma mala feita às pressas.

— Para onde você vai? — perguntou Letitia.

— Para um lugar bem longe daqui.

Enquanto o táxi se afastava, Letitia se sentiu observada e olhou para o outro lado da rua. Lá estava a mulher branca na varanda, e seu sorriso presunçoso fez com que Letitia se perguntasse se ela sabia do fantasma. Então ela reparou no Cadillac do Montanha, ainda estacionado na frente de casa, só que com os quatro pneus furados e o capô grosseiramente riscado pela palavra CRIOULO. “Então é isso”, pensou Letitia. “Você acha que é *disso* que a Ruby está fugindo?” Letitia encarou a mulher com um desprezo enorme até o sorriso da vizinha murchar como um pneu furado e ela se lembrar, de repente, de algo muito urgente que precisava resolver dentro de casa.

— *Eu não vou embora* — disse Letitia à rua vazia.

De volta à Casa Winthrop, tudo estava quieto — por ora. Os trancos e baques haviam continuado por mais quinze minutos antes de cessar de repente, deixando em seu lugar uma sensação de energia esgotada, como se a pilha da casa tivesse acabado. “Quanto tempo vai demorar para recarregar?”, pensou Letitia, lançando um olhar inquisitivo para Hécate. “Isso vai acontecer todo dia? Duas vezes por semana? Eu vou encarar o que quer que

seja, mas também preciso de inquilinos, e terremotos toda noite podem ser demais até mesmo para as pessoas de South Side. Por outro lado, tanta gente aluga apartamento perto dos trilhos do trem...”

Ela decidiu que ia se preocupar com isso só depois do café da manhã e foi até a cozinha, onde percebeu que as louças, panelas e potes — a maior parte dos quais já viera com a casa — não haviam sido afetados pelo tremor. Nenhuma das placas fotográficas da sala do planetário fora derrubada. Então o fantasma não gostava de danificar seus próprios bens... Interessante.

Letitia pegou uma tigela e uma caixa de mistura pronta de panqueca. Estava indo buscar o medidor quando ouviu um leve ranger de dobradiças atrás dela. Foi até o corredor que ligava a cozinha à área de serviço e viu a porta do porão aberta. Encarou os degraus que levavam escuridão adentro. Inclinando-se para a frente com cuidado, ela apertou o interruptor. Nada aconteceu. Lembrou-se do quadro de luz ao pé da escada, mas pensou “Mais tarde, quem sabe”. Fechou a porta e voltou à cozinha.

Letitia pegou outra vez a caixa de mistura de panqueca, reparando no chacoalhar esquisito que vinha de dentro da embalagem com um segundo de atraso. A essa altura, já tinha inclinado a caixa em direção à tigela, o que liberou uma enxurrada de baratas, vermes, aranhas e outras criaturas rastejantes, que se retorciam. Uma centopeia bem gorda se arrastou para fora do medidor e correu pelas costas da mão de Letitia; que saltou para trás, gritando e sacodindo o braço. A caixa caiu no chão, estremeando, e suas laterais começaram a estufar. Letitia viu uma massa de minhocas vermelhas irrompendo por uma fenda no papelão, e então seus pés em marcha a ré a carregaram, passando pela porta de vaivém, até o átrio.

Ficou parada sob o mezanino, prestando atenção na fresta embaixo da porta da cozinha. O martelar em seu peito começava a arrefecer quando ela ouviu o som de água corrente. Voltou-se para Hécate, mas a fonte estava seca. Saiu de debaixo do mezanino e olhou para cima.

Subiu a escada, cautelosa. Vapor saía por baixo da porta do banheiro principal, ao lado do quarto dela. Lá dentro, a banheira estava quase transbordando, e flutuava na água algo que, à primeira vista, parecia ser um corpo, inchado e roxo. Então, Letitia notou as lantejoulas. Caiu de joelhos ao lado da banheira, fechou a torneira e enfiou a mão na água escaldante para resgatar o vestido encharcado. A tinta roxa escorreu pelos dedos dela, misturando-se à coloração de uma meia dúzia de outros vestidos, todos

destruídos.

Ela ficou ali ajoelhada, à beira das lágrimas, até que algo chamou sua atenção e a fez olhar para o espelho sobre a pia. Na superfície embaçada estava escrita a mesma palavra que fora riscada na lataria no Cadillac do Montanha. Abaixo dela havia uma segunda ofensa, mais curta. Letitia ficou atordoada como se tivesse levado um tapa. Por um instante, seu corpo ficou entorpecido.

E então a raiva tomou conta dela, e Letitia entrou em ação.

Pegou a espingarda e caminhou em direção ao quarto do planetário. A porta bateu assim que ela se aproximou, mas Letitia não vacilou: parou na entrada do quarto e deu um tiro à queima-roupa, explodindo a maçaneta e um círculo de uns quinze centímetros de madeira ao redor. Empurrou a porta e mirou no planetário.

Assim que apertou o gatilho, uma força invisível empurrou o cano da arma para cima. O tiro fez um buraco no teto. Letitia limpou o reboco dos olhos, segurando a espingarda como se fosse um taco de beisebol — mas o fantasma conseguiu tomar a arma dela, e então Letitia sentiu mãos agarrarem seus ombros, empurrando-a de costas até o corredor. A porta, ou o que restara da porta, bateu outra vez.

— Você não vai me manter aqui fora para sempre! — gritou ela, dando um chute na porta e se abaixando para olhar, de forma ameaçadora, pelo buraco. — E quando eu entrar, vou destruir esse seu brinquedo, pedacinho por pedacinho! Nem adianta tentar me impedir!

Com um chacoalhar e um estrondo, a porta do elevador se abriu. Letitia ficou de pé outra vez e se virou na direção do som, sentindo uma onda repentina de medo. As mãos fantasmagóricas a agarraram de novo pelos ombros e, embora ela tentasse se libertar, seus golpes não tinham alvo sólido, e ela foi arrastada pelo mezanino, chutando e se debatendo.

O elevador não estava mais no segundo andar, tampouco no primeiro. O fantasma a carregou até a beirada do fosso aberto, mas Letitia conseguiu alcançar a grade com a mão estendida e se agarrou com toda a força, enquanto era empurrada para o abismo.

— Vai fazer o quê, hein? — gritou ela. — Vai quebrar meu pescoço, mas e aí? Acha que não vou voltar para assombrar você? Anda logo, pode me transformar em um fantasma! Aí você vai ver o que é bom para tosse!

A força que a empurrava vacilou. O ar à sua volta fervilhava de maldade,

mas Letitia também percebia hesitação.

— Sei que você chegou aqui primeiro. Sei que acha que essa casa é sua. Mas não vai mais ficar com ela só para você. *Eu vou continuar aqui*. Se morta ou viva, se em guerra ou em paz, isso é com você.

Um tremor repentino fez com que ela largasse a grade. Letitia respirou fundo e fechou os olhos, entregando sua alma ao Senhor.

Mas o fantasma a atirou para longe do poço, e não para dentro dele. Ela se esborrachou no parapeito do mezanino, e então ouviu a grade se fechar com estrépito.

* * *

Quarta-feira à noite.

Houvera um incêndio em um prédio residencial na rua State. Os inquilinos estavam todos na calçada, esperando que os bombeiros terminassem para voltar para dentro de casa — para buscar o que restara de seus pertences ou, no caso dos que não tinham opção, para retornar aos apartamentos inundados e carbonizados.

Letitia observava a multidão parada em um ponto de ônibus ali perto, mas sua mente divagava. Levara quase um dia para encontrar Ruby, de volta ao apartamento de um único cômodo — no fim das contas, a irmã não havia sequer encerrado o contrato de aluguel. Letitia pretendia convencê-la a dar mais uma chance à Casa Winthrop, mas ao descobrir que, aquele tempo todo, Ruby nunca se desfizera de seu plano B, Letitia sentiu-se traída, como se a irmã tivesse cruzado os dedos ao lhe fazer uma promessa.

Ruby não quis nem saber.

— Você está brava *comigo*? — perguntara ela. — Você me arrasta para morar em uma casa mal-assombrada e a culpa quando tudo dá errado é *minha*?

— Ora essa, como é que poderia dar certo se você nunca abraçou a ideia?

— Abrace essa ideia você! — dissera Ruby. — Pode ficar com a casa e com o dinheiro também. Estou pouco me lixando; agora é tudo seu. Era isso que você queria desde o início.

— Não era isso que eu queria! A casa é para nós, Ruby! Para *nós duas*!

— Sei, aproveita e abraça essa ideia também. Vê se assim você consegue ficar com a consciência limpa...

“Não é justo”, pensou Letitia, petulante. É claro que ela queria ficar com a casa — *claro* que sim —, mas ela não estivera pensando só em si mesma. Por que Ruby não entendia isso?

Letitia notou um negro de pele clara entre os inquilinos desabrigados. Ele estava com a boina nas mãos, torcendo-a como se fosse um farrapo, e seus olhos encaravam fixamente uma fileira de janelas carbonizadas no último andar do prédio. Sua expressão desnorteada fez com que Letitia tivesse o ímpeto redentor de bancar a boa samaritana, mas antes que ela pudesse botar em prática, uma menininha ao lado do homem a encarou, cheia de suspeita, e vociferou:

— Está olhando o quê?

— Celia! — ralhou o homem, oferecendo a Letitia um rápido olhar de desculpas.

Então o ônibus chegou e Letitia, sentindo-se repreendida, embarcou sem dizer nada.

Já havia escurecido quando ela saltou em seu ponto. Dali, ainda tinha de caminhar mais de um quilômetro e, embora a maior parte do trajeto passasse por vizinhanças negras, ela se manteve alerta e com a mão na navalha que trazia no bolso da saia.

Estava quase em casa quando um Oldsmobile sedã verde-água emparelhou com ela, acompanhando-a. Letitia reconheceu o carro de um de seus vizinhos da frente. O motorista, um garoto loiro recém-saído da adolescência, começou a chamá-la:

— Ei... ei.. ei.

Momma não pusera no mundo nenhum filho chamado “ei”, portanto ela o ignorou e continuou andando.

Logo à frente, à esquerda, havia o finado bar. Atrás dele, um beco dava nos fundos da Casa Winthrop. Letitia jurara a si mesma que nunca usaria a entrada de serviço da própria casa, mas o garoto loiro não sabia disso; assim que ela se aproximou da entrada do beco, o Oldsmobile acelerou para cima da calçada, parando no caminho dela.

— Ei! — repetiu o garoto, inclinando-se para fora da janela do motorista e sorrindo. — Como vai, moça? Quer uma carona?

Letitia olhou nos olhos dele.

— Quero que você suma da minha frente — respondeu ela.

O menino recuou, fingindo surpresa de maneira exagerada.

— Nossa... que grosseria!

As portas do outro lado do carro se abriram e saltaram dois garotos. O rapaz loiro saiu também. Eles a cercaram. Todos eram mais altos que ela, mas Letitia continuou de cabeça erguida, segurando o cabo da navalha no bolso e pensando: “O primeiro que botar a mão em mim vai ganhar uma cicatriz.”

— Você deveria aprender a ser mais educada — disse o loiro. — Nós só estamos tentando ser legais, e você está andando sozinha, à noite, na vizinhança dos outros.

— É minha vizinhança também.

— Não, não é. — Ele ergueu a mão, como se fosse dar uma tapa, mas se conteve a poucos centímetros do rosto de Letitia. — Seu lugar não é aqui. Você...

Um rosnado baixo o interrompeu. Ele recuou e virou um pouco o rosto, com a mão ainda erguida, e viu um cachorro emergindo das sombras do beco. Era um pastor-alemão, bem grande, com caninos arreganhados e orelhas baixas, coladas ao crânio.

— Este é Charlie Boyd Junior — falou Letitia. — Ele está passando uns dias comigo, me ajudando a vigiar a casa... Charlie, esses meninos estão dizendo que nosso lugar não é aqui. Você concorda?

O pastor-alemão saltou, latindo e mordendo o ar, e o rapaz loiro recuou, repetindo “Ei... ei... *ei!*”, mas dessa vez com a voz bem mais esganiçada. Letitia esperou o cachorro encurrular o menino na lateral do carro e aí contou até dez bem devagar. Então, estalou os dedos e o cachorro se acalmou, vindo imediatamente até os pés dela.

Sem tirar os olhos do cão, o menino loiro tateou, desesperado, para encontrar a maçaneta do carro. Letitia voltou o olhar para os outros dois meninos, que tinham batido em retirada para o outro lado do Oldsmobile. Os três entraram no automóvel. O loiro encarou Letitia pela janela do motorista e começou a dizer “Isso ainda não acabou”, mas Charlie Boyd Junior subiu na porta e meteu a cabeça dentro do carro, latindo furiosamente. O motorista engatou a ré e pisou fundo. O sedã atravessou a rua de ré e enfiou a traseira no poste da outra calçada, quebrando a lanterna e dando uma bela amassada no para-lamas. O menino loiro rangeu os dentes, engatou a marcha e saiu cantando pneu, deixando grandes riscos de borracha no asfalto.

— *Isso ainda não acabou!* — berrou ele.

Os outros garotos também gritaram ameaças, conforme o ronco do Oldsmobile foi desaparecendo noite adentro.

Letitia apenas sorriu. A lanterna e o para-lamas quebrados não chegavam a compensar os danos ao Cadillac do Montanha, mas aquilo era melhor do que nada.

Ela olhou para Charlie Boyd Junior, que retribuía o olhar, com expectativa.

— Muito bem — disse ela. — Seu papai acabou de virar meu inquilino preferido.

Charlie Boyd Junior a escoltou pelo resto do caminho, latindo, dessa vez, de felicidade. No entanto, ele não quis entrar na casa. Assim que ela encaixou a chave na fechadura, as orelhas do cão se levantaram, e quando Letitia abriu a porta, ele já tinha dado meia-volta e trotava pela lateral da casa em direção ao canil improvisado na garagem. Letitia teria que encarar Hécate sozinha.

* * *

Quinta-feira.

Letitia estava esperando a chegada do sr. Wilkins, um velho amigo de Momma que era gerente de um brechó do Exército da Salvação e tinha ficado de passar para ver de que móveis Letitia ainda precisava. Ele se oferecera para providenciá-los em troca de um quarto para sua mãe com os seis primeiros meses de aluguel grátis. Letitia tinha certeza de que conseguiria negociar e reduzir a gratuidade para três meses, mas, ainda assim, ela tinha que tomar cuidado. Estava ficando sem quartos livres para trocar por favores.

Enquanto esperava o sr. Wilkins, Letitia se sentara à mesa na sala de jantar para jogar pôquer e praticar. O jogo era uma forma peculiar de devoção que seu pai lhe ensinara. Warren Dandridge insistia que pôquer era um jogo cristão: jogadores que se mantinham virtuosos (aprendendo e respeitando as probabilidades, controlando suas emoções, administrando os fundos com inteligência) costumavam prosperar, enquanto aqueles que se entregavam ao vício (perseguindo apostas altas demais, sucumbindo à paixão momentânea e deixando a razão de lado) seguiam o mesmo caminho que todos os pecadores impenitentes.

Os batistas com que ele crescera não gostavam muito de seu ponto de vista, ainda mais depois que ele ganhou quinhentos dólares do filho do pastor, que tentara blefar com um *straigh draw*. Quando conheceu Momma, ele já havia aprendido a nunca jogar com quem dividia os bancos da igreja. Então, tal qual um pastor itinerante, ele ganhava a vida na estrada, percorrendo um circuito de salões clandestinos e clubes de apostas ilegais. Jogava com virtude, opondo-se à profana trindade composta por trapaçeiros, ladrões e a polícia; às vezes, chegava em casa ensanguentado e machucado, mas sempre com dinheiro no bolso. Ele sustentava a família.

Um dia, em 1944, estava jogando em um cassino clandestino em Detroit quando a polícia fez uma batida no lugar. O estabelecimento tinha uma saída nos fundos, que passou despercebida pelos policiais, e, no meio da confusão, ele e um amigo conseguiram fugir. Estavam a um quarteirão do cassino, ainda correndo, quando passaram por um policial de folga que saía de um bar. Ele nem sabia da operação no cassino, mas sacou a arma mesmo assim e atirou em Warren Dandridge pelas costas, matando-o.

Letitia ainda sentia muita saudade do pai, mas sabia que ele estava sempre zelando por ela lá de cima. Além disso, podia trazê-lo de volta à terra quando quisesse: era só pegar um baralho. Ao dar as cartas, ela conseguia ouvir a voz dele em seu ouvido, expondo os parâmetros de cada mão — o jogo, as probabilidades, o tamanho do pote, a posição dela em relação aos demais jogadores — e perguntando: “O que um bom cristão faria?” Letitia respondia, sorrindo, e sentia que ele estava ao lado dela, aquiescendo e aprovando.

Ela recolheu as cartas e estava embaralhando outra vez quando sentiu outra presença atrás de si. Letitia nem se virou.

— Olá, sr. Winthrop — saudou ela. — O senhor joga pôquer?

Não houve resposta, mas os arrepios em sua nuca indicavam que ele estava muito próximo. Daria para sentir a respiração dele se ele ainda respirasse.

Letitia embaralhou uma última vez e distribuiu. Três de ouros. Três de paus. Seis de paus. Seis de copas. Sete de espadas.

— *Straight draw*, limite de dois e quatro com *blinds* de um e dois dólares — disse ela. — O pote está aberto à sua frente, e há quatro outros jogadores atrás de você. O senhor aposta ou desiste?

Uma vibração elétrica carregou o ar. O sete de espadas estremeceu na mesa, separando-se dos dois outros pares.

— Tsc, tsc — disse Letitia. — Suas chances de fazer um *full house* são só

de doze para um. E se não...

O sete estremeceu de novo.

— Tudo bem, se o senhor quer perder tudo...

Ela deu mais uma carta. Seis de ouros.

— Hum... — Letitia pegou a carta, procurando alguma marca na face de trás; não havia nada, mas talvez ele pudesse recorrer a outros artifícios. — Interessante... Eu *ia* convidá-lo a se sentar, mas talvez precisemos de um jogo em que espiar as cartas não vá ajudar o senhor... Que tal damas? O senhor jogava damas com o seu filho? O meu pai...

Um punho invisível acertou com força o tampo da mesa. O baralho foi arrancado das mãos de Letitia com violência, e as cartas saíram voando.

— O que foi!? — exclamou ela. — O que eu disse?

BAM!

O som foi parecido com o de um pássaro batendo na janela da frente. Letitia se virou e viu um borrão parecido com lama espalhado pelo vidro e pingando no parapeito. Uma segunda bolota ainda maior se espatifou no vidro de cima, fazendo com que ele trepidasse. Quando Letitia enfim conseguiu chegar ao átrio, o barulho assumira uma cadência contínua, uma tempestade de granizo marrom bombardeando a frente da Casa Winthrop.

Ela abriu a porta da frente e foi atacada pelo fedor de estrume. Duas picapes encontravam-se paradas na rua com a caçamba aberta. Diante da traseira dos carros havia figuras encapuzadas, munidas de grandes baldes de merda fresca de vaca. Uma delas apontou para Letitia e todos miraram nela, que recuou bem a tempo. Bolotas de estrume explodiram na porta que se fechava.

Charles Boyd Junior veio correndo pela lateral da casa, e uma barragem de bolas de estrume abriu as comportas em sua direção. Um arremesso sortudo o atingiu entre os olhos, transformando seus latidos em ganidos de dor.

O bombardeio continuou. Letitia correu escada acima e já estava com a mão na espingarda quando ouviu vidro se quebrando em um dos quartos da frente; rezou que não fosse o que já tinha uma cama. Então, ouviu o motor das picapes ligando.

— Ah, não! — gritou ela, disparando de volta para o átrio.

Escancarou a porta da frente e saiu, patinando no estrume que tinha acumulado na entrada da casa.

— Voltem aqui! — gritou ela. — Voltem aqui agora mesmo!

Ela saiu correndo pela rua, seguindo as picapes, com a espingarda ao ombro.

A maior parte dos vândalos notou que ela estava vindo e se abaixou, mas um deles olhava para o outro lado e, por um instante, ficou bem na mira, o cano duplo da espingarda perfeitamente alinhado com o espaço entre as escápulas da figura encapuzada. Então o tempo pareceu parar, e Letitia ouviu a voz do pai outra vez, lembrando-a das regras daquele outro jogo: quem podia atirar nas costas de quem e sair impune, quem não podia, e o preço alto que se pagava ao confundir os dois.

O instante passou. Letitia abaixou a arma sem ter atirado, e a figura cuja vida ela poupava só riu e acenou, enquanto as picapes se afastavam.

Dentro de casa, o telefone começou a tocar. Chamou mais de dez vezes até Letitia conseguir ouvir o toque acima do rugir do sangue em seus ouvidos, e outras dez até ela conseguir chegar ao aparelho, andando com as pernas travadas.

Do outro lado da linha, apenas o som de uma respiração ofegante.

— Quem é? — perguntou Letitia.

Uma voz de homem respondeu:

— Esse é o seu único aviso. Da próxima vez, vamos invadir.

Ele desligou. Letitia pôs o fone de volta no gancho e ficou andando sem propósito pela casa, cega de ódio, até que suas pernas a carregaram de volta à sala de jantar.

As cartas que deixara espalhadas estavam empilhadas, arrumadinhas, em um dos cantos da mesa. No outro, havia um tabuleiro de xadrez que Letitia nunca tinha visto, e as peças pretas haviam sido arrumadas do lado onde ela estava. O peão do rei branco já tinha avançado duas casas.

Letitia ficou encarando o tabuleiro, sem piscar, durante um bom tempo. Então, encostou com cuidado a espingarda na parede e se sentou, os cotovelos na mesa e o queixo apoiado nas mãos.

— Está bem — disse ela, aquiescendo. — Está bem.

Então, acrescentou:

— Vamos jogar valendo o quê?

Sexta-feira, anoitecer.

Eles entraram pela cozinha. O silêncio que reinava na casa desde antes do pôr do sol foi rompido pelo *craque* e pelo tilintar do vidro que se estilhaçou quando um pé de cabra arrebentou a janela acima da pia. Um garoto que vestia um saco de pano à guisa de capuz e luvas de segurança que ainda fediam um pouco a esterco entrou pela janela. Agachado, equilibrando-se com dificuldade com um pé no parapeito e o outro na borda da pia, ele tirou do cós da calça um revólver de cano curto. O calibre .38 parecera muito potente quando ele o tirara da mesa de cabeceira do pai, mas, ali, naquele momento, dava a impressão de ser pequeno e inofensivo, e foi com as mãos trêmulas que ele estendeu a arma à sua frente, esperando o pastor-alemão saltar das sombras a qualquer momento.

O cachorro não apareceu. Com medo de que o saco estivesse prejudicando sua audição, o menino o arrancou, revelando uma cabeleira loira. Atrás dele, no beco, uma voz rouca sussurrou:

— Meu deus, Dougie!

— Cala a boca — respondeu o garoto.

Ficou ouvindo os sons da casa. Nada. Com o dedo no gatilho do revólver, ele desceu da pia, todo desajeitado, e por pouco não atirou na própria coxa.

A porta dos fundos estava trancada com chave e trinco. O trinco estava emperrado, e ele teve que forçá-lo, fazendo uma barulheira desgraçada e danificando o cabo do revólver. Abriu a porta para que mais dois garotos entrassem, um com uma lata de gasolina e outro com um pé de cabra.

— Cadê aquele cachorro de merda? — perguntou o menino da gasolina.

— Sei lá — falou o menino loiro. — Achei que ele estaria lá fora. Talvez ela tenha levado ele.

— Ela não levou — disse o menino do pé de cabra. — Já falei, ela saiu com um crioulo faz uma hora. O cachorro não estava no carro.

— Bom, ele não está aqui. — Relaxando e com os olhos já acostumados à penumbra, o menino loiro examinou a cozinha, muito maior do que a de sua própria casa. — Cara, olha só esse lugar.

Correndo as mãos pela bancada, ele foi até a porta da sala de jantar.

— Dougie, para onde você está indo? — perguntou o menino da gasolina.
— Vamos acabar logo com isso.

— Antes eu quero dar uma olhada na casa.

— Dougie...

Mas o loiro entrou na sala de jantar e, depois de alguns instantes, o menino da gasolina o seguiu. O do pé de cabra foi se juntar a eles, mas, ao cruzar a cozinha, sentiu uma corrente de ar repentina.

O loiro atravessou a sala de jantar e chegou ao átrio. Ao primeiro vislumbre de Hécate, ele se assustou e ergueu a arma, mas depois riu.

— O que foi? — perguntou o da gasolina, tirando o capuz e forçando a vista ao olhar para a deusa. — O que é isso? Alguma coisa de vodu?

Caminharam juntos até parar bem na frente de Hécate, o loiro sorrindo, o outro de cenho franzido.

— Anda logo, Dougie. Vamos botar fogo nesse lugar e dar o fora.

— Relaxa — disse o loiro. — Cadê o Darren?

— Não sei. Ele estava atrás de mim.

— Vai lá buscar ele.

O outro garoto suspirou, exasperado, mas botou a gasolina no chão, deu meia-volta e foi até a cozinha. O loiro entrou na fonte seca. Ergueu o rosto, sorrindo para a face de Hécate, e estendeu a mão para tocar o seio dela.

— Oi, gatinha — disse ele.

Ouviu um sibilar agudo, e algo beliscou a canela dele. Ele gemeu, mais de surpresa que de dor, e recuou, tropeçando na borda de mármore. Caiu com força no chão e logo se levantou, Tateando às cegas em busca da arma que derrubara, pensando: “O cachorro.” Mas não havia cachorro, só Hécate, imóvel no pedestal.

— Ronnie! — gritou ele. — Darren! Onde vocês se meteram?

Abaixo do mezanino, a grade do elevador se abriu com estrépito. O garoto se inclinou para o lado para tentar ver melhor, mas o elevador era um poço de escuridão entre as sombras.

— Quem está aí? — perguntou ele. — Darren? Pare de sacanagem, ou eu vou acabar estourando os seus miolos!

Havia algo ali. Não era Darren. Nem Ronnie. Nem o cachorro. De repente, o que ele mais queria era sair correndo, mas olhou para baixo e viu, horrorizado, que seus pés estavam escorregando para a frente, deslizando pelo chão como se o ladrilho estivesse engordurado.

— Não — disse ele —, não pode ser.

Ergueu a arma para atirar, mas o revólver foi arrancado de suas mãos e voou para além de seu alcance. Então ele sentiu mãos o segurarem com um aperto ferrenho e foi arrastado, aos gritos, para a escuridão.

* * *

Chegaram em casa tarde, às gargalhadas. A viagem de Atticus ao Colorado fora tão boa que George lhe dera um dinheirinho extra, e ele decidira gastar o bônus levando Letitia para sair. Haviam jantado fora e depois foram dançar. Ao virarem a esquina, Letitia ainda estava nas nuvens, mas a visão do caminhão de bombeiros estacionado na frente da Casa Winthrop a trouxe à realidade no mesmo instante. Atticus ainda não tinha nem parado o carro quando ela saltou e correu para a entrada.

Dentro da casa, todas as luzes estavam acesas e homens de uniforme xeretavam tudo. Um policial que estava observando a estátua com luxúria se virou para Letitia e perguntou em tom de afronta:

— Quem diabo é você?

— Eu moro aqui — disse Letitia. — O que está acontecendo?

— Você trabalha aqui? É a empregada?

— Eu *moro* aqui.

As grades do elevador estavam abertas tanto no primeiro quanto no segundo andar, e dois bombeiros estavam no mezanino, olhando para o poço. O elevador propriamente se encontrava entre os dois andares, com o chão da cabine suspenso pouco abaixo do teto do andar térreo. Uma cabeça loira estava pendurada para fora, através da abertura estreita, prestes a ser guilhotinada. Letitia, que já vira um acidente sangrento parecido em um prédio de conjunto habitacional, pensou que o menino já estava morto, o pescoço esmagado. Mas então um dos bombeiros pulou, sem muita delicadeza, no teto da cabine do elevador, e o movimento trouxe o menino de volta à vida e lhe provocou gritos histéricos.

Quando Atticus entrou na casa, os gritos já se transformavam em choramingos.

— O que aconteceu?

— O garoto invadiu a casa para cometer vandalismo — disse o policial, indicando a lata de gasolina no chão. — Não sabemos como ele conseguiu ficar preso ali, mas um dos vizinhos ouviu os berros e nos chamou.

— Quero que ele seja preso — exigiu Letitia. — E indiciado.

— Não se preocupe, vamos indiciá-lo — disse o policial, olhando então para Atticus. — Essa casa é sua mesmo?

— É dela — respondeu Atticus.

— E acabou de se mudar, não é? — O policial olhou para a lata de gasolina, assentindo para si mesmo. — Você se incomoda se eu perguntar como conseguiu pagar por um lugar como esse?

— Sim — disse Letitia. — Eu me incomodo.

Outro policial apareceu na porta da sala de jantar e anunciou:

— Achamos mais dois no porão.

— No porão? — repetiu o primeiro policial. — Mas eles estão...

— Não, estão vivos. Mais ou menos. — O segundo policial sorriu. — Brancos que nem vela e cobertos de mordidas de insetos, mas respirando. — Ele fez uma pausa para dar um peteleco em algo na manga da camisa, e então apontou para Letitia e Atticus com o polegar. — Quem são esses, os criados?

* * *

— O aluguel vence todo dia primeiro — disse Letitia. — Você pode usar a cozinha, a lavanderia e os banheiros do andar de cima e de baixo. Não pode entrar no porão, nem no quarto do canto no andar de cima com a placa dizendo “Privado”.

O novo inquilino, sr. Fox, parado à entrada da sala de jantar, aquiesceu. De trás dele vinha o estalar de sapatinhos de solas duras pulando amarelinha nos ladrilhos do átrio.

— Celia — advertiu ele.

— Não tem problema — falou Letitia. — O quarto vizinho ao seu é o da sra. Wilkins. Ela não escuta muito bem, então o barulho não a incomodará, e ela ama crianças. Acho que ela teria o maior prazer de cuidar da sua filha enquanto o senhor está no trabalho, caso precise.

O sr. Fox assentiu mais uma vez. Apontou para o tabuleiro de xadrez na mesa.

— O jogo é seu?

— É.

— Daqui a três movimentos, o rei branco estará em xeque-mate.

— Eu sei — disse Letitia. — Estou só esperando meu oponente perceber isso. O senhor joga?

— De vez em quando — respondeu o sr. Fox. — Gosto de *gin rummy* também.

Letitia abriu um sorriso.

— Então está na casa certa. Por que o senhor e sua filha não se acomodam? É só subir a escada, virar à direita e seguir o corredor. É o quarto que tem as cortinas verdes. Eu subo lá daqui a pouquinho.

O sr. Fox aquiesceu mais uma vez e se afastou, chamando a filha.

Letitia se levantou e foi até a janela. Um caminhão de mudança estava parado na frente da casinha do outro lado da rua, e havia placas de VENDE-SE no quintal de mais duas.

— Tchauzinho — disse ela, acenando.

Atrás dela, no tabuleiro de xadrez, o rei branco estremeceu e tombou.

* * *

— Sr. Archibald?

Fechando o escritório no fim do expediente, o corretor deu de cara com Atticus no corredor.

— Pois não? — disse o homem.

— Atticus Turner. Sou amigo de Letitia Dandridge. A moça que comprou a Casa Winthrop.

O sr. Archibald trancou a porta e guardou a chave no bolso.

— Infelizmente não tenho outras propriedades como aquela. Mas se puder voltar durante o horário comercial...

— Não quero comprar uma casa.

— Não? Então não sei como eu poderia ajudar.

— Estou aqui por causa da Casa Winthrop. Tenho uma pergunta.

— Sinto muito — falou o sr. Archibald. — Se a srta. Dandridge tem alguma questão, ela mesma pode vir falar comigo. Eu não conheço o senhor. Agora queira me dar licença, por favor...

Em vez de se afastar, Atticus bloqueou o caminho e falou:

— Tem um retrato da família Winthrop na parede da sala de jantar.

Alguma coisa nele vinha me incomodando, mas eu não conseguia descobrir o que era. Até que ontem achei uma caixa com outras fotografias no porão e entendi o problema. Na foto da sala de jantar, não dá para ver a mão direita do sr. Winthrop. — Ao dizer isso, ele olhou para as mãos do sr. Archibald, que eram pequenas e pálidas, sem qualquer adorno, nem mesmo uma aliança de casamento. — No entanto, outras fotos mostram a mão dele e o grande anel de prata que ele usava. E também tem isso aqui...

Ele pegou uma foto de dois homens à frente de um brilhante conversível preto.

— Supondo que esse Ford fosse novo, eu diria que a foto foi tirada há cerca de vinte anos. E o homem ao lado do sr. Winthrop se parece um bocado com Samuel Braithwhite. O nome lhe é familiar?

O corretor não olhou para a foto por um instante sequer.

— Saia do meu caminho, sr. Turner.

— Imobiliária Penumbra — disse Atticus. — A companhia é da família Braithwhite ou é de propriedade da Ordem? Para qual dos dois o senhor trabalha?

— Vou pedir mais uma vez que saia do meu caminho, depois vou entrar no meu escritório e telefonar para a polícia.

Atticus deu um passo para o lado, abrindo caminho só o suficiente para que o sr. Archibald se espremesse para passar ao lado dele. O corretor atravessou o corredor com pressa e estava com a mão estendida para o elevador quando Atticus disse:

— Eu também fui conversar com o sr. Bailey.

O corretor parou, o dedo no botão do elevador.

— Ele conhece o senhor, até admitiu que fazem negócios de vez em quando, mas ficou muito surpreso ao saber que você se apresentou como sócio dele. E no dia da reunião com Letitia e Ruby? Ele disse que não ligou para o senhor. Acontece que, quando ele estava a caminho daqui, os policiais o pegaram, e ele passou duas horas algemado no banco de trás de uma viatura sendo interrogado sobre um roubo em uma loja de bebidas. Nesse meio-tempo, o senhor se intrometeu e roubou as clientes dele. O sr. Bailey ainda está bem aborrecido com isso.

— Mas não aborrecido demais para rejeitar a parte dele na comissão — retrucou o sr. Archibald.

— É, ele disse que o senhor deu uma parte para ele ficar quieto. Mesmo

assim, ele está pensando em denunciá-lo para a Associação de Corretores. Só que ele acha que não vão ficar tão preocupados ao saber que o senhor passou a perna em uns negros, mas saber que fez negócio com negros, para começo de conversa, aí é outra história.

— Assim caminha a humanidade — disse o sr. Archibald, apertando o botão do elevador. — Em todo o caso, que mal há? Hal e eu ganhamos nosso dinheiro e sua amiga conseguiu uma casa muito boa. Todo mundo está feliz.

— Por enquanto — disse Atticus. — Mas o senhor precisa dizer a Caleb Braithwhite que, seja o que for que ele está armando para mim, é para deixar Letitia fora disso.

— Não sei do que está falando, sr. Turner.

— Sabe, sim. E tem mais uma coisa que o senhor deveria saber: encontrei o endereço da sua casa na lista telefônica. Nunca estive na sua vizinhança. Mas, se algo acontecer a Letitia, tenho certeza de que consigo encontrar o caminho.

O elevador chegou. O sr. Archibald ficou mais alguns instantes no corredor, boquiaberto, tentando em vão encontrar uma resposta.

Então ele desapareceu, feito um fantasma.

O LIVRO DE ABDULLAH



Quanto à minha liberdade, que o senhor diz que vai me dar, não há nada a conceder nesse aspecto, uma vez que já obtive minha alforria em 1864, outorgada pelo comandante-geral da Polícia Militar de Nashville. Mandy diz que teria medo de voltar sem uma prova de que o senhor está sinceramente disposto a nos tratar com justiça e bondade; decidimos então pôr sua sinceridade à prova e pedir que nos envie nossos salários relativos a todo o tempo durante o qual o servimos (...) Considerando vinte e cinco dólares por mês para mim e dois dólares semanais para Mandy, nossos rendimentos seriam de 11.680 dólares. Acrescente os juros referentes ao tempo em que nossos salários ficaram retidos e deduz a que gastou com nosso vestuário e as três visitas médicas que recebi e a extração de um dente de Mandy, e a soma total mostrará o que nos é justamente devido. Por favor, envie o dinheiro via Adams Express aos cuidados de nosso advogado, o dr. V. Winters, em Dayton, Ohio.

— Carta de Jourdon Anderson ao antigo dono, 7 de agosto de 1865

No domingo anterior ao Dia de Ação de Graças, George e Montrose foram ao banco pegar o Livro dos Dias. Ele era o livro-razão que continha um relato integral dos anos de escravidão da bisavó deles, Adah: os trabalhos que ela completara, as indignidades que sofrera, os salários e as indenizações que lhe eram devidos. Adah morrera em 1902, mas a família ainda guardava o Livro e se encontrava todo ano para calcular e registrar os juros daquela dívida ainda em aberto.

Todo ano, depois de acrescentar mais uma linha ao livro-razão, eles contavam a história por trás do Livro: como Adah nascera escrava em uma plantação na Geórgia em 1840; como, aos sete anos, ela fora mandada para trabalhar na roça; como labutara ali até o dia 22 de novembro de 1864, quando soldados da União chegaram aos portões da plantação carregando tochas; como ela havia se tornado mais uma entre os milhares de ex-escravos seguindo a Marcha de Sherman; como, em fevereiro de 1865, ela tivera febre tifoide e dera entrada em um hospital montado em um antigo sanatório perto de Savannah; como, mesmo delirando de febre, ela percebera que o sanatório não era um lugar de cura, mas uma armadilha mortal com o objetivo de reduzir a população de negros libertos; como, ainda doente, ela e outro ex-escravo chamado Noah Pridewell haviam conseguido escapar; como seguiram para o oeste, chegando, depois de muitas provações, ao Kansas,

onde se estabeleceram e se casaram; e como, por fim, em 1878, no décimo quarto aniversário de sua emancipação, ela havia começado a escrever o Livro.

Na verdade, quem escreveu a maior parte do Livro foi a filha de Adah, Ruth; embora Adah tivesse aprendido a ler, não dominava a escrita. Em compensação, tinha uma memória infalível. Ao se concentrar em uma data específica, era capaz de rememorar cada coisa que fizera, cada coisa que fizeram com ela, desde o despertar até a hora de dormir.

Ruth registrou cada dia de trabalho em uma linha distinta no livro-razão. Nos locais pertinentes, Adah acrescentava, de próprio punho, símbolos que representavam os insultos sofridos. Açoitamentos. Espancamentos. Outros.

No que tangia ao salário, Adah se valera da sabedoria de seu antigo dono, Gilchrist Burns. Ele tinha o hábito de alugar os escravos quando não eram necessários em sua plantação, sem fazer questão de esconder quanto ganhava com isso, então cada escravo sabia o valor exato que o fazendeiro atribuía a seu trabalho. Quando criança, Adah “rendia” vinte centavos de dólar por um dia inteiro de trabalho. Aos dezesseis anos, o valor aumentara para um dólar por dia — o mesmo que um escravo homem, já que o sinhô Burns era surpreendentemente igualitário quando se tratava do dinheiro destinado aos próprios bolsos.

Quanto às indenizações, Adah recorrera à Bíblia. Cobrara 27,26 dólares por cada açoitamento, já que 27:26 é o versículo do evangelho de Mateus em que o próprio Salvador era açoitado. O preço dela para o insulto mais recorrente da categoria “outros”, 22,25 dólares, fora baseado no Deuteronômio.

Ruth registrara os valores em colunas organizadas, provendo subtotais e somas. O montante final, subtraídos os custos de habitação mas ainda desconsiderando os juros, era de 8.817,29 dólares — uma pequena fortuna para a época.

No entanto, para Adah, o mais relevante era o relato dos dias. Ao segurar o Livro concluído em suas mãos, ela percebeu que conduzira uma espécie de exorcismo. Embora as lembranças do tempo de escravidão ainda estivessem vívidas, o peso delas fora transferido para as páginas do livro-razão. Dupla e verdadeiramente liberta, ela viveu o que restava de seu tempo com uma paz que até então desconhecia.

Ruth herdara o Livro e passara o quarto de século seguinte tentando, sem

sucesso, cobrar a dívida. Os integrantes vivos do clã branco dos Burns sentiam que sua responsabilidade findara quando a plantação fora destruída e ignoraram as cartas de Ruth — assim como onze governadores da Geórgia e seis presidentes dos Estados Unidos.

Afinal, Ruth deixou o Livro para a filha mais velha, Lucy, que, por sua vez, passou-o para George. Horace seria o próximo responsável pelo Livro, a não ser que Montrose, que havia se automeado vice-guardião do Livro aos cinco anos, passasse por cima do cadáver de George. Quanto à irmã do meio, Ophelia, ela renunciara havia muito a seu lugar na linha sucessória. Ela estaria lá, no Dia de Ação de Graças, com uma caneta na mão — dos três, ela sempre tivera a caligrafia mais bonita —, mas havia deixado para os irmãos a tarefa de zelar pelo Livro.

Ela sabia que eles nunca deixariam que nada acontecesse com ele.

* * *

George e Montrose se encontraram na porta do banco ao meio-dia, tendo chegado por rotas diferentes. Aquele era o procedimento padrão desde 1946. Na ocasião, haviam decidido ir juntos, de carro, na véspera do feriado, mas foram parados por um policial. Uma coisa levava à outra e acabaram sendo carregados para a delegacia, de onde só um polpudo suborno os liberou a tempo de passar no banco antes que o estabelecimento fechasse por conta do Dia de Ação de Graças.

Neste ano, a jornada de ambos transcorreria sem maiores incidentes, mas, ao entrarem no banco, os dois perceberam que algo não cheirava bem. O saguão estava lotado, atipicamente cheio até mesmo para o horário de almoço, e as filas serpenteavam da boca do caixa até a porta da agência. Em vez do gerente do banco, Ben Rosenfeld, que sempre estava por ali para cumprimentá-los, quem os recebeu na entrada foi um segurança, Whitey Dunlap.

— O que está pegando, Whitey? — perguntou George.

Dava para ver, do outro lado do lobby, as persianas fechadas tanto na sala do gerente quanto nas dos subgerentes.

— A polícia esteve aqui mais cedo — explicou Whitey, em voz baixa. —

Detetives, do esquadrão de crime organizado.

— O que eles queriam? — perguntou Montrose.

Whitey deu de ombros.

— Me mandaram ficar lá fora, na calçada, então não sei, mas a agência atrasou uma hora para abrir e houve boatos de uma corrida ao banco. O sr. Rosenfeld passou a manhã inteira ao telefone com os depositantes, tentando acalmar as coisas. Ele mandou dizer que sente muito por não poder atendê-los pessoalmente, mas eu posso ajudá-los.

A sala com os cofres particulares ficava no porão. Whitey destrancou a porta, sinalizou para que eles entrassem e então se abaixou para catar uma guimba de cigarro que encontrara no chão. Franzindo o cenho, ele olhou os cantos do cofre, como se o porcalhão ainda pudesse estar ali.

George já pegara a chave de seu cofre.

— Whitey, podemos?

— Claro...

Segurando a guimba entre o indicador e o polegar, Whitey pegou a própria chave.

Enquanto George tirava o cofre de seu compartimento na parede, Montrose estava a postos, pronto para se apresentar caso o irmão sofresse um derrame ou fosse levado pelo arrebatamento. Viu a expressão de George mudar ao perceber que a caixa de metal estava leve.

— O que foi? — perguntou Montrose.

George abriu a caixa. Em seu interior havia a pasta de couro contendo o certificado de alforria da família Berry, datado de 1833, e outros documentos mais recentes, como a certidão de nascimento de Horace. No entanto, o Livro dos Dias, que deveria estar em cima da pasta, tinha desaparecido; em seu lugar, havia um bilhete sucinto e escrito à mão:

O MARTELO DA BRUXA

Rua Berwick, Oeste, 750

Tão logo seja possível.

— Filho da *puta* — disse Montrose.

O bilhete estava assinado com o meio-sol, símbolo da Ordem da Aurora Ancestral.

Foram juntos no Packard de George.

— Diga que você trouxe a arma — suplicou Montrose a George, que ligava o carro.

— Debaixo do meu banco — respondeu ele.

Contudo, quando Montrose tentou pegá-la, George impediu o irmão.

— Eu cuido disso.

— Você vai dar um tiro nele? — perguntou Montrose.

— Eu vou pegar o livro de Adah de volta — garantiu ele, resistindo à tentação de mencionar que Montrose já tivera a oportunidade de atirar em Caleb Braithwhite e que não dera muito certo. — Se quiser ajudar, pegue o mapa da cidade no porta-luvas e procure o endereço.

Resmungando, Montrose obedeceu.

George tentava ser paciente com o irmão. Era exatamente assim que o considerava e que sempre o apresentava aos outros: como seu irmão, não meio-irmão. Para George, família era tudo ou nada. Ainda assim, em determinados momentos, a lembrança de que eram filhos de pais diferentes era inevitável, ainda mais quando se tratava do livro de Adah.

Os Berry foram abençoados, pois seu último dono, Lucius Berry, era um dos poucos cristãos verdadeiros entre aqueles que se diziam fiéis. Os pais e irmãos de Lucius haviam morrido na epidemia de cólera de 1832, deixando-o como único herdeiro da fazenda de tabaco da família e dos sete seres humanos que a lavravam. Lucius interpretou a epidemia como uma confirmação divina daquilo que sua consciência já sabia e tomou para si a tarefa de redimir os pecados da família: vendeu o restante da herança, pôs os escravos em carroças e os escoltou em segurança rumo a oeste, onde deu a eles não apenas a liberdade, mas também dinheiro e terras para que pudessem recomeçar. Mostrando que isso era de fato possível.

É claro que “abençoados” não quer dizer que ficaram livres de todo sofrimento. Libertos, os Berry ainda enfrentaram uma série de dificuldades. Um dos sete foi assassinado por colonos brancos que não aceitavam dividir a cerca com um negro, e a primeira geração nascida livre perdeu três filhos e uma filha na Guerra Civil. E então veio o pai de George, Jacob Berry, um homem de negócios bem-sucedido que morreu aos vinte e quatro anos. Sua

prosperidade não foi capaz de salvá-lo da asma que o atormentara durante toda a breve vida. George tinha apenas três anos e Ophelia ainda era um bebê quando uma nuvem de poeira levantada pelas patas de um cavalo passante fez com que os pulmões de Jacob Berry sofressem seu espasmo fatal.

Depois da morte do primeiro marido, Lucy Berry se casou com Ulysses Turner, um homem com uma história familiar muito diferente. Como o padrasto de George não se cansava de dizer, os membros da família Turner nunca tinham recebido nada de ninguém: nem liberdade, nem mesmo sobrenome. O avô de Ulysses nascera Simon Swincegood na fazenda Swincegood, na Carolina do Norte. Em 1857, ele fugiu para o pântano Great Dismal Swamp, onde viveu como quilombola durante seis anos, antes de se juntar ao Exército da União. Foi durante o período em que morara no pântano que adotara o nome de Nat Turner — uma alcunha popular entre os quilombolas, que precisava ser conquistada através de feitos de grande valentia, como matar caçadores de escravos e invadir terras de colonos brancos.

Ou assim dizia a história contada por Ulysses. Em retrospecto, George admitia que as lendárias aventuras do bisavô Turner foram seu primeiro contato com a literatura *pulp* — o que não quer dizer que fossem fictícias, só que estavam mais para “baseadas em fatos reais” do que para a mais pura verdade. Montrose, no entanto, acreditava em cada palavra, e não era de surpreender que ele tivesse crescido acreditando que um Turner, não um Berry, deveria ser o guardião do livro de Adah.

George sabia que o padrasto compartilhava da opinião de Montrose, pois o homem não escondia o desdém que sentia a respeito das “facilidades” que a família Berry tivera, assim como não escondia que achava George molenga demais. No entanto, sendo um Turner, ele reconhecia a importância de respeitar certas tradições. E foi por isso que, na última noite de maio de 1921 — a noite em que a parte branca de Tulsa declarou guerra à parte negra de Tulsa —, o padrasto permitiu, contra a vontade da mãe, que George fosse resgatar o livro de Adah do cofre de sua loja na rua Archer, apesar de a primeira onda de incendiários brancos já ter cruzado a linha do trem. Por conta dos outros acontecimentos daquela noite horrível, George não se gabava por esse feito, não contava vantagem sobre Montrose, mas ele sabia que havia conseguido provar seu valor e que o irmão reconhecia isso.

— Rua Berwick — falou Montrose, trazendo-o de volta ao presente e

mostrando o mapa. — Fica em Lake View.

— Ok. Segura firme.

George pisou fundo, dirigindo de uma maneira desaconselhável a qualquer negro adentrando a parte branca de Chicago. Contudo, o encantamento posto no Packard em Ardham ainda funcionava, fazendo com que guardas de trânsito e patrulhas rodoviárias desviassem o olhar ou não reparassem no automóvel ao fitá-lo. O que seria muito gratificante, pensou George, não fosse o fato de ele estar, naquele momento, usando a magia de Caleb Braithwhite para cumprir os desígnios de Caleb Braithwhite.

A placa do lado de fora do Martelo da Bruxa ilustrava um puritano de chapéu alto queimando uma mulher na fogueira. Não fosse pela placa, seria fácil passar batido pelo prédio: fachada em alvenaria nua e que, em vez de uma vitrine, contava com uma fileira alta de tijolos de vidro; porta de ferro pintada da mesma cor da fachada. O tipo de lugar que poderia ter sido — e talvez até tivesse sido — um bar clandestino no tempo da Lei Seca.

George saiu do carro com a pistola na mão, colada à lateral do corpo. Montrose abriu o compartimento traseiro do Packard e se armou com uma chave de roda.

Um recado escrito à mão estava colado acima da maçaneta, informando que o Martelo da Bruxa estava FECHADO PARA EVENTO PARTICULAR, mas a porta não estava trancada. Com Montrose em seu encalço, George adentrou um bar comprido e de pé direito baixo.

Caleb Braithwhite estava sentado a uma mesa no meio do salão com outro branco, que acendia um charuto. O fumante era um brutamontes atarracado, de cabelos castanhos grisalhos em um corte militar rente. Seu nariz dava a impressão de ter sido quebrado mais de uma vez, e os pequenos vasos sanguíneos rompidos nas bochechas evidenciavam décadas de abuso de álcool. Contudo, os olhos azuis que observavam George e Montrose através de uma cortina de fumaça pareciam alertas e inteligentes.

Mais dois homens brancos estavam encostados no bar. Havia tirado o paletó, deixando à vista coldres axilares iguais e distintivos de polícia presos ao colete. Espremido entre eles estava um negro algemado e de cabeça baixa. George quase não reconheceu o sobrinho, que deveria estar em Iowa testando estabelecimentos para o *Guia*.

Atticus ergueu o rosto, envergonhado.

— Oi, tio George — cumprimentou ele.

* * *

— George Berry e Montrose Turner, eu lhes apresento os detetives Burke e Noble — disse Caleb Braithwhite, meneando o rosto na direção dos dois homens que cercavam Atticus —, e o capitão Lancaster, da comissão de crimes organizados da prefeitura. O capitão Lancaster também é o líder da filial da Ordem nesta região. Estamos aventando a possibilidade de uma fusão entre as confrarias de Ardham e Chicago, e, como parte do processo, decidimos unir nossos recursos para fazer uma pesquisa... E eu gostaria da ajuda dos senhores neste projeto.

George mal escutava. A presença de Atticus o desarmara — sem dúvida, era essa a intenção. Em sua confusão, acabou deixando o polegar escorregar até o cão do revólver. Foi um gesto minúsculo, mas os detetives reagiram levando a mão às próprias armas, e o capitão Lancaster enfiou a mão grande no paletó.

— Cavalheiros — disse Braithwhite, com tranquilidade, acalmando os ânimos. — Não vamos nos precipitar... Capitão Lancaster, acho que vi uma garrafa de Dalmore de quarenta anos no depósito. Podem ficar à vontade para ir lá experimentar, enquanto explico tudo ao sr. Berry e ao sr. Turner.

— Tem certeza? — perguntou o capitão.

— Está tudo bem. — Sorrindo, declarou: — Somos todos amigos.

O capitão Lancaster se levantou e apontou um dedo para George, advertindo-o. Em seguida fez um aceno afirmativo com a cabeça para os detetives, e os três deixaram o salão.

Caleb Braithwhite começou:

— Então, vamos deixar claras as regras antes de seguirmos. Violência não adianta. Eu tenho imunidade. — Encarou George. — Você não pode atirar em mim. Nem me bater. — Voltou-se para Montrose, que, em vão, fazia o maior esforço possível para erguer a chave de roda acima da linha da cintura. — E, mesmo se pudesse, isso não lhes devolveria o livro de Adah. Agora que estamos entendidos, espero que consigamos tratar uns aos outros de maneira civilizada.

Virando-se, por fim, para Atticus, Braithwhite soltou as algemas com um

gesto.

— O que você quer? — perguntou George.

— Uma troca — anunciou Caleb Braithwhite. — Um livro por outro. Agora mesmo eu estava falando sobre a fusão das duas confrarias. Não é a primeira tentativa. Nos anos 1930, meu pai tentou negociar um arranjo do gênero com o antigo grão-mestre da confraria de Chicago.

— Hiram Winthrop — adivinhou Atticus.

Braithwhite concordou.

— Não deu certo. E a situação teve o desfecho que é de se esperar quando dois homens poderosos não conseguem entrar em acordo.

— O que isso tem a ver com um livro? — perguntou George.

— Winthrop era um explorador. Viajava para lugares muito interessantes e voltava com certos objetos. Um dos mais valiosos foi um livro, escrito na língua de Adão.

— Um livro mágico?

— Um tratado de filosofia natural. Uma tradução grosseira do título seria *O Livro da Nomeação*, ou *O Livro dos Nomes*.

Atticus ergueu a sobrancelha.

— O *Necronomicon*?

Braithwhite sorriu.

— Esse aí é um livro de nomes *mortos*. *O Livro dos Nomes* é o extremo oposto. É sobre a vida. Transformação. Gênese.

— E o que aconteceu com ele? — perguntou George.

— Após a morte de Hiram Winthrop, meu pai conseguiu adquirir boa parte de seus bens. Mas o livro não estava entre eles. Meu pai supôs que Winthrop o havia escondido. Infelizmente, àquela altura, Chicago se transformara para meu pai, de modo que ele não conseguiu conduzir uma busca minuciosa.

— E seus novos amigos, eles sabem onde o livro está?

— De acordo com o capitão Lancaster, está no Museu de História Natural. Hiram Winthrop fazia parte do conselho do museu, e parece que mandou instalar uma sala secreta lá.

— Então por que não ir lá buscar e pronto?

Braithwhite olhou para trás, para a porta do depósito, e então disse, baixinho:

— O capitão está sendo bastante cauteloso com o assunto, mas sei que não faz muito tempo que ele é grão-mestre da confraria, e ninguém quer falar

sobre o que aconteceu com o antecessor dele... Em todo o caso, o combinado foi que ele me mostrará a entrada para a sala secreta, e eu entrarei para buscar o livro...

— ... ou encontrará alguém para buscá-lo para você — concluiu George.
— E se nós nos recusarmos...

— Os senhores terão até quinta-feira para decidir como dar as más notícias para o resto da família — afirmou Braithwhite, dando de ombros.

* * *

O encontro mensal da Maçonaria Prince Hall estava marcado para aquela mesma noite. Com o feriado tão próximo, esperava-se um quórum reduzido, mas a presença do secretário da loja, Abdullah Muhammad, era obrigatória. E Abdullah — cujo nome de batismo era Percy Jones — tinha um primo que trabalhava como vigia noturno no Museu de História Natural.

George e Montrose chegaram cedo, na esperança de conversar com Abdullah antes da reunião, mas o secretário chegou em cima da hora, pois havia passado para buscar o grão-mestre da loja, Joe Bartholomew, a quem todos chamavam de Joe Pirata devido ao tapa-olho que usava.

Mortimer Dupree, por sua vez, foi um dos que chegaram cedo. Mortimer era um dentista que, nas palavras de Montrose, havia sido hipnotizado pela pirâmide no verso da nota de um dólar. É claro que muitas pessoas nutriam concepções românticas sobre a maçonaria. Alguns deles, ao entrar para uma loja, aprendiam a apreciá-la pelo que de fato era, uma organização social, filantrópica e de ajuda mútua entre os integrantes, enquanto os outros logo desistiam ao perceber, desiludidos, que não se tornariam mestres do universo. Mortimer fazia parte do primeiro grupo, mas ainda se agarrava à esperança da existência de um círculo exclusivo e desconhecido pelos membros comuns para o qual, um dia, ele seria convidado. Nesse meio-tempo, ele fazia o que podia para provar que era digno.

As reuniões da loja geralmente incluíam palestras para a edificação dos membros. No passado, George já havia falado sobre os aspectos práticos de criar e expandir o próprio negócio, e Montrose dera uma palestra sobre pesquisa genealógica. Os discursos de Mortimer sempre pendiam mais para o

ocultismo, como os caixões de Barbados que se mexiam sozinhos ou as linhas de Nazca no Peru. Naquela noite, quando George e Montrose chegaram, ele estava terminando de arrumar um modelo em escala da tumba do rei Tut, que incluía bonequinhos de Howard Carter e de Lorde Carnarvon.

Se fosse uma noite como outra qualquer, George adoraria ouvir uma boa história de múmias e maldições, mas dessa vez ele tinha outras prioridades. Portanto, assim que a reunião começou, ele entrou com uma moção para interromper os procedimentos rotineiros e fazer um pedido extraordinário de ajuda. A moção foi aprovada, mas George logo percebeu seu erro: embora estivesse falando de Caleb Braithwhite da maneira mais mundana possível, notou que Mortimer ficava cada vez mais animado. E então, quando *O Livro dos Nomes* foi mencionado, Mortimer chegou imediatamente à mesma conclusão de Atticus, bradando-a em voz alta — para confusão dos demais presentes, que não conheciam a obra de H.P. Lovecraft.

— *Necronomicon*? — indagou Joe Pirata. — O que é isso?

— Um livro de magia negra — respondeu Mortimer, com entusiasmo. — Escrito por Abdul Alhazred, o árabe louco...

— Está mais para o árabe gago, isso sim — retrucou Abdullah. — É “Abd al”, não “Ab-duuul”. *Abd* quer dizer “servo”, e *al* é o artigo, então *Abd al al-Hazred* seria “o servo de o-o Hazred.”.

Joe Pirata estava confuso.

— O que é um *hazred*?

— Um cara branco de Rhode Island tentando bancar o engraçadinho — disse Montrose.

— Esqueça o *Necronomicon* — falou George, impaciente. — Estamos falando de um livro de verdade.

— Um livro mágico de verdade — disse Abdullah.

— Bem... Supostamente.

— Como assim? Você não acredita que ele seja mágico?

— Não importa.

— Importa para mim — falou Abdullah, levando a mão ao peito. — *Abd Allah*. Servo de Deus. Posso mover mundos e fundos por um irmão da loja, George, mas se tem uma coisa que nunca farei é contribuir para que um homem perverso se torne mais poderoso. Parece que esse Caleb Braithwhite já é ruim o suficiente.

— Ele é, mesmo — concordou George. — E é por isso que não daremos o

livro de verdade para ele. Conforme nossos planos, Montrose, meu sobrinho e eu nos reuniremos com Braithwhite e seus camaradas na quarta-feira depois de o museu fechar. Eles vão nos botar para dentro e mostrar onde fica a sala secreta, e nós entraremos para pegar esse tal *Livro dos Nomes*. Mas o que eu quero fazer é ir lá amanhã à noite, e chegar até a sala e o livro antes disso. E então...

— E então — continuou Mortimer — você o trocará por um engodo... um *Livro dos Nomes* falso, que você “encontrará” na quarta-feira e entregará a Braithwhite, em troca do livro de sua bisavó Adah!

George olhou para ele, irritado, e admitiu:

— Isso.

— Mas onde você vai arrumar um *Livro dos Nomes* falso? — inquiriu Joe Pirata.

— Ainda estou vendo isso — falou George. — A questão é que nós sabemos que Winthrop, o sujeito que escondeu o livro, queria muito impedir que o pai de Braithwhite pusesse as mãos nele. Então quem sabe essa coisa toda da sala secreta não é um engodo? Por mim, não tem problema Braithwhite perceber que o livro é falso, desde que acredite que a enganação é obra de Winthrop.

— Isso é o que você espera — comentou Abdullah. — E se ele perceber que você está mentindo? Ou se acreditar, mas decidir continuar com o livro de sua bisavó até que você encontre a *verdadeira* sala secreta?

— Isso ainda está uns seis passos à frente — disse George. — Prefiro dar um passo de cada vez.

— A melhor maneira de resistir à tentação é evitando-a desde o início — sugeriu Abdullah. — Façamos assim: vou pedir ao meu primo que deixe vocês entrarem no museu amanhã, mas irei com vocês. Se encontrarmos O *Livro dos Nomes*, vocês o entregarão para mim.

— O que você vai fazer com ele?

— Sabe aquele prédio na rua Calumet onde acabamos de abrir uma nova sala de oração? No porão tem um incinerador... Na pior das hipóteses, você pode dizer para Braithwhite que Abdul Alhazred voltou a se dedicar a memorizar o Alcorão.

George não gostou nada daquilo, mas percebeu que Abdullah seria inflexível — e talvez estivesse certo.

— Combinado — cedeu George. — Se encontrarmos o livro, ele é seu.

Mas...

— Que maravilha! — interrompeu Mortimer, mais uma vez, esfregando as mãos. — Que horas nos encontramos no museu?

* * *

— Você não podia ter dito “não”? — perguntou Atticus.

— Ele é um de nossos irmãos na loja — retrucou George.

— Embora não seja o mais brilhante — acrescentou Montrose.

Quinze para meia-noite e os três estavam reunidos ao lado da entrada de funcionários na ala leste do museu. Acompanharam com os olhos a aproximação de Mortimer Dupree. Em vez de seguir pela calçada, Mortimer preferiu se esconder no meio das plantas, avançando de árvore em árvore de uma maneira que certamente levantaria suspeitas de qualquer um que passasse. Por sorte, devido à hora avançada e às temperaturas congelantes, a área estava deserta.

— Gostei da roupa — disse Montrose quando Mortimer, por fim, alcançou-os.

O dentista estava de sapatos e calça pretos, um suéter preto, um gorro de lã preto, e luvas de camurça preta. Pendurada no ombro, havia uma bolsa preta abarrotada e que chacoalhava com o movimento.

— Essas são suas ferramentas de ladrão? — perguntou Montrose.

— É melhor estar preparado — disse Mortimer, e então apontou para a bolsa mais modesta que estava nas mãos de George. — Trouxe o engodo?

— Sim. É uma enciclopédia sobre a cabala em hebraico, com uma bela encadernação, daquelas antigas. — George mostrou o livro. — Nós a compramos na livraria do Thurber Lang. Era a coisa mais parecida com um livro mágico que ele tinha.

— Não importa a beleza da encadernação — argumentou Montrose, não pela primeira vez. — Braithwhite vai perceber na hora que não é o livro certo.

— É claro que vai — concordou George —, mas tudo bem. Desde que ele não se dê conta de que fomos nós que fizemos a troca.

— Isso é o que você acha.

— Só temos que vender a história direitinho quando entregarmos o livro a ele.

— Você devia ter me deixado plantar uma armadilha — disse Montrose.
— Fazer o livro explodir na cara dele quando fosse aberto, aí a gente ia ver se ele é imune mesmo.

Abdullah e Joe Pirata chegaram logo antes da meia-noite. Abdullah levou o grupo para baixo até uma porta no porão na qual dizia SOMENTE FUNCIONÁRIOS. Passado um minuto da meia-noite, a porta se abriu e o primo de Abdullah pôs a cabeça para fora, com o cenho franzido.

— Mas que inferno, Percy — chiou ele. — Você trouxe a ordem inteira?

— Oi, Bradley — disse Abdullah. — Lembra aquela vez em que você foi despejado e o xerife só lhe deu uma hora para tirar todas as coisas do apartamento? Naquele dia eu também apareci com um grupo grande, e, se bem me lembro, você não achou ruim.

— Bom, aquele dia foi aquele dia, hoje é hoje — disse Bradley, mas acabou recuando e acenando para que entrassem. — Não deem nem um pio até chegarmos lá em cima.

Ele os conduziu por um vestiário e um corredor, então por uma porta meio aberta que dizia SEGURANÇA. Havia um rádio tocando na sala do departamento de segurança; ouviram um farfalhar de páginas de jornal, e então a voz de um homem branco disse: “Irlandeses filhos da puta.” Bradley levou o dedo indicador aos lábios. Continuaram seguindo pé ante pé até o fim do corredor, subiram um lance de escada e saíram na lojinha do museu.

— Era o meu supervisor, o sr. Miller — explicou Bradley, assim que julgou estarem longe o bastante para não serem ouvidos. — Na maior parte das vezes ele só deixa o escritório à noite para ir ao banheiro, mas de vez em quando ele gosta de sair para ver se eu não estou de bobeira no serviço. Ele acha muito engraçado saltar na minha frente do nada dizendo “buuu”, então às vezes eu nem ouço o sujeito se aproximando.

— Não se preocupe, ele não vai nos pegar de surpresa — garantiu Abdullah.

— Sei — disse Bradley. — Me contem mais sobre essa sala secreta que vocês estão procurando. Vocês sabem, pelo menos, em que parte do museu ela deveria estar?

Abdullah voltou-se para George.

— Hoje de manhã, Montrose e eu fomos à biblioteca para examinar os

relatórios anuais do museu — contou George. — Houve alguns projetos de reforma durante os anos em que Hiram Winthrop pertenceu ao conselho, mas acho que o que nos interessa é o de 1925. Foi o ano em que Winthrop patrocinou e liderou uma expedição ao Sudão e, ao voltar, supervisionou a instalação de um novo pavilhão de exposições. Supondo que a sala secreta fique nessa área, temos que procurar no canto noroeste, no segundo andar do prédio.

— Segundo andar, canto noroeste. — Bradley fez um aceno positivo com a cabeça. — Que bom. O sr. Miller não gosta de andar tanto.

Atravessaram o saguão central do museu e subiram para a galeria do segundo andar. O pavilhão que abrigara a exposição sudanesa de Winthrop estava ocupado por uma coleção de espécimes animais da Amazônia. Bradley os deixou à entrada, ao lado de um expositor cheio de tarântulas do tamanho de um punho fechado.

— Vou voltar lá para baixo, para completar minha ronda. Volto em meia hora para ver como vocês estão. Não façam muito barulho. — Olhando a roupa de ladrão de Mortimer, Bradley acrescentou: — E não mexam nos expositores.

— Não precisa se preocupar — disse Mortimer.

Eles se espalharam, procurando painéis e alçapões secretos. Não encontraram nada na sala de exposições, mas a extremidade oeste do recinto era uma passagem em L que levava a outro ambiente. Um mosaico de ladrilhos na parede da passagem mostrava um portal de pedra rosada no meio de um deserto. O arco era cercado de céu azul e areia, enquanto o vão dentro, do tamanho de uma porta, era de um preto opaco e sem detalhes.

— Só pode ser isso aí — disse Atticus.

As laterais do portal eram decoradas com hieróglifos, mas os símbolos na pedra angular eram letras individuais. Ele reconheceu o alfabeto.

— Isso é o idioma de Adão — explicou.

— Devemos ter que apertar um dos ladrilhos para abrir — disse Mortimer.

Ele se adiantou na ponta dos pés até a pedra angular, mas o ladrilho estava firme e não se mexeu.

Joe Pirata apontou para outra placa, no lado direito do arco, que tinha um hieróglifo com um homem segurando um *ankh* como se fosse uma chave.

— Tente aquele ali — sugeriu ele.

O ladrilho do *ankh* também não funcionou. Abdullah e George também

deram palpites, até que Montrose ficou frustrado.

— Parem de futucar esse negócio! — exclamou ele. — Precisamos de uma abordagem mais sistemática.

— E se for mais de um ladrilho? — aventou Joe Pirata. — E se tivermos que apertar dois ao mesmo tempo? Ou mesmo três?

— Então vamos ficar aqui a noite inteira — disse George. — Mas, se não tiver jeito...

O som metálico de uma lâmina chamou a atenção de todos. Os maçons se viraram para Atticus, que fazia um corte em seu polegar com uma faca.

— O que você está fazendo? — perguntou Abdullah.

— Tentando aplicar um pouco de filosofia natural — respondeu Atticus. — É uma longa história.

Ele tomou a dianteira e traçou uma linha de sangue na pedra angular, certificando-se de tocar cada uma das letras. O ladrilho absorveu o sangue quase instantaneamente e, conforme a mancha desaparecia, o tom da pedra se tornou mais brilhante. O fulgor se espalhou pelos outros ladrilhos do arco, enquanto as placas escuras se fundiam, virando uma mancha desfocada. A escuridão ficou mais vívida e foi adquirindo profundidade, até que, com uma transição impecável, o que antes era só uma sugestão de vão se transformou de fato em um buraco na parede.

Findo o processo, Abdullah foi o primeiro a falar:

— Canto noroeste do prédio. E essa deveria ser uma parede externa, não é?

— Se não, quase — confirmou George.

A luz tênue não adentrava muito a abertura, mas só de espiar a escuridão já dava para perceber que a passagem se estendia por uma boa distância — além do perímetro do prédio, invadindo um espaço que deveria ser ocupado só por ar.

Mortimer se entusiasmou outra vez.

— É uma dimensão paralela! — exclamou. — Outro universo, talvez.

— Aham — disse Joe Pirata. — Então, quem quer ir primeiro?

* * *

George adentrou. Depois Montrose. Em seguida, os demais.

Após a entrada estreita, havia um corredor reto e plano, de uns três metros de largura e com paredes de pedra escura até um teto abobadado. O ar estava seco e frio, porém desagradavelmente estagnado.

George e Montrose tinham uma lanterna cada, já Mortimer trouxera três. O corredor avançava para além do alcance dos feixes de luz.

— Será que não convém deixar alguém aqui, para vigiar a saída e avisar a Bradley aonde fomos? — sugeriu Joe Pirata.

Atticus lançou um olhar atravessado para Mortimer, que agarrou a bolsa, na defensiva.

— Nem pensar! — protestou Mortimer. — Eu quero ir!

— Vamos logo com isso — disse Montrose, impaciente.

Assim, eles seguiram juntos, com George, Montrose e Abdullah na frente, e Mortimer, apesar de sua suposta empolgação, atendo-se à retaguarda com cautela.

O corredor seguia em linha reta por um bom tempo e logo se revelou monótono.

— Alguém está contando os passos? — perguntou Abdullah.

— Se não estivéssemos na Dimensão X, a esta altura já estaríamos cruzando os trilhos do trem — supôs Montrose.

— Do outro lado do trilho tem um café pertinho da estação — observou Joe Pirata. — Estação da Maxie. As rosquinhas de lá são boas.

— Eu bem que comeria uma rosquinha — disse Atticus. — Mortimer, por acaso você trouxe uma britadeira?

— O quê? — perguntou Mortimer, com sobressalto na voz. — Não, eu...

— Estou vendo alguma coisa — anunciou George.

Todos se calaram e observaram. Um brilho tênue na escuridão. Prosseguiram devagar, e um objeto foi surgindo sob os feixes de luz das lanternas: era um baú. Um baú de prata, sobre um pedestal escuro que batia na altura da cintura. Sentiram que o ar ao redor deles havia mudado, e os ecos dos passos indicavam que eles se encontravam em um amplo espaço aberto.

— Parece que achamos a sala do tesouro — disse Montrose. — Prepare suas ferramentas de ladrão, Mortimer.

— Espere — interveio George, estendendo o braço à frente do irmão para impedir que ele avançasse, e então voltou o feixe da lanterna para baixo.

A menos de um metro e meio de onde estavam, o chão de pedra escura terminava de repente.

George ergueu a lanterna outra vez e estudou o baú com mais cuidado. Não havia pedestal, o baú estava suspenso no ar.

Ele sentiu que havia outro objeto pairando por ali. Levantou ainda mais o feixe da lanterna, apontando-o para a direita.

— Ai, meu Deus — disse ele.

Em vida, o morto fora um homem branco; depois de morrer, sua pele ressequida assumira um tom acinzentado. O terno pendia, frouxo, no corpo ressequido, e as mãos que brotavam das mangas estavam tortas, com as pontas dos dedos empretecidas e as unhas quebradas. Felizmente, os olhos estavam fechados, mas, com a retração dos lábios, os dentes ganhavam destaque em um esgar de orelha a orelha, e a boca aberta deixava entrever a ponta pálida da língua mirrada.

A lanterna estremeceu de leve nas mãos de George, e na luz trêmula a ponta da língua parecia se mexer, como se o ex-grão-mestre de Chicago estivesse tentando falar. Ou gritar.

* * *

— É uma esfera — constatou Abdullah, fazendo a luz da sua lanterna percorrer as paredes de pedra lisa que se abriam em curva após a boca do corredor. — Diria que tem uns quarenta e cinco metros de diâmetro.

O baú ficava no centro da esfera, e o corredor em que estavam ficava na altura da metade da circunferência. O corpo do grão-mestre flutuava no hemisfério superior, mais ou menos onde seria a latitude dos cavalos, girando lentamente como um pedaço de detrito marinho à mercê de uma correnteza preguiçosa.

— O que está sustentando o morto lá em cima? E aquilo? — perguntou Montrose, gesticulando na direção do baú, que, ao contrário do cadáver, estava imóvel, um ponto fixo no espaço.

George foi até a beirada e estendeu o braço, verificando o que aconteceria.

— Segura o meu cinto.

— O quê? — indagou Montrose.

— Você e Atticus, segurem a parte de trás do meu cinto.

Montrose e Atticus se postaram atrás dele e cada um apanhou o cinto com

uma das mãos e, com a outra, enganchou os dedos no passador da calça.

— Certo, segurem firme — pediu George, e se inclinou para a frente.

Nem chegou a avançar muito — só o suficiente para que a maior parte da massa corporal adentrasse a sala esférica — quando, de repente, a gravidade parou de fazer efeito sobre ele. Seus pés deixaram o chão, e, levado pelo *momentum*, o corpo dele tombou para a frente até ficar totalmente na horizontal. George balançava os braços, enquanto Montrose e Atticus tentavam estabilizá-lo.

— Meu Deus! — exclamou Mortimer.

— Tio George? — chamou Atticus.

— Estou bem — respondeu ele, rindo de nervoso. — É possível que eu bote o jantar para fora, mas até que é meio divertido. Só não me soltem, combinado?

A lufada de ar soprou sem aviso, acertando George de lado. Ele deu uma guinada violenta para a direita, como um balão atingido pelo vento no meio de um desfile do Dia de Ação de Graças, arrastando consigo os seus controladores. Montrose, que estava mais perto do sopro, foi arrastado para a borda pelo corpo pivotante de George. Acabou avançando demais e logo flutuava também, deixando Atticus como o único ponto de ancoragem de ambos.

Joe Pirata disparou para a frente e agarrou um dos tornozelos de Montrose. Abdullah pegou o outro. Outra lufada de vento os atingiu, mas Joe Pirata, Abdullah e Atticus aguentaram firme, conseguindo puxar Montrose e George de volta em segurança. Assim que retornaram para o corredor, a gravidade voltou a agir, e os cinco homens acabaram caindo no chão, uns por cima dos outros, com Mortimer de pé logo atrás deles repetindo “Meus Deus!” sem parar.

George rolou para o lado, saindo de cima de Atticus, e deu alguns instantes para que sua frequência cardíaca diminuísse. Então, levantou-se e ajudou os demais a ficarem de pé. Pegou a lanterna e a dirigiu outra vez ao falecido grão-mestre, que ainda girava lentamente nas latitudes mais altas.

— Então foi isso que aconteceu com ele — concluiu George. — Esticou demais a cabeça sobre a borda, sem ter ninguém para segurá-lo, e acabou sendo carregado pelo vento até entrar em órbita.

— E depois? — perguntou Atticus, espanando a poeira das mangas da camisa. — Acha que ele morreu de sede?

— Ou isso ou hipotermia — disse George. — Ou talvez ele tenha rachado o crânio ao bater na parede enquanto rolava.

— Ele não está rolando agora — observou Montrose. — Será que o vento só bate aqui na entrada?

— Talvez. — George entendeu a lógica do irmão. — Mortimer, por acaso tem alguma corda aí nessa bolsa?

— É claro. Bastante, até.

— Precisamos de corda suficiente para amarrar e fazer um cinto de segurança para mim e ainda sobrar uns trinta metros.

— Não — objetou Montrose. — Você, não.

— Eu, sim — teimou George.

Montrose, contudo, balançou a cabeça.

— Você é grande demais. Aliás, eu também sou. Tem que ser alguém pequeno, alguém que não vá arrastar os outros cinco para o abismo caso estejamos errados a respeito do vento. — Ele olhou para Mortimer Dupree, com seu um metro e sessenta e dois. — Alguém que a gente possa arremessar.

* * *

— No três — instruiu George.

Ele e Montrose estavam a alguns passos do fim do corredor, segurando Mortimer entre eles, como se fosse um aríete humano. Atrás, Joe Pirata e Abdullah estavam encarregados cada um de uma corda — a primeira, presa a um arreio improvisado amarrado no peito de Mortimer; a segunda, ao tornozelo direito dele, de reserva. Atticus estava do lado direito do pai, segurando a lanterna mais potente.

— Certo — disse Mortimer, levando a mão à testa para acender sua lanterna de cabeça. — Estou pronto. Estou pronto. — Ele fechou os olhos. — Jesus.

— Não se preocupe, Dupree — falou Montrose. — Depois disso, com certeza os Illuminati vão aparecer para recrutar você.

— Ok — disse George. — Um... dois... três!

Ao ser propelido no ar, Mortimer abriu os olhos. A transição para a

ausência de peso foi instantânea, mas seu cérebro se agarrou com teimosia à noção de que um homem arremessado de um precipício necessariamente *cai*, e cai muito feio.

— *Eita poooooorr...*

Uma lufada de ar abafou o resto da exclamação. Mas ele já tinha passado pela borda da esfera e nem foi tocado pelo vento. Adernando de leve para cima, ele rumou na direção do baú com os braços abertos como asas inesperadamente eficazes. Abdullah e Joe Pirata manejavam as cordas, tentando impedir que elas se embolassem.

— Ok — disse George. — Comecem a frear.

A essa altura, Mortimer já tinha se recuperado emocionalmente o suficiente para dar as próprias direções, gritando:

— Quase lá... devagar... devagar...

Criando uma leve fricção nas cordas, Abdullah e Joe Pirata conseguiram fazê-lo parar a poucos metros do baú. Na perspectiva deles, Mortimer parecia estar flutuando logo acima do baú, à esquerda.

— Tudo bem aí, Mortimer? — gritou George.

— Vou precisar de uma cueca limpa — respondeu Mortimer —, mas pelo menos eu já sei como o Super-Homem se sente.

— Tente usar sua visão de raios X no baú — sugeriu Montrose. — O que você está vendo?

— Tem vários adornos do lado de fora — contou Mortimer. — Estrelas e planetas e coisas do gênero. Estou vendo mais daquelas letras esquisitas também... — Depois de um instante, acrescentou: — Eu não vou ter que sangrar nele, não, vou?

— Ainda não — respondeu George. — Dá para ver como ele abre?

— Não estou vendo nenhuma fechadura nem cadeado. Tem uma linha ao redor de toda a parte de cima que pode ser a borda de uma tampa. Se eu chegar um pouco mais perto, posso tentar... Uou! — Mortimer se torceu de repente no ar. — Estou vendo uma corrente! É grande, está esticada para trás, em direção à parede... Parece ser de ferro fundido e está esticada, quase como se o baú estivesse pendurado nela, mas pendurado, tipo, de lado, sabe?

George voltou-se para Montrose e perguntou:

— Será que existe uma espécie de campo magnético? Empurrando o baú para cá?

— Bem capaz. Mas, se for isso mesmo, deveria afetar tudo o que está no

mesmo ambiente... Ô, Mortimer! — gritou Montrose. — Está sentindo alguma coisa puxando a fivela do seu cinto? Ou as suas entranhas?

— Não — respondeu Mortimer, e então, preocupado: — Por quê?

— Fale mais sobre a corrente — pediu George. — Acha que é possível arrebenhá-la?

— Não sem um maçarico bem grande... O que foi que você falou sobre minhas entranhas?

— Deixe isso para lá. Consegue ver como a corrente está presa ao baú? Será que podemos desenganchá-la?

— Espera aí...

Retorcendo-se de novo e usando as cordas como apoio, Mortimer girou. Estendeu a mão para tocar o baú e conseguiu enganchar a ponta do dedo em um pedacinho de filigrana ornamental — um minúsculo ponto de contato, mas o suficiente para dar um pouco de impulso. Em alguns segundos, ele já tinha conseguido agarrar o baú com firmeza e se içar na direção dele.

Mortimer colidiu com o baú, fazendo a corrente chacoalhar. Da extremidade oposta da esfera veio o baque agudo de metal de uma porta ou de um portão se abrindo, seguido pelo barulho de algo deslizando por uma canaleta. Mortimer, que tinha conseguido montar no baú, virou a cabeça na direção do som.

— Hum — disse ele.

O deslizar tinha parado, mas eles começaram a ouvir o ronco suave de pás de rotor.

— Hum — repetiu Mortimer Dupree.

— Mortimer? — chamou George. — Você está fazendo “hum” para o quê?

— Não sei ao certo. É tipo um pequeno submarino.

Atticus apontou o feixe da lanterna para o torpedo preto que vinha voando das sombras do hemisfério mais distante. O troço tinha menos de um metro de comprimento, com uma hélice grande demais e asas curtinhas que permitiam que ele manobrasse no ar. O nariz era cercado de saliências multifacetadas de cristal, como olhos cintilantes de libélula. Aquilo circundou a sala no sentido anti-horário e, quando se aproximou da boca do corredor, eles conseguiram ouvir os cliques de suas engrenagens internas.

— Acho que é melhor tirar o Mortimer de lá — constatou Atticus, depois que a coisa tinha passado por eles.

— É — concordou George, e gritou: — Mortimer! Vamos puxar você de volta!

— Por quê? — perguntou Mortimer. — Vocês acham que essa coisa é perigosa?

— Solta logo a droga do baú, Dupree — disse Montrose.

Contudo, em vez de soltar, Mortimer se agarrou com mais força, acomodando-se em cima do baú e girando a cabeça para acompanhar a trajetória do torpedo. Quando este fez uma curva na extremidade oposta do baú, o som da hélice mudou de tom. Atticus acertou a luz da lanterna nele no momento seguinte, e o torpedo já estava se movendo mais rápido. Então, enquanto se aproximava, o nariz se abriu, revelando ameaçadoras lâminas rotativas. Giravam tão rápido que não dava para ver seus contornos e emitiam um zumbido agudo como uma broca de dentista.

— Ei! — Mortimer ralhou com o torpedo como se ele fosse um vira-lata desobediente. — Ei! Não!

O torpedo rumou para a corda que se prendia ao arreio no corpo de Mortimer. As lâminas giratórias a cortaram sem fazer o menor esforço. Fragmentos da corda destruída saíram flutuando para todos os lados enquanto o torpedo continuou seu voo, fazendo a volta para mais uma investida.

George agarrou a corda do tornozelo, a única ligação que restava entre Mortimer e eles, e deu um puxão forte.

— Mortimer — gritou ele —, a gente tem que puxar você de volta.

Mas o outro continuou agarrado ao baú, encarando o torpedo de olhos arregalados.

George soltou a corda e enfiou a mão dentro do paletó, pegando a pistola.

— Atticus, preciso que você mantenha essa luz estável.

— Pode deixar — disse Atticus.

O torpedo reapareceu no campo de visão deles, vindo por de trás do baú. George mirou com cuidado e puxou o gatilho. O som do tiro foi ensurdecedor, mas errou o alvo — deu para ver a bala acertando a parede. Ele rapidamente mirou outra vez e atirou. Errou.

— Diabo! — exclamou Montrose. — Passa isso para cá...

Ele fez menção de pegar a arma, mas, antes que pudesse tomá-la das mãos do irmão, Abdullah se adiantou entre os dois, segurando a corda do tornozelo com ambas as mãos. Assim que o torpedo se alinhou para um novo ataque, Abdullah soltou um pouco da corda e então deu um puxão forte, provocando

uma ondulação que se propagou por toda a sua extensão. O torpedo tentou corrigir a trajetória, mas, em vez de cortar completamente a corda, só a acertou de raspão.

— Atira! — gritou Mortimer. — Atira!

George atirou outra vez no torpedo que se afastava. E errou.

— Mas que inferno! — explodiu Montrose.

Então Joe Pirata bradou, com uma voz cheia de autoridade:

— Irmão Dupree, eu faço um juramento a você, como seu companheiro maçom, de que nós não vamos deixá-lo morrer, mas você tem que largar essa merda de baú *agora*.

Tremendo como vara verde, Mortimer subiu e se agachou em cima da tampa do baú — então ficou paralisado.

— Anda logo, Mortimer, ou você será expulso da ordem — ameaçou Joe Pirata.

Berrando, Mortimer pulou. Montrose e Abdullah começaram a puxar a corda — que, ao retesar, começou a desfiar no ponto em que o torpedo a acertara de raspão.

— *Devagar* — advertiu George.

Enquanto isso, Mortimer flutuava todo torto em direção ao corpo do grão-mestre.

— Sai daí! — gritou ele para o cadáver.

Mas o morto não se mexeu, e os dois colidiram, girando em um emaranhado de braços e pernas. Outro fio da corda se partiu. O torpedo, retornando, mirou nos corpos emaranhados e acelerou para o golpe final.

Mortimer ouviu o zumbido das lâminas que se aproximavam. Ele girou, usando o cadáver do grão-mestre como escudo. O torpedo acertou as costas do morto. As lâminas atravessaram sua coluna vertebral e o que restava dos pulmões e do coração, mas então ficaram presas no esterno, e o motor superaquecido começou a gritar em protesto.

— Sai daquiiii! — berrou Mortimer, pondo as mãos no ombro do morto e o empurrando para longe.

Assim que transpuseram a parte da corda que estava desfiando, Abdullah e Montrose puxaram com mais força. Conseguiram trazer Mortimer, que gritou o tempo inteiro, de volta ao corredor e o agarraram.

O torpedo executou uma curva lenta e rumou para o corredor, empurrando à frente o corpo do grão-mestre. O cadáver sorridente estava de braços

abertos, como se viesse para um abraço. George ergueu a pistola outra vez, mirou na saliência sangrenta no peito do cadáver e deu mais três tiros, um dos quais enfim acertou o alvo. Houve uma pequena explosão, o estrondo das engrenagens quebrando, e a hélice parou. Levado pelo *momentum*, o cadáver continuou a flutuar para a frente.

Então o vento soprou outra vez, devolvendo às sombras o cadáver do grão-mestre, com o torpedo destruído saindo de suas costas como se fosse um grotesco boneco de corda.

* * *

— Talvez estejamos usando a abordagem errada — disse Montrose, alguns minutos depois.

— Bem, se você souber a abordagem correta, sou todo ouvidos — devolveu George.

— Em vez de nos perguntar como vamos pegar esse baú — continuou Montrose —, deveríamos nos perguntar como Winthrop faria isso. Afinal de contas, essa é uma câmara do tesouro *secreta*, então ele não traria um monte de gente para cá. Ele devia vir sozinho. Mas, então, como ele fazia?

George deu de ombros.

— O cara era um feiticeiro. Talvez ele voasse até o baú.

— O morto também era um feiticeiro — replicou Montrose. — Ele não sabia voar. E, se eles soubessem, aquelas armadilhas não fariam o menor sentido.

— Ok — concordou George. — Então qual é a resposta certa?

— A sala é uma máquina — concluiu Montrose. — Existe um motivo para a corrente que prende o baú não ser visível daqui. Se a pessoa não sabe da corrente, ela supõe que o baú está simplesmente flutuando, e a única opção é tentar ir buscá-lo. E então se ferra...

Montrose se voltou para o dentista, que estava sentado lá atrás, no corredor, apoiando o queixo nas mãos.

— Mortimer, você viu onde vai dar a outra ponta da corrente? — perguntou ele.

— Onde? — Mortimer ergueu a cabeça. — Eu já falei, ela dá na parede

dos fundos.

— Mas como? Fica aparafusada? Ou entra na parede?

Mortimer refletiu por um momento.

— Não tenho certeza — disse ele. — Na verdade, não deu para ver bem como ela estava presa. Sei que tinha um buraco na parede, que foi de onde saiu aquele troço voador. Talvez a corrente saia de outro buraco.

Montrose voltou-se para George outra vez.

— A corrente está presa em um carretel. Eu tenho certeza.

— Então o baú chega até aqui — disse George. — Mas como fazemos isso?

— Essa é a parte difícil. Se for com uma palavra mágica, estamos perdidos.

— De que outro jeito poderia ser? — George perscrutou as paredes e o teto próximos ao fim do corredor, procurando algum interruptor que eles pudessem ter deixado passar.

— Não vai estar aqui — disse Montrose. — Se fosse eu, colocaria logo na beirada da parede externa, onde você só conseguiria ver botando a cabeça para fora, mas onde dá para alcançar mesmo sem ver.

George se ajoelhou no fim do corredor e, tomando cuidado para não se inclinar muito para a frente, deslizou a mão além da borda e começou a tatear. Montrose se juntou a ele, cada um procurando para um lado.

George já tinha subido um terço da parede esquerda quando encontrou uma reentrância rasa com um botão.

— Acho que é aqui — anunciou ele.

Ele apertou o botão, e o baú, impelido pela força invisível que o controlava, começou a deslizar na direção deles, a corrente se desenrolando do carretel escondido na parede com um chacoalhar. O baú chegou até a boca do corredor e parou, ainda flutuando, bem na bordinha. A tampa se abriu para trás, graças a dobradiças motorizadas.

Em contraste com seu exterior brilhante e ornamentado, o interior do baú era cinza, com estilo industrial. Uma lâmpada fluorescente dentro da tampa se acendeu, banhando o conteúdo da caixa com sua luz intensa.

O Livro dos Nomes jazia sobre uma almofada de couro grosso, preso por duas tiras afiveladas. O tamanho do livro era semelhante ao de um volume de enciclopédia ou o de uma escritura profana. O couro da encadernação era de um animal com poros grandes, e as letras do idioma de Adão na capa

pareciam cicatrizes, como se a criatura tivesse sofrido cortes, tido tempo de cicatrizar e só então sido esfolada.

— O que você acha? — perguntou George, olhando para as tiras e a almofada. — Mais armadilhas?

— Não sei. Talvez. — Montrose deu de ombros. — Ah, que se dane...

Juntos, eles enfiaram as mãos no baú e abriram as fivelas. George pegou uma ponta do livro, e Montrose, a outra, e o levantaram. Não havia armadilhas, mas *O Livro dos Nomes* era pesado, e, assim que o tiraram do baú, o puxão repentino da gravidade fazendo efeito sobre a encadernação fez ambos a agarrarem com mais dificuldade.

— Pode deixar — disse Montrose. — Eu estou segurando.

— Não — respondeu George —, *eu* estou segurando.

— Com licença, meus irmãos — interveio Abdullah.

* * *

Já passava de uma da manhã quando retornaram ao museu. George foi o último a sair do corredor e, ao olhar para trás, viu que o portal tinha se fechado silenciosamente.

— Bradley? — chamou Abdullah, baixinho, voltando à sala de exposições.

Estava carregando *O Livro dos Nomes* com os braços estendidos, como se o livro fosse impuro demais para estar perto de seu corpo, e seus músculos começaram a tremer com o esforço.

— Bradley, você está aqui? — repetiu ele.

Não houve resposta. Eles foram em direção ao outro lado da sala, mas tinham dado poucos passos quando um fósforo se acendeu na escuridão à frente. No mesmo instante, ouviram armas sendo engatilhadas à direita, e os detetives Burke e Noble saíram de trás de um expositor, com pistolas apontadas para eles.

— Viu só? — disse Caleb Braithwhite. — Falei que eles iam conseguir.

— Verdade — respondeu o capitão Lancaster —, e eu disse que eles iam tentar foder a gente.

Aceso o charuto, o capitão balançou o fósforo, jogou-o no chão e falou:

— Está bem, vamos acabar com isso de uma vez... Vocês estão invadindo

uma propriedade privada. — A ameaça era dirigida a George e seus companheiros. — Eu poderia prender todos agora mesmo pelo crime ou poderia mandar meus homens meterem bala em vocês só para não ter que lidar com a papelada. E você — disse ele, apontando o dedo para Abdullah —, Percival Avery Jones, residente à rua South Wabash, número 5713, apartamento 2C. É melhor pensar bem no que vai acontecer com a sua esposa, Rashida, e seu filho, Omar, caso não volte para casa. E seu primo Bradley? A partir de agora, ele não trabalha mais aqui, mas se eu tiver que arrancar a porra desse livro das suas mãos, vou arrumar um emprego novo para ele, dobrando roupa na lavanderia do presídio em Joliet.

Abdullah passara a abraçar o *Livro dos Nomes*, mas seus braços ainda tremiam.

— Rashida — repetiu Lancaster. — Omar.

Abdullah abaixou a cabeça.

— Sinto muito, George — falou ele, com a voz embargada de vergonha.

Ele deu um passo à frente, mas George estendeu o braço para impedi-lo.

— Nós tínhamos um acordo — disse George a Braithwhite.

— De fato — concordou Braithwhite, de bom grado —, e estou pronto para honrá-lo.

Ele chutou de leve uma bolsa no chão.

— Supondo, é claro, que esse seja o verdadeiro *Livro dos Nomes*. — Ele sorriu. — Não tenho o menor interesse em cabala.

“Seis passos à frente”, pensou George. Tentou bolar alguma alternativa, mas a única saída era a mais óbvia: sobreviver àquela noite e torcer para que o futuro trouxesse uma oportunidade de reparar a situação.

Ele recolheu o braço, gesticulando para que Abdullah avançasse. Braithwhite pegou o livro das mãos dele e o folheou.

— E aí? — perguntou o capitão Lancaster.

Braithwhite assentiu e sentenciou:

— É o livro certo.

— Então acabamos aqui — concluiu o capitão.

Olhou para os detetives sem dizer uma palavra, e seus homens relaxaram, guardando as armas.

— O museu está fechado — anunciou Lancaster. — Procurem uma saída de emergência e deem o fora daqui.

Ele levou o charuto à boca, deu meia-volta e foi embora, com os detetives

em seu encalço.

— É todo seu — disse Caleb Braithwhite a George, empurrando outra vez a bolsa com a ponta do pé. — Aí dentro tem um pequeno adicional pelo inconveniente... Até a próxima.

E também foi embora.

— “A próxima” — repetiu Montrose, resmungando.

George foi olhar o que havia na bolsa. O livro de Adah estava logo por cima, enrolado em um pano branco e limpo. Primeiro, ele se certificou de que o volume estava intacto e só depois verificou o que era o “pequeno adicional”. Ficou de queixo caído.

De pé atrás dele, Montrose também viu o conteúdo da bolsa e soltou:

— Filho da puta.

— O que tem aí dentro? — perguntou Atticus.

— Dinheiro — respondeu George, olhando, incrédulo, os maços organizados de notas de cem dólares. — Parece a dívida dos Burns. Braithwhite a quitou.

— A dívida da bisca Adah? Você está falando do principal, certo? O montante inicial de oito mil e oitocentos?

— Não — respondeu George. — Estou falando de tudo: os oito mil e oitocentos iniciais, mais noventa anos de juros.

Enquanto tateava dentro da bolsa com uma das mãos, contando os maços de notas, sentiu o livro ficar mais leve na outra, e depois o resto de seu corpo também, como se a gravidade tivesse o soltado outra vez.

— Trezentos mil — concluiu ele. — Trezentos mil dólares.

— Filho da *puta*! — exclamou Montrose.

HIPPOLYTA PERTURBA O UNIVERSO



Eis o seu problema. Este teletransportador não está ligado na tomada!

— Orithyia Blue

Júpiter estava visível. Hippolyta se agachou no pasto coberto de neve para procurar o ponto brilhante entre as constelações de Câncer e Gêmeos, distraíndo-se do frio. Ela sabia que Marte também estava visível, em Aquário, perto do horizonte ocidental, embora a colina coberta de árvores às suas costas o escondesse. Melhor assim: ela não queria ser vista naquelas condições pelos marcianos.

De volta ao carro, com o aquecedor ligado, ela folheou o volume 11 de *As aventuras interplanetárias de Orithyia Blue*. Horace havia criado o quadrinho depois de Hippolyta sugerir que seria bacana ler uma história de ficção científica sobre uma mulher, para variar. Orithyia Blue, formada na Faculdade Howard de Astrotécnica em 2001, vivia disparando de um planeta para outro em seu bom e velho Buick Espaço móvel para resolver problemas — coisa que ninguém em todo o Sistema Solar fazia melhor do que ela. Era convocada para consertar telescópios ou computadores defeituosos, mas sempre esbarrava em problemas maiores: tensão entre as tribos do fogo e da sombra em Mercúrio; intriga política nas luas de Saturno; um primo do monstro do lago Ness aterrorizando o Grande Canal de Marte.

No volume mais recente, Orithyia estava a caminho da Terra para passar as festas de fim de ano em casa quando resolveu parar na loja de departamento Marshall Field's em Ceres para comprar uns presentes de última hora para seu filho. Mas Megajoule, o Soberano Robótico de Titã, ainda ressentido da derrota que amargara nas mãos de Orithyia no volume 7, mandou seus capangas prepararem uma emboscada para ela. Seguiu-se uma perseguição alucinante pelo cinturão de asteroides, e a pergunta central não era “será que Orithyia vai sobreviver?” (ela é uma piloto excepcional, habilidosa em pensamento tridimensional, enquanto os robôs de Megajoule mal diferenciavam a direita da esquerda), mas “será que ela vai conseguir chegar

à loja antes que o departamento de brinquedos feche?”. Hippolyta deu boas risadas com uma página dedicada inteiramente à lista de compras de Orithyia. A despeito de todas as mudanças que o futuro pudesse trazer, parecia que o gosto de meninos de doze anos permaneceria inalterado. Quem diria que, em pleno século XXI, ainda fabricariam carrinhos Matchbox?

“Ora essa”, pensou ela, “Horace foi um bom menino esse ano”, e ela ainda tinha alguns dias para realizar os desejos de Natal do filho.

Contudo, primeiro ela cuidaria dos dela. Deixando de lado a revista em quadrinhos, pegou outro livro no banco do carona, intitulado *Um levantamento dos observatórios astronômicos da América do Norte*. Hippolyta o encontrara durante sua última visita à Casa Winthrop. Estava na sala do planetário, prestes a ligar o interruptor que fazia os planetas girarem, quando uma gaveta escondida na base da engenhoca abriu sozinha.

Ela já conhecia a maioria dos observatórios do *Levantamento*. No entanto, no fim do livro, Hippolyta descobriu um adendo manuscrito:

OBSERVATÓRIO HIRAM WINTHROP
MONTE WARLOCK, WISCONSIN

Logo abaixo havia um conjunto de sessenta e quatro números de três dígitos, ordenados em oito colunas de oito. Abaixo de tudo, a legenda “T. Hiram”.

Além do *Levantamento*, a gaveta continha um par de chaves. Uma parecia ser uma típica chave de casa, mas a outra lembrava uma vareta, com uns quinze centímetros de comprimento e uma argola em uma das extremidades — por coincidência, era bem semelhante à chave que Orithyia Blue usava na ignição de seu Espaço móvel.

Hippolyta mostrou o livro e as chaves para Letitia, perguntando se podia levá-los.

— Está pensando em dirigir até Wisconsin? — perguntou Letitia.

— Vou a Minneapolis na semana que vem — disse Hippolyta. — Posso fazer um desvio na volta.

Letitia inclinou a cabeça, como se estivesse considerando a questão. Hippolyta ouviu um baque seco debaixo do chão.

— Tudo bem, então — concordou Letitia. — Mas tenha cuidado. O observatório pode ter sido do sr. Winthrop quando foi construído, mas só

Deus sabe quem está por lá hoje em dia.

— Vou tomar cuidado — prometeu Hippolyta.

* * *

Quem a apresentara à astronomia fora o pai, um tanto sem querer. Quando trouxe o telescópio para casa no Natal de 1928, como um presente para si mesmo, o pai justificou o gasto alegando que na verdade era para o irmão de Hippolyta, Apollo, para que ele se interessasse mais por ciência e melhorasse suas notas baixas. Contudo, Apollo só olhava para o céu para acompanhar alguma bola que estivesse caindo.

A menina de nove anos aproveitou a brecha. Hippolyta começou a seguir o pai até o telhado do prédio em que moravam no Harlem, além de acompanhá-lo em suas expedições ao interior. Isso acontecia mais ou menos uma vez por mês: ele pegava emprestado o carro de um amigo, e faziam a viagem de oitenta quilômetros até o sítio do sr. Hill, outro amigo, um negro de pele tão clara que era quase branco. Chegavam à fazenda de noite, cumprimentavam o sr. Hill e sua esposa, Gretchen, e então, depois de um pouco de papo e talvez uma fatia de torta, o casal ia dormir enquanto Hippolyta e o pai seguiam para o campo.

Lá, longe das luzes da cidade, ela vislumbrou pela primeira vez o verdadeiro céu noturno. O pai manejava o telescópio enquanto ela consultava uma efeméride, lendo as coordenadas do corpo celeste que tivessem escolhido como a presa da vez.

Marte era o preferido do pai. Ele contou a ela sobre Percival Lowell, um homem branco de Boston que tinha certeza de que as linhas que via na superfície de Marte eram canais. Os astrônomos contemporâneos de Lowell eram céticos, mas sua teoria inspirou um bom número de autores de ficção científica, e o pai de Hippolyta estava do lado dos escritores. Infelizmente o pequeno telescópio de cinquenta milímetros não era poderoso o suficiente para que ele pudesse enxergar os canais com os próprios olhos. Ele passava um bom tempo observando a superfície indefinida do disco vermelho que o instrumento lhe mostrava, tentando fazer com que as linhas se revelassem através de pura força de vontade (o que talvez não fosse assim tão diferente

da estratégia de Lowell), enquanto especulava em voz alta a respeito dos astrônomos marcianos que poderiam estar olhando para ele naquele exato momento.

Hippolyta ficava mais intrigada com a outra obsessão astronômica de Lowell. Os astrônomos haviam detectado perturbações misteriosas nas órbitas de Urano e Netuno que sugeriam a existência de um “corpo transnetuniano”. Lowell buscara aquilo que fora chamado de Planeta X até sua morte, mas jamais o descobrira.

Hippolyta decidiu que *ela* ia encontrar o Planeta X. O pai sempre fazia suas vontades, permitindo que ela apontasse o telescópio para trechos aleatórios do espaço, como um pescador tentando fregar um peixinho em um vasto oceano. Era impossível, é claro. Conforme ela aprendera na biblioteca, caçar corpos celestes demandava equipamentos especializados: para encontrar o Planeta X, ela precisaria de um telescópio maior e que também tirasse fotos, além de outro aparato, chamado comparador de chapas, capaz de alternar fotografias do mesmo campo estelar feitas em noites diferentes, para revelar se algo ali havia se mexido. Sem os fundos necessários para comprar os apetrechos nem os meios para construí-los, a única alternativa que restava a Hippolyta era se tornar astrônoma profissional, um objetivo que ela considerava bastante plausível. Se comparado ao sonho do irmão, que queria ser o primeiro rebatedor negro dos Yankees, o propósito dela não era nem um pouco ambicioso.

Em outubro houve a quebra da Bolsa; em dezembro, o amigo do pai perdeu o emprego e vendeu o carro, decretando o fim das viagens para o interior do estado. Hippolyta continuou observando as estrelas no telhado do prédio, mas, quase sempre, estava sozinha. Seu pai também enfrentava dificuldades quando o assunto era trabalho e tinha que correr atrás de mais bicos para conseguir botar comida na mesa.

E então, em 14 de março de 1930, o jornal da manhã anunciou que Clyde Tombaugh, um astrônomo júnior do Observatório Lowell no Arizona, havia encontrado o Planeta X. Hippolyta ficou dividida entre a empolgação e a decepção, mas, uma vez assimilada a notícia, a segunda emoção predominou.

Seu pai fez o que pôde para consolá-la.

— O jornal está dizendo que o planeta ainda não tem nome — comentou ele. — Aposto que estariam abertos a sugestões.

A mãe de Hippolyta, que estava ao fogão fazendo mingau, empertigou-se

ao ouvir isso. Ela nunca fora chegada a devaneios e, desde a quebra da Bolsa, se esforçava ainda mais para inculcar nos filhos uma mentalidade mais pragmática.

— Bernard — advertiu ela.

O marido a ignorou.

— Por que você não escreve uma carta para o observatório? — sugeriu ele a Hippolyta.

Como qualquer aspirante a exploradora, é claro que ela já tinha pensado bastante no nome que daria ao seu planeta. Seguindo as convenções, ele deveria vir da mitologia clássica e tinha que passar a ideia de escuridão, frio e isolamento. Após muita reflexão, ela chegara a duas possibilidades: Plutão, deus do mundo inferior, ou Perséfone, sua rainha. Ela queria escolher Perséfone, pois achava injusto que Vênus fosse o único planeta menina. No entanto, em todos os demais aspectos, era o nome menos apropriado. Perséfone, que nascera como deusa da natureza, vivia em meio ao calor e à luz até que Plutão a arrebatou para o Hades, e mesmo a partir de então ela passava apenas parte do ano no mundo inferior. Plutão, por outro lado, assim como o Planeta X, residia o tempo todo na escuridão, desde sempre.

No fim, era Plutão. O nome tinha que ser Plutão.

Hippolyta queria faltar à escola para escrever a carta, mas a mãe não quis nem saber daquela história. Então, a menina a escreveu na sala de aula no mesmo dia: trezentas palavras defendendo por que o Planeta X deveria se chamar Plutão. Depois de implorar, conseguiu um envelope na secretaria da escola e endereçou-o ao SR. CLYDE TOMBAUGH, A/C OBSERVATÓRIO LOWELL, FLAGSTAFF, ARIZONA.

Depois do último sinal, seu pai esperava por ela na frente da escola. Antes mesmo que Hippolyta pudesse perguntar por que ele não estava no trabalho, ele disse:

— Esta aí?

Ela fez que sim, mostrando a carta a ele.

— Não vamos contar nada à sua mãe, combinado? — disse ele.

Ela assentiu outra vez e lhe deu a mão, então caminharam juntos até o correio.

Dois meses se passaram. Seu pai conseguiu um emprego novo do outro lado do rio, em Hoboken, e voltava para casa apenas nos fins de semana, às vezes nem isso. A mãe continuou no Harlem, mas passou a sair de casa mais

cedo e voltar mais tarde. Apollo dava o café da manhã a Hippolyta e a levava para a escola.

Eles não assinavam mais o jornal, então Hippolyta estava na biblioteca quando viu a notícia de que o Planeta X fora oficialmente batizado. Quando leu o nome, ela deu um gritinho que lhe rendeu uma advertência das bibliotecárias. Sua alegria, no entanto, durou pouco. A reportagem creditava a autoria do nome não a Hippolyta Green, do Harlem, mas a Venetia Burney, de Oxford, Inglaterra.

Hippolyta ficou perplexa. Ela sabia que outras pessoas escreveriam para o observatório, e, como Plutão era uma escolha lógica, não era nada surpreendente que outra pessoa também tivesse pensado nele. Mas Inglaterra? Como é que uma carta saída do outro lado do Atlântico podia ter sido entregue antes da dela, enviada de Nova York?

Então, conforme lia a matéria, ela compreendeu. Venetia Burney não era uma garota qualquer. Seu tio-avô, Henry Madan, era o professor do colégio Eton que havia batizado as luas de Marte, e seu avô, Falconer Madan, fora diretor da Biblioteca Bodleiana, na Universidade de Oxford. O próprio Falconer havia se encarregado de fazer com que a sugestão de Venetia chegasse ao Observatório Lowell, via telegrama.

Telegrama! Então todo o esforço de Hippolyta fora em vão. Apesar de sua pressa, a carta provavelmente ainda devia estar presa na agência do correio do Harlem enquanto o telegrama de Venetia — *que nem mesmo tinha sido escrito por ela!* — chegou, furando fila.

Hippolyta tentou se ater à única notícia boa naquilo tudo: de acordo com os cálculos preliminares dos astrônomos, a existência de Plutão não explicava por completo as irregularidades nas órbitas de Urano e Netuno. O que indicava que talvez existissem outros corpos transnetunianos esperando para serem descobertos. Esperando para serem batizados.

Ela manteve a postura até tarde da noite, quando a mãe chegou do trabalho. A mãe de Hippolyta havia se esquecido daquela história do Planeta X, mas a menina ainda se lembrava bem do seu ceticismo em relação à ideia de escrever a carta. De repente, pensou nisso e no que a mãe diria agora — “O que você *estava esperando?*” — e começou a chorar de soluçar.

Sua mãe, que mal havia cruzado a soleira do apartamento e ainda nem tinha dito nada, olhou assustada para ela.

— O que foi? O que aconteceu?

Hippolyta ficou uns bons minutos apenas chorando, sem responder, enquanto a mãe a abraçava e passava a mão por seus cabelos. Por fim, a menina conseguiu articular algumas palavras entre um soluço e outro:

— Eu vou. Descobrir. O próximo. *Vou, sim.*

— É claro, meu amor — concordou a mãe, ainda confusa. — Você vai descobrir o próximo. Claro que vai.

* * *

O monte Warlock ficava em uma área acidentada de floresta e plantações entre La Crosse e Madison, perto do vilarejo de Amesboro. Hippolyta passou por Amesboro por volta das dez da noite, quando a maioria dos moradores já tinha ido dormir. O único prédio ainda com as luzes acesas era, a julgar pela placa acima da porta, uma loja maçônica de gente branca.

A entrada para o monte Warlock estava marcada pelos dizeres PROPRIEDADE PARTICULAR, fato reforçado por uma corrente que atravessava a via de acesso. Depois da corrente, a rua estava coberta de neve, mas haviam escavado uma passagem para pedestres.

Hippolyta estacionou o Roadmaster ao lado de uma picape. Ela já estava com o *Levantamento* e as chaves, e meteu a mão no porta-luvas para pegar uma lanterna e o revólver calibre .38. George insistia que ela levasse a arma em suas expedições pelo país. Hippolyta deixou Orithyia Blue no banco do carona, vigiando o carro.

Ao saltar, ficou olhando para cima durante alguns instantes, saboreando a noite sem luar. Em vez de ligar a lanterna, esperou a vista se acostumar, então passou por cima da corrente e começou a seguir o caminho à luz da Via Láctea.

A rua fez uma curva, e ela viu uma cabana de madeira à frente, derramando sua luz de lamparina na neve. Continuou caminhando, com o som das botas triturando a neve sendo abafado pelo rumorejo de um córrego próximo, até conseguir espiar através da janela da frente da cabana.

Lá dentro havia dois homens brancos, sentados em cadeiras bem próximas a um aquecedor a lenha, com uma lamparina a querosene e uma garrafa vazia de gim sobre a mesa no canto atrás deles. Os homens não pareciam

astrônomos. Fazendeiros, talvez, contratados fora da época da colheita como vigias noturnos. Não eram muito bons no serviço: ambos estavam dormindo, um com a cabeça tão inclinada para trás que só dava para ver a barba por fazer, e o outro encolhido para a frente, de queixo colado no peito e olhos fechados, prestes a tombar de cara no aquecedor.

Hippolyta decidiu não perturbar. Disse a si mesma, enquanto alcançava as chaves no bolso, que daria apenas uma olhadinha por ali. Só um pulo, enquanto os camponeses dormiam, e logo estaria de volta à sua cidade sem que ninguém soubesse da visita.

Recomeçou a andar antes que perdesse a coragem.

* * *

A primeira vez que Hippolyta entrou em um observatório no meio da noite sem ser convidada foi na Universidade de Swarthmore, em 1938.

Ela não estudava lá. Mesmo se a família tivesse dinheiro para mandá-la para uma universidade, estudar astronomia não teria sido uma escolha prática. Durante algum tempo, ela se agarrara à fantasia de se tornar uma astrônoma sem diploma. Clyde Tombaugh fizera exatamente isso, conquistando sua posição no Observatório Lowell graças à qualidade das suas observações amadoras de Marte e Júpiter. No entanto, quando ela segredara suas ambições a um guia do Planetário Hayden, ele as descartara com apenas três palavras: “Você é crioula.”

A Hippolyta de nove anos não teria se dado por vencida, mas a adolescência provocou nela uma mudança drástica. Ela espichara da noite para o dia, virando, além de crioula, uma gigante. O aumento da massa ocasionou um aumento diretamente proporcional de inércia, uma disposição a aceitar, muitas vezes sem discussão, os limites impostos a ela. Parentes de visita começaram a reparar que ela se tornara uma garota retraída, embora nunca tivessem adivinhado o motivo. As tias e as avós, preocupadas, sussurravam que ela devia estar metida com algum garoto. Naquela época, até que Hippolyta gostaria de estar metida com algum garoto — e, dada a oportunidade, talvez fizesse alguma burrada —, mas os meninos que ela conhecia ficavam intimidados com seu tamanho, e os que não caçoavam dela

apenas a ignoravam.

Outro efeito colateral de seu estirão de crescimento foi que ela aprendeu a costurar. Ela direcionou seus talentos mecânicos — que, numa outra vida, poderiam ter sido utilizados para polir lentes de telescópio — a fazer roupas que coubessem nela. Depois de se formar no ensino médio, sua mãe a mandou para Washington, D.C., para trabalhar com tio Jasper, que era dono de uma alfaiataria.

Jasper tinha um Ford Phaeton e insistiu que Hippolyta aprendesse a dirigi-lo, pois assim ela poderia cumprir alguns afazeres para ele. No início ela apenas aceitou, da mesma forma como aceitava todas as outras coisas, mas, no instante em que pegou a estrada pela primeira vez, percebeu que gostava mesmo de dirigir e que a atividade podia até acabar virando uma paixão. Ela logo tirou a carteira de motorista e, depois de provar ao tio que ele podia confiar nela ao volante, começou a persuadi-lo a lhe emprestar o carro também para uso pessoal. Ele acabou concedendo, desde que ela pagasse a gasolina. Hippolyta então passou a gastar muito dinheiro em combustível.

Certo fim de semana de fevereiro, ela foi visitar os pais de carro. O pai ainda estava em Hoboken, trabalhando como chofer de um homem chamado Arnold Silberstein. A filha do sr. Silberstein, Myrna, tinha acabado de começar o segundo período em Swarthmore, mas tinha se esquecido de levar uma caixa de livros. O sr. Silberstein planejara mandar o sr. Green levar a caixa para a filha, mas, ao saber que Hippolyta logo voltaria ao sul, ele perguntou se ela poderia fazer a entrega.

Já era tarde da noite quando Hippolyta chegou ao campus. Deixou os livros com a supervisora do dormitório de Myrna e estava voltando para o carro quando viu o domo do Observatório Sproul. Mudou de trajeto. A princípio, sua intenção era só ver mais de perto a fachada do prédio, mas, ao chegar à entrada e encontrá-la destrancada e deserta, ela entrou. Subiu a escada para o segundo andar e atravessou um corredor até chegar a uma porta que dizia OBSERVAÇÃO ASTRONÔMICA. De dentro da sala vinha o som de um motor e o ruído da rotação do domo.

Ela estava tentando reunir coragem para bater à porta quando esta se abriu sozinha. Do outro lado havia um garoto branco desengonçado com óculos de armação grossa, que ficou divertidamente surpreso ao dar de cara com ela.

— Delbert Shaughnessy? — perguntou ele.

— Perdão?

— Delbert Shaughnessy — repetiu o rapaz. — Nosso novo parceiro de laboratório. Você não é ele?

Hippolyta só encarou o menino, até que o sorrisinho zombeteiro dele morreu e ele ruborizou, envergonhado.

— Desculpe — disse ele. — Eu fui um tanto mal-educado. Eu sou o Tom. Tom Appleton.

— Hippolyta Green.

— Olá, Hippolyta. Você veio ver o telescópio?

— Eu gostaria, sim — respondeu, cautelosa, achando que o menino ainda podia estar implicando com ela. — Se... Se não for contra as regras.

— Deve ser — disse Tom Appleton. — Mas é só não contarmos para ninguém. Você escolheu uma boa noite para vir. Estamos observando Plutão.

Em um piscar de olhos, ela voltou a ter nove anos.

— Plutão? É mesmo?

— Melhor dizendo, estamos *procurando* Plutão. Não estamos conseguindo encontrá-lo, e era por isso que eu esperava que você fosse o Delbert.

— Câncer — declarou Hippolyta. — Plutão está em Câncer.

— Deveria estar — concordou ele, e deu passagem a ela, sorrindo. — Entre, por favor.

Olhando por cima do ombro para dois outros meninos, disse bem alto:

— Arthur! Eugene! Boas notícias! A cavalaria chegou!

Hippolyta nunca se esqueceria daquela noite, varrendo os céus em busca de Plutão. A grande dificuldade era saber se o tinham, de fato, encontrado — saber qual dos tênues pontos de luz no campo estelar não era uma estrela, mas um planeta, um orbe congelado refletindo os raios solares. Foram necessárias várias sessões com o comparador de chapas e um debate confuso com os novos colegas (“Tenho quase certeza de que é aquele.” “Aquele ali?” “Não, *aquele lá*”), mas no fim das contas Hippolyta pôde olhar no telescópio e dizer, com confiança:

— Olá, Planeta X. É um prazer finalmente conhecê-lo.

Foi um momento mágico e, na versão em quadrinhos da vida de Hippolyta, era o momento em que tudo mudava. Mas é claro que a realidade foi muito diferente. Quando, um mês depois, ela conseguiu voltar a Swarthmore, encontrou as portas do observatório trancadas e, antes que pudesse achar Tom Appleton (cujo telefone ela ficara com vergonha de pedir), foi interpelada pelos guardas do campus, que ameaçaram prendê-la por invasão.

E foi isso. Hippolyta voltou à alfaiataria do tio, onde continuaria trabalhando por vários anos. E então vieram George, Horace e o resto da vida. Ela continuou observando as estrelas, na maioria das vezes pelo para-brisa do carro, mas ainda levaria muito tempo até ver Plutão outra vez.

Então, uns dois anos antes, quando estava na Califórnia fazendo uma pesquisa para o *Guia de viagem do negro precavido*, ela se viu perdida aos pés do monte Palomar. O recepcionista da pensão onde ela planejava passar a noite disse que não havia quarto para ela — e que o painel luminoso que anunciava VAGAS DISPONÍVEIS só estava ligado por um descuido dele. No hotel do outro lado da rua, o funcionário alegou o mesmo deslize. Hippolyta estava se perguntando se deveria dormir no carro ou se forçar a dirigir até San Diego quando viu uma placa indicando o Observatório de Palomar. Lembrando-se de Tom Appleton pela primeira vez em séculos, ela teve a ideia maluca de ir até lá e ver se os astrônomos estavam precisando de alguma ajuda — e ficou surpresa com a própria ousadia ao seguir em frente com a ideia.

No meio da subida, encontrou um astrofísico em apuros, Yervant Azarian, cujo carro tivera um problema no carburador. Ele aceitou a carona oferecida por Hippolyta, logo pondo os conhecimentos dela à prova ao perguntar se sabia o nome das onze luas de Júpiter, na ordem em que foram descobertas. Ela respondeu que a pergunta era uma pegadinha: uma décima segunda lua joviana tinha sido descoberta poucos meses antes, pelo Observatório de Mount Wilson, e ainda não tinha sido batizada. Azarian deu-se por satisfeito. Ele a levou até a cúpula que abrigava o maior telescópio do mundo e permitiu que ela desse uma espiada na presa daquela noite, a nebulosa de Bode.

Desde então, sempre que viajava, Hippolyta fazia visitas fortuitas aos observatórios nas cercanias dos lugares por onde passava. Nem sempre era bem recebida — os guardas no Mount Wilson barraram sua entrada duas vezes —, mas pelo menos ela nunca fora presa, e nenhum dos astrônomos que encontrara a chamara de “crioula”.

Ela ainda não tinha ido ao Observatório Lowell. Dizia a si mesma que o estava guardando para uma ocasião especial, mas, na verdade, estava era reunindo coragem. Nesse meio-tempo, ela começara a alimentar outra fantasia: a de que todas essas visitas a observatórios não eram apenas desvios caprichosos, e sim passos em uma estrada que levava a... Bem, ela ainda não sabia ao certo. Mas a alguma coisa.

Como um andarilho na escuridão, ela seguia uma órbita excêntrica, e cada

perturbação se aproximava de um encontro havia muito esperado. Ela só torcia para ter, quando o momento chegasse, a sabedoria necessária para reconhecê-lo e a coragem necessária para agir.

* * *

Cruzou o rio por uma ponte de pedestres e então começou a subir o monte Warlock. Aí precisou recorrer à lanterna: a copa das árvores bloqueava o luar e as pedras irregulares engastadas na encosta da montanha à guisa de degraus estavam escorregadias. Ela contou sessenta e quatro pedras até emergir no cume, uma clareira plana e circular com uma cúpula no centro.

Uma cúpula de concreto. Hippolyta franziu o cenho enquanto o feixe da lanterna passeava por toda a estrutura. Ela não estava vendo nenhuma abertura através da qual o telescópio pudesse ser apontado, tampouco um mecanismo que permitisse que o domo fosse girado.

Foi fácil encontrar a entrada, pois também havia um caminho aberto na neve. Hippolyta o percorreu no sentido horário, contornando a cúpula, até chegar a uma porta no meio do concreto.

Ela usou a primeira das suas chaves. Apontou a lanterna para dentro da construção e viu alguns degraus de concreto, que levavam a uma passarela de metal com corrimões. Um interruptor ficava bem ao lado da porta.

A passarela acimava uma piscina com um líquido preto lustroso que ocupava toda a base do domo. O tanque era rodeado de luzes que revelavam a face interna da cúpula, tão lisa e nua quanto seu exterior. A passarela levava a uma plataforma central onde havia uma espécie de painel de controle. Depois continuava, percorrendo uns três quartos da distância até o outro lado; no final do caminho, erguia-se uma moldura retangular vertical que parecia coberta por uma camada do mesmo fluído preto lustroso que havia no tanque.

Hippolyta cruzou com cuidado a passarela. Não sabia o que era aquela substância na piscina — seu nariz congelado não conseguia detectar nenhum cheiro, nem químico nem nada —, mas estava claro que não seria prudente nadar ali.

Examinou o painel. Dispostas ao longo dele, em oito colunas com oito linhas, havia sessenta e quatro campos numéricos, cada um mostrando a

sequência 001, e cada algarismo estava estampado em uma bobina de metal, que podia ser girada. À direita desse arranjo de números havia um buraquinho e um único botão grande.

Primeiro, ela tentou apertar o botão. O painel emitiu um clique alto e estéril, mas nada aconteceu além disso. Ela pegou a chave em formato de vareta e a inseriu no buraco. Coube como uma luva. Hippolyta enfiou a chave até o fim.

As luzes piscaram. De baixo da plataforma veio um rumor de maquinário sendo acionado, e o som foi ficando mais intenso e profundo até virar um zumbido grave que produziu uma ondulação constante na superfície do tanque. O zumbido foi diminuindo aos poucos até se tornar uma frequência quase inaudível. As luzes piscaram outra vez, ficaram mais fracas, e então o domo inteiro desapareceu, deixando Hippolyta ao ar livre, exposta no topo da montanha.

Não. A cúpula ainda estava lá. O que ela estava vendo era uma projeção, um panorama em tempo real do lado de fora: de um lado estava Júpiter, e do outro, o caminho que ela percorrera na neve.

Ela voltou sua atenção para o painel outra vez. Uma luz avermelhada brilhava por trás das bobinas de metal, iluminando os números e o espaço entre eles. Hippolyta se concentrou no campo numérico no canto inferior direito. Ela tocou o número 1, girando-o bem de leve para baixo; a bobina fez um tique e passou ao 2. Ela olhou para cima. A paisagem não tinha mudado. Então pensou: “É para apertar o botão agora.”

Dessa vez, quando ela o pressionou, ouviu o *tum* de uma vibração profunda se propagando por baixo da piscina. A cúpula se apagou e, durante um momento, a única coisa que Hippolyta enxergava era o brilho avermelhado do painel. Então a projeção voltou, e ela se viu em uma imensidão estrelada. O topo da montanha havia desaparecido.

Hippolyta jogou a cabeça para trás e olhou para cima, procurando constelações conhecidas, mas não encontrou nenhuma. Duas estrelas se destacavam, não porque ela as conhecesse, mas porque estavam próximas o suficiente para parecerem discos minúsculos, um azul e um alaranjado, posicionados a pouquíssimos graus de distância um do outro como se fossem olhos de cores diferentes. Estrelas gêmeas!

Perto da base da cúpula havia um terceiro corpo: um asteroide pequeno e de formato irregular, girando devagar mas de maneira bem evidente. Cada

momento da rotação expunha uma parte diferente de sua superfície à luz das estrelas gêmeas. Hippolyta gargalhou, batendo palmas. Se seu pai pudesse ver isso!

Ela se concentrou no painel mais uma vez, calculando: se cada um dos sessenta e quatro campos numéricos pudesse ser configurado do 000 ao 999, isso significava que a soma total de combinações possíveis seria de 10 elevado à 192ª potência. Hippolyta tentou pensar em qual casa dos ilhões poderia dar conta daquele número vultoso, mas só lhe ocorreu o número “sessenta bazilhões” e, assim, caiu na gargalhada outra vez.

Sessenta bazilhões de panoramas celestiais. Mas não tinha como todos eles serem diferentes, tinha?

Hippolyta estendeu a mão e trocou o 2 na janela do canto inferior direito por 3. Então, tomada por um arroubo de euforia, começou a mexer nos números de forma aleatória.

Apertou o botão de novo e...

Tum.

... estava planando sobre um oceano de nuvens azuis, cercada por uma cadeia de montanhas de nuvens cerúleas e trovejantes, enquanto acima, através de uma névoa mais fina, era possível ver um sol desconhecido e as faixas grossas do anel que circundava o planeta.

Era lindo. E também apavorante — ainda mais quando ela olhou para a frente e para baixo, percebendo que a moldura no fim da passarela agora parecia um portal através do qual ela poderia mergulhar, ou cair, no mar turbulento cujas profundezas reluziam com os clarões de raios titânicos. Em um ataque repentino de vertigem, Hippolyta pôs a mão no painel, mudou um único número e apertou o botão outra vez.

Tum.

Luz intensa! Uma paisagem calcinada de pedras escuras era tingida de vermelho por um sol gigantesco que coroava o horizonte à frente dela. Hippolyta ergueu a mão para proteger os olhos — e então separou os dedos para observar uma ilusão de óptica. A borda do sol se sobrepunha à moldura no fim da passarela, ressaltando uma descontinuidade na imagem. De alguma maneira, a parte da projeção que ficava dentro da moldura parecia estar *mais próxima*.

Hippolyta estremeceu, e o ar invernal dentro da cúpula contrastava com a

visão infernal que a cercava. Ela pensou no gelo que cobria o chão do lado de fora e se perguntou o que aconteceria se ela atirasse uma bola de neve pelo portal. Iria se espatifar na superfície da cúpula, estragando a ilusão? Ou viraria fumaça imediatamente ao encontrar o calor de uma estrela alienígena?

Um experimento interessante. Hippolyta até poderia tê-lo realizado se logo em seguida não tivesse lhe ocorrido o pensamento: “Não se abre um portal só para atirar bolas de neve por ele. Portas existem para serem atravessadas.” O que requeria um lugar para onde *pudesse* ir, um destino que um ser humano conseguisse explorar sem asfixiar ou virar um toquinho de carvão.

É claro que, com sessenta bazilhões de destinos para escolher, levaria uma eternidade de tentativa e erro até encontrar um que não a matasse. Hippolyta adoraria poder ficar ali e vivenciar aquela miríade de mundos, mas não dispunha de muito tempo, por isso resolveu trapacear e olhar a resposta no final do livro.

Trabalhando rápido, ela configurou as bobinas. Deu uma última olhada no planeta carbonizado com o sol vermelho (percebendo então que ele estava prestes a se perder para sempre, já que ela não tinha anotado o endereço). Então, apertou o botão.

Tum.

A treva momentânea deu lugar a uma imensa galáxia espiral. Pendia do céu noturno diante de Hippolyta e refletia-se como uma lua fulgurante e cheia de braços na superfície de um oceano escuro, cujas ondas vinham beijar uma praia de areia branca.

Hippolyta foi até o fim da passarela e ficou olhando através do portal. Então, inclinou-se para o lado, segurando-se no corrimão.

A ilusão era mesmo de primeira: ao olhar *ao redor* do portal, via o panorama todo projetado na curvatura da cúpula a alguns metros dela, mas ao olhar *através* do portal, a praia estava *bem ali*, não uma mera projeção, mas um espaço aparentemente tridimensional no qual ela poderia adentrar se desse um único passo.

Bem ali e, ao mesmo tempo, é claro, em outro lugar. Ela via a espuma das ondas quebrando na arrebentação, mas não conseguia ouvir nada. E o ar que inspirou e soltou pela boca, parecendo fumaça, ainda era o ar de Wisconsin, o ar *invernal*. O ar na praia — ela não era capaz de explicar como sabia disso, mas tinha certeza —, o ar na praia seria mais quente.

Esticou a mão. Ao passar pelo pórtico, sentiu um formigamento na palma

que logo se tornou desagradável. Esticou o braço ainda mais, encontrando resistência e dor crescentes, até que, por fim, recuou. Nesse meio-tempo, intuiu algo novo: aquele portal não permitia meias medidas. Não dava para meter um dedinho da mão ou um dedão do pé, era necessário se comprometer, dar um passo audacioso.

“É claro”, pensou ela, desviando o olhar para a piscina escura embaixo da passarela. “E aí o que acontece é que você cai direto na gosma e é provável que ganhe uma perna quebrada de presente. Porque é um truque, só pode ser.”

— Mas é só não contarmos para ninguém — disse ela, e atravessou o portal.

* * *

O ar na praia era *mesmo* mais quente.

A brisa salgada que soprava sobre as ondas calmas na arrebentação tinha jeito de fim de primavera ou início de outono. “Média temporada”, pensou Hippolyta: casas de veraneio estariam custando uma pechincha, desde que encontrasse alguém que as alugasse para ela. Respirou fundo, e o ar marinho tinha um perfume diferente do ar do Atlântico que ela conhecia, mas continha quantidade suficiente de oxigênio — ela não ficou tonta nem se sentiu fraca.

A areia parecia curiosamente elástica. Ela olhou para o chão e fez uma experiência, dando pulinhos. Percebeu que não era a areia: era ela mesma. Estava mais leve. Não muito — não era como Orithyia Blue em Marte ou Ganimedes, que flutuava —, mas o suficiente para sentir o efeito quando os tendões dos tornozelos se flexionavam: parecia que tinham abaixado um pouquinho a gravidade.

Sorrindo, Hippolyta esticou os braços, ficou na ponta dos pés e executou uma graciosa meia pirueta. Até parar de frente para um retângulo que estivera às suas costas. Tinha cerca de dois metros de altura e um de largura e parecia um corte no tecido da realidade, através do qual se via o interior gélido da cúpula no monte Warlock. Do lado de cá, o portal era emoldurado por barras estreitas de luz que projetavam uma claridade tênue na areia.

Ela contornou o pórtico, curiosa para ver como ele ficava quando visto de

trás. Não era grande coisa: embora a moldura luminosa permanecesse visível de todos os ângulos, vista de trás ela era apenas uma moldura vazia, com a mesma praia dentro e fora das linhas. Ela voltou para a frente do portal, observando, pela abertura, Wisconsin reaparecer do nada.

— Ok — disse ela, assentindo.

Em seguida, foi investigar os arredores. A praia ficava aos pés de uma alta falésia, e lá em cima Hippolyta conseguia discernir os contornos de uma fileira de árvores com folhas que, à luz da galáxia, assumiam um brilho prateado. Para o lado esquerdo, a escarpa seguia em linha reta até se perder de vista, e a faixa de areia se estendia, imperturbável, exceto por um único rochedo, uma protuberância escura à meia distância na praia. À direita, contudo, a cerca de duzentos metros dali, uma escarpa rochosa avançava como um dedo saindo da falésia, formando um promontório alto que cruzava a praia até chegar à água. A lateral da escarpa era marcada com um zigzague cinza imediatamente identificado como uma escadaria, e lá em cima dava para ver duas construções. A primeira ficava mais afastada, bem no ponto onde a escarpa se unia à falésia, e parecia ter um único pavimento e o teto chato. A segunda era localizada bem na pontinha do promontório, voltada para o mar, e tinha o formato de uma cúpula. Embora fosse difícil enxergar os detalhes, Hippolyta poderia jurar que a saliência no domo era a escotilha de um telescópio.

“Vou dar apenas uma olhadinha por ali”, disse a si mesma. “Só um pulo. Mas o que acontece”, pensou ela, olhando para o pórtico lá atrás que levava à Terra, “o que acontece se, enquanto eu estiver lá em cima, alguém aparecer e desligar a máquina?”.

Ela mesma respondeu: “Eu acordo. Porque isso é um sonho. Só pode ser.”

A brisa morna do mar veio acariciar o rosto dela, como se estivesse discordando.

Ela ignorou.

* * *

A escadaria na lateral da escarpa era cercada por barras de metal, e havia um portão no fim. Não estava trancado, mas o trinco era um troço complexo que

só podia ser operado por duas mãos mais ou menos humanas. Perguntando-se que tipo de criatura aquilo pretendia afastar, ela se lembrou do volume 5 de *Orithyia Blue*, a que tinha os homens-lula que viviam nos mares da Europa. Se forem *mesmo* homens-lula, pensou Hippolyta, ela não teria problemas; eles respeitavam armas de fogo.

Assim que abriu o portão, uma campainha soou no promontório acima dela. Entrou com pressa, fechou a porta e se pôs a escutar. Nada além do barulho da arrebentação.

Começou a subir e, apesar da gravidade reduzida, a escada vibrava de maneira preocupante sob seus pés. Subiu correndo o último lance e, assim que chegou ao topo, parou para recobrar o fôlego. Dali, dava para ver bem o domo: era *sim* um observatório. Ela julgou que a outra construção era uma residência, uma acomodação para astrofísicos em viagens interplanetárias. Não havia qualquer sinal de vida em nenhuma das estruturas.

Para sair do topo da escadaria, ela teria que passar por dois outros portões, que ficavam em lados opostos de uma jaula de cerca de três metros de largura. Isso fez com que ela pensasse na câmara de ar comprimido onde os corsários de Netuno haviam montado uma armadilha para nocautear Orithyia Blue no volume 4, mas Hippolyta já tinha se comprometido com um caminho sem volta, então fez uma breve oração e entrou na jaula.

O portão de dentro não queria abrir. Ela se inclinou para ver melhor o trinco à sua frente quando ouviu uma crepitação e sentiu dedos invisíveis brincando com seus cabelos. Olhou para cima. Fagulhas azuis dançavam ao redor de uma série de espirais suspensas na parte superior da jaula.

“Isso não é nada bom”, pensou, e então sua visão foi tomada, de maneira muito apropriada, por estrelas.

* * *

Quando Hippolyta voltou a si, viu-se em um quartinho à luz de lamparina, deitada em uma cama dobrável. Primeiro achou que estava de volta a Wisconsin, na cabana dos vigias. No entanto, o teto e as paredes à sua volta eram de metal em vez de madeira, e a figura de guarda era uma mulher negra com cabelos cinza-chumbo e um rosto vincado de rugas profundas. A

senhora estava com o *Levantamento* no colo, aberto na página que continha os números, e segurava o revólver calibre .38.

Sem tirar os olhos da arma, Hippolyta se sentou. Sentia-se um pouco aérea, mas o tombo que certamente sofrera não havia deixado nenhuma dor, nenhum galo nem ferimento aparente. Ela pôs as pernas para fora da cama dobrável.

A velha falou:

— Levante sem a minha permissão e eu vou pintar a parede atrás de você com os seus miolos.

Sua voz estava calma e desprovida de ameaça, como se estivesse apenas fazendo uma observação simples sobre como as coisas funcionavam no universo — pelo menos, naquele canto do universo.

— Está bem — disse Hippolyta, entrelaçando os dedos das mãos à frente do corpo.

— Quem é você?

— Meu nome é Hippolyta Berry.

— Você trabalha para ele?

— Para quem? — perguntou Hippolyta.

— Winthrop! Hiram Winthrop.

— Não. Eu...

— Não se atreva a mentir para mim! — A velha agarrou o livro aberto, mostrando-o para Hippolyta como se fosse um mandado. — Esta é a caligrafia dele!

— Eu não sei de quem é essa letra. Encontrei esse livro na Casa Winthrop, mas...

— Então você esteve na casa dele. Então você trabalha para ele!

— Não — disse Hippolyta. — O nome é Casa Winthrop, mas Hiram Winthrop já morreu. Agora quem mora lá é minha amiga Letitia Dandridge. A casa é dela.

— Você é amiga de uma mulher branca chamada Letitia Dandridge?

— Ela não é branca.

— Uma mulher *negra* é dona da Casa Winthrop? E ela mandou você vir aqui?

— Ninguém me mandou vir. Eu vim por conta própria para ver o observatório.

— Por quê? Por que raios você faria uma coisa dessa? — Ela largou o

Levantamento no colo e apontou a arma para Hippolyta. — Eu falei para você não mentir para mim!

— Calma. Calma, por favor. Eu posso explicar. Há muitos anos, quando eu era garota, meu pai comprou um telescópio...

* * *

— Bem — disse a velha quando Hippolyta terminou de falar. — Acho que não dá para inventar uma história dessas. Você só está errada sobre uma coisa: você veio, sim, a mando do sr. Winthrop.

— Não, eu já falei, ele está...

— Morto, sim, eu sei. Mas estou falando do espírito dele.

Hippolyta devia estar com uma expressão muito cética, porque a velha semicerrou os olhos de repente.

— Ah, o que foi? Você é inteligente demais para acreditar em fantasmas? Mas sair voando pelo universo tudo bem, isso, *sim*, é muito lógico... E eu vou falar mais uma coisa: você está atrasada de novo. Este planeta? O sr. Winthrop já o batizou.

Hippolyta olhou para o livro, sentindo uma pontada súbita e intensa de decepção.

— T. Hiram — adivinhou ela. — Terra Hiram: o mundo de Hiram.

A velha aquiesceu. E então disse:

— Agora você pode levantar. Meu nome é Ida.

* * *

— Está com fome? — perguntou Ida.

— Não, obrigada.

— *Eu* estou.

Elas haviam saído do quartinho para uma sala maior, com mesa e cadeiras de jantar, uma bancada com pia ao longo de uma parede, e janelas com vista para o domo na ponta do promontório e a praia lá embaixo. Aquele cômodo, e praticamente tudo ali, era feito do mesmo metal acinzentado. Hippolyta

examinou a parede atrás da cadeira em que estava sentada e notou as emendas nas junções entre as grandes placas de metal, como peças de um quebra-cabeça.

— Esta casa foi construída a partir de um kit — explicou Ida. — Cabana portátil do explorador, ou algo assim. Tem um manual de instruções. Mas o que eu queria mesmo era ver a caixa em que vieram as peças.

Ela se virou para um eletrodoméstico que parecia um forno em miniatura na bancada ao lado da pia. Na frente havia uma porta basculante e um painel de controle com um campo numérico de oito dígitos, uma luz verde e um botão, que Ida apertou. Ouviu-se o tranco de uma fechadura e a luz verde se tornou vermelha. Uma nota grave começou a soar. Depois de mais ou menos meio minuto, o barulho cessou, a luz vermelha ficou amarela e a porta destrancou. Ida a abriu e tirou dali uma panela de metal cinza, coberta com papel-alumínio. Levou-a até a mesa e tirou a cobertura, liberando uma nuvem de vapor. Hippolyta inclinou-se para a frente: a panela continha uma espécie de bolo claro e esponjoso com cheiro doce.

— Bolo dos anjos? — perguntou ela.

— Maná — respondeu Ida, sentando-se. — É assim que o manual chama. Em tese, contém todas as necessidades diárias do seu corpo. Eu, pelo menos, continuo viva.

Ela partiu um pedaço e meteu-o na boca.

Hippolyta pegou o papel-alumínio que havia servido de cobertura para a panela. Nele estava impressa uma série de oito dígitos: 00000001.

Ida explicou:

— Cada número é uma coisa diferente. É tudo comida, mas o manual não descreve nenhuma outra opção além do número um, então você não tem como saber de antemão o que vai sair. E o aparelho tem um regulador que só permite que seja usado uma vez a cada quatro horas — ela indicou a luz amarela —, então se você conjurar alguma coisa nojenta, pode escolher entre comer a gororoba ou esperar. Mary gostava de ficar acordada durante a noite e jogar na loteria da comida. Eu vivia torcendo para que ela encontrasse o número do chocolate quente.

Hippolyta olhou para a máquina de comida e perguntou:

— Você sabe como funciona?

— Na sala de máquinas tem um grande tanque redondo com canos que entram e saem dele. O manual chama de “recipiente de matéria primária” e

insiste que nunca, nunca mesmo, deve-se tentar abri-lo. Quanto à matéria primária, imagino eu que seja algo como o barro com que Deus fez Adão, logo antes de lhe dar o sopro da vida. — Ela tirou outro naco do maná. — Um barro gostoso.

— Quem é Mary? — perguntou Hippolyta.

— Trabalhávamos juntas na Casa Winthrop. Éramos seis: James Storm, o chofer do sr. Winthrop; Gordon Lee, o cozinheiro; o sr. Slade, o faz-tudo; e Mary, Pearl e eu, as criadas.

“Pearl fugiu com o filho do sr. Winthrop. Ele sabia que o filho estava metido com a criada e não se importava, mas os dois vivendo juntos como marido e mulher, isso eram outros quinhentos. Ele juntou o resto dos empregados e exigiu que contássemos para onde eles tinham ido. Prometeu que nada de ruim aconteceria a Pearl, mas todos sabíamos que era mentira e ninguém disse nada. Então o sr. Winthrop chamou uns homens da confraria dele. Eles nos enfiaram em carros e nos levaram para fora da cidade.

“Achei que estavam nos levando para a floresta para nos torturar. Foi assim que meu irmão Roy morreu, no Kentucky. Mas o sr. Winthrop tinha outra coisa em mente. Ele nos levou ao topo da montanha e até aquele *bunker* ou estação de tratamento ou o que quer que seja, e então abriu um portal para este mundo. Ele nos fez entrar e nos trouxe até esse penhasco. E depois nos obrigou a ir lá — ela apontou pela janela para o observatório — e olhar pelo telescópio para um borrãozinho de luz lá nos cafundós do infinito. ‘Aquele é a Via Láctea’, disse ele. ‘A Terra fica lá, com tudo e todos que vocês conhecem ou amam. Fica tão longe que, se tentassem voltar a pé, todas as estrelas morreriam antes que vocês conseguissem avançar um pouquinho sequer. O próprio Deus morreria de velho antes que vocês conseguissem chegar em casa.’

“Bem, a essa altura, todos estávamos aterrorizados. Dava para ver que o sr. Slade, especialmente, estava bastante ansioso para contar o pouco que sabia sobre Pearl e o filho do sr. Winthrop. Mas o sr. Winthrop tinha lançado algum tipo de encantamento para impedir que o atrapalhássemos enquanto ele nos metia medo. O sr. Slade *queria* falar, mas não conseguia. Nenhum de nós conseguia. Não sem a permissão do sr. Winthrop. ‘Sei que vocês já estão prontos para cooperar’, disse o sr. Winthrop. ‘Mas é capaz de alguns ainda estarem pensando que podem me enganar. E como vocês já desperdiçaram bastante do meu tempo, vou deixá-los aqui para pensarem melhor durante

alguns dias.’

“Estranhei um pouco aquilo. Para alguém que não queria desperdiçar seu precioso tempo, ele estava complicando a coisa até demais. Ele *podia* ter torturado a gente e ponto final. Mas acho que ter um planeta é igual a ter qualquer outro luxo frívolo: de que adianta ter se você não aproveita toda e qualquer oportunidade para se gabar?

“Então ele nos largou aqui. Para pensar melhor. Mas algo deve ter acontecido em Chicago depois disso, porque ele nunca mais voltou para terminar o interrogatório. Nem ele, nem ninguém.”

— Quando foi isso? — perguntou Hippolyta.

— Foi em 1935. O sr. Winthrop nos trouxe para cá no dia 18 de julho... Por acaso você sabe o dia em que ele morreu?

— Não — respondeu Hippolyta, balançando a cabeça. — Sei que foi há muito tempo, mas não sei quando exatamente, nem como.

— Tenho um palpite sobre o “como”. Se a coisa aconteceu como eu acho que aconteceu, o sr. Braithwhite apagou ele.

Ida observava Hippolyta com atenção ao dizer aquelas palavras, mas Hippolyta nunca ouvira o nome Braithwhite antes.

— Samuel Braithwhite — continuou Ida, após alguns instantes. — Ele e o sr. Winthrop eram sócios, não sei bem em que tipo de negócio. Mas então a coisa azedou, e naquele verão eles estavam brigados. Acho que a rixa entre os dois foi a distração que permitiu que Pearl e o filho do sr. Winthrop fugissem daquele jeito. Uma semana antes da fuga, eu me lembro de ter ouvido o sr. Winthrop ao telefone, falando algo sobre banir o sr. Braithwhite. “Banir”, foi essa a palavra que ele usou... Depois que me ocorreu que talvez ele tivesse a intenção de trazer o sr. Braithwhite para cá, prender ele aqui, e que talvez esse fosse o verdadeiro motivo para ele ter *nos* trazido.

Ela deu um sorriso amargo.

— Exílio de homem branco, com criados e tudo... Mas se esse era mesmo o plano do sr. Winthrop, o sr. Braithwhite deve ter levado a melhor em cima dele. Pensando bem, acho que Pearl também levou a melhor em cima dele. — O olhar dela desceu para o tampo da mesa e seu sorriso foi se dissipando até restar só a amargura. — Espero que tenha valido a pena. Espero mesmo.

Então ela deu de ombros, afastando aquele pensamento, e voltou a erguer os olhos.

— O ano atual é 1954?

— Isso mesmo.

— Novembro?

— Dezembro. Dia vinte e um.

— Vinte e um de dezembro! Vou ter que refazer meus cálculos... Nós mantivemos um controle cuidadoso dos dias — explicou Ida —, mas este mundo não gira tão rápido quanto a mãe Terra. Entre um meio-dia e o seguinte, aqui demora umas vinte e cinco horas. Por mais que eu até seja muito boa em matemática, sempre me enrolo com frações.

Ela balançou a cabeça, suspirando, e então sorriu — dessa vez, um sorriso feliz — quando lhe ocorreu outro pensamento.

— Vinte e um de dezembro, já é quase Natal. Mary iria gostar disso. — Hippolyta não disse nada, mas Ida notou a curiosidade no seu olhar. — Tudo bem, pode me perguntar.

Então Hippolyta foi em frente:

— O que aconteceu com Mary? E os demais?

* * *

Havia uma resistente cerca dupla com aproximadamente três metros de altura no ponto onde o promontório encontrava a falésia. Hippolyta concluiu que aquela barreira não podia sequer ser classificada como uma armadilha — , aparentava ser letal logo de cara. A luz vermelha na caixa de controle logo além do portão era como um olho ciclópico que prometia obliterar qualquer invasor em potencial.

Na área entre a cerca e a casa havia quatro cruzes, feitas de galhos e amarradas com um material fibroso como folhas de palmeira ou grama alta. Três das cruzes tinham sido fincadas direto na fina camada de solo arenoso que cobria a falésia, enquanto a quarta ficava por cima de um monte de pedras grande o suficiente para conter, de fato, um corpo.

— Aí está Mary — disse Ida, referindo-se ao montinho. — Gordon foi enterrado no mar, e nenhum de nós teve estômago para lidar com o que restou de James.

“James foi o primeiro a partir. O sr. Winthrop nos avisou que a praia era perigosa, mas James achou que ele só queria nos assustar. Falou que tinha

que haver uma maneira de abrir o portal do lado de cá. No nosso segundo dia aqui, ele estava dando uma olhada na areia lá embaixo quando Scylla o pegou.”

— Scylla? — repetiu Hippolyta.

— Depois foi Gordon — continuou Ida. — No dia trinta e quatro. Quando o choque do que acontecera com James começou a passar, Gordon ficou inquieto. Queria ir lá explorar. — Ela fez um gesto na direção das árvores pálidas na beirada da falésia. — Toda manhã, ele saía por cerca de duas, três horas. No início, trazia lembrancinhas: pedras, pedaços de madeira, uma vez veio com umas flores estranhas. O sr. Slade deu fim às lembrancinhas, disse que não tínhamos como saber o que era seguro de encostar, mas não conseguiu fazer Gordon ficar quieto.

“Então, um dia, Gordon não voltou. Já estava começando a anoitecer quando decidi que era melhor procurá-lo. O sr. Slade se recusou a ir. Mary também não queria, mas tinha medo de ficar sozinha com o sr. Slade, então veio comigo. Encontramos o rastro de Gordon e seguimos por alguns quilômetros, para uma parte da falésia que avança por cima da água.

“Encontramos Gordon caído de barriga para cima, ao lado de um... Acho que era um tipo de ninho. Ele estava morto, com certeza, mas a criatura que o matara ainda podia estar viva, enrolada na cabeça dele como uma coifa.

“Não queríamos deixá-lo daquele jeito, mas, mesmo se tivéssemos força para carregá-lo de volta, sabíamos que o sr. Slade não nos deixaria passar pela cerca com ele. Então Mary e eu fizemos uma oração, depois eu o agarrei pelos punhos, e ela, pelos tornozelos, e nós atiramos Gordon do precipício, no oceano.

“Voltamos e contamos ao sr. Slade que Gordon estava morto. Ele ficou histérico, berrando que não merecia estar passando por aquilo e que estava farto. ‘Daqui para a frente’, disse ele, ‘vamos ficar sentados aqui e esperar o sr. Winthrop. E quando ele voltar, vocês vão contar para onde o filho dele foi com aquela puta. E vocês vão falar, nem que eu mesmo tenha que ajudá-lo a arrancar a verdade de vocês.’

“Bom, ele não me metia medo. Era um homenzinho pequeno — até Mary poderia ter dado uma coça nele em uma luta justa. Mas sabíamos que teríamos que tomar cuidado mesmo assim. Tínhamos começado a suspeitar que talvez o sr. Winthrop não fosse voltar, e eu sabia que, se o sr. Slade perdesse as esperanças, ele seria bem capaz de nos assassinar enquanto

dormíamos. Então eu cuidava da Mary e ela cuidava de mim, e seguimos assim até o dia oitenta e sete.

“No dia oitenta e oito, começou uma tremenda tempestade. Já tínhamos passado por chuvas e ventanias, mas aquilo era diferente: nuvens *pretas*, cascatas de chuva, trovões retumbantes. O manual dizia que, apesar de ser de metal, a casa era à prova de raios, mas todos estávamos com os nervos à flor da pele.

“No jantar daquela noite, Mary resolveu jogar na loteria da comida. Ela pediu ao sr. Slade que escolhesse um número. Acho que ela estava torcendo para sair algo bom, aí o sr. Slade talvez visse aquilo como uma bênção divina e ficasse menos desagradável.”

Ida estremeceu ao lembrar e continuou:

— Mas não saiu nada bom. Mary já tinha discado umas comidas asquerosas, mas aquela foi a primeira que ainda se mexia. — Ela flexionou os dedos de uma das mãos como se estivesse apertando um objeto do tamanho de uma ameixa. — Eram larvas. Umas coisas gordas, brancas e peludas. Acabaram com o *meu* apetite. Com o de Mary também... E olha que ela experimentava quase qualquer coisa, mas não aquilo.

“Já o sr. Slade... Ele começou a gargalhar. Gargalhou como um homem que finalmente entendeu que o inferno existe... Como meu irmão gargalhou na noite em que morreu. O sr. Slade pegou um dos vermes, mordeu e ficou mastigando de boca aberta, gargalhando o tempo inteiro...

“Então ele se levantou tão rápido que derrubou a cadeira e agarrou a panela. Acho que ele queria virar o conteúdo em uma de nós, mas não conseguiu decidir quem odiava mais: eu ou Mary. Aí jogou a panela entre nós duas, espalhando aquelas coisas nojentas pelo chão todo. Isso me deixou irada, porque eu sabia quem ia acabar limpando aquela porcaria toda, então também me levantei, pronta para quebrar a cara do sr. Slade. Mas ele não veio para cima de mim. Foi até a janela e ficou lá, de costas para nós.

“Um raio caiu, emitindo um clarão. O sr. Slade começou a rir outra vez. ‘Graças a Deus’, disse ele. ‘Meu Deus, graças a Deus, tem uma luz na praia!’ Eu e Mary fomos até a janela olhar, mas não dava para enxergar dois palmos à nossa frente com a tempestade. ‘Pode esperar para ver’, disse o sr. Slade, e um raio reluziu de novo, mas ainda não havia nada ali. Porém àquela altura o sr. Slade estava fora de si. ‘Eu vou para casa’, disse ele. ‘Vocês podem ficar aqui até morrer, eu vou para casa *agora*.’

“Ele saiu no meio da tempestade. Nós não tentamos impedi-lo. Sei que não foi uma atitude cristã, mas tudo o que consegui pensar naquele momento era que ele já ia tarde. O clarão de outro raio me mostrou um último vislumbre dele, descendo a escada em direção à praia. Então ele desapareceu.

“Mary me ajudou a limpar tudo e foi para a cama. Passei a noite em claro, vigiando para o caso de o sr. Slade voltar. Mas amanheceu e não havia sinal dele.

“E então sobramos só as duas. Suportando”.

Ida inclinou-se para a frente e pousou a mão no montinho de pedras.

— Nós nos dávamos bem. Sempre nos demos. E aqui não é tão ruim, desde que se tome cuidado para não acabar morrendo. Eu sempre brincava com Mary... Ela nasceu em Savannah e sempre quis ter uma casa na beira da praia. “Seu desejo se realizou”, eu dizia, e ela ficava uma fera: “É igualzinho como era lá em casa. A praia fica *logo ali*, mas estou proibida de entrar no mar.”

Ida riu, dando palmadinhas carinhosas na pilha de pedras.

— Só que ela tinha umas dores no peito. Toda essa comida esquisita, aquilo não fazia bem ao coração, e ela vivia muito nervosa, com medo de que Jesus não conseguisse encontrá-la nesse fim de mundo. Mas no final Ele veio buscá-la. Na manhã do dia quatro mil novecentos e trinta e dois, Mary não acordou. — Ida olhou para Hippolyta. — Foi em 1949. Eu diria 26 de junho, mas talvez esteja errado.

— Cinco anos atrás — disse Hippolyta. — E você está sozinha desde então?

— Antes eu do que ela. Nunca tive problema em ficar sozinha. Ainda posso conversar tanto quanto quiser com Mary, e também com Jesus e o meu irmão. E eu tenho o observatório do sr. Winthrop para me distrair. — Ela deu um sorriso. — Tenho certeza de que ele não ia gostar nada disso. Mas o lugar tem um manual e um livro para registrar observações, e eu fiz bom uso de ambos ao longo dos anos.

Ela se virou para Hippolyta, e sua expressão era ao mesmo tempo avaliadora e conspiratória.

— Então, você quer ir ver meu telescópio?

* * *

A galáxia tinha começado a se pôr, seu braço mais baixo mergulhado no oceano como um remo.

— O Polvo Afogado — disse Ida, enquanto elas caminhavam na direção do fim do promontório. — Era assim que o sr. Winthrop a chamava em suas anotações. Dizia que tem um “desvio para o azul”, o que significa que está vindo em nossa direção. Eu não contei isso para Mary, porque só ia deixar ela preocupada.

— Mas e este sistema estelar? — perguntou Hippolyta. — Tem uma estrela só ou mais de uma? Este planeta tem alguma lua? Quantos outros planetas há?

— Tem só um sol. É mais brilhante do que o da Terra. Uma lua, também, mas é menor e fica mais longe. Quanto aos planetas, o sr. Winthrop sabia de quatro. Agora são seis.

— Você descobriu dois planetas?

— Winthrop estava prestes a descobrir o quinto. Eu usei as anotações dele para encontrá-lo. Batizei o planeta de Ida, só para irritar o velho. Já o sexto eu chamei de Pearl, e descobri por conta própria porque eu quis. Ela está visível agora — acrescentou Ida, apontando para o céu acima da falésia. — Ela tem a própria luazinha, dá para ver pelo telescópio. Hoje deve estar visível.

Chegaram ao observatório. Ida estava com a mão na porta quando se virou de repente, olhou para a praia e praguejou.

— O que houve? — perguntou Hippolyta.

No entanto, ela ainda estava fazendo a pergunta quando também viu: lá embaixo, na areia, ao lado do portal luminoso, outra luz tinha aparecido, uma lamparina de querosene carregada por um de dois homens brancos vestidos para o inverno de Wisconsin. O que segurava a lanterna estava olhando na direção delas, mas, com a luz tão próxima dos olhos, Hippolyta duvidava de que ele conseguisse enxergar algo além da vaga silhueta do promontório. Enquanto isso, o companheiro dele, armado com um rifle, observava o Polvo de Winthrop como se estivesse pensando em abatê-lo.

Hippolyta sustentou o olhar acusatório de Ida e disse:

— Eles não estão comigo.

— Só fique parada e fale baixo — mandou Ida.

— E se eles subirem a escada? — sussurrou Hippolyta. — Você precisa de...

— Eles não vão nem chegar à escada. Scylla está na cola deles.

Scylla: o rochedo, percebeu Hippolyta. Enquanto ela e Ida conversavam, o rochedo havia mudado de lugar na praia e parara a uns seis metros do portal. Mais de perto, parecia mais uma gigantesca bala de canhão do que uma pedra.

O homem do rifle também percebeu. Aproximou-se, segurando o rifle com uma das mãos e cerrando o punho da outra, como se tivesse a intenção de bater na esfera negra, que tinha a altura dele. No entanto, ele ainda estava a mais de um braço de distância quando, de repente, a esfera se abriu como uma laranja virando do avesso, a casca escura se partindo e revelando uma polpa branca que se contorcia. Dali saíram dezenas de tentáculos pálidos que se enrolaram nos braços, nas pernas, no tronco, no pescoço e na cabeça do homem, puxando-o com força e engolindo-o antes mesmo que ele conseguisse gritar. Quando o companheiro notou que havia algo de errado e se virou, a esfera já tinha se fechado de novo.

O homem com a lamparina ergueu a luz e chamou um nome. Pensando que seu amigo tinha retornado para Wisconsin, ele voltou ao portal e espiou a sala de controle. Hippolyta quase gritou para alertá-lo, mas Ida agarrou o pulso dela e sibilou:

— *Fique quieta.*

Então o homem ergueu a lamparina de novo e caminhou na direção da esfera.

Dessa vez, Scylla não foi tão rápida. O homem até teve tempo de se virar e correr. Os tentáculos que se estenderam para capturá-lo pareciam cordas bem grossas e se arrastaram pelo chão e o puxaram pelos tornozelos, derrubando o homem de cara na areia.

Ele gritou enquanto Scylla o arrastava para dentro de si — um berro desesperado e lamuriento que ecoou pela falésia. Então a esfera se fechou, calando de vez o som, e atirou um objeto parecido com uma pedra coberta de musgo na água. O óleo da lamparina, que fora esmagada por um braço giratório, continuou a queimar por um instante.

Então tudo ficou em paz outra vez, a calmaria da praia na penumbra perturbada apenas pela arrebentação, pela luz das estrelas e pelo brilho suave do portal que levava de volta à Terra.

— Acho bom você ir embora agora — disse Ida.

* * *

De volta à cabana, Ida pegou o que restara do maná, a panela e o papel-alumínio e enfiou tudo em um compartimento embaixo da bancada que dizia RECICLAGEM DE SUBSTÂNCIAS.

— Aposto que mais homens virão atrás desses dois — falou ela. — Antes que eles cheguem, você tem que voltar e fechar o portal. Jogar a chave fora.

Ela pegou o *Levantamento*, que continha o endereço celestial de T. Hiram, e o enfiou no compartimento também.

— Eu não vou pisar naquela praia — anunciou Hippolyta.

Então franziu o cenho, chocada com as próprias palavras e com o que aconteceria se ela realmente não voltasse. Pensou em Horace.

— Scylla já jantou. Se for como aconteceu com James, ela vai se afastar e passar mal durante um tempo. Nós não somos fáceis de digerir. — Ida enxaguou as mãos e passou-as por um secador preso à parede. — Vou levar você até lá, para ter certeza de que chegou ao portal em segurança.

— Você não vai voltar comigo?

O secador desligou, mas Ida continuou de frente para a parede. Então perguntou:

— Você é mãe?

— Sou.

— E você ama sua filha?

— Filho — disse Hippolyta. — Amo, sim.

— Então você me entende. Eu queria muito ver Pearl de novo, saber o que aconteceu com ela. Se Hiram Winthrop estivesse *morto* morto, eu poderia arriscar. Mas se ele continua procurando o filho até mesmo do além, eu preciso ficar longe.

— Mas Winthrop sabe onde você está.

— Ele sabe onde me deixou — disse Ida, virando-se. — Ele não saberá que ainda estou aqui, a não ser que você conte. É possível que mande outra pessoa, mas se você é o melhor que ele conseguiu fazer em dezenove anos, acho que conseguirei ficar bem durante o tempo que ainda me resta. Esse planeta é meu agora. — Ela acrescentou, com um olhar que não agradou nem um pouco a Hippolyta: — Ou será, assim que você for embora.

* * *

Ida passou vários minutos sumida nos fundos da cabana e depois voltou com o casaco de Hippolyta e uma bolsa transversal de lona gasta.

— Vou ficar com seu revólver — disse ela —, caso mais visitas apareçam.

Hippolyta não protestou, mas sentiu um formigamento de apreensão entre as escápulas quando Ida indicou que ela deveria ir na frente.

Desceram a escada. Como previsto, Scylla tinha se afastado tanto que se tornara um cisquinho que mal se via à distância. Mesmo assim, Hippolyta estava com medo e pisava na areia da praia como se estivesse em um campo minado.

Chegaram ao portal sem serem devoradas. Ida enfiou a mão na bolsa e pegou um presente de despedida para Hippolyta: uma caixa de metal de uns doze centímetros, cuja tampa articulada estava fechada com longas fitas de capim.

— Pelo seu silêncio.

Hippolyta sentiu o formigamento de apreensão mais uma vez. Ela pensou: “Você não sabia que já era quase Natal, mas por acaso tinha um presente dando bobeira? Para quem era?”

— Não vou dizer nada a ninguém — assegurou ela. — Você não precisa me subornar.

— Leva — insistiu Ida, forçando a caixa nas mãos dela.

Era bem pesada para o tamanho, e seu conteúdo, o que quer que fosse, devia estar bem estufado lá dentro — remexendo a caixa para acomodá-la melhor nas mãos, Hippolyta não sentiu nenhum movimento no interior que pudesse dar uma pista do que havia lá dentro.

— Não abra agora — instruiu Ida. — Depois. Quando tiver fechado o portal e se livrado da chave e estiver bem longe e em segurança... você entenderá.

— Ida — tentou Hippolyta outra vez —, você não tem que ficar aqui. Você pode...

— Não! — Ida enfiou a mão na bolsa outra vez e tirou o revólver. — Vai embora logo. E quando essa porta fechar, você vai virar só um sonho que eu tive um dia.

Gesticulou com a arma e ordenou:

— *Vá.*

Hippolyta ainda teria tentado convencê-la, mas naquele momento Scylla fez um som horrível de regurgitação na praia. O barulho foi o estalo de que Hippolyta precisava para agir. Girou na areia e deu um passo que foi quase um pulo, atravessando o portal.

Choque repentino do frio invernal. O aumento da gravidade fez com que ela tropeçasse e, se não fosse pelo corrimão que a aparou, teria caído.

Ela se endireitou e olhou para trás, e viu Ida olhando para ela; estava a alguns metros e bazilhões de quilômetros de distância. A velha acenava. Não dizendo “adeus”, mas “anda logo com isso”.

Hippolyta cambaleou de volta ao painel de controle. No entanto, com a mão na chave, hesitou. Pronunciando as palavras com cuidado para que a outra pudesse ler seus lábios do outro lado do universo, ela disse:

— Ida, tem certeza? Tem certeza absoluta...

Ida ergueu a arma. Apesar da barreira de som entre elas, Hippolyta podia jurar que ouviu o cão sendo engatilhado.

Arrancou a chave do buraco. A cúpula se apagou e o ruído branco quase imperceptível cessou. Então, enquanto as luzes se acendiam de novo, ouviu-se um novo som: o *tique-tique-tique* das bobinas numéricas voltando à posição inicial, 001.

Hippolyta olhou para a chave em sua mão e a caixa na outra, tentada a atirar ambas no tanque escuro. Em vez disso, enfiou a chave no bolso e, abraçada à caixa, deu meia-volta e começou a voltar para casa.

* * *

Durante o tempo que estivera ausente, as nuvens tomaram o céu do monte Warlock. Hippolyta emergiu do observatório em meio ao breu absoluto e desceu a montanha com extremo cuidado. Já tinha atravessado a ponte e estava passando pela cabana vazia dos guardas quando sua lanterna parou de funcionar. Continuou seguindo o caminho às cegas, com a cabeça baixa para se proteger da neve que caía em seus olhos.

Chegou à corrente antes do que esperava. No escuro, teria tropeçado nela, mas de repente estava enxergando de novo. Ergueu os olhos para os faróis:

uma segunda picape tinha encostado ao lado da primeira, e dela saíram mais três homens brancos. Um deles, que parecia ser outro trabalhador rural fazendo um bico, tinha aberto a porta da frente do Roadmaster de Hippolyta e estava inclinado para dentro do carro, olhando o conteúdo do porta-luvas. Os outros dois permaneciam ao lado do automóvel dela, à toa, enquanto o outro realizava a busca, e pareciam tipos mais refinados: aristocratas de cabelos grisalhos vestindo sobretudos escuros.

Foi um deles que viu Hippolyta primeiro.

— Ei, você! — gritou ele, brandindo uma pistola.

O outro sacou uma arma também, enquanto o fazendeiro punha a cabeça para fora do carro.

— Não atirem! — disse Hippolyta, largando no chão a lanterna apagada e a caixa de presente de Ida e levantando as mãos.

— Quem é você? — perguntou o primeiro sobretudo preto. — O que está fazendo aqui?

— Não atirem! — repetiu ela.

Ainda com mãos ao alto, Hippolyta passou por cima da corrente.

Agarrando-a pela gola do casaco como se fosse uma coleira, o sobretudo empurrou-a com força contra o Roadmaster e meteu a arma na cara dela.

— Quem é você, cacete?

— Só estou tentando voltar para casa! — disse Hippolyta. — Por favor, senhor... Eu peguei uma saída errada, e estava só procurando alguém para me ajudar a encontrar o caminho de volta para a estrada!

Ela percebeu que ele não tinha acreditado nela. Ao mesmo tempo, estava claro que ele não conseguia pensar em nenhuma outra explicação para a presença dela ali. Qualquer que fosse o tipo de invasor com que aquele povo se preocupava, ela não correspondia à descrição.

O fazendeiro pulou a corrente e pegou a caixa que ela largara. Aproximou-a da orelha e a chacoalhou, em seguida usou uma faca de caça para cortar o capim que prendia a tampa.

— Moço, não... — disse Hippolyta.

— Cala a boca — mandou o homem, com a arma apontada para o rosto dela.

O fazendeiro abriu a tampa e franziu o cenho, confuso, para a pequena esfera preta enfiada dentro da caixa. *Pelo seu silêncio*, Hippolyta ouviu Ida dizendo, e então pensou: “Ah, Ida, você não precisava ter feito isso... eu não

ia contar a ninguém.” Mesmo assim, ela entendia como uma mãe era capaz de ir até as últimas consequências para proteger sua cria, e também como um coração podia ficar propenso a cometer atos impulsivos, ainda mais perturbado por anos e anos de saudade.

O fazendeiro, que não entendia nada, enfiou a esfera bem debaixo do nariz e a cheirou.

— O que é isso? — perguntou o segundo sobretudo preto.

O fazendeiro deu de ombros e cutucou a esfera com a ponta da faca.

A esfera explodiu para fora da caixa, virando do lado avesso em pleno ar, e pequenos tentáculos se estenderam na direção de olhos azuis apavorados. O fazendeiro caiu de costas no chão, cravando as unhas na criatura, que havia se esticado toda, cobrindo o rosto dele e tentando devorar a cabeça.

— Jesus Cristo.

O sobretudo preto afrouxou o braço que segurava Hippolyta e virou-se para o fazendeiro abatido. Com aquele movimento, Hippolyta saiu da mira da arma, se escorou no carro e empurrou o homem com força. Ele não conseguiu segurá-la e tropeçou na direção do outro homem de sobretudo. As duas cabeças se encontraram com um estalo duplo bem alto. Os dois caíram, embolados um no outro, e então cada um rolou para um lado; ambos de queixo caído e olhos vidrados no céu, como se estivessem hipnotizados por uma maravilha astronômica.

Enquanto isso, o fazendeiro sufocava, convulsionando e batendo os braços e as pernas na neve com desespero.

Ele ainda estava fazendo isso, só que mais devagar, quando Hippolyta entrou no carro e dirigiu para longe dali.

* * *

— Horace — disse ela, três dias depois —, viu por aí aquela revista em quadrinhos que você me deu?

Horace, sentado alegremente entre seus espólios aos pés da árvore de Natal, olhou para a mãe.

— Qual delas?

— A nova da Orithyia Blue. Número onze.

— Não. Você levou na sua viagem, lembra?

— E você não pegou a revista no carro desde que eu voltei?

Horace balançou a cabeça e então perguntou:

— O que foi, mamãe?

— Então eu acho que perdi a revista — disse Hippolyta, preocupada.

— Mas você leu, não leu? — Horace fez uma rápida checagem dos presentes recebidos: os carrinhos Matchbox, a caixa grande de materiais artísticos e Robert, o Robô de controle remoto. — Você *deve* ter lido.

— Li, sim. E gostei muito.

Hippolyta forçou um sorriso, dizendo a si mesma: “Os documentos ainda estão no porta-luvas, não dei falta de mais nada no carro, talvez não seja nada do que estou pensando.”

— Mas é que eu me sinto mal por ter perdido.

— Tudo bem — disse ele, pegando o ônibus londrino da Matchbox e voando com ele, como uma espaçonave de dois andares. — Posso desenhar outro exemplar para você, se quiser.

— Eu adoraria. Vem cá, me diz uma coisa: nessa cópia que eu perdi... Você assinou como?

Desde que descobrira que Dr. Seuss nascera Theodor Geisel, Horace vinha testando vários pseudônimos profissionais. George não gostava muito daquela prática, insistindo que Berry era um bom nome que merecia ser honrado, mas Hippolyta apoiava o direito do menino de assinar sua obra como desejasse. Graças a Deus.

— H.G. — respondeu Horace.

Eram as iniciais de “Horace Green”, uma homenagem tanto ao nome de solteira da mãe quanto ao autor de *Guerra dos mundos*.

— Igual a todos os outros volumes de *Orithyia Blue* — concluiu ele.

— Entendi — disse Hippolyta, respirando aliviada. — Entendi, é claro... Tem certeza?

— Acho que sim. — Horace olhou para ela com curiosidade. — Por quê? Qual a importância?

— Nenhuma.

Ela sorriu de novo para tranquilizá-lo, mas Horace continuou encarando a mãe até que George veio da cozinha, trazendo em uma bandeja três canecas fumegantes.

— E aí — disse George —, quem vai querer chocolate quente?

JEKYLL EM HYDE PARK



Ao sorver o ar pela primeira vez nesta minha nova vida, percebi que me tornara mais perverso, dez vezes mais perverso do que antes, vendido como escravo à minha maldade original; e, naquele momento, o pensamento me revigorou e inebriou como vinho.

— Robert Louis Stevenson, *O médico e o monstro*

No ano-novo, Ruby acordou branca.

Estava em uma maré de azar desde o Natal, e ela já aceitara que ainda teria um baque ou outro pela frente. No entanto, com certeza não esperava isso. Não que tivesse do que reclamar: ela *de fato* tinha pedido que acontecesse.

A confusão começou na véspera de Natal. Ruby estava trabalhando para o Bufê Demarski, servindo bebidas numa festa em um casarão em Ravenswood. A gerente aquela noite era Katherine Demarski, de quem Ruby menos gostava. Caçula de cinco irmãos, Katherine adorava qualquer oportunidade de mandar nos outros e nunca era gentil quando podia ser grosseira. O pior, para Ruby, era que essa gerente era preguiçosa e sempre desaparecia nas horas de maior movimento.

Foi durante uma das ausências de Katherine que o dono da casa incumbira Ruby de uma tarefa especial: um convidado tinha passado mal em um dos banheiros do segundo andar, e o anfitrião queria que arrumassem a bagunça. Não estava escrito no contrato de trabalho de Ruby que ela era obrigada a limpar vômito, mas também não estava escrito que ela podia recusar um pedido do dono da casa, então lá foi ele pegar um pano de chão e um balde.

Estava procurando o banheiro quando surpreendeu Katherine Demarski em um dos corredores do segundo andar.

— O que você está fazendo aqui? — indagou Katherine.

Ruby mostrou o balde e explicou a missão.

— Então anda logo com isso, porra — disse Katherine. — E depois corre lá para baixo, não quero saber de corpo mole.

O olhar de Ruby ficou frio como gelo ao ouvir o palavrão, mas ela engoliu em seco e fez o que tinha que fazer.

Na manhã seguinte, foi à missa de Natal e depois saiu para almoçar com

uns amigos da igreja. Naquela tarde, deveria trabalhar para o bufê em outro evento, mas, quando chegou em casa para se arrumar, encontrou a polícia. Eles disseram que um par de brincos de pérola havia sido roubado da suíte master durante a festa na noite anterior, e que “uma fonte confiável” dissera que tinha sido Ruby.

Ela foi algemada e teve que esperar no corredor enquanto viravam seu quarto do avesso. Então a levaram para a delegacia, onde foi interrogada pelo detetive Moretti. Ele estava muito contrariado por trabalhar durante o Natal e fez questão de deixar isso bem claro. Ruby ficou na dela e se concentrou em dar sempre respostas curtas e consistentes. Só mentiu uma vez, quando o detetive perguntou: “Se você não roubou os brincos, então quem foi?” Ela respondeu que não fazia a menor ideia.

Por volta das seis da tarde, o detetive trancou Ruby em uma cela, disse para ela pensar bem em seus pecados e então foi embora. Algumas horas depois, um bom samaritano apareceu e deixou que ela usasse o banheiro, oferecendo a chance de telefonar para alguém. Mas Ruby não viu motivo para isso e, apesar de ser inocente, estava constrangida. Não queria que ninguém soubesse que ela estava sob custódia.

Ela passou a noite de Natal na cela. O detetive Moretti nunca mais voltou. Pela manhã, outro detetive se aproximou das grades e perguntou se ela já estava pronta para confessar. Ruby repetiu que não tinha feito nada. O detetive deu de ombros, abriu a porta da cela e disse que ela estava livre — por ora.

— Mas não suma — acrescentou ele.

Ruby foi para casa, para arrumar o apartamento. A princípio ela estava nervosa, com medo de que o detetive Moretti arrebentasse a porta a qualquer momento e a arrastasse de volta para mais um interrogatório, mas, quando terminou de colocar tudo em ordem, só sentia raiva por ter sido tratada daquela forma.

Na manhã seguinte, ela estava esperando na frente do Bufê Demarski quando o irmão de Katherine, Leo, parou o carro na calçada e não ficou nada satisfeito em vê-la.

— O que você está fazendo aqui? Você já entendeu que está demitida, não é?

— Quero meu pagamento.

— Que pena, porque você não vai ganhar nada. Meu pai é quem assina os

contracheques, e ele definitivamente não vai assinar nada para você. A polícia apareceu na casa dele na manhã de Natal.

— É, eles também foram à minha casa — disse Ruby.

— Eu sei. Meu pai até se ofereceu para ir com eles, para ajudá-los a arrancar uma confissão de você. E se ele pegar você aqui...

— Seu pai deveria era me agradecer por ter ficado de bico calado. Eu não falei nada sobre a sua irmã.

— O que é que tem a minha irmã?

— Adivinha.

— Não — disse Leo. — Nem ferrando.

— Eu não roubei os brincos. Mas foi ela que disse que fui eu, não foi? E você estava lá. Pense bem em como ela falou.

Ele pensou. Ela ficou observando enquanto ele tentava afastar aquela ideia.

— Kathy é uma boa pessoa.

— Eu não dou a mínima para o tipo de pessoa que ela é. Eu só quero o meu dinheiro. Como se perder meu emprego não fosse ruim o suficiente, agora vocês estão querendo me roubar também.

Leo pegou a carteira e tirou algum dinheiro.

— Toma aqui.

Ruby contou e disse:

— Ainda faltam doze dólares.

— Meu Deus, Ruby, pega logo o dinheiro e se dê por satisfeita.

— Satisfeita?!

— Você não vai ganhar um centavo a mais, está bem?

— Isso não está certo, Leo.

— É a vida. Agora vai embora, por favor, antes que o meu pai apareça e desça o cacete em você.

* * *

É a vida. A vida não é justa, Ruby. Você tem que ser compreensiva, Ruby. Deus do céu, como ela estava cansada de ouvir aquilo! A vida não era justa *mesmo*, mas seria ótimo se de vez em quando outra pessoa, e não ela, tivesse que ser compreensiva.

Ficar sentindo pena de si mesma não ia ajudar a pagar o aluguel. Naquele dia mesmo ela já estava na rua procurando emprego. Um serviço de limpeza domiciliar em Kenwood estava contratando, e alguns hotéis no centro da cidade precisavam de arrumadeiras e garçonetes. No entanto, todos pediam referências, e o gerente de um dos hotéis avisou que, devido a uma onda recente de roubos, eles também checariam os nomes dos candidatos com a polícia.

À noite, ela fez umas ligações para saber se alguém estava precisando de babá. Ninguém precisava, nem mesmo o casal Berry, que geralmente gostava de sair nos feriados.

— Nós íamos à festa de Ano-Novo na casa da sua irmã — contou George —, mas agora Hippolyta não está muito a fim de ir.

— Ela está doente? Espero que não seja grave.

— Ela não está doente, não. Só meio mal-humorada — disse George. — Ela e Letitia tiveram algum desentendimento?

— Não que eu saiba. Mas faz tempo que eu não falo com minha irmã.

Depois de um dia longo e frustrante respondendo a anúncios de vagas de emprego, Ruby voltou para casa e encontrou um convite para o Réveillon da Casa Winthrop na soleira da porta. “Ruby”, escrevera Letitia, “sei que você deve estar trabalhando, mas a festa vai até o sol raiar e você deveria vir. O primo do Charlie Boyd (aquele que é bonito) vem, e ele perguntou de você. P.S.: Tive uma conversa com o sr. Winthrop, e ele prometeu não fazer a casa pular enquanto você estiver aqui.” Ruby ficou olhando o bilhete, meneando a cabeça: Letitia estava acreditando em promessas do fantasma que tentara despejá-la.

Letitia em sua mansão, comprada com o dinheiro que ganhara sem uma única gota de suor.

É a vida.

Na véspera do ano-novo, Ruby continuava desempregada, então, depois de jantar, ela se arrumou e vestiu seu único vestido bom. Mandou o táxi deixá-la na esquina da rua de Letitia, na frente do bar fechado. Em vez de seguir direto para a festa, ela acendeu um cigarro e ficou ali, fumando e tremendo de frio, pensando na última noite que passara na vizinhança.

Essa noite, a Casa Winthrop estava toda iluminada, destacando-se ainda mais porque as casas do outro lado da rua estavam apagadas. Uma ainda tinha uma placa de VENDE-SE fincada no gramado; Ruby deduziu que os

novos donos das demais deviam estar todos na festa. Ruby sabia que era melhor se juntar a eles antes de congelar na rua, mas se abrigou sob a marquise do bar para terminar de fumar.

Estava pegando um segundo cigarro na bolsa quando a porta se abriu atrás dela e um homem branco surgiu do breu lá dentro. Ruby saiu da frente, apressada, mas o homem não se incomodou com sua presença. Depois de trancar a porta, ele virou-se para ela e, sorrindo, cumprimentou-a, tocando a aba do chapéu. Era jovem, notou Ruby, bem cuidado e vestia-se com bom gosto. E era bonitinho.

— Boa noite — disse ele, e então olhou para a Casa Winthrop no fim do quarteirão, de onde se ouvia uma banda tocando uma música animada. — Está indo para a festa?

— Eu fui convidada — respondeu ela. — Mas ainda não tenho certeza se vou. E você?

— Infelizmente não fui convidado. Só estou de passagem.

Ela indicou o bar com a cabeça.

— Você é o dono?

— Agora sou. Era do meu pai. Ele morreu no verão passado. Já fazia um tempo que eu estava para vir aqui dar uma olhada no lugar.

“Bonitinho mesmo”, pensou Ruby. E já fazia um tempo desde a última vez.

— Então, para onde você está indo agora? — perguntou ela.

— Não tenho planos.

— Quer vir comigo para a festa?

— Eu adoraria — disse ele, sorrindo. — Mas só se você quiser mesmo ir.

— É — disse Ruby. — Essa é a questão.

— Posso dar uma sugestão? Tem uma casa noturna que conheço em Uptown chamada Anti-horário. Poderíamos ir para lá.

Ela pensou um pouco. Ir para essa área com um homem branco que ela acabara de conhecer provavelmente era uma péssima ideia. Mas como a alternativa era ir para a Casa Winthrop...

— Essa tal de Anti-horário... Não é uma casa noturna *mal-assombrada*, é? Ele deu uma risada.

— O único espírito que baixa por lá é o de fim de ano, prometo.

— Então está bem. Meu nome é Ruby. Ruby Dandridge.

— Caleb Braithwhite — respondeu ele, oferecendo o braço a ela. — É um

prazer conhecê-la, Ruby.

* * *

— Um xerpa?

— É — respondeu Ruby. — Sabe, tipo os do monte Everest?

— Eu sei o que é um xerpa — disse Braithwhite, rindo. — Só que nunca tinha ouvido ninguém dizer que queria ser isso.

— Bom, você falou em trabalho *dos sonhos*... Quando aquele homem chegou ao topo da montanha ano passado, a foto no jornal mostrava os xerpas carregando o equipamento dele, e dava para ver a paisagem do lugar onde eles estavam escalando, todas aquelas montanhas... E eu pensei que deve ser uma coisa incrível, levantar todos os dias e ir trabalhar com uma vista daquelas. — Ela deu de ombros. — Sei que é meio bobo, mas...

— Não acho bobo. É só que esse trabalho deve causar uma baita dor nos tornozelos.

— Nunca tive um trabalho que não causasse — respondeu Ruby. — Mas, por uma vista daquelas, valeria a pena.

Eles estavam descansando depois de dançar e foram para uma mesa mais reservada no mezanino. Lá embaixo, os casais na pista dançavam devagarinho ao som de “Cabin in the Sky” enquanto um imenso relógio atrás da banda marcava os últimos minutos de 1954. Já no terceiro drinque, Ruby estava alta de um jeito agradável e se divertindo. Estava gostando de Caleb Braithwhite. Fossem outras as circunstâncias, ela teria desconfiado de um homem que falasse tão pouco de si mesmo e fizesse tantas perguntas sobre ela, mas naquela noite Ruby tinha decidido que ia aproveitar seu momento no centro das atenções. Se havia alguma segunda intenção por trás do interesse dele, ela já podia adivinhar qual era, e não tinha nenhum problema com isso.

— Mas e você? — perguntou Ruby. — Você tem um trabalho dos sonhos?

— Estou me esforçando para ter.

Ruby esperou que ele entrasse em detalhes, mas, como isso não aconteceu, adotou um tom zombeteiro.

— É *segredo*?

— É uma situação nova. Isso de ser capaz de decidir o meu próprio

destino. Na maior parte da minha vida, não foi assim.

— Tem a ver com o seu pai?

— Tem tudo a ver com ele — disse Braithwhite, assentindo. — Ele era um homem muito poderoso que não gostava de ser contrariado, nem mesmo quando estava errado... E é claro que ele esperava que eu, como seu filho, sempre obedecesse sem nunca questionar. Eu não estava de acordo com isso, mas, durante muitos anos, não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Ele era mais forte que eu.

Caleb deu de ombros, franzindo o cenho, e então, como fizera repetidas vezes, voltou o foco da conversa para ela.

— Você se dá bem com o seu pai?

— Quando ele estava em casa, sim. Mas eu era mais próxima de Momma. Ela faleceu ano passado. Enfisema.

— Sinto muito.

Ruby baixou o olhar para a própria bebida.

— Tem dias que eu sinto bastante saudade dela. Mas ela também sabia ser difícil. Principalmente quando queria alguma coisa.

— Ela trabalhava com o quê?

— Conversava com gente morta. — Ruby sorriu, sabendo o quanto Momma se irritaria com aquela descrição. — Uma espiritualista, sabe? Trabalhava em um salão de beleza, Ella & Elo. Momma era a Elo, Eloise. A melhor amiga dela, Ella Price, foi quem deu o dinheiro para abrir o negócio, então o nome dela vinha primeiro.

“Era uma venda casada. A loja tinha sido um estúdio fotográfico. As senhoras vinham, faziam o cabelo e as unhas, e depois iam à câmara escura para uma sessão com Momma. E, quanto mais elas gatassem com tratamentos de beleza, mais longa era a sessão.”

— Parece um ótimo plano de negócios.

— É, elas se deram muito bem durante um tempo. Até que Momma ficou doente e tentou me forçar a ficar no lugar dela, mas eu não quis. No dia em que ela morreu, nós estávamos brigando por causa disso.

— Por que você não quis? Tem medo de fantasmas?

— Porque não gosto de mentir para as pessoas. Momma tinha poderes *mesmo*. Ela sabia ler mentes, mas não como uma médium. Estava mais para o que o papai fazia na mesa de pôquer. Não que ela tivesse que se esforçar muito para ler mentes no Ella & Elo. Era só ficar escutando o que cada

mulher que se sentava para fazer o cabelo dizia e, quando ela saía da cadeira, mamãe já sabia direitinho o que a preocupava e o que ela queria ouvir do além. O resto eram só truques baratos.

Ruby sabia que Momma também ficaria irritada com aquela descrição. Assim como ficara muitas vezes, insistindo furiosamente que ela não *enganava*, mas *ajudava* as pessoas: trabalho de Deus, trabalho honesto.

Mas Ruby já tinha visto mais de uma versão da performance de Momma. Antes da época do Ella & Elo, a mãe conduzia as sessões espíritas em casa. A maior parte dos clientes era da vizinhança, mas de vez em quando ela recebia um cliente branco que ouvira falar dos seus talentos através de um empregado. Para aquela gente, ela montava um espetáculo. Sua voz mudava de volume e tom, e ela estalava os dedos do pé e as juntas dos tornozelos para simular batidas do além. Usava uma régua escondida na manga para fazer a mesa pular enquanto as mãos repousavam, inocentes, sobre a mesa. Terminada a sessão, Momma sempre ria dessas pessoas, zombando de sua ingenuidade. Os brancos acreditavam que os negros tinham dons mágicos, e a mãe de Ruby achava que aquela era a mais absurda das superstições. A feitiçaria estava na Bíblia, portanto existia de verdade, mas para Momma era óbvio que, assim como todos os outros tipos de poder, ela deveria estar concentrada nas mãos dos poderosos. Um feiticeiro *de verdade* certamente seria um homem branco, provavelmente um sujeito cujos ancestrais andavam por aí usando perucas empoadas.

A lógica era justa, mas Ruby tinha que perguntar: os clientes negros de Momma não eram igualmente ingênuos? Talvez Momma conseguisse fazer uma distinção entre os estranhos de quem ela tirava vantagem e os amigos e conhecidos que ela ajudava, mas Ruby não sabia como definir aquele limite — e se recusava a aprender, por mais furiosa que Momma ficasse. E ela ficara muito furiosa mais perto do fim, dizendo que Ruby era uma filha ingrata e, de quebra, tola por desperdiçar a chance de herdar a vocação da mãe, e que ela não seria ninguém na vida se continuasse sendo tola daquele jeito. “Então tudo bem”, retrucou Ruby, “posso nunca ser ninguém na vida, mas pelo menos, quando *eu* encontrar Jesus, não terei que explicar por que eu enganava as pessoas em nome d’Ele.”

A música mudou, despertando Ruby do devaneio e fazendo com que ela percebesse que tinha passado um tempão encarando a mesa sem dizer nada.

— Desculpe.

Braithwhite meneou a cabeça e falou:

— Não precisa se desculpar.

Novamente, ela esperou que ele dissesse mais alguma coisa, talvez que entendia o que ela sentia, mas ele só ficou olhando para ela. A expressão dele tinha um quê de preocupação que a fez pensar que talvez ele entendesse um pouquinho, sim.

Ruby terminou a bebida e se levantou.

— Venha — disse, estendendo a mão para ele. — Dance comigo até o ano que vem.

* * *

Voltando para o carro às duas da manhã, eles pararam para se beijar em uma esquina deserta, e então prosseguiram. Ruby, embriagada e risonha, apoiava-se em Caleb Braithwhite.

O Daimler dele estava estacionado logo embaixo de um poste, em frente a uma fileira de lojas apagadas. Dois homens brancos encontravam-se ali, um de cada lado do carro, inclinando-se e tentando enxergar o interior pelas janelas. Eles se endireitaram assim que Braithwhite e Ruby se aproximaram, e o corpo dela se retesou ao reparar que o desconhecido na calçada estava armado.

Foi ele quem ergueu o queixo para Braithwhite.

— O carro é seu, chefia?

— É, sim — disse Caleb Braithwhite. — É *meu*.

Ruby apertou o braço dele, implorando silenciosamente que ele não bancasse o herói, mas ele se soltou e deu um passo à frente com um sorriso frio no rosto, como se a ameaça de violência mortal fosse motivo de diversão para ele. Ruby pensou em correr, e logo outro pensamento, mais feio, se juntou ao primeiro: se os homens atirassem em Braithwhite, talvez ficassem ocupados demais para persegui-la. Porém, mesmo enquanto tudo isso passava por sua cabeça, a mão dela já estava dentro da bolsa, segurando firme o cabo da faca que sempre carregava para se defender.

O homem levantou a arma enquanto Braithwhite ia na direção dele.

— Chave — exigiu o estranho. — Carteira. Não vou pedir duas vezes.

— É verdade — disse Braithwhite. — Não vai, mesmo.

Um olhar de surpresa tomou o rosto do homem armado, e Ruby pensou que a pistola devia ter travado por causa do frio.

— O que você está esperando? — disse o marginal do outro lado do carro. — Atira no filho da puta!

Mas o companheiro não atirou, então ele mesmo contornou o carro para cuidar de Braithwhite. Braithwhite ergueu a mão espalmada e uma bola de demolição invisível atingiu o marginal bem na barriga, lançando-o pelos ares até o outro lado da rua. O homem virou um montinho sem ossos.

Já o primeiro cara segurava a arma com ambas as mãos.

— Me solte! — implorou ele, como se Braithwhite é que estivesse armado.

Braithwhite retirou com cuidado a arma do sujeito e demorou um instante analisando a pistola em sua mão. Ele fez um gesto com a cabeça, e o homem tropeçou de costas.

— Corra — disse Braithwhite.

O sujeito se virou e saiu correndo. Com a arma apontada para baixo, Braithwhite ergueu a outra mão, cerrou o punho, e fez um gesto de arremesso com o braço inteiro. O ladrão, que já estava na metade do quarteirão, caiu para a frente, batendo de cara na calçada e deslizando no chão escorregadio de gelo. Atrapalhado, ele se levantou e fugiu, correndo e berrando noite adentro.

Ruby, que tinha parado de respirar no instante que o marginal desarmado foi atirado longe, enfim soltou um soluço ofegante. Braithwhite virou-se para ela.

— Está tudo bem — disse ele, atirando a pistola dentro de um bueiro. — Passou.

Ele sorriu e deu um passo na direção dela. Contudo ela recuou, brandindo a faca que tirara da bolsa, em um gesto que parecia ainda mais fútil do que se ela o tivesse feito no instante em que o homem armado os ameaçara.

* * *

— O que foi que aconteceu? — perguntou Ruby, dentro do carro.

— Nada de extraordinário — disse Caleb Braithwhite. — Aqueles homens

nos subestimaram. A natureza se encarregou do resto.

— Como assim, eles *nos* subestimaram? Eu não fiz nada.

— Você não perdeu a cabeça. Sei que queria fugir, mas se tivesse feito isso, talvez o homem tivesse atirado em você antes que eu pudesse fazer alguma coisa.

Ela ficou irritada ao sentir que ele estava tentando bajulá-la, o que era melhor do que continuar assustada.

— O que você é?

— Acho que você sabe o que eu sou. Embora seja provável que usemos palavras diferentes para a mesma coisa.

Eles passavam pela Lake Shore Drive. Ruby olhou pela janela, observando as luzes do centro da cidade que ficavam para trás.

— Quero ir para casa agora — disse ela.

— Antes, quero fazer uma pergunta. Está feliz com o rumo que sua vida está tomando?

Ela se virou para encará-lo.

— O quê?

— Hoje, quando eu parecia interessado em você, eu não estava mentindo. Gosto de você, Ruby. Acho que somos bem parecidos, em certos aspectos.

— Nossa, com certeza — disse ela, sarcástica. — Farinha do mesmo saco.

— Sei bem como é quando seus desejos sempre vêm depois dos de outra pessoa — insistiu Braithwhite. — Pode acreditar, eu sei.

— E daí se você sabe ou não? O que eu tenho com isso?

— Você me perguntou sobre o meu trabalho dos sonhos. Eu disse que estava me esforçando para obtê-lo. E estou mesmo. Mas estou em um ponto do processo em que seria muito útil ter uma ajuda. Um tipo de ajuda muito específico, de um tipo de pessoa muito específico.

— Você quer me *contratar*?

— Você está procurando emprego, não está?

Ruby o olhou com desconfiança.

— Que tipo de emprego?

— Um emprego interessante. Não posso prometer lindas paisagens montanhosas, mas pelo menos você não vai sentir dor nos tornozelos.

A expressão dela mudou para frustração.

— Isso não é resposta.

— Desculpe. Não quero ser enigmático, mas é um trabalho peculiar que

envolve certo grau de segredo. Por isso, antes de dar mais detalhes, quero mostrar a você o que posso oferecer em troca.

— E o que exatamente seria isso?

— A liberdade para decidir seu próprio destino.

— Liberdade? — desdenhou Ruby. — Você vai me pagar em liberdade?

— Há um salário em dinheiro, também, mas é isso aí.

— Como?

— Se eu contasse, você não ia acreditar. Mas eu posso mostrar. Você só precisa confiar em mim e dar um pequeno salto no escuro; acho que você ficará muito satisfeita com o resultado... E, se você não gostar, ou se decidir que o trabalho não é para você, pode recusar.

Eles já tinham passado pela orla do lago e estavam cruzando a vizinhança de Hyde Park. Braithwhite virou em uma ruela e saiu em um largo margeado por casas geminadas.

— Por que estamos aqui? — disse Ruby.

— É outra propriedade do meu pai.

Ele estacionou perto de uma das casas geminadas, mas deixou o motor ligado.

— O que quero mostrar está lá dentro. Ou — acrescentou ele, ainda com a mão no câmbio — eu poderia apenas levar você para a sua casa agora.

Ir para casa: a escolha racional. Ainda mais racional: saltar do carro naquele exato momento e sair correndo e gritando noite adentro como fizera o ladrão. Mas isso fez com que ela também pensasse na vida para qual ela estaria voltando.

— Posso ir embora se eu quiser? — Ruby ouviu a própria voz fazer a pergunta.

— Você pode ir embora a qualquer momento — prometeu Braithwhite.

— O que eu tenho que fazer?

— Só diga sim.

— Ok — disse Ruby. — Pode mostrar.

* * *

Ela acordou, com a cabeça latejando, em untuosos lençóis vermelho-sangue.

Fora despertada pelo sol da manhã avançada, que se esgueirara pela lateral da cama até vir apunhalar seus olhos. Ruby fechou com força as pálpebras, tentando se refugiar de novo no mundo da inconsciência, mas o sol não a deixou em paz, raios fortes queimando a pele de seu rosto e pescoço, sensibilizados por uma ressaca monstruosa.

Grunhindo, ela rolou de barriga para cima e tentou se sentar. Teve dificuldade, já que a roupa de cama morna estava escorregadia sob seu corpo. A princípio, aquilo foi apenas irritante, mas, ao despertar um pouco mais, ocorreu-lhe um pensamento assustador. Ruby abriu os olhos, mas a forte claridade solar fez com que os fechasse logo em seguida. Ainda assim, deu tempo de vislumbrar o vermelho arterial dos lençóis.

“Ah, meu Deus do céu.” Ruby rolou para fora da cama em pânico, caindo de cara no chão, retorcendo-se e chutando para longe a colcha sanguínea que a fizera tropeçar e cair. Ela se levantou, sentindo o coração acelerar com força em seu peito. “O sangue não é meu”, pensou ela, rezando para que fosse verdade. “Não é meu.” Mas então de quem era? Será que ela tinha matado alguém?

Sua tentativa de rememorar os acontecimentos da noite anterior resultaram em uma única lembrança nítida, a de estar sentada à mesa de frente para Caleb Braithwhite, observando enquanto ele colocava um pequeno frasco de vidro cheio de um líquido vermelho diante dela. Ela sentira que aquela oferta era parte de uma negociação muito maior e que tinha tudo a ver com sua situação atual, mas a tentativa de conjurar mais detalhes foi inútil, só lhe ocorreu um mero eco da diretriz de sua mãe, que dizia: “Nunca permita que um homem que você acabou de conhecer prepare o seu drinque.”

Ela se levantou, os olhos ainda fechados com força. Tateando às cegas, conseguiu encontrar uma porta aberta e saiu para uma escuridão fresca, o piso frio sob os pés. Trombou com uma pia, abriu as torneiras e jogou água no rosto e no peito. A água limpou sua mente, mas o pânico voltou em uma enxurrada.

— Pelo amor de Deus, pelo amor de Deus — disse Ruby, com a cabeça inclinada sobre a pia.

Então ela abriu os olhos e olhou para cima, e viu o rosto de uma mulher branca desvairada flutuando no escuro, a poucos centímetros do dela.

Ruby gritou.

* * *

Sua mente devia ter dado pane durante alguns segundos, porque, quando se deu conta, Ruby estava de volta ao quarto, caída de costas. No entanto, a loucura não deu trégua: ao sair do banheiro, ela atingira com força a porta, que batera na parede e se fechara, revelando outro espelho, dessa vez de corpo inteiro. O reflexo mostrava a mesma mulher branca com um olhar apavorado, caída no chão de madeira.

Ruby gritou de novo, e a mulher branca no espelho gritou com ela. Ruby levou as mãos à boca, e a mulher branca imitou o gesto. A mulher branca: ela.

Não havia sangue algum. Apenas cabelos de um vermelho vivo, longos e levemente ondulados, e sardas, densas nos ombros e braços e mais esparsas nos seios e na barriga branca e chapada. Entre as pernas dela havia outra cabeleira avermelhada: vista do espelho, naquele ângulo quase indigno, parecia que um estranho animal de pelo ruivo havia subido no colo dela. Quando olhou para baixo e viu que aquele colo era mesmo o colo *dela*, bem *ali*, Ruby soltou um gemido e se arrastou de costas pelo chão, como se pudesse fugir e deixar aquele bicho para trás.

Bateu a cabeça com força num aquecedor na parede. Estremecendo, levou uma das mãos ao couro cabeludo e com a outra deu tapas na própria cara, dizendo:

— Acorda, acorda, *acorda*!

Mas de nada adiantou: quando olhou o espelho outra vez, suas bochechas estavam rubras, mas ela ainda era uma garota branca.

Então, Ruby viu que tinha uma escolha: podia desistir e enlouquecer de vez, ou podia apenas encarar a situação. Sendo filha de Eloise Dandridge, ela resolveu encarar.

Com esforço, voltou a atenção para outro lugar que não o espelho. Ergueu a mão para a cama, tocou os lustrosos lençóis carmim. Seda. O mais perto que Ruby tinha chegado de um lençol de seda foi em uma casa que faxinara certa vez, mas nunca havia dormido em um desses. Ela analisou o resto do quarto. À direita da porta do banheiro havia uma penteadeira, com um par de sapatos vermelhos e um conjunto de roupas íntimas. No canto oposto do quarto, um vestido verde estava pendurado na parte de trás de outra porta.

Ela ficou de joelhos e espiou pela janela. Estava em um andar alto, que tinha vista para um largo margeado por casas geminadas de dois e três andares. Havia um sedã prateado com janelas de vidro fumê estacionado logo abaixo. A visão do carro trouxe à tona uma série de outras lembranças da noite anterior, aliadas a um desejo avassalador de fugir.

Ela se levantou e foi até a penteadeira. Na pressa, decidiu não pôr a meia-calça e a frágil cinta-liga de renda, vestindo apenas a calcinha e desviando o olhar ao fazê-lo. Lutou para acomodar no sutiã os seios menores e de formato diferente dos seus. O vestido caiu como uma luva. Por fim, pegou os sapatos, sem saltos e vermelhos, reluzentes como os lençóis. Experimentou-os para se certificar de que cabiam, mas saiu com eles na mão, para não fazer mais barulho do que já tinha feito.

A porta se abriu para um corredor pouco iluminado, com uma escadaria logo à esquerda. Ruby ficou escutando por alguns instantes e então começou a descer, segurando-se com firmeza ao corrimão, sem confiar no equilíbrio daquele corpo. Conseguiu chegar lá embaixo em segurança. Ali, bem à frente, viu uma porta com uma fenda para a correspondência. Bem ao lado da porta havia um cabideiro, onde estava pendurado seu próprio casaco. Sua bolsa estava no chão.

Ruby havia acabado de pôr o casaco e estava se abaixando para pegar a bolsa quando ouviu passos vindos de baixo. Olhou para trás. Ao final de um corredor ao lado da escada que ela acabara de descer havia uma cozinha banhada pelo sol que parecia um tanto familiar. Será que aquela mesa de madeira era a mesma em que Caleb Braithwhite lhe oferecera uma bebida?

Não havia tempo para verificar, uma vez que os passos haviam chegado ao topo da escada e uma porta fora de seu campo de visão se abriu com um rangido. Ruby enfiou a bolsa debaixo do braço e saiu de fininho pela porta da frente, tomando o cuidado de não batê-la. Ela dançou no chão congelado por alguns instantes enquanto calçava os sapatos, então desceu os degraus com pressa e atravessou o portão baixo de ferro. Na calçada, olhou para trás: o casarão, de pedras cinzentas ásperas meio cobertas de hera, fez com que ela pensasse no castelo de um mago que fora comprimido até caber em um lote urbano.

No meio do quarteirão, um táxi tinha parado na frente de outra casa para deixar um passageiro.

— Táxi! — gritou Ruby, mas o motorista já a avistara e estava esperando

por ela, parado próximo à porta traseira aberta com um sorriso no rosto.

— Táxi, senhorita?

Ela bateu a cabeça outra vez ao deslizar para o banco de trás — mesmo sem saltos, estava mais alta. O motorista fechou a porta para ela e contornou o carro com uma lentidão excruciante. Quando ele se acomodou ao volante, Ruby estava com o tronco torcido para trás, vigiando para ver se alguém a seguia.

— Para onde vamos, senhorita? — perguntou o motorista.

Ruby deu apressadamente o endereço de casa. Passado um instante, o táxi ainda não tinha se mexido, então ela olhou para a frente e viu que o motorista a encarava por cima do banco, confuso.

— Tem certeza de que quer ir para esse endereço, moça?

— É claro que...

Mas então ela parou e pensou melhor.

— Moça?

— Para o centro — disse Ruby. — Me leve até o centro.

— Para algum lugar em específico ou...

— Apenas vá.

* * *

Vinte minutos depois, ela estava na frente da loja de departamento Marshall Field's, na rua State, fazendo um balanço. Depois de pagar a corrida, o dinheiro que Ruby tinha na bolsa só dava para mais alguns dias, se ela fosse bastante econômica. Somando a este montante o dinheiro Deus Me Acuda (o fundo de emergência que ficava escondido no forro do casaco), ela talvez tivesse o suficiente para uma semana. Sua carteira de identidade se tornara inútil, o que significava que seria difícil fazer saques no banco.

Ela estudou o próprio reflexo na vitrine da loja. Mais cedo, seu estado de espírito não a permitira pensar nisso, mas naquele momento deu-se conta de que era uma mulher branca bem bonita. Certa ousadia em seus traços sugeria que ela era do tipo que tomava as rédeas da situação e estava acostumada a dar ordens. Talvez, se escolhesse o caixa de banco certo, ela não precisasse nem de documento de identificação. No entanto, o nome poderia ser um

problema: apesar dos cabelos vermelhos, ela achava que não tinha mais cara de Ruby.

Então tinha cara de quê? Seu olhar vagou para a vitrine: manequins vestidos em roupas de inverno posavam na frente da pintura de uma cadeia de montanhas. Deviam ser as Montanhas Rochosas, mas para Ruby evocaram o Himalaia, e novamente ela se imaginou no Everest, dessa vez em um cargo diferente: não mais um xerpa, mas uma comandante de xerpas. “O sobrenome”, pensou Ruby, “qual era o sobrenome daquele homem branco, aquele que tinha conseguido chegar ao topo?”

— Hillary. — Ela pronunciou o nome em voz alta, como se fosse um encantamento. — Hillary.

“O que acha?”, perguntou ela ao próprio reflexo. “Você tem cara de Hillary?” O reflexo sorriu e assentiu.

Enquanto ela estava absorta e com o olhar fixo na vitrine, a calçada fervilhava de pedestres que a contornavam com cuidado. No exato momento em que ela se rebatizava, alguém trombou em cheio com ela, empurrando-a para o lado com grosseria e seguindo o próprio caminho sem sequer pedir desculpas. Ruby abriu a boca para dizer “Olha por onde anda”, mas ficou estupefata ao perceber que a pessoa que a empurrara era Katherine Demarski.

O clarão de reconhecimento deu lugar, no instante seguinte, à dúvida. Mas, de fato, era ela: dez passos adiante, Katherine colidiu com uma menininha negra que andava ao lado da mãe. A menina caiu no chão, gritando ao quase ser pisoteada, e a mãe gritou:

— Ei!

Katherine, sem nem diminuir o passo, olhou por cima do ombro e disse:

— Sai do meio do caminho, porra.

As palavras calaram a mãe, que ficou perplexa demais para responder, e atraiu olhares feios das outras pessoas. No entanto, ninguém fez nada, e Katherine continuou avançando de forma ignorante, um trator humano contra quem os impotentes pedestres comuns não tinham a menor chance.

Mas Hillary não era impotente.

Katherine entrara na Marshall Field’s. Ruby a seguiu e, assim que pisou na loja, ouviu vozes alteradas. Logo encontrou Katherine em um dos balcões de cosméticos, batendo boca com a garota que trabalhava lá. Ruby parou no balcão ao lado e fingiu olhar a arara com lenços de seda enquanto entreouvia a conversa.

Estavam brigando por causa de um homem chamado Roman, que era, ou deveria ser, noivo de Katherine. A vendedora da loja — que, para os propósitos da conversa em questão, se chamava Ô Sua Biscate, o que Ruby encurtou para Bibi — fora vista flertando com Roman, e Katherine queria deixar muito claro que não pretendia levar aquele desaforo para casa. Bibi, por outro lado, negou qualquer envolvimento com Roman, mas então cometeu o que Ruby julgou ser um erro tático: tentou argumentar que Katherine e Roman não estavam *tão* noivos assim.

O tom de voz e o nível de obscenidades aumentaram até que um gerente da loja interveio.

— Senhoritas, o que está acontecendo aqui?

A menos de cinco metros dali, Ruby escolheu um dos lenços de seda. Hillary olhou para ela no espelho ao lado da arara e assentiu, encorajando-a.

Ignorando o gerente, Katherine cuspiu uma última ameaça para Bibi e saiu pisando forte. Ruby se meteu no caminho dela e, quando colidiram, enfiou o lenço no bolso do casaco de Katherine, deixando para fora a parte com a etiqueta. Então Ruby se retraiu, com as mãos erguidas, fingindo estar mortificada com os xingamentos de Katherine. Na verdade, Ruby mal ouviu o que Katherine disse, pois, naquele exato momento, notou os brincos de pérola nas orelhas dela.

De volta à calçada, Ruby abordou um policial que comprava o almoço em uma barraquinha de cachorro-quente.

— Com licença, senhor policial — disse ela, e a voz de Hillary era enérgica e direta. — Sou gerente da loja logo ali, sabe? E aquela mulher acabou de roubar um de nossos lenços.

O policial a olhou sem entusiasmo, perguntando com os olhos: “E o que você quer que *eu* faça?” Ruby não tinha dúvidas de que, se estivesse lidando com uma mulher negra, diria a mesma coisa. Hillary, contudo, sustentou o olhar dele, com os lábios crispados e as sobrancelhas arqueadas, também passando uma mensagem: “Você *vai* fazer o seu trabalho.”

O policial suspirou.

— Segure isso aqui para mim — disse ele, devolvendo o cachorro-quente ao vendedor, e então levantou a calça e perguntou: — Aquela mulher lá? De casaco marrom e cabelo escuro?

— Ela mesmo — disse Hillary, acrescentando: — Ela também passou na seção de joias, então pergunte onde ela arrumou os brincos que está usando.

O policial concordou, obedientemente, e saiu correndo em um trote pesado. Alcançou Katherine quase no fim do quarteirão. Quando ele a agarrou pelo cotovelo, ela puxou o braço com força, e sua raiva, um reflexo natural, diminuiu só um pouquinho ao perceber que quem a incomodava era um policial. O oficial, esbaforido por conta da curta perseguição, apontou para a pontinha do lenço saindo do bolso dela. Katherine puxou o tecido e ficou encarando a peça, confusa, e em seguida olhou de forma acusatória para o policial, como se tivesse sido ele quem plantara o lenço nela. Então o oficial disse algo que fez com que Katherine levasse a mão às orelhas e, por um instante, a mulher perdeu a compostura e ficou muito nervosa. Mas a raiva logo retornou com força redobrada, e ela balançou a cabeça com firmeza.

Mas o policial estava aquiescendo, ou seja, já tinha chegado a uma conclusão. Ele fez menção de agarrar o braço dela outra vez, mas Katherine deu um tapa na mão dele e o empurrou com força. O rosto do policial ficou vermelho, e ele retribuiu o empurrão com força considerável, usando uma única mão — e ela caiu no chão, na calçada, mas logo se levantou e se lançou sobre o policial, braços se agitando para tudo quanto era lado. Naquele momento, dois outros policiais viraram a esquina, boquiabertos diante da escaramuça, e em cinco segundos Katherine se viu lutando não com um, mas com três policiais.

Até então, Ruby estava achando divertido ver o feitiço virar contra o feiticeiro, mas o aumento repentino de violência lhe causou um mal-estar. Os policiais estavam tentando derrubar Katherine no chão. Ela arranhou o pescoço do primeiro policial, tirando sangue, e ele tomou impulso e deu um soco na cara dela, arrancando um grito de “Caramba!” do vendedor de cachorro-quente. Quando Katherine caiu, com os três policiais em cima dela, o estômago de Ruby se contorceu. Ela virou o rosto como se fosse vomitar, mas, em vez disso, saiu correndo pela rua.

— Eu não fiz isso — disse ela, oscilando entre o horror e um prazer selvagem enquanto seus pés batiam na calçada com força. — Eu não fiz isso, aquela não era eu...

Ela correu até o outro lado do quarteirão e, ao virar uma esquina, trombou em cheio com outro policial.

— Ai, meu Deus — gritou ela, cambaleando para trás e já esperando a surra que viria.

No entanto, esse agente — jovem, de bochechas rosadas, com cheiro de quem acaba de sair de uma festa de arromba de Réveillon que durou até de manhã — reagiu com bom humor.

— Opa, cuidado, senhorita! — disse ele, rindo.

Pegou Ruby pelo braço, não para prendê-la, mas para mantê-la de pé, e a jovialidade dele logo se transformou em preocupação quando ela não retribuiu o sorriso.

— Está tudo bem? Tem alguém incomodando a senhorita? — Ele olhou para trás dela, e seus olhos injetados se estreitaram. — Foram eles?

Alguma coisa no jeito como o policial falou “eles”... Ruby se virou e viu quatro adolescentes negros parados na esquina esperando o sinal abrir. Cuidando da própria vida.

— Foram eles? — repetiu o policial. — Eles falaram alguma coisa para a senhorita? Fizeram alguma coisa?

Ruby sentiu mais um nó no estômago e pensou: “Eu poderia falar qualquer coisa neste momento e ele ia acreditar em mim. Eu poderia fazer com que ele matasse esses meninos, se eu quisesse. *Eu* poderia...”

O policial tomou o silêncio dela como confirmação.

— Não se preocupe — declarou ele, contornando-a. — Vou cuidar disso.

Mas Ruby o deteve com um leve toque da mão de Hillary no pulso dele.

— Não, eles não fizeram nada.

O policial lançou um olhar cético para ela, mas Hillary garantiu:

— É sério, eles não fizeram nada. Ninguém fez nada.

O sinal abriu e os rapazes começaram a atravessar a rua. O policial os olhou como se ainda estivesse pensando em persegui-los, só por uma questão de princípios.

Então Hillary tocou o pulso dele outra vez e disse:

— O que acha de me convidar para almoçar?

* * *

— Roman, hein? — disse o policial, que se chamava Mike. — Parece um tremendo de um babaca. Desculpe o linguajar.

— Não, Roman é um bom moço — respondeu ela. — Pelo menos, eu

achava que fosse.

— Se ele traiu *você*, ele é um idiota.

Talvez ela estivesse mesmo ficando maluca. A princípio, a intenção não foi de fato almoçar com ele, mas, quando chegaram ao restaurante, uma lanchonete escondida embaixo dos trilhos elevados da ferrovia, a náusea a abandonou e ela percebeu que estava faminta. Então, em vez de inventar uma desculpa qualquer para fugir, ela entrou e se sentou. E conversou.

Contou a ele que era Hillary Everest, uma turista que viera passar as festas de fim de ano na cidade. Hillary Everest: Mike, o policial, nem pensou duas vezes no nome, e ela percebeu, mais uma vez, que poderia dizer qualquer coisa a ele, qualquer coisa mesmo, e ele acreditaria. Encantada pela novidade de ter um policial acreditando em suas palavras, ela prosseguiu, inventando toda uma história sobre suas aventuras de turista em Chicago, com personagens coadjuvantes e tudo: Leo, o sobrinho inconsequente; Katherine, a prima mimada; e tia Bibi, uma senhorinha muito querida em cuja casa estava hospedada. E quando veio a inevitável pergunta — se ela tinha namorado —, Ruby invocou Roman, o rapaz com quem estaria saindo em sua cidade e que, conforme ela havia descoberto justamente naquela manhã, estaria aprontando na ausência dela. Ao ver Mike se enfurecendo em solidariedade a ela, exatamente como previra, sentiu uma dose estranha de adrenalina. Devia ser assim que Momma se sentia durante as sessões espíritas. Por mais que soubesse que aquilo era errado, ouvir aquelas mentiras na voz de Hillary, vendo sempre o semblante de Hillary refletido, tênue mas perceptível, no vidro ao lado da mesa deles... Fazia a coisa parecer *menos* errada, de alguma maneira — ou, pelo menos, parecia que o pecado não pertencia a Ruby.

— Então você volta hoje ainda para casa? — perguntou Mike. — Para...

— Springfield, em Massachusetts. Preciso estar no trabalho na segunda-feira.

— Que pena que você não pode ficar mais.

— Ah, mas eu vou voltar.

Ele logo se animou.

— Ah, é? Quando?

— No verão, talvez. — E então improvisou: — Estava conversando com a tia Bibi sobre fazer algumas matérias na universidade daqui.

— Em que tipo de curso?

— Jornalismo.

— Você quer ser repórter? — perguntou ele, soando incrédulo pela primeira vez, mas seu ceticismo se aplicava à ideia em si, não a ela pessoalmente.

— Meu irmão, Marvin, é repórter — disse ela, um tantinho na defensiva.
— Não vejo por que eu também não poderia ser.

— Bem — falou ele, levantando uma das mãos —, se é isso que você quer... Se voltar mesmo, você deveria me ligar. Posso mostrar melhor a cidade.

— Quem sabe?

Mike terminou o café e comentou:

— Olha, eu preciso voltar ao trabalho... Não, não, pode ficar. Peça uma sobremesa. E não se preocupe com a conta, já cuidei disso. — Ele anotou seu telefone em um guardanapo e o entregou a ela. — Faça uma boa viagem de volta para casa... e fale para aquele tal de Roman que o Mike mandou dizer que ele é um idiota.

Ela ficou observando Mike ir embora, acenou quando ele passou por ela na calçada e então se concentrou no reflexo de Hillary no vidro. “Garota má”, advertiu Ruby, mas Hillary apenas riu, sem vergonha, e Ruby sentiu que ela mesma sorria. Pensou: “Vingança, almoço de graça, um policial só para mim, se eu quiser... O que mais eu ganho sendo você?”

— Sobremesa? — ofereceu a garçonete.

* * *

Sem compromisso depois do almoço, ela decidiu dar uma volta. Um instinto animal obscuro de retorno ao lar fez com que ela rumasse para o norte. Ao cruzar o rio, o vento fez de tudo para lembrá-la de que estava com as pernas de fora, mas Hillary, fortificada pelo imenso pedaço de bolo de chocolate que comera, parecia imune ao frio.

Enquanto caminhava, pensou no que dissera a Mike, maravilhada mais uma vez com o prazer que sentira ao contar aquela história, ao criá-la — inventar uma vida, limitada apenas pela própria imaginação. Seu único arrependimento era ter usado o nome do irmão. Não parecia certo envolver

Marvin naquela história toda de Hillary. “Da próxima vez, atenha-se à tia Bibi”, disse a si mesma.

Então ela pensou nas aulas de jornalismo. De onde saía aquela ideia? Ela encontrou os olhos de Hillary ao passar pela vitrine de uma loja e fez a mesma pergunta de Mike: “Você quer ser repórter?” Hillary deu de ombros e devolveu: “Você quer?”

Depois de pouco mais de um quilômetro, o frio começou, por fim, a levar a melhor, então ela encontrou uma loja aberta — um pequeno antiquário na rua Wells — e entrou para se aquecer, dizendo ao vendedor perto da entrada que estava só dando uma olhadinha. “Só dando uma olhadinha” era uma frase que nunca terminava bem para Ruby, mas Hillary recebeu uma resposta muito melhor: o proprietário a convidou a entrar e ficar à vontade. De volta à rua, ela começou a perceber a mesma melhora nas reações dos pedestres com quem cruzava. Muitas pessoas brancas, em especial os homens, sorriam para ela ao passar. Mas a mudança mais notável ocorreu naqueles que a ignoravam, pois o faziam de uma maneira diferente de como teriam ignorado Ruby. Não houve nenhum olhar desconfiado, ninguém fingindo que ela não estava ali ao mesmo tempo que se perguntava o que ela estaria tramando; as pessoas sentiam que *não precisavam* prestar atenção nela. Era livre para dar uma olhadinha por aí, não apenas nas lojas, mas no mundo inteiro.

“O que mais eu ganho sendo você?”

Na frente do Lincoln Park, ela passou por um salão de beleza para mulheres brancas chamado Donna’s. A única ocupante do salão, uma moça loira que estava lixando as unhas, ergueu o olhar e sorriu quando Hillary entrou.

— Olá! Meu nome é Amy. Em que posso ajudar?

Ruby quase respondeu que estava só dando uma olhadinha, mas mudou de ideia e disse:

— Ainda não sei muito bem...

Amy dirigiu a Hillary um olhar profissional.

— Que tal um bom permanente? — sugeriu. — Dar uma cacheada nesses cabelos?

— Não, nada de cachos...

Ruby dizia a si mesma que deveria ir embora, mas a curiosidade ganhou e ela falou:

— Será que dá para... só cortar?

— Claro. Como você vai querer?

Amy gesticulou para uma fileira de fotos de penteados diferentes cortadas de revistas, coladas acima do comprido espelho de parede.

O olhar de Ruby se fixou no retrato de uma famosa aviadora com um corte bem curtinho e meio despenteado. Ela estava dentro do *cockpit* aberto de um pequeno avião, e dava para ver a silhueta de montanhas atrás.

— Que tal aquele ali?

— Amelia Earhart? Posso fazer igual. Mas talvez seu namorado não aprove. — Então explicou: — Alguns homens não gostam do cabelo tão curto assim.

— Vou arriscar — respondeu Ruby.

Enquanto Amy se ocupava com o cabelo de Hillary, Ruby experimentou uma nova história de vida para ela. Dessa vez era nativa de Chicago, nascida e criada em Hyde Park. Até o ano anterior, havia trabalhado no salão de beleza da mãe, mas então Momma falecera e Hillary vendera sua parte no negócio para financiar uma viagem ao exterior, a aventura de seus sonhos. (“Foi a Paris?”, perguntou Amy. “Nepal”, respondeu Ruby, para ver como a ideia soava. “Fica perto de Paris?”, perguntou Amy.) E agora, depois de passar mais tempo do que deveria no exterior e gastar quase todo o dinheiro, Hillary estava de volta, hospedada na casa da irmã e procurando um emprego antes que o restante de seus fundos acabasse.

— O Donna’s está contratando, se estiver interessada — disse Amy.

— Obrigada, mas não. Estou procurando algo diferente.

— Tipo o quê?

— Ainda não sei. — E então, olhando para Hillary no espelho: — É uma situação nova.

— Já que você gosta de voar, por que não faz como a minha prima, Holly? Ela é comissária de bordo. Viaja o país inteiro — explicou Amy. — Ela queria trabalhar em voos internacionais, mas as pessoas da companhia disseram que ela não era bonita o bastante para isso. Aposto que você conseguiria... Talvez eles até paguem você para voar até o Nepal.

No espelho, Hillary ergueu a sobrancelha.

— Como eu consigo esse tipo de emprego? — perguntou Ruby.

— Não sei como a Holly fez, mas você pode perguntar naquela agência, a Lightbridge. Sabe, aquela do outdoor?

Algum tempo depois — um tempo miraculosamente curto —, ela estava de

volta à rua. O processo inteiro (lavagem, corte, escova e manicure) havia levado menos de uma hora. Ruby sempre soubera que a vida das mulheres brancas era mais fácil, mas, por Deus, parecia que ela tinha acabado de ganhar anos a mais de vida. Além disso, o corte de Amelia Earhart ficara ótimo nela.

Seguiu seu caminho rumo ao oeste com uma dose renovada de euforia. No primeiro cruzamento grande, viu, no topo de um pequeno prédio comercial, o outdoor que Amy mencionara.

**JOANNA LIGHTBRIDGE — AGÊNCIA DE CARREIRAS E
EMPREGO
QUEM VOCÊ QUER SER?**

O anúncio era ilustrado por uma fileira de mulheres brancas, modelos mostrando diferentes profissões em vez de cortes de cabelo. A comissária de bordo era a segunda da esquerda para a direita e, com a insígnia de asinhas em seu uniforme, parecia uma oficial de algum setor obscuro da Aeronáutica que servia martinis. Ao lado dela havia uma mulher com um bloco de estenografia que podia até ser uma jornalista, mas provavelmente era uma secretária — mas uma secretária executiva, pensou Ruby, do tipo que teria a própria sala em um arranha-céu, além do poder de admitir ou barrar a entrada de pessoas. Observando as demais mulheres, sentiu outra vez aquela estranha adrenalina, mas sua empolgação tinha menos a ver com uma opção específica e mais com a sensação de ter escolhas e possibilidades ao seu alcance.

QUEM VOCÊ QUER SER?

* * *

Segundo o diretório do prédio, a Agência Lightbridge ficava no sexto andar.

— Mas acho que estão fechados hoje — informou o segurança no saguão.

— Será que eu posso subir só para dar uma olhadinha? — pediu Ruby.

— Fique à vontade.

Ele sorriu e indicou o livro de visitantes, onde ela assinou, audaciosamente, “Hillary Earhart”.

Na subida, ela se olhou no reflexo das portas polidas do elevador. “Deveria ter parado para comprar meia-calça”, pensou ela, embora o vestido fosse tão comprido que talvez as pessoas nem reparassem nisso. O maior problema era o casaco — o casaco de Ruby Dandridge — que, como Amy observara da maneira mais educada possível, caía muito mal em Hillary. (“Era da minha mãe”, justificara Ruby.) Ela tirou o casaco, dobrando-o e pendurando-o no braço, e alisou o vestido. Bem melhor.

A porta do elevador se abriu para uma parede de vidro, seguida por uma área de recepção. A sala estava à meia-luz e havia uma placa dizendo FECHADO nas portas duplas.

Ruby foi até o vidro e espiou o retrato pendurado atrás do balcão vazio da recepção. Era uma mulher branca de aparência impecavelmente profissional, vestindo uma blusa abotoada e um paletó, de braços cruzados e cabelos castanhos curtos em um estilo bastante parecido com o da própria Hillary. “Srta. Lightbridge, presumo.” Dando um passinho para o lado, Ruby olhou para o corredor à esquerda da recepção e viu uma luz acesa em uma das salas lá no fundo. Viu uma sombra na parede, a silhueta de uma mulher de cabelos curtos.

Ruby sorriu, já se acostumando com a sorte de Hillary. Uma reunião particular com a chefe de uma agência de empregos. “Por que não? É só não deixar que ela veja seus tornozelos.”

Ela estava prestes a tocar o interfone ao lado das portas de vidro quando notou uma gotícula de sangue na ponta do dedo. Franziu o cenho, pensando que Amy tinha tirado um bife enquanto fazia as unhas dela, mas, quando examinou com mais atenção, percebeu que não era só o indicador que sangrava: o líquido vermelho estava jorrando de todas as unhas.

O mesmo pânico que sentira ao acordar começou a dominá-la outra vez. Sentiu o coração acelerado — só que o problema não era o coração, mas o esterno, que se expandia dentro do peito, como se um grampo que unisse os dois lados de seu tórax tivesse acabado de se soltar.

— Ah, não — lamentou Ruby.

Atrás dela, o elevador começou a fechar as portas. Ela deu meia-volta e saltou para dentro da cabine, sujando de sangue a porta de metal polido enquanto tentava passar.

Quando as portas se fecharam de novo, a transformação de volta à antiga Ruby estava em estágio avançado. O tórax se tornou mais encorpado, de

modo que o sutiã começou a sufocá-la. Ela largou o casaco e a bolsa, usando as mãos para tatear às pressas as costas do vestido. Os sapatos vermelhos espremiam com crueldade os pés que inchavam. No reflexo das portas, ela acompanhou o cabelo de Hillary encrespar e escurecer, enquanto o branco da pele sumia.

Com um puxão violento, Ruby conseguiu abrir o fecho do sutiã. Ela arquejou e inclinou-se para a frente, limpando ainda mais sangue na parte da frente do vestido, e ficou observando os últimos vestígios de pele branca desaparecerem dos braços e das pernas.

O elevador, que estivera descendo, parou com um tranco. Apressada, Ruby vestiu o casaco — que tinha voltado a ser, de fato, *dela* — e o abotoou para esconder as manchas de sangue mais evidentes. As portas do elevador se abriram. Ela tentou dar um jeito no cabelo, mas percebeu que era inútil, e então saiu aos tropeços para o lobby.

— Quem é você? — ralhou o vigia.

— Já estou de saída — falou Ruby, dando um sorriso rápido que mais parecia uma careta.

Foi mancando em direção à saída, cada passo transformado em pura agonia pelos sapatos apertados. O guarda disse mais alguma coisa, mas Ruby não parou, rezando apenas para conseguir suportar a dor até arrumar um táxi.

* * *

Três dias depois, ela voltou à casa em Hyde Park.

Ela resistira o máximo possível, sabendo que era loucura retornar, e que a única maneira sã de lidar com todo o incidente era fingir que nada tinha acontecido. Durante as primeiras vinte e quatro horas que passara em casa, ela quase se convencera de agir de maneira sensata. No entanto, no segundo dia, depois que o inchaço em seus pés passara e ela voltara a conseguir andar, ela havia percebido que não tinha o menor interesse em retomar a busca por emprego — pelo menos, não como Ruby Dandridge.

Assim, na manhã do terceiro dia, ela acordou cedo e vestiu roupas de frio. Achou que demoraria até conseguir encontrar a casa de novo, mas, quando o taxista perguntou para onde ela ia, o endereço lhe veio na mesma hora.

À segunda vista, o lugar parecia menos um castelo, era só uma casa grande e velha precisando de reformas. Mesmo assim, havia uma aura mágica, e Ruby ficou um bom tempo na calçada, diante do portão. “Última chance”, disse a si mesma. “Se entrar, talvez você não consiga sair de novo.”

Mas ela não tinha nem conseguido escapar da primeira vez.

Apertou a bolsa bem firme e atravessou o portão. Estava no meio dos degraus quando a porta da frente se abriu e o rosto de Caleb Braithwhite surgiu, sorridente.

— Olá, Ruby — cumprimentou ele.

* * *

— Você se lembra de ter tomado o elixir?

Estavam sentados em lados opostos de uma saleta de visitas logo depois da entrada. Ruby estava com sua faca em mãos e fizera Braithwhite deixar a porta da frente aberta, para que ela pudesse ouvir os sons da rua atrás de si e sentir o ar fresco que vinha lá de fora serpenteando por baixo da poltrona e enrolando-se em seus tornozelos.

— Lembro que você me ofereceu uma espécie de poção — disse Ruby. — Não me lembro de ter bebido.

Braithwhite assentiu, como se esperasse aquela resposta.

— Infelizmente isso foi culpa minha. Sabia que a transformação seria um choque para você, mas eu deveria ter levado em consideração tudo o que você havia bebido naquela noite.

Os olhos dela se estreitaram.

— Você colocou alguma coisa na minha bebida?

— Não. Você estava um pouco bêbada, mas...

— Eu estava mais do que *um pouco* bêbada — retorquiu ela.

— Você estava perfeitamente consciente quando tomou a decisão. Mas o choque da transformação se somou aos efeitos do álcool e tudo acabou provocando um ataque de pânico, o que é perfeitamente compreensível; a mudança é mesmo um tanto assustadora.

— Assustadora, sei — repetiu Ruby, lembrando-se da transformação no elevador.

— Você acabou ficando inconsciente por causa do choque. Primeiro achei que tinha só desmaiado, mas você apagou de verdade, então eu a levei lá para cima e a coloquei na cama. Achei que, passadas algumas horas, você estaria bem.

Lembrando-se do toque macio da seda na pele, ela disse:

— Você tirou a minha roupa?

— Elas já estavam caindo do seu corpo. Você rasgou o vestido durante o ataque de pânico.

— Então você decidiu tirar o resto? Se aproveitar da situação?

— Não me aproveitei de nada. Só coloquei você na cama. E fiquei acordado esperando para ver se você despertava. Mas você dormiu a noite inteira... De manhã, fui trabalhar no porão, e, quando voltei para conferir seu estado, você tinha sumido. Resolvi não ir atrás de você. Não queria que ficasse ainda mais chateada do que já estava e imaginei que fosse voltar por conta própria. Fiz alguns ajustes na fórmula do elixir — acrescentou ele. — Da próxima vez que você o tomar, a transformação não será tão chocante.

— Quem disse que haverá uma próxima vez?

— É por isso que está aqui, não é? — Ele a encarou durante um bom tempo. — Mas, antes de seguirmos em frente, preciso confessar uma coisa: não foi por acaso que nos conhecemos naquelas circunstâncias.

— Como assim?

— Eu tenho uma intuição poderosa — explicou Braithwhite. — Um talento para pressentir oportunidades. Sou muito bom em encontrar meios de conseguir o que quero. Eu precisava ser bom nisso, era a única forma de obter qualquer tipo de satisfação enquanto meu pai ainda estava vivo.

— Está dizendo que foi sua intuição que mandou você ir me encontrar naquela esquina?

— Foi. — Ele hesitou. — Mas não só isso. Tem algumas coisas que eu ainda não contei a você sobre o que eu vim fazer em Chicago e que podem deixá-la um tanto chateada. E eu quero abrir o jogo, mas preciso que você entenda...

— Ah, já entendi *tudo*. Você está me dizendo que é um mentiroso e que o Ano-Novo foi só uma armação. — Ela deu de ombros, como se nem ligasse, mas a verdade era que estava se sentindo traída e furiosa consigo mesma por se deixar enganar. — Você é mesmo um ótimo manipulador, devo admitir.

— Não! Não, Ruby, não foi nada disso. Eu tinha, *sim*, segundas intenções

naquela noite, isso é verdade, mas eu também me diverti. Sair com você foi muito bom. Conversar, dançar. Beijar. — Ele sorriu.

— Quanto a essa última parte, você trate de ir tirando o seu cavalinho da chuva — falou ela, brandindo a faca.

— Está bem — disse Braithwhite, erguendo as mãos na defensiva.

Seu sorriso, por outro lado, dizia: “Veremos.”

— Mas e os dois homens que estavam perto do carro? — perguntou ela. — Aquilo foi...

— Uma coincidência. Um acidente feliz.

— *Feliz?*

— Não que eu não estivesse satisfeito com o rumo da noite até então. — Outro sorriso. — Mas uma hora ou outra eu teria que fazer a minha proposta, e, se as coisas entre nós tivessem ficado mais íntimas, a situação poderia ficar... desconfortável. Encontrar aqueles homens provocou uma mudança útil no clima da noite.

— E se eles tivessem nos matado? Aí como ficaria o clima?

— Eles jamais teriam conseguido me machucar. E você também não correu perigo de verdade em momento algum.

Ruby balançou a cabeça.

— Você é mesmo uma figura, hein?

— Sou um homem que sabe o que quer... e sabe o que fazer para conseguir. Entendo que você esteja com raiva, e não tiro sua razão, mas seja sincera, Ruby: *eu estava certo*. Você quer o que eu tenho a oferecer.

— Mesmo que eu queira, não significa que estou perdendo o juízo. — Mas então Ruby balançou a cabeça de novo e acrescentou: — Fale mais sobre esse emprego.

* * *

Havia ficado muito frio, portanto, com a permissão de Ruby, Braithwhite fechou a porta da frente. Foram para a cozinha. Ele pôs uma chaleira no fogão, então os dois se sentaram à mesa, tomando sol.

Ele contou uma história. Tinha início em Massachusetts em 1795, com uma seita de feiticeiros brancos liderada por Titus Braithwhite, primo de um

dos ancestrais paternos de Caleb. A seita havia tentado canalizar o poder da criação, mas tinham cometido algum erro — disseram “abre-te, sésamo” quando deveriam ter dito “abracadabra” — provocando, assim, o Armagedom.

Então, a história dava um salto de cem anos até o avô de Caleb, Addison, que havia formado a própria seita, e o pai de Caleb, Samuel, que a expandira e construía uma nova mansão nas ruínas da propriedade de Titus Braithwhite. Ao longo de suas pesquisas, eles descobriram que uma escrava chamada Hannah havia conseguido escapar do apocalipse de Titus Braithwhite, carregando no ventre um filho de seu antigo dono. Passaram anos tentando descobrir o que acontecera com ela, mas tinha sido Caleb, usando a intuição, que finalmente resolvera o mistério e encontrara o último membro sobrevivente daquela linhagem.

Enquanto Braithwhite descrevia o ardil que o pai engendrara para atrair Atticus até Massachusetts, Ruby se lembrou de um telefonema que recebera de George Berry em junho do ano anterior, perguntando se ela podia ficar com Horace enquanto ele e Atticus viajavam para o leste a fim de cuidar de uns assuntos de família. E então ela se lembrou de quem mais tinha se metido naquela viagem.

— Quando Atticus e George chegaram na casa do seu pai, eles estavam sozinhos ou...

— Estávamos esperando só os dois, mas sua irmã tinha decidido ir com eles. — E então Caleb acrescentou, em tom de elogio: — Letitia é uma moça difícil.

“Você não sabe da missa a metade”, pensou Ruby. “Ou talvez saiba.”

Esse capítulo da história terminava com Braithwhite traindo o pai e salvando a vida de Atticus e dos demais. Então, após uma breve pausa para receber a herança, Braithwhite viera para Chicago e fizera contato com outra seita de feiticeiros brancos. A história era mais longa, mas, à primeira menção do nome Hiram Winthrop, Ruby o interrompeu:

— Winthrop? Como em Casa Winthrop?

— Isso. E já adiantando a resposta das suas próximas perguntas: sim, eu fui o responsável por Letitia ter conseguido comprar a casa. Tanto o advogado que deu o dinheiro a ela quanto o corretor trabalhavam para mim. A Imobiliária Penumbra foi uma companhia criada pelo meu pai. Eu sou o dono daquele imóvel.

Antes mesmo que ele terminasse de falar, Ruby já estava balançando a cabeça.

— Eu *sabia*! *Sabia* que era bom demais para ser verdade! — Ela o encarou, irritada. — Por quê? Por que *ela*?

— Intuição — disse Braithwhite, com calma. — Eu mesmo cheguei a pensar em morar na Casa Winthrop. Desconfio de que a casa esconda segredos valiosos... Mas antes de descobri-los eu teria que lidar com o fantasma de Winthrop. E não que eu não goste de uma boa competição para ver quem é mais teimoso, mas me ocorreu que poderia haver uma candidata melhor para esta contenda em particular.

— Letitia? Por que você pensou...

— Sua irmã é muito obstinada. Tive o pressentimento de que, com a motivação certa, ou seja, se fosse para ficar com a casa, ela encontraria uma maneira de dobrar Winthrop. É óbvio que eu estava certo.

— Sim, você estava certo. Mas você também estava errado. Letitia não sabe que foi você quem deu a casa a ela, sabe?

— Não, e espero que você não conte. Ela não ficaria nada feliz.

— Como se você se importasse com a felicidade dela.

— Na verdade, eu me importo, sim — contestou Braithwhite. — Eu gosto da Letitia.

— Mas ela não gosta de você, não é mesmo? Então ela pode até estar morando na Casa Winthrop agora, mas isso não vai ajudar você a conseguir o que deseja. Você não pode ir lá e perguntar se ela descobriu alguma coisa.

— Eu não posso — concordou Braithwhite. — Mas você pode.

— É esse o trabalho? Você quer que eu espione a minha irmã?

— Essa é uma pequena parte do trabalho — disse ele, com delicadeza. — Eu gostaria que você passasse mais tempo com sua irmã. Não a interrogue, só pergunte como ela tem passado, veja se ela oferece alguma informação. Converse também com Atticus e com os outros inquilinos que conseguir. Talvez bisbilhote um pouco a casa.

— Sozinha? — perguntou Ruby. — De jeito nenhum.

— Tudo bem, então só converse com os inquilinos. Veja se algum deles topou com algo interessante: livros, mapas, chaves, dispositivos curiosos. Salas secretas. Eu também gostaria de saber se mais alguém apareceu por lá fazendo perguntas ou se eles têm a impressão de que a casa está sendo vigiada.

— Por quem?
— Por homens brancos. Especialmente a polícia.
Ela lançou-lhe um olhar gélido.
— No que você meteu a minha irmã?
— Essa é outra longa história. E contarei tudo a você, mas primeiro quero que você compareça a um evento amanhã à noite. Ele responderá a muitas das suas perguntas... E depois poderemos falar sobre o resto do trabalho.
— Que tipo de evento? Uma festa?
— Não se preocupe, você não servirá canapés. Você é uma das convidadas.
— Sei, mas meu vestido de festa rasgou.
Braithwhite apoiou um pequeno frasco de vidro na mesa, e o líquido vermelho dentro parecia brilhar à luz do sol.
— Eu tenho algo que vai cair em você como uma luva — disse ele.

* * *

— Adivinhação *prática* — disse a senhora. — Não aquela baboseira cigana, mas previsões racionais, baseadas em matemática. Esse tem sido o foco principal de nossa pesquisa desde outubro de 1929, e já fizemos um progresso incontestável, apesar de um ou outro desacerto. Além disso, eu recentemente comecei a cultivar um gosto pessoal pelas artes restaurativas.

Ela baixou o olhar para a mão de ossos enrigecidos segurando a bengala que lhe servia de apoio.

— Se ao menos eu tivesse começado um pouco mais cedo... Mas nós sempre achamos que ainda temos tempo... Mas e você, mocinha? Qual é o seu campo?

— Eu falo com os mortos — disse Hillary.

— Através de qual método? Rádio psíquico? Teletipo de Barton? Imagino que não seja com o tabuleiro...?

— Não, eu só falo com eles. É um dom. Minha mãe também conseguia.

A mulher recuou um pouco, lábios franzidos, como se Hillary tivesse feito um comentário de mau gosto. Mas então abriu um sorriso lupino e deu uma risadinha.

— Um *dom*! Não saia falando isso para qualquer um aqui, mocinha. É capaz de você ser acusada de bruxaria e acabar na fogueira.

— Não tenho medo de pessoas com mentes limitadas — comentou Hillary, fazendo a velha rir outra vez.

— É, estou vendo que não... Foi Nantucket que você disse?

Hillary concordou e explicou:

— Somos uma confraria pequena. Hoje somos ainda menores do que já fomos. Nosso grão-mestre nos abandonou por Ardham na primavera passada. Ainda estamos nos reorganizando.

— Ardham. — A velha franziu os lábios outra vez. — Também perdi um dos meus para eles. Mas, pelo que entendi, eles tiveram um triste fim. Assim como o homem que os seduziu, o sr. Braithwhite. — Mais um risinho. — Vamos tomar um champanhe, minha querida? Onde está o garçom?

Enquanto a mulher girava, devagar, em busca das bebidas, Ruby veio à tona e conduziu a própria varredura do salão de baile, à procura de Caleb Braithwhite.

Algumas horas antes, estivera com ele dentro do Daimler no estacionamento daquele clube de campo, observando pelas janelas escuras a chegada dos outros convidados. Braithwhite identificara cada um deles de acordo com a cidade em que se localizava a seita de feiticeiros que eles representavam: Baltimore. Atlanta. Nova Orleans. Las Vegas. Los Angeles. Muitos outros. A senhora era Nova York.

Entre a chegada de uma limusine e outra, Braithwhite forneceu a Ruby a história de sua personagem.

— Você não vai precisar falar muito. Será a única mulher bonita no recinto. A maioria deles vai querer flertar com você. Deixe que façam isso. Sorria, finja estar impressionada e permita que falem. Veja o que eles deixam escapar.

O plano era que chegassem separados. Assim, quando deu a hora, Braithwhite dirigiu alguns quilômetros até uma garagem onde uma limusine aguardava Ruby.

— Não se preocupe — disse ele. — Vai dar tudo certo. Basta socializar e observar.

No entanto, Ruby não conseguiu não se preocupar; ao voltar ao clube na própria limusine, estava nervosa a ponto de questionar se conseguiria sair do carro e dar continuidade ao plano. Desesperada, buscou no retrovisor os olhos

de Hillary, que a encarou com aquele seu jeito ousado, pronta para tomar as rédeas da situação. Então, Ruby deixou as coisas por conta dela: foi Hillary quem saiu da limusine e pisou com confiança no meio-fio, Hillary quem adentrou o clube como se fosse dona daquilo tudo, mal diminuindo o passo para mostrar seu convite aos homens de terno escuro à porta.

No saguão, parou para se olhar no espelho. A transformação física tinha sido tão estranha quanto antes, mas menos dolorosa. Os cabelos ruivos voltaram ao comprimento original e, em vez de cortá-los de novo, ela decidiu deixá-los ao natural. Escovada e um pouco bagunçada pelo vento invernal, a cabeleira ganhara certo aspecto selvagem que fazia um contraste interessante com o figurino: uma caçadora rubra com vestido formal preto.

Ela seguiu para o salão. O burburinho das conversas diminuiu um pouco assim que ela entrou e várias cabeças se viraram em sua direção. Hillary avaliou os convidados para decidir por onde começar e escolheu um trio de homens idosos — São Francisco, St. Louis e Des Moines — que se encontrava em uma mesa próxima e lhe lançava olhares de velhos tarados.

Foi até eles e se apresentou. Ao saber que Hillary era de Nantucket, São Francisco provocou:

— Estou vendo que a ilha tem belas paisagens.

Ao que St. Louis respondeu:

— Realmente, tem uns faróis espetaculares...

Enquanto isso, Des Moines apenas lambeu os beiços enquanto contava as sardas no decote dela.

“Três nojentos”, pensou Ruby, mas Hillary nem se incomodou em ficar incomodada com isso.

Ela se sentou e continuou avaliando os homens. São Francisco, apesar das piadas, estava sentindo dores consideráveis. Não parava de pôr a mão na barriga e franzir o rosto, e, a cada vez que fazia isso, olhava para a mesa onde Los Angeles se encontrava. Des Moines era inseguro e sem jeito, então estava feliz por conhecer alguém de uma confraria que, pensava ele, devia ser ainda mais insignificante que a sua. No entanto, apesar de julgar Hillary como inferior, ele também sentia a necessidade de impressioná-la. Gabou-se da biblioteca de sua confraria e de sua aquisição mais recente, algo chamado *Codex Phantasmagoria*.

— A transcrição de Ziegler, completa com os sete comentários. Sabe como isso é raro?

Ela não sabia, mas teve a sensação de que St. Louis cobiçava o *Codex* e só estava sendo bonzinho com Des Moines na esperança de ter uma chance de roubá-lo.

Após alguns minutos, ela pediu licença — interrompendo Des Moines no meio de um monólogo — e foi para outra mesa. Enquanto Hillary fazia sua meticulosa ronda pelo salão, Ruby foi relaxando, entendendo que aquelas pessoas também acreditariam em suas palavras. Além disso, eles não eram assim tão exóticos, pois eram iguaizinhos às demais pessoas brancas, ricas e pretensiosas com quem ela já se deparara — a diferença era o fato de o grupo daquela noite estar disposto a conversar com ela. Sobre necromancia. Mas até a conversa sobre magia não era tão extraordinária quanto ela esperava, pois todos falavam do assunto como se estivessem falando de dinheiro, política ou qualquer outro meio de sujeitar o mundo às suas vontades.

Descobriu que não gostava de ninguém e que mentir para eles não lhe provocava o menor remorso. Em meio aos já esperados tolos e chatos, havia alguns seres humanos genuinamente desprezíveis.

Enquanto fingia estar encantada com as rumações de Denver sobre o controle da mente, Hillary se inclinou para escutar a conversa entre Los Angeles e Las Vegas na mesa atrás. Vegas, perplexo por ter sido esnobado por São Francisco mais cedo, estava dizendo:

— Não sei que diabo está consumindo ele.

Ao que Los Angeles riu, retrucando:

— Eu sei.

E então explicou que uma pessoa podia ferrar alguém em uma negociação ou ir a um restaurante recomendado por ela, mas que só um idiota faria as duas coisas.

Um pouco depois, ela se juntou a uma mesa cheia de sulistas. Dallas era uma *cowgirl* de meia-idade com uma voz rouca e um senso de humor vulgar, já Richmond, Atlanta e Nova Orleans eram cavalheiros mais sofisticados, que compreendiam a diferença entre ser lisonjeiro e repulsivo. Foi o encontro mais agradável que Hillary tivera até o momento, mas então a conversa deu uma guinada súbita ao que todos os homens se referiam como “crioulos”.

Não era nada que Ruby já não tivesse ouvido, ou entreouvido, um milhão de vezes. Mas havia uma grande diferença entre pessoas falando de você, às vezes na sua cara, e pessoas falando *com* você, acreditando que você era uma delas e esperando que concordasse. Hillary precisou fazer um grande esforço

para não se denunciar e para conseguir sair da conversa sem contar o único tipo de mentira que Ruby consideraria imperdoável — já que, diante de certas situações, o próprio silêncio já era um pecado grave o suficiente.

E então veio Coeur d'Alene, um loiro esquelético com olhar de louco e uma expressão tão repleta de ódio que não causaria a menor surpresa se ele se levantasse com uma carabina e começasse a disparar contra a multidão. Ocupava sozinho um dos cantos do salão, pois nenhum dos outros convidados parecia inclinado a se aproximar dele, e Hillary achou por bem seguir a sabedoria popular nesse caso. No entanto, enquanto escapava da mesa dos sulistas, seu olhar acabou vagando na direção dele, e ela foi acometida pela certeza de que a fúria que Coeur d'Alene disparava pelos olhos não era diferente da crueldade que Dallas disparava pela boca.

Pessoas horrorosas. Depois de quase uma hora entre eles, Ruby já estava saturada e começou a procurar por Caleb Braithwhite, querendo que ele chegasse logo e desse fim àquele suplício. No entanto, qualquer que fosse a entrada triunfal que ele havia planejado, ainda não estava na hora. Quem ela viu foi o parceiro dele, Chicago, envolvido no que parecia uma conversa acalorada com o representante da confraria de Amesboro, Wisconsin. E então ela notou Des Moines, que havia se levantado e vinha em sua direção. Foi nesse momento que, para escapar, ela decidiu cumprimentar Nova York.

Nova York tinha conseguido chamar atenção de um dos garçons que circulavam pelo salão, um negro alto de pele escura, com uns vinte e poucos anos. Enquanto pegava uma taça de champanhe na bandeja que ele trazia, Nova York o encarou por um longo instante e comentou:

— Minha nossa, meu querido, mas que homão você é, hein?

O garçom, que, naquele ambiente, escondia sua verdadeira essência quase tão bem quanto Ruby, sorriu de forma educada, como se Nova York apenas tivesse elogiado sua gravata-borboleta, e virou-se, apressado, para oferecer a bandeja a Hillary.

— Senhorita?

— Não, obrigada — respondeu Hillary.

— Não está bebendo? — perguntou Nova York, secando com os olhos o garçom que se afastava.

— Não posso. Estou com um problema de saúde.

— Que pena. — Ela esvaziou a própria taça em poucos goles. — Bom, venha comigo, queridinha. Vamos dar uma olhada no prêmio de Lancaster

antes que forme fila outra vez.

Em um dos lados do salão havia um quadro pendurado na parede, uma pintura de um pioneiro de barba cinza, cavalcando ao longo do leito de um rio; atrás dele, via-se um forte no topo de uma montanha, com a bandeira dos Estados Unidos hasteada. Ruby supôs que aquele fosse Morgan Glastonbury, que, de acordo com Caleb Braithwhite, fundara a filial da Ordem em Chicago, em 1847. Durante a juventude, Glastonbury fora membro da seita de Titus Braithwhite — um dos sortudos que haviam sido considerados inexperientes demais ou medíocres demais para participar do ritual apocalíptico.

Abaixo do retrato, havia um expositor guardado por seis seguranças de terno escuro. Dentro do mostruário, havia um imenso livro aberto que parecia muito antigo, cujas páginas expostas estavam cobertas de letras estranhas.

— *O Livro dos Nomes* — disse Nova York, cobiçando as páginas com ainda mais luxúria do que dedicara ao garçom.

Através dos olhos de Hillary, Ruby espiava com curiosidade, pois para ela o título evocava o livro em que o Pai Celestial registrava os nomes daqueles que seriam salvos. No entanto, aquele *Livro dos Nomes* não parecia ter sido escrito por Deus.

— Com licença — disse Nova York ao homem encarregado da segurança do livro. — Senhor...

— Burke.

— Sr. Burke, este é o exemplar do sr. Winthrop?

— É.

Um sorrisinho cruel surgiu no rosto dele enquanto adivinhava a próxima pergunta da mulher e a resposta que lhe daria.

— Eu gostaria muitíssimo de dar uma olhada em uma página que fica no segundo apêndice. Será que...

— Lamento — interrompeu Burke, que não lamentava coisa nenhuma. — O mostruário deve permanecer trancado.

— Compreendo que o senhor não queira que eu mexa no livro, mas talvez o senhor possa...

— Se eu abrir a caixa para você, precisarei abrir para todos. E aí teríamos sérios problemas.

Os lábios de Nova York se crisparam.

— No convite que recebi para este evento, tive a impressão de que...

— Não dou a mínima para qual impressão você teve — disse Burke, divertindo-se. — Segundo as ordens que recebi, o mostruário permanece trancado.

— Não estou gostando *nada* do seu tom de voz, rapazinho.

Hillary recuou, pois não queria estar na linha de fogo caso Nova York começasse a conjurar raios com sua bengala. Ela sentiu alguém atrás de si e se virou.

Era Chicago. O homem tinha o rosto de um boxeador que trocara o ringue pelo bar depois de se aposentar, mas por trás daquela máscara de brutalidade havia uma inteligência arguta que, só naquele instante, ele deixava transparecer.

— Você deve ser a representante de Nantucket — disse ele, oferecendo a mão.

— Rose Endecott — disse Hillary, aceitando a mão estendida.

O aperto dele era firme e transmitia uma força que poderia ter esmagado os dedos dela com facilidade.

— John Lancaster. Estou feliz por você ter vindo. E um tanto surpreso. Quando Braithwhite falou que havia convidado você, achei que não viria, considerando o passado entre as lojas de vocês.

— Nosso problema era com o pai de Braithwhite — explicou Hillary.

— Águas passadas, então?

Ele a estudou, e seu rosto não era mais o de um boxeador, mas o de um policial.

— Lancaster! — Nova York abriu caminho entre eles com os cotovelos. — Lancaster, uma palavrinha...

— Desculpe, Madeleine — falou Lancaster. — Preciso começar o espetáculo. Depois eu falo com você.

Com um último olhar na direção de Hillary, ele se afastou, em um ritmo acelerado que Nova York não seria capaz de acompanhar com sua bengala.

Lancaster dirigiu-se ao espaço aberto no centro do salão, embaixo do lustre.

— Atenção! — chamou ele. — Atenção, todo mundo!

A sala ficou em silêncio.

— Agora eu preciso que todos que não sejam convidados ou seguranças deixem o recinto!

Os garçons negros se encaminharam (bastante satisfeitos, pensou Ruby)

para a saída, não antes que alguns convidados se lançassem na direção deles para pegar mais uma taça de champanhe. Quando os empregados tinham saído e as portas foram fechadas, Lancaster fez um gesto para um de seus homens, que diminuiu todas as luzes, exceto pelas do lustre.

— Bem-vindos e bem-vindas a Chicago — recomeçou Lancaster. — Obrigado pela presença. Sei que foi uma longa jornada para alguns, não apenas em termos de distância, mas também de confiança. Agradeço o autocontrole que todos demonstraram ao terem concordado em tratar este lugar como zona neutra.

Sorriu de maneira paternalista, como se estivesse falando com um grupo de crianças muitíssimo bem-comportadas.

— Não sou muito bom com discursos — prosseguiu ele. — Meu antecessor, Bill Warwick, era um orador e tanto. Eu sempre fui mais de fazer do que de falar. Mas também sei escutar, e reconheço a voz da razão quando a ouço.

“No verão passado, o novo grão-mestre de Ardham me ligou com uma proposta. Eu estava cético. Os que conhecem a história entre Chicago e Ardham sabem que as duas lojas nem sempre morreram de amores uma pela outra. E aí veio esse rapaz, o filho de Samuel Braithwhite, ligando para dizer que queria ter uma conversa. Bem, eu poderia ter desligado na cara dele. Ou poderia ter atraído o garoto para cá e cortado a cabeça dele, em nome dos velhos tempos. Mas decidi escutar o que ele tinha a dizer... e o que escutei fazia muito sentido.

“Ele é um rapaz novo. E, por causa disso, sei que alguns de vocês terão dificuldade em levá-lo a sério. Afinal, esta é a Ordem da *Aurora Ancestral*. A maior parte de nós prefere uma liderança que tenha um pouco mais de experiência de vida.” Ele passou a mão pelos cabelos grisalhos. “Então vou pedir que ouçam o que ele tem a dizer como se ele estivesse falando por mim. Porque, para todos os efeitos, ele está mesmo. E se ouvirem com atenção a nossa proposta, acredito que ela também fará muito sentido para vocês. Sr. Braithwhite, o senhor tem a palavra.”

Lancaster ergueu a mão na direção de uma mesa logo na frente do espaço aberto, que era, obviamente, onde ele esperava que Braithwhite estivesse. No entanto, seu gesto se dirigiu a uma cadeira vazia. Olhou para os lados, tentando encontrar o jovem. O momento se tornou um tanto constrangedor, e então cômico.

— Braithwhite? — chamou ele.

A multidão deu risadinhas, e houve uma gargalhada mais alta que Ruby reconheceu como a de Dallas. Lancaster se aproximou de um de seus homens, sussurrando:

— *Onde diabo ele se meteu?*

E então, de repente, lá estava Braithwhite, que parecia ter surgido do nada, avançando para ocupar o espaço central que Lancaster acabara de abandonar. “Um bom truque”, pensou Ruby, sentindo que, à sua volta, os demais concordavam com ela. Só quem não o viu foi Lancaster, que ainda passou mais alguns segundos olhando de cara feia para seus homens, até que Braithwhite falou, com uma voz suave mas cheia que se espalhou pelo salão:

— Obrigado, grão-mestre.

Lancaster se virou, surpreso e irritado, mas Braithwhite agiu como se nada de estranho tivesse acontecido e o cumprimentou, meneando a cabeça com respeito. Lancaster logo recobrou a compostura, retribuiu o cumprimento, cedeu o espaço e foi se sentar na cadeira que o outro não ocupara.

Então Braithwhite ergueu o rosto e olhou os convidados ao seu redor. A iluminação do lustre pareceu ficar mais intensa, realçando a aparência dele de uma maneira que não acontecera com Lancaster, pintando-o não apenas como um homem mais atraente, mas também mais presente. Mais vivo. Lancaster dissera que ele era jovem, o que era verdade, mas àquela luz isso até parecia um ponto positivo.

— Muito obrigado por sua presença — disse Caleb Braithwhite. — Gostaria de começar minha fala corrigindo um equívoco. Todos vocês sabem que meu pai faleceu em junho, e a essa altura todos já devem ter ouvido boatos sobre como isso aconteceu. Ele estava tentando completar o ritual empreendido pela primeira vez por Titus Braithwhite em 1795. O ritual falhou, desta vez de maneira menos dramática: a casa e os criados foram poupados. Mas todos os membros da loja pereceram, exceto por um — informou ele, e levou a mão ao peito.

Los Angeles falou do meio da multidão, em tom de zombaria:

— Ninguém importante, então.

Braithwhite aceitou a ofensa com elegância.

— Alguns pensam assim — admitiu. — No entanto, estou aqui para esclarecer um equívoco, não para fomentar mais ignorância.

“Como estava dizendo, vocês ouviram os boatos sobre as circunstâncias da

morte do meu pai. Mas o que ouviram é falso. O ritual não falhou.

“Provavelmente teria falhado. Ele próprio calculava que não teria mais que cinquenta por cento de chance de sucesso. Meus cálculos eram mais pessimistas. Estimei que a probabilidade de fracasso ficava na casa dos oitenta por cento, com grandes chances de catástrofe.

“Oitenta por cento. Quatro em cinco. Durante um bom tempo, pensei em aceitar essa probabilidade, mas no fim decidi que não era o bastante. Eu precisava ter certeza. E eu queria que todos eles morressem.”

Uma inquietude se espalhou lentamente pelos espectadores conforme foram compreendendo o peso das palavras dele. Ruby viu Lancaster franzir o cenho, deixando claro que aquela revelação em específico não fazia parte do discurso que sancionara.

— É isso mesmo — continuou Braithwhite. — Eu sabotei o ritual. Matei todos eles, toda a maldita loja. E sabem por quê? Porque eu estava cansado de palhaçada.

“Vejam bem, eu admirava o meu pai. Eu o respeitava... até certo ponto. Ele era inteligentíssimo e compreendia a arte como um *virtuoso*. Seu defeito era outro. Era o mesmo defeito que acometia Titus Braithwhite e que aflige muitos de vocês. Ele tinha uma mente de cientista, uma mente moderna, mas seu coração era antiquado. Ele tinha um coração de alquimista. Um coração de feiticeiro.”

Mais burburinhos, agora mais pronunciados. Ruby passara parte suficiente de sua vida na igreja para reconhecer o motivo da comoção: blasfêmia. Lancaster havia se levantado e parecia prestes a abortar o evento antes que a multidão se tornasse incontrolável. Braithwhite, contudo, estava só começando.

— A “Ordem Adamita da Aurora Ancestral” — falou ele, com desdém. — Isso soa como o nome de uma organização científica para vocês? Porque eu vou dizer como soa aos meus ouvidos: como uma piada. — E gritou: — Alquimistas! Alquimistas, sempre tramando em seus grupinhos. Com inveja uns dos outros. Guardando segredos uns dos outros. Quando não estão ocupados bolando ardis, vocês gastam a maior parte do tempo reinventando a roda, redescobrimo saberes esotéricos que já deveriam ser de conhecimento público a essa altura. E quando descobrem algo novo, o que fazem? Vocês pegam esse conhecimento e o trancafiam. Escondem-no do mundo, aqui. — Ele levou o indicador à testa. — Ou escrevem tudo em *um* livro, e então o

escondem. E quando as probabilidades se viram contra você, e aí? Quando o ritual dá errado, quando o livro se perde, quando a mente que o escreveu é destruída... então a geração seguinte tem que voltar à estaca zero.

“Eu podia ter aguardado chegar a minha vez. Podia ter esperado meu pai explodir a casa, como fez Titus Braithwhite um século e meio atrás, ou que um de seus associados o apunhalasse pelas costas, o amaldiçoasse ou o mandasse para outra dimensão. Mas valorizo muito o meu tempo e não vejo motivo para insistir no curso de um experimento cujo resultado está anunciado. Estou farto de pertencer a uma Ordem que quer transformar o mundo mas não consegue transformar nem a si mesma. Estou farto de palhaçada.

“Então decidi apressar o destino do meu pai, levá-lo de uma vez ao fim da estrada que estava trilhando, para que eu pudesse começar a forjar um novo rumo. Um rumo moderno. Um rumo sem palhaçada.

“E se estou aqui conversando com vocês é porque acredito, porque tenho esperanças, de que alguns de vocês também estejam prontos para forjar um novo rumo. Prontos para se unir e começar a agir como cientistas, e não como alquimistas.”

Ele fez uma pausa, e o silêncio que recebeu em troca era respeitoso — ou, pelo menos, atento.

Richmond se manifestou:

— O que você tem em mente, sr. Braithwhite? União?

— União — concordou Braithwhite, e então, sorrindo: — Ou confederação, se preferir.

— Já tentaram isso antes — disse Las Vegas.

— É verdade, em pequena escala — admitiu Braithwhite. — Duas ou três lojas falando em fusão, com planos de expansão futura. Mas nunca avança, porque alguém sempre fica ganancioso demais ou decide que o outro lado está prestes a cometer traição. E então tudo termina em lágrimas.

— E o que seria diferente agora? — perguntou Baltimore. — Você acha que pode realizar uma fusão com todos nós de uma só vez? Acha que vai ser mais fácil?

— Não, não mais fácil. Mas com certeza vale a tentativa... Uma única confraria, abrangendo o país inteiro, tão grande e tão poderosa que qualquer filósofo natural que se preze vai *querer* fazer parte dela. As filiais individuais continuarão tendo controle dos assuntos internos, mas operarão sob um

conjunto único de preceitos, administrado por um conselho de diretores com poderes para julgar quaisquer disputas. Não haverá mais segredos, tampouco confrarias diferentes trabalhando nas mesmas coisas, desperdiçando esforços sem necessidade. Como os cientistas que afirmamos ser, *compartilharemos* informação. Também vamos dividir recursos e riscos. Se vocês precisarem de urgência em um projeto específico — Caleb Braithwhite olhou para alguns dos convidados mais velhos e mais frágeis —, poderão solicitar ajuda. E decidiremos, juntos, como exploraremos as descobertas que fizermos. E, assim que tivermos os meios, decidiremos juntos como transformar o mundo.

— E quem é que vai comandar essa organização utópica? — perguntou Los Angeles. — Se você está falando de um conselho de diretores, vai precisar de um presidente, não é?

— Ou presidenta — acrescentou Dallas.

— Eu tenho uma ideia — falou Braithwhite. — Eu...

— Mas é claro que tem — cortou Los Angeles. — Sabe, Braithwhite, tem mais de uma história circulando sobre o seu pai. *Eu* ouvi boatos de que, logo antes de morrer, ele encontrou um descendente de Titus Braithwhite que ainda está vivo. Um descendente direto.

Ruby percebeu alguns dos outros convidados assentindo, mas parecia que aquilo era novidade para a maioria.

— Agora me ocorreu... — continuou L.A. — Você deve saber que nós nunca aceitaremos um fedelho como você como nosso líder. Mas talvez você e Lancaster estejam tramando um esquema para botar na liderança esse seu primo perdido.

Braithwhite não esboçou reação, mas Lancaster riu, talvez mais alto do que gostaria.

— Com licença, por acaso eu disse algo engraçado? — perguntou L.A.

— Eu não acho você engraçado — disse Braithwhite. — Mas você está certo, precisaremos mesmo de um líder. Não vou insultar sua inteligência e fingir que eu não tenho minhas preferências para essa liderança. E se *houvesse mesmo* um descendente vivo de Titus Braithwhite, e se eu achasse que alardeá-lo aqui poderia me ajudar a convencer alguns de vocês, ora, admito que ficaria tentado a fazer isso. Mas o problema de recorrer a apelos à autoridade é que eles são fundamentalmente subjetivos. A tradição que um homem julga importante honrar pode ser, para outro, mera superstição... e é aí que nasce a discórdia.

“Felizmente, somos filósofos naturais e, como tal, podemos nos valer de um parâmetro mais objetivo: o mérito. Somos estudiosos da natureza, e a natureza tem regras, regras que não podem ser flexibilizadas nem quebradas nem negociadas, apenas compreendidas. E da compreensão vem o poder, poder este que pode ser demonstrado. De modo objetivo.

“Assim, eu tenho uma proposta. Chicago já foi sede de duas Feiras Mundiais, duas exposições de progresso científico. Proponho que façamos nossa própria exposição. Proponho que nos reunamos aqui de novo daqui a alguns meses, no dia do solstício de verão. Cada loja trará uma amostra de sua melhor obra, sua expressão mais avançada e mais genuína da nossa arte. Todos mostraremos o que somos capazes de fazer, e então veremos. Veremos quem é, de fato, o melhor entre nós. Quem *merece* liderar.”

Nova Orleans deu uma risada.

— Que nem Moisés e os sábios do Faraó, sr. Braithwhite? Com uma serpente que devora todas as outras? É isso que você tem em mente?

— Estou torcendo para que seja um confronto menos direto — retrucou Braithwhite. — Mas por que não? Se você acha que a sua cobra é a maior...

— Será um massacre. — Isso veio de Coeur d’Alene, ao que vários rostos se voltaram para ele com expressões de surpresa, pois soava quase feliz. — Que cobra o quê? Isso está mais para uma briga de cães selvagens. Vamos destroçar completamente uns aos outros antes de entrar em consenso sobre quem é o melhor.

— É bem capaz — cedeu Braithwhite. — Admito que a chance de fracasso é alta. Mas, quando penso em tudo o que conseguiríamos conquistar como uma loja unificada, acredito que valha a pena apostar, mesmo com chances baixas.

— Nunca vai dar certo — sentenciou Los Angeles.

— Então você não precisa vir — disse Braithwhite. — Mas, para aqueles que estiverem dispostos, haverá um incentivo extra. Todos já tiveram a oportunidade de ver *O Livro dos Nomes*. Existem outras versões do *Livro*, mas o exemplar de Winthrop é único: é, de longe, o mais antigo, e inclui material que não consta em nenhuma outra edição conhecida.

“O livro foi recuperado recentemente, depois de ter passado quase vinte anos perdido. Ele pertence à loja de Chicago, mas o grão-mestre Lancaster teve a generosidade de me conceder acesso a ele, e eu mandei fazer cópias do exemplar, arcando eu mesmo com o considerável custo. Uma para cada um

de vocês. Elas estarão prontas até o solstício.”

— Um brinde da exposição, sr. Braithwhite? — perguntou Nova York, incapaz de esconder o tremor de entusiasmo em sua voz.

— Não será tão simples — respondeu ele. — Vocês terão que fazer um pouco mais do que apenas dar as caras.

— O quê? — perguntou Des Moines. — O que teremos que fazer?

— Terão que se esforçar — explicou Braithwhite. Seu olhar percorreu o salão, passando por todos, reunindo-os em sua atenção, e mais uma vez a luz pareceu mais intensa. — Talvez não consigamos chegar a um consenso sobre um líder ou um novo conjunto de regras. E uma fusão não funciona sem acordos genuínos, então seria inviável exigir sucesso. Mas um esforço de boa-fé, isso não é pedir demais. E é o que peço de vocês, caso queiram uma cópia do livro: um esforço de boa-fé.

— E quem decide... — começou Los Angeles.

— Mas se vocês não puderem nem se dar ao trabalho de tentar? — cortou-o Braithwhite. — Ou se vierem de má-fé? Se *houver* um massacre? Aí vocês não ganham nada. E não merecem nada. Porque, se for assim, vocês não passam de um bando de alquimistas. — E concluiu: — Então, essa é a minha proposta, e agradeço por terem me ouvido. Antes de trazermos os garçons de volta, eu gostaria de sugerir que reflitam sobre algo mais.

“Meu pai gostava de dizer que a história não permanece inerte. O mundo passou por muitas mudanças desde os dias de Titus Braithwhite e está prestes a encarar muitas outras. O que ainda está indefinido é o papel que vocês vão desempenhar no processo de decisão sobre os novos rumos... Isto é, se é que terão algum papel. Vocês querem definir o próprio futuro ou se contentarão em deixar que ele seja definido por terceiros? E, caso prefiram a primeira opção, quanto estão dispostos a arriscar? Quem e o que vocês estão dispostos a se tornar?”

“Essas são as questões que precisam considerar. Mas pensem rápido. Porque a história *não* permanece inerte, e estamos ficando sem tempo.”

* * *

Ruby estava deitada em lençóis de seda outra vez, mas numa cama maior.

Para mais além dos pés do móvel, Caleb Braithwhite estava sem camisa, fazendo a barba sentado à penteadeira.

Fora tudo culpa de Hillary. Na viagem de volta do clube de campo, Ruby se vira estranhamente enfeitiçada pelas feições de Braithwhite, iluminadas pelos faróis dos carros que passavam e pelo movimento de seus braços e ombros enquanto ele conduzia o Daimler em um trajeto despistador pelas ruas da cidade. Ela percebera que estava sob efeito do mesmo encantamento que Braithwhite havia usado para conquistar o público durante o discurso, mas saber que as sensações eram artificiais não impedia que elas a afetassem, e, embora pudesse ter resistido, acabara decidindo não fazer isso. Assim, enquanto eles voltavam à casa em Hyde Park, Ruby dissera a si mesma que *ela* era esperta o suficiente para não se deixar seduzir por mágica, mas que, se Hillary se deixasse levar, não tinha problema.

Agora, à luz sóbria do amanhecer, dava para ver marcas vermelhas de dedos ao longo das costas nuas de Braithwhite. Eles estavam no meio do ato quando o efeito da poção começara a passar. Ruby sentira o sangue jorrar por debaixo das unhas, mas eles estavam entregues demais para parar, então ela apenas suportou, estremecendo e gritando, enquanto seu corpo voltava à forma original.

No reflexo do espelho da penteadeira, ela viu outras marcas vermelhas: um círculo de letras tatuadas no peito de Braithwhite, letras do mesmo alfabeto estranho que fora usado para compor *O Livro dos Nomes*. “Minha marca de Caim”, contara ele. “Ela me protege.”

Ela me protege. Então ele pelo menos conhecia a Bíblia. Ruby se lembrou de outro garoto branco com quem ela saíra durante pouco tempo, Danny Young. Um dia ele começara a expor sua teoria de que a marca que Deus pusera em Caim era, na verdade, a pele escura, e que tudo de ruim que acontecera aos negros — escravidão, linchamentos, Jim Crow — fora causado por eles serem descendentes de Caim. “Você seria um cristão melhor se aprendesse a ler”, retrucara Ruby. A marca de Caim era para *proteção*; se a marca fosse a cor da pele, Deus teria feito Caim branco, não preto.

Então, ela percebeu que Braithwhite a observava pelo espelho.

— Está considerando mudar de ideia?

“Pela trigésima vez.”

— Você ia me contar sobre o emprego, depois.

O lembrete de Ruby veio em um tom de voz que dizia: “Nem pense que

isto aqui vai ser uma parte corriqueira desse negócio.”

— Quer dizer que acabou o recreio? — Ele pôs a navalha na penteadeira, enxugou o rosto e se virou, sorrindo. — Admiro sua ética profissional, srta. Dandridge.

— Guarde sua admiração para si. Vamos ao que interessa.

— Está bem. Suponho que agora você já tenha entendido o meu objetivo.

— Você quer ser o Al Capone dos bruxos.

— Está mais para Frank Costello, se estamos fazendo uma analogia com a máfia — corrigiu Braithwhite.

— Abbott ou Costello, tanto faz. Mas o seu amigo, Lancaster, acha que *ele* é que deveria ser o chefe. E imagino que você tenha prometido que vai apoiá-lo.

— “Prometer” é uma palavra forte. Digamos que ele está totalmente convencido de que deve ser o líder e eu tento ao máximo não o contradizer.

— Então você precisa tentar com mais afinco. Depois do seu discurso de ontem à noite, até mesmo um imbecil consegue perceber que você quer a coroa. E Lancaster não é um imbecil.

— Não, mas ele acredita que consegue me derrubar quando quiser, então planeja me manter por perto enquanto eu for útil. Ele botou os homens dele para me vigiar. Estou ciente da presença deles e consigo escapar quando necessário, mas nem sempre isso é conveniente... E se eu fizer isso muitas vezes, ele vai começar a se preocupar. Então seria muito útil se, ao longo dos próximos meses, eu tivesse alguém de confiança para me ajudar com algumas tarefas.

— Alguém que possa ser branca ou preta — palpitou Ruby —, de acordo com a necessidade.

— De acordo com a necessidade. Você acha que poderia fazer esse trabalho?

— Depende das tarefas. Mas, supondo que eu aceite, como esse negócio vai funcionar?

— Lancaster sabe mais a meu respeito do que eu gostaria, mas ele não sabe da existência dessa casa. E se, por algum motivo, ele decidisse investigar este imóvel, descobriria que está no nome de uma srta. Francine Chase. A srta. Chase é uma ermitã. Os vizinhos nunca a veem, mas nos últimos tempos ela tem publicado anúncios em busca de uma empregada que aceite morar em sua casa.

— Hum — disse Ruby. — Então eu me mudo para cá e faço o quê? Fico aqui esperando você precisar de alguma coisa?

— Vamos estabelecer de antemão os horários em que você estaria disponível, para que eu telefone ou venha aqui. Em geral não serão mais de duas ou três horas por dia. O restante do tempo será todo seu, para fazer o que desejar... e na *pele* de quem desejar. A única outra regra refere-se à forma de entrar e sair de casa. Como Ruby, você sempre usará a porta da frente. Mas como...

— Hillary — interrompeu ela.

— Como Hillary, você deve ir até o telhado. Virando a esquina, tem uma casa geminada que está vazia. É possível acessá-la caminhando pelos telhados. Hillary vai entrar e sair por ali.

— E quanto tempo esse arranjo vai durar? Até você conseguir a sua coroa? Braithwhite assentiu.

— Eu diria que entre seis meses e um ano, dependendo do resultado do solstício de verão e de seus desdobramentos.

— E depois?

— Depois, a não ser que você deseje prolongar o relacionamento, seguiremos cada um o próprio rumo. E como rescisão, você ganhará isto aqui. — Ele abriu uma gaveta na penteadeira e entregou a ela uma cópia da escritura da casa em Hyde Park. — Não é tão grandiosa quanto a Casa Winthrop, mas pelo menos não é mal-assombrada. E a casa vem com um suprimento do elixir. Então, o que me diz, Ruby?

Ela ficou encarando a escritura, assustada e tentando não deixar isso transparecer. Pensou: “Sei muito bem o que eu diria se alguém me contasse que recebeu uma oferta assim.”

— Uma perguntinha. Aquilo que você falou no seu discurso, a respeito de mudar o mundo... O que exatamente você pretende fazer se conseguir todo o poder que deseja?

— Nada com que você precise se preocupar. Você e os seus estarão protegidos.

— Os “meus”?

— As pessoas que são importantes para você — explicou Braithwhite. — Sua família. Seus amigos. Vou cuidar de todos eles. Eu prometo... Então, o que me diz, Ruby?

— Quem era o mau, o Jekyll ou o Hyde? — perguntou Ruby.

Meio-dia de domingo, e ela estava almoçando na Casa Winthrop com a irmã e Atticus, tendo se convidado depois da missa. Letitia estava claramente feliz com a visita, o que fazia com que Ruby sentisse uma boa dose de culpa.

— Sr. Hyde era o *alter ego* — respondeu Atticus. — O que fazia todas as coisas que o dr. Jekyll era respeitável demais para fazer.

— É, mas ambos eram maus. — Quem disse isso foi o sr. Fox, um dos inquilinos de Letitia, que estava jogando xadrez com a filha na outra ponta da mesa de jantar. — Eles eram o mesmo homem.

— Mas eles... — Ruby fez um esforço para se lembrar da história, que lera na escola havia muito tempo. — Eles não acabam brigando ou algo assim? O sr. Hyde matou alguém, não foi? Aí o dr. Jekyll tentou se livrar dele.

— Hyde ficou fora de controle — disse Atticus. — Hyde *era* Jekyll, mas um Jekyll destituído de todo o bem, assim como de grande parte de seu autocontrole. Foi por isso que ele espancou Sir Carew até a morte. Jekyll parou de tomar a poção e tentou se comportar, mas aí já era tarde demais... Hyde começou a aparecer por conta própria.

— Mas o que as pessoas nem sempre se dão conta — acrescentou o sr. Fox — é que toda a parte da história sobre o relacionamento entre Jekyll e Hyde é contada pelo dr. Jekyll. E não podemos confiar nele.

Enquanto falava, o sr. Fox tirou os olhos do tabuleiro, e sua filha aproveitou a oportunidade para mover a rainha dela para outra casa.

— Então deixa eu entender o seu raciocínio — disse Ruby. — Você acha que o dr. Jekyll estava mentindo sobre a verdadeira natureza do sr. Hyde?

— O que eu acho é que as pessoas podem ser muito criativas na hora de se esquivar das responsabilidades. Estamos falando de um cara que confessa um assassinato, além de um monte de outras coisas ruins sobre as quais ele nem mesmo chega a entrar em detalhes, e aí ele vem com uma história complicada para explicar que, tecnicamente, não foi ele. E diz que sente remorso, mas até o fim ele está tentando fugir da responsabilidade por suas atitudes. — O sr. Fox deu de ombros. — Talvez o sr. Hyde fosse mesmo o mal encarnado. Mas o dr. Jekyll *gostaria* de acreditar nisso, mesmo que Hyde não fosse nada mais do que Jekyll com um rosto diferente.

Ele se virou de volta para o tabuleiro e, com um gesto resolutivo, devolveu a rainha da filha para o devido lugar.

— Por que você quer tanto saber sobre o sr. Hyde? — perguntou Letitia.

— Por nada — respondeu Ruby.

* * *

Dois dias depois, Ruby estava sentada sozinha à mesa da cozinha da casa em Hyde Park, esperando pela ligação de Braithwhite.

Desde que aceitara o trabalho, ela já fizera quatro “tarefas” para ele. Duas vezes, como ela mesma, fora ao centro da cidade fazer compras para a inexistente srta. Chase. Em ambas as ocasiões tinha ido até uma janela no segundo andar da loja de departamento Carson’s. De lá dava para ver um dos lugares onde Lancaster mais gostava de almoçar, e a missão de Ruby era ver se ele saía do restaurante acompanhado, e por quem. (Na primeira ocasião ele saía sozinho, mas na segunda estava com o grão-mestre da cidadezinha no Wisconsin.)

Na terceira tarefa, como Hillary, ela fora a um edifício-garagem no centro, subira por determinada escada às duas e quinze, encontrara o Daimler de Braithwhite e o dirigira até uma oficina mecânica em Oak Park especializada em carros estrangeiros exóticos. Os mecânicos já a esperavam, então ela não precisara sequer abrir a janela, só ficou dentro do Daimler enquanto eles trocavam o óleo, verificavam os pneus e faziam vários outros procedimentos demorados de manutenção do automóvel. Então ela dirigiu de volta para o centro de Chicago. Chegou a ter um momento de tensão quando o carro de polícia à paisana que a seguira durante a ida e a volta de Oak Park aparentou que iria segui-la para dentro do edifício-garagem, mas acabou sendo alarme falso.

Até o dia anterior, a pior parte do trabalho não haviam sido as tarefas propriamente, nem a espera, mas a incerteza a respeito do calendário. Era verdade que, como prometera Braithwhite, ela ficava com a maior parte do tempo para si, mas, como nunca tinha certeza de quando estaria livre, isso acabava limitando o que ela podia fazer quando estava de folga, mesmo como uma mulher branca. Logo percebera que um segundo emprego estava fora de

questão, muito menos uma carreira. Ela se consolava lembrando que era uma situação temporária... Só alguns meses, no máximo um ano. E pelo menos ela não estava fazendo nada de mau.

Até que, no dia anterior, recebera mais uma tarefa. Fora como Hillary outra vez, mas uma Hillary disfarçada: antes de sair, ela prendera os cabelos e os escondera por baixo de um lenço, pusera óculos escuros e vestira o casaco de Ruby por cima de um vestido bege sem graça.

Ao meio-dia, entrou na delegacia e perguntou na recepção onde ficava a divisão de roubos. Subiu a escada até o terceiro andar, virou à esquerda (em vez de à direita, conforme a instruíram na recepção) e chegou a uma porta que dizia INVESTIGAÇÕES ESPECIAIS, UNIDADE DE CRIME ORGANIZADO. O departamento estava vazio, exatamente como intuía Braithwhite, mas ela não tinha muito tempo. Adentrou uma sala cuja porta dizia CAP. JOHN LANCASTER, tateando no bolso do casaco o objeto enfeitado que Braithwhite lhe dera.

Era um disco de osso polido, do tamanho de uma moeda de cinquenta centavos de dólar. De um lado estava gravada a imagem de uma coruja, com olhos tão grandes e tão redondos que mais pareciam um par de binóculos. O anverso tinha mais daquelas letras esquisitas, e Ruby fingiu que a mancha vermelha que havia era de tinta.

Braithwhite não dissera para que servia o item, falando apenas que ela deveria escondê-lo dentro ou bem perto da mesa de Lancaster. Ao encontrar uma das gavetas inferiores destrancadas, ela enfiou o disco lá no fundo, atrás de um suporte para pastas suspensas.

Já tinha conseguido retornar à escada e começava a descê-la quando viu dois homens subindo. Um deles era Burke, o antipático segurança da festa. Hillary manteve a calma e não reagiu, confiante em seu disfarce, e Burke, que estava conversando com o outro homem, nem sequer a olhou. No entanto, ao chegar à metade do lance, ela percebeu que Burke havia parado de falar e sentiu que ele olhava para trás. Ela precisou se valer de todo o autocontrole que tinha para não fazer o mesmo. Terminou de descer a escada e atravessou o saguão, ouvindo passos atrás de si e esperando sentir, a qualquer instante, alguém segurar seu ombro. Ela saiu para a rua e fez sinal para um táxi, e só foi olhar para trás quando o veículo já estava a vários quarteirões da delegacia. Então, ao concluir que havia conseguido escapar, ela entrou em choque, tremendo de forma incontrolável e quase desmaiando.

À noite, Braithwhite foi à casa geminada para parabenizá-la pessoalmente

pelo bom trabalho. Ele levou Hillary para jantar e, depois, fez questão de reabastecer o estoque de elixir de Ruby, trazendo vários frascos de sua oficina no porão. Então, com as luzes da cozinha brilhando daquele jeito especial, Caleb perguntou se por acaso ela não gostaria que ele passasse a noite lá.

“Obrigada, mas não”, dissera ela, “acho que dormirei melhor sozinha.” Ela o enxotou logo em seguida, sentindo uma ligeira satisfação ao ver a expressão decepcionada dele. No entanto, assim que Braithwhite foi embora, ela começou a se perguntar se ele havia feito aquela oferta só para lhe oferecer a oportunidade de rejeitá-lo. Para que ela pudesse se sentir mais no controle. Pensou: “Seis meses a um ano de joguinhos e colapsos nervosos, qual será o seu estado quando isso tudo acabar? Isto é, se você não for pega até lá.”

Mas nesta manhã ela já estava se sentindo melhor. Pensou que, se não tivesse outra tarefa naquele dia, talvez Hillary pudesse passar na Agência Lightbridge, só para dar uma olhadinha. No meio-tempo, estava sentada à mesa da cozinha, aproveitando o sol e lendo o livro que Atticus lhe emprestara.

A mão de Henry Jekyll (como você já observou com frequência) era a de um profissional, tanto em formato quanto em tamanho: era grande, firme, branca e graciosa. Mas a mão que eu agora via com clareza à luz amarelada do meio de uma manhã londrina, repousando semicerrada na roupa de cama, era magra, repuxada, nodosa, escura, sem viço e coberta por uma espessa camada de pelos. Era a mão de Edward Hyde.

“Escura e sem viço, hum.” Ruby estudou as costas da própria mão: certamente escura, mas com viço e, graças a Deus, sem pelos.

A chaleira começou a apitar. Ruby se levantou, apagou o fogo e foi à despensa pegar uma caixa de chá. Ao voltar para fechar a despensa, a porta do porão se abriu sozinha, do outro lado da cozinha.

Ruby ainda não fora lá embaixo. Não era território proibido — Braithwhite dissera para ela tratar a casa como se já fosse sua —, mas, da última vez que estivera com disposição para explorar, encontrara a porta trancada.

Ela deixou a caixa de chá perto do fogão e atravessou a cozinha até a porta. Na parede do porão havia dois interruptores, e ela ligou ambos. Uma lâmpada

amarela se acendeu, piscando, bem acima dela. Lá embaixo, depois de uma curva aos pés da escada, acenderam-se luzes brancas mais intensas.

Fazia muito frio, mas o zumbido baixo de maquinário indicava que a baixa temperatura não se devia à falta de calefação, mas ao fato de que o porão era refrigerado. Ao fazer a curva no pé da escada, Ruby viu fiapos diáfanos de vapor rodopiando pelo chão de concreto. Seus olhos os seguiram até sua origem, no meio da sala: um pedestal cinza e oblongo, envolto em canos de metal cobertos de gelo.

Sobre ele repousava um caixão de vidro. E dentro, havia uma mulher: branca, com cabelos ruivos ondulados. Estava deitada de barriga para cima, com a cabeça apoiada em um travesseiro de seda vermelha e o corpo coberto por um lençol de seda vermelha.

Ruby ficou ali, com a mão ainda no corrimão. Pensou na água quente na chaleira lá em cima, pensou em voltar para o seu chá e esquecer que vira aquilo. Como se fosse possível.

Avançou no porão gelado. Parou ao lado do caixão e olhou o rosto pálido e sardento que era, ao mesmo tempo, estranho e familiar: embora ela já o conhecesse bem, estava acostumada a vê-lo só no espelho.

Os olhos da mulher estavam fechados, e a boca, entreaberta. Parecia não estar respirando — ou sua respiração era tão fraca que o peito dela nem parecia se mover.

O braço esquerdo estava coberto pelo lençol de seda, mas o direito estava sobre o tecido, com a palma voltada para cima. Havia uma braçadeira prateada em volta de seu antebraço, da qual saía um tubo fino de vidro cheio de líquido vermelho-rubi. O tubo subia em espiral e terminava em uma torneira que se projetava da lateral do caixão.

Uma torneira. Parecida com a torneira de onde um bartender tiraria um chope.

Então, Ruby teve mais um daqueles momentos em que precisava escolher entre enlouquecer ou encarar a situação. A disputa, dessa vez, foi bem acirrada.

Deu um passo para trás, tentando entender como abrir o caixão. Não havia tampa, os cortes de vidro que compunham a parte de cima e as laterais se afixavam em uma estrutura de metal que parecia inteiriça. Talvez aquele troço todo saísse. Ela perscrutou a borda superior do pedestal, procurando uma alavanca ou um interruptor.

— Se você não quiser congelar seus dedos, é melhor não tocar nisso.

Braithwhite estava ao pé da escada, ainda de casaco, as bochechas coradas como se tivesse corrido. Ele, contudo, sorria. Era um sorriso indulgente, como se fosse Ruby quem estivesse cometendo uma transgressão — mas uma transgressão bem leve, que ele teria o maior prazer em relevar.

— O que... — gaguejou Ruby. — O que é isso?

— O nome dela é Delilah. Ela trabalhava para o meu pai.

— Foi seu pai que botou ela nesse troço?

— Não, fui eu. Dell levou um golpe na cabeça na noite anterior à morte do meu pai. Ela entrou em coma. Providenciei cuidados médicos, mas os meses se passaram e ela não apenas não acordou como estava começando a se deteriorar. Em pouco tempo, teria morrido. Então decidi ver o que conseguiria fazer com ela.

“Não se atreva a ficar surpresa”, disse Ruby a si mesma. “Você sabia que alguma coisa não cheirava bem nesse negócio. Você *sabia*.”

— Você usa o sangue dela para fazer a poção? Esse tempo todo, eu estive bebendo...

— O sangue é um dos ingredientes usados no processo — disse Braithwhite. — Sei que parece nojento, mas o elixir final é um destilado. Não contém o sangue em si, só sua essência. A essência de Delilah.

“Ela não sente dor. Muito pelo contrário, na verdade. Neste exato momento, ela está inconsciente. É quase como se estivesse morta. Mas, quando você veste o corpo dela, ela sonha. Tudo o que você faz, suas experiências e aventuras, são sonhos para ela. Você é a única vida que ela tem agora, Ruby.”

Ruby balançou a cabeça, incrédula.

— Você está tentando insinuar que está fazendo *um favor* a ela?

— Uma vida em sonhos é melhor do que nada. Nas mesmas circunstâncias, é o que eu escolheria.

— Você é um mentiroso. Se quer tanto ajudar, por que não usa sua magia para curá-la?

— A cura é um ramo diferente da arte. Um ramo complicado, com o qual eu não tenho muita familiaridade. O elixir apresenta riscos muito baixos. Para trazer Delilah de volta à vida, eu precisaria conduzir um ritual de regeneração, e, se ele desse errado, ela poderia morrer ou coisa pior. O procedimento não está fora de cogitação, mas é para algum momento no

futuro, quando eu tiver estudado o bastante. Por enquanto esta é a melhor conjuntura para ela.

— E para você.

— Para nós, se quiser pensar dessa forma. Mas, Ruby...

— Não. Isso não fazia parte do acordo. Eu... Não se aproxime! — gritou Ruby, quando ele deu um passo à frente.

No entanto, ele não foi na direção dela. Cruzou o porão até um refrigerador alto feito de aço inoxidável. Parou à frente dele, virando-se para ela ao falar:

— Peço desculpas por não ter contado antes. Eu sabia que você ia ficar chateada e eu não queria que isso acontecesse, mas mesmo assim eu deveria ter encontrado uma forma... Bem, você está livre para ir embora se quiser. Não vou forçar você a ficar. Mas, antes de partir, é importante que você entenda bem o que estará deixando para trás.

Ele abriu a porta do refrigerador e recuou para que ela pudesse ver o que havia lá dentro: mais de dez prateleiras lotadas com o que pareciam ser centenas de frascos de vidro, todos cheios.

— Fiz este elixir para você. Ele não tem utilidade para mim, e duvido que vá encontrar outra pessoa para tomá-lo. É claro que vou continuar cuidando de Delilah. Mesmo que eu não consiga acordá-la, ela vai sobreviver durante um bom tempo aqui. Mas isso é tudo o que resta a ela: sobrevivência. Não uma vida. — Ele virou-se para o refrigerador, retirou um único frasco e fechou a porta. — Seria um desperdício terrível.

Ruby balançou a cabeça de novo, mas não se manifestou e não saiu correndo, nem mesmo quando Braithwhite se aproximou.

— Pense bem, Ruby. Vá dar uma caminhada. Tire o dia de folga. — Ele pegou o pulso dela com delicadeza e pôs o frasco com o elixir na palma de sua mão aberta, segurando-o ali até os dedos dela se fecharem. — Entenderei se você sentir a necessidade de recusar. Mas pense bem no motivo para desperdiçar essa chance, que você nunca terá outra vez. Seria uma decisão norteada pela convicção de estar fazendo a coisa certa ou seria apenas a escolha mais segura? Porque você está acostumada a nunca conseguir o que quer... E você realmente quer continuar vivendo assim?

— Você é o demônio — acusou Ruby.

— Eu sou um homem que sabe o que quer... e que sabe o que fazer para conseguir isso. Mas a questão agora não é quem eu sou, mas quem você quer ser. Essa é a decisão que você precisa tomar, Ruby. Então tire o dia de folga e

pense bem nisso: quem você quer ser?

A CASA NARROW



Quando olhei pela janela de manhã, vi uma multidão de umas quatrocentas, quinhentas pessoas descendo a colina, e aí elas atiraram em um negro... Eram umas oito horas quando elas chegaram ao distrito residencial e começaram a saquear as casas dos negros. Fui para o sótão quando vi que elas estavam se aproximando. Depois de botar fogo em vários lares, elas entraram na nossa casa, abriram o gás, botaram uns móveis em cima e acenderam um fósforo. Assim que saíram, eu desci, desliguei o gás e consegui apagar o fogo, e aí voltei para o sótão. Coisa de uma hora depois veio outro grupo. Quando viram que a casa não estava em chamas, eles entraram e tentaram botar fogo. Desci de novo e consegui apagar o fogo e voltar para o sótão uma segunda vez. A essa altura, tinha tanta fumaça que decidi sair, e estava atravessando a rua na direção da fundição quando quatro camaradas me pegaram. Eles disseram “Ei, crioulo, onde você estava?”, e respondi que estava voltando do trabalho. E então eles falaram: “Bem, a gente vai matar você.”

— G.D. Butler, sobrevivente dos incêndios de Tulsa de 1921, em entrevista ao jornal *The Chicago Defender*, 11 de junho de 1921

Era um domingo no fim de janeiro. Nem bem tinha amanhecido e Montrose estava ao lado do Cadillac do filho, fumando para se aquecer e olhando um invasor alienígena emergir da escuridão do outro lado da rua.

O invasor era vermelho-cereja, tinha um metro e meio e trazia as palavras BEBA COCA-COLA DE GARRAFA. Abaixo do slogan tão familiar havia outro, em um estilo manuscrito bem mais grosseiro: APENAS CLIENTES BRANCOS!

Montrose sabia que boa parte da população branca daquele distrito no sul de Illinois consideraria que o verdadeiro invasor era ele, não Jim Crow. Lamentou que nenhuma dessas pessoas estivesse presente para debater a questão: ele teria adorado se envolver em uma troca sincera de pontos de vista com o dono daquele estabelecimento, John Perch’s Gas & Go, em cuja propriedade se encontrava a máquina de Coca-Cola. No entanto, as luzes da loja estavam apagadas e uma placa na bomba de gasolina informava NÃO ABRIMOS NO DIA DO SENHOR.

Dois meninos negros vinham descendo a rua. Tinham cerca de dez anos e vestiam casacos de inverno com cores vivas, um amarelo e outro laranja. Montrose cumprimentou o de amarelo com um aceno de cabeça e então olhou com preocupação renovada para a máquina de Coca-Cola, tratando-a como se fosse um soldado confederado que preparava uma emboscada.

Os dois meninos caminharam a passos despreocupados até a máquina, tateando os bolsos em busca de dinheiro trocado.

Montrose jogou o cigarro fora e gritou:

— Ei! O que vocês estão fazendo? Não botem seu dinheiro nisso aí! — Cruzou a rua a passos largos, enquanto os meninos se viravam, sobressaltados. — O que vocês estão fazendo?

O menino de laranja, que claramente não era o cérebro da dupla, deu uma resposta bastante literal:

— Comprando uma Coca.

— Está tudo bem, moço — acrescentou o de amarelo, que, apesar de mais esperto, não era muito sábio. — O sr. Perch nos deu permissão.

— Ah, permissão, é? — questionou Montrose. — E que diferença isso faz?

— A loja é dele — disse o menino de laranja, com um quê de desdém na voz, como se o idiota fosse Montrose.

O garoto estendeu a mão para o buraco das moedas, mas Montrose agarrou e puxou o punho dele para longe da máquina. Quando o menino abriu a boca para reclamar, Montrose deu um tapa na cara dele com as costas da mão. O menino cambaleou e caiu, gemendo.

— Gostou disso? — perguntou Montrose, encarando-o de cima. — Gostou de levar na cara?

— Moço, por favor... — interveio o menino de amarelo.

— Fique quieto ou você também vai levar — advertiu Montrose.

Em seguida lançou um olhar severo para o menino no chão e disse:

— Eu fiz uma pergunta.

O menino o encarou com raiva, mas também com medo.

— Não — murmurou.

— O quê? Não estou ouvindo.

— Não, não gostei.

— Foi o que pensei. E se eu abrisse uma loja do outro lado da rua? Você viria comprar uma Coca-Cola comigo?

— Não!

— Essa foi a primeira coisa inteligente que você falou até agora. — Montrose apontou para a placa na máquina. — Está vendo isso? Isso é um tapa na cara. Toda vez que você bota uma moeda aqui, está dizendo para o sr. Perch: “Muito obrigado, senhor. Pode me dar outro?” Um homem que se dá o respeito jamais faria uma coisa dessas. Entendeu?

— Entendemos, moço — disse o menino de amarelo.

— Cala a boca. Quero ouvir ele.

O menino de laranja trincou os dentes e chegou a avaliar o preço que teria que pagar se recusasse. Finalmente, forçou-se a dizer:

— Entendi, moço.

— Certo. Agora deem o fora daqui. E se eu vir vocês voltando, vou dar uma coça de verdade nos dois.

Os meninos tomaram rumo; o de amarelo apressado e o de laranja se esforçando para aparentar que andava em velocidade normal.

— Isso aí — gritou Montrose para eles. — E, da próxima vez, comprem uma Pepsi!

— Não gosto de Pepsi! — gritou o de laranja. — Velho idiota!

Ele começou a correr, e o amigo também. Montrose ficou olhando os meninos se afastarem. “Não sou nenhum idiota, garoto”, pensou ele. “Já velho... tenho só quarenta e um. Mas quarenta e um, em anos de Jim Crow, é velho... Ancião, praticamente.”

Do outro lado da rua, Atticus veio descendo uma encosta coberta de neve, carregando um rolo de papel higiênico.

— Nem diga nada — advertiu Montrose enquanto o filho caminhava de volta ao carro.

— Estou de boca fechada, Pop.

— É, então aproveita e vai para o outro lado. Quem vai dirigir sou eu.

* * *

Dois dias antes, Caleb Braithwhite estivera sentado em um nicho no Denmark Vesey's quando Montrose entrou no bar depois do trabalho. Montrose não via Braithwhite desde aquela noite no museu, mas já sabia que era só uma questão de tempo até o homem reaparecer.

— O que foi agora?

— Olá, sr. Turner — cumprimentou Caleb Braithwhite. — Por favor, sente-se. Gostaria de alguma coisa para beber?

— Posso comprar a minha própria bebida. — Montrose sentou-se à mesa de Braithwhite. — O que você quer?

— Tenho outro projeto no qual a sua ajuda seria muito útil.

— Ah, é? E qual ameaça você vai me fazer dessa vez?

— Nenhuma — respondeu Braithwhite. — Vim na esperança de que possamos seguir em frente, sem ameaças.

— E você quer o que agora, que eu seja o seu crioulo?

Braithwhite parecia ofendido.

— O senhor já me ouviu alguma vez usando essa palavra?

— Quando você me tranca num porão com uma corrente no meu tornozelo, ela está implícita — comentou Montrose.

— Aquilo foi obra do meu pai.

— E quando eu levei um tiro, foi obra de quem?

— Meu pai teria atirado de verdade. Ele teria matado o seu filho. Em vez disso, graças a mim, o senhor e Atticus estão vivos, e meu pai não vai incomodá-los nunca mais.

— É, mas essa história não acaba por aí. Tem *mais* episódios, ao que parece.

— Sinto muito por roubar o livro de Adah, mas eu precisava causar uma impressão no capitão e nos homens dele.

— Sei. Eu e minha família não somos seus crioulos, mas você quer que o capitão ache que somos.

— Se eu pudesse, teria lidado com aquela situação de uma maneira diferente. Mesmo assim, ninguém se machucou, e o senhor precisa admitir que o desenrolar da situação lhes foi favorável. Mesmo se sua família tivesse conseguido convencer os Burn a levarem a sério a reivindicação de Adah, eles teriam procurado erros de contabilidade até nos mínimos detalhes. Eu apenas dei o dinheiro a vocês sem questionar nada.

— Não. — Montrose balançou a cabeça, com uma expressão severa. — Você *não* tem direito de colocar a coisa nesses termos. Pagar uma dívida com noventa anos de atraso não conta como boa ação.

— Mas a dívida não era minha.

— Não, a *sua* dívida ainda está pendente. E não pense que eu esqueci.

— O senhor está se referindo a Hannah? Quer os salários retroativos dela também?

— Não tem nada a ver com *querer*.

— Porque eu posso providenciar isso — disse Braithwhite. — Claro que, com um século e meio de juros a cobrir, levaria um tempo para conseguir os

fundos. Mas se for ajudar a compensar pela maneira como tratei sua família...

— Você não está entendendo. Não dá para comprar a boa vontade alheia com dinheiro que não é seu. Nos pagar o que é devido não é favor.

— Então vamos falar de favores de verdade. Deve ter algo que queira, sr. Turner. É só pedir.

Montrose chiou, frustrado.

— Não, vamos falar sobre o que *você* quer. Afinal, é disso que essa conversa se trata, e estou percebendo que *você* não vai embora enquanto não disser o que veio dizer. Então desembucha logo para eu poder mandar *você* para o inferno.

— Está bem — disse Caleb Braithwhite. — Quero que o senhor encontre o filho de Hiram Winthrop, Henry. Ele fugiu de casa pouco tempo antes de o meu pai matar o pai dele. Tinha uns dezesseis anos à época, e dizem que fugiu com uma das criadas da casa. Ele também roubou alguns livros do pai.

— Livros! Então tudo isso é sobre mais livros mágicos?

Braithwhite assentiu, dizendo:

— Meu pai acreditava que talvez Henry tivesse roubado *O Livro dos Nomes* , por isso queria muito encontrá-lo. Mas Henry foi surpreendentemente eficiente ao apagar seus rastros. Só que, até onde meu pai sabia, ele não era praticante da arte. Na verdade, parece que desprezava a filosofia natural. Então ele não teria levado os livros para benefício próprio, mas para que Hiram Winthrop não pudesse usá-los. Mas esses livros também eram muito valiosos, e meu pai supôs que Henry em algum momento os venderia.

“O mercado para este tipo de literatura é muito restrito, então meu pai ficou à espreita. Demorou mais do que ele esperava, mas alguns anos atrás um livro chamado *O Atlas dos Caminhos Não Trilhados* , que se sabia ter sido propriedade de Hiram Winthrop, foi a leilão em Manhattan. Meu pai entrou em contato com os leiloeiros e conseguiu traçar a procedência do artigo até um homem que afirmava se chamar Henry Narrow, que vendera o livro na Filadélfia em 1944. Narrow correspondia à descrição de Henry Winthrop: tinha a mesma idade e vivia com uma mulher negra que provavelmente era a criada que fugira. Mas, quando os homens de meu pai foram procurá-lo, ele já tinha sumido outra vez.”

— E é aí que eu entro? — perguntou Montrose. — Você quer que eu vá à Filadélfia e use os meus poderes especiais de negro para encontrar o rastro do rapaz?

Braithwhite sorriu e respondeu:

— Não. Para a Filadélfia, vão os detetives Burke e Noble. O voo deles é amanhã. Enquanto estão ocupados com o que eles acreditam que seja uma nova pista, quero que o senhor vá a Aken, Illinois.

“Veja bem, empreguei um detetive para ir atrás de novas pistas. Faz pouco tempo ele descobriu que um homem chamado Henry Narrow comprou uma casa em Aken no verão de 1945. Pagou em dinheiro, uma quantia um pouquinho menor do que a recebida pelo *Atlas*.”

— Se você sabe onde fica a casa do Narrow, precisa de mim para quê? — perguntou Montrose. — Por que não manda o seu detetive?

— Eu mandei. Ele desapareceu, junto com os cinquenta mil dólares que dei para ele adquirir livros.

— Então agora você quer confiar cinquenta mil dólares a mim?

— Eu confio que o senhor não vai fugir com o dinheiro. Sei que não precisa dele.

— Ainda assim, não faz sentido — disse Montrose. — Você poderia procurar Narrow pessoalmente.

— Verdade. Mas é possível que ele não queira conversar comigo, ainda mais se souber como seu pai morreu.

— Eu também não quero conversar com você, mas isso não o impede de estar aqui. Por que é diferente com Henry Narrow?

— Na verdade, não é. Mas sabe a piada que você fez sobre seus “poderes especiais de negro”? Neste caso, eles talvez existam de fato. Henry mora com uma mulher negra e, além disso, saberá que senhor não é um membro da Ordem. Acho que ele estará mais disposto a negociar direto com o senhor do que com qualquer homem branco que eu mande.

— Pode até ser, mas esse não é o verdadeiro motivo... — E então caiu a ficha: — Você está preocupado. Disse que esse cara não é “praticante”, mas isso era quando ele tinha dezesseis anos. Quantos anos ele teria hoje?

— Uns trinta e cinco.

— Então faz uns vinte anos que ele tem acesso ilimitado aos livros de magia do paizinho dele. Você está procurando algum específico?

— Compro tudo o que ele ainda tiver — disse Braithwhite —, mas meu maior interesse é um conjunto de cadernos manuscritos que contêm a pesquisa do pai dele.

— Os cadernos da pesquisa do pai. E você não está preocupado que ele

possa ter dado uma olhada nessas anotações em algum momento, talvez aprendido um truque ou outro?

— Não é assim tão fácil.

— Tenho certeza de que não é fácil, mas estamos falando de vinte anos... Talvez seu detetive não tenha fugido com o dinheiro, talvez Henry Winthrop tenha transformado o cara em um sapo.

— Seria um ótimo truque — comentou Caleb Braithwhite. — Eu gostaria muito de aprender esse.

— Aposto que gostaria, mesmo.

— É agora que o senhor vai me mandar para o inferno?

— Não — disse Montrose. — Se você tem medo desse cara, talvez eu até queira conhecê-lo. Mas, supondo que eu consiga convencê-lo a me vender os cadernos, o que me impede de atirá-los na fogueira mais próxima?

— Nada — disse Braithwhite. — Para mim, esse não seria o pior dos desfechos. Não me entenda mal, eu quero os cadernos, porém o mais importante para mim é que ninguém mais ponha as mãos neles.

— Tipo o Lancaster?

— Principalmente ele. Sabe, sr. Turner, quando eu lhe perguntei o que queria, eu já sabia a resposta. O senhor quer que eu desapareça: de Chicago e também da vida de sua família.

— Acertou na mosca.

— O problema é que, se eu sair da cidade agora, o senhor e sua família continuarão à mercê do capitão Lancaster e do resto da Ordem. Eles não dão a mínima para vocês. Já Atticus, por outro lado, tem certo valor para eles devido à ligação com Titus Braithwhite. Veja bem, não como pessoa, mas como uma espécie de objeto mágico de carne e osso. Agora que eles sabem que Atticus existe, não se esquecerão dele. Jamais.

— É, graças a você.

— Graças ao meu pai. Mas isso é leite derramado. O que estou dizendo é que, se as coisas saírem do jeito que eu quero, logo serei o líder da Ordem. Não apenas de uma loja, mas de todas, no país inteiro. O capitão Lancaster sairá de cena, e eu farei de tudo para que sua família nunca mais seja perturbada. O senhor tem a minha palavra.

— Aham — disse Montrose, não acreditando naquilo nem por um segundo. — E isso vai acontecer mais rápido se você conseguir esses cadernos?

- Não iria atrapalhar.
- De modo que, se eu não os entregar a você, estarei, para todos os efeitos, condenando meu filho à morte.
- Eu não iria tão longe, mas o senhor não estaria ajudando Atticus.
- E é claro, se eu queimar os cadernos e você vencer de qualquer maneira, você será um rei que não me deve favor nenhum.
- Isso é bem verdade.
- Montrose sorriu e disse:
- Viu só? Eu sabia que tinha uma ameaça em algum lugar.

* * *

Aken, Illinois, era uma cidadezinha às margens do rio Ohio, no meio do caminho entre Cairo e Metropolis. O sol tinha acabado de se revelar acima dos telhados enquanto eles dirigiram pelo centro comercial e o distrito municipal, que tinha um ar de cidade fantasma àquela hora da manhã. Pararam em um sinal vermelho em frente à prefeitura de Aken, o que fez com que Atticus se lembrasse daquela parada desconfortável às três da madrugada no sinal vermelho de Bideford, Massachusetts. Montrose, por outro lado, ainda irritado pela interação com os garotos, lançava olhares furiosos para as calçadas vazias, como se desafiasse alguém — qualquer pessoa — a aparecer e olhar atravessado para ele.

O sinal abriu. Eles viraram à direita e seguiram para a parte oeste da rua Elm, procurando o número 213.

Foi fácil de encontrar. A casa em si não tinha nada de especial, mas o dono da propriedade ao lado havia instalado um letreiro em cima do telhado de sua garagem, com uma seta neon que piscava e apontava para o número 213 da rua Elm. O letreiro dizia AMANTE DE CRIOS. Pai e filho olharam para cima, embasbacados, e Montrose disse a si mesmo: “E eu que pensava que já tinha visto de tudo...”

A porta da frente do número 213 se escancarou e dali saiu um homem branco baixinho e robusto, brandindo um atizador de lareira. Investiu na direção deles, correndo pela calçada, mas estacou de repente a alguns metros do Cadillac, abaixando a arma, subitamente constrangido.

Atticus baixou a janela e perguntou:

— Henry Narrow?

— David Landsdowne — respondeu o homem. — Advogado.

— Advogado, é? — Atticus ergueu os olhos para o letreiro. — Por acaso seria afiliado à Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor?

Landsdowne assentiu.

— Dois anos atrás, eu fui o advogado principal em uma ação pela integração da rede escolar de nosso condado. Clark, meu vizinho, fez questão de mostrar a todo mundo qual era a casa em que eles deveriam atirar pedras... Peço desculpas por isso — disse ele, indicando o atizador —, mas quando um carro que eu não conheço estaciona na frente da minha casa, geralmente não vem coisa boa.

— Não há do que se desculpar — disse Montrose, inclinando-se por cima do banco do motorista.

— Os cavalheiros gostariam de entrar e tomar um café?

— Sim, senhor — disse Montrose. — Seria uma honra.

* * *

Tomaram o café na sala de estar de David Landsdowne. Enquanto servia creme e açúcar, o anfitrião explicou que sua esposa, Judith, já tinha saído para a igreja em Mount Vernon, que ficava ao norte, a uma hora e meia de carro dali.

— Depois do processo, o pastor da cidade nos pediu para não ir mais ao culto aos domingos. Disse que estava com medo de que alguém viesse me dar um tiro e acabasse mandando ele para o céu sem querer. Judy encontrou uma nova congregação e voltou a frequentar a igreja, mas acho que eu acabei perdendo o hábito.

— Já pensou em se mudar? — perguntou Atticus.

— Penso nisso sempre que tenho que trocar uma janela quebrada. Mas sou teimoso. Se Judy estivesse aqui, ela poderia dizer a vocês como eu sou cabeça-dura. — Landsdowne se acomodou em uma poltrona perto da lareira; o atizador estava de volta no devido lugar. — Então, Henry Narrow... Seria um velho amigo de vocês, por acaso?

— Não, senhor — respondeu Montrose. — Nunca o conhecemos. Viemos comprar uns livros dele.

— Neste caso, espero que não tenham vindo de longe. Perguntei se eram amigos porque Henry Narrow morreu... Já faz um tempo, na verdade. Ele e sua família foram assassinados em 1945, logo depois do fim da guerra.

— Assassinados? — repetiu Atticus. — Nesta casa?

— Não, eles nunca moraram aqui. O endereço que vocês estão procurando, o número 213 da rua Elm, fica do outro lado da cidade, perto do cemitério. Aqui é o 213 da rua West Elm. É bem comum que os visitantes confundam uma rua com a outra. Foi assim que acabei conhecendo Henry Narrow. Ele viu um anúncio de uma imobiliária vendendo a casa da velha viúva Metzger, veio a Aken dar uma olhada e acabou batendo na minha porta.

“Ele estava com uma mulher e um menino. Apresentou o menino, Henry Junior, como seu filho, mas disse que a mulher, Pearl, era a babá. Ela era negra. De pele clara. O menino era ainda mais claro... Claro o suficiente para se passar por branco, pelo menos ao lado do pai. Mas ele tinha traços parecidos tanto com os do pai quanto com os da mãe, e só de ver os três juntos já ficava óbvio que eram uma família, mesmo que não perante a lei.

“Não era da minha conta, mas eles pareciam ser pessoas boas, e havia o bem-estar da mulher e do menino a considerar. Então, quando Judy foi buscar uns biscoitos para Henry Jr., eu chamei Narrow num canto para uma conversa. Contei que, embora não houvesse um estatuto antimiscigenação neste estado, uma família que fosse reconhecida como sendo multirracial não se sentiria muito acolhida em Aken. Também disse que ele tinha o direito de morar onde bem entendesse e que, se ele estivesse determinado a se mudar para esta cidade mesmo assim, então eu o ajudaria a encontrar um imóvel. A casa ao lado, onde hoje mora o Clark, estava prestes a ser posta à venda, e naquela época eu achava que conseguiria convencer meu vizinho a vender para a família Narrow. Talvez após um pouco de insistência.

“Já a casa da viúva Metzger eram outros quinhentos. Eu avisei que aquela parte da cidade seria não apenas pouco acolhedora, como perigosa. O prefeito e o chefe de polícia moravam naquela vizinhança, e ambos eram das antigas... do tipo que gostava de usar capuzes brancos depois do anoitecer.”

— Como Narrow reagiu? — perguntou Montrose.

— Ele me agradeceu pelo aviso. Daquele jeito que os homens fazem quando não têm a menor intenção de seguir o seu conselho. Falou que ele e a

família eram bem reservados, então era até bom que os vizinhos não quisessem fazer amizade. Eu argumentei: “Sr. Narrow, talvez eu não tenha sido claro o bastante. Se esses homens não gostarem de você, eles não vão só ignorar você e ponto final.” Mas ele insistiu que já tinha lidado com gente assim antes, e que, na verdade, crescera com gente assim. Então ele disse algo bem estranho. Perguntou se algum dos homens a quem eu me referia era um notório estudioso de filosofia. Respondi que não e que isso era parte do problema: eles não estudavam nada, que dirá filosofia. “Então tudo bem”, afirmou ele. “Não vamos nos meter na vida deles, e nem eles na nossa.”

“Logo vi que não adiantaria insistir. E também supus que não faria diferença, pois pensei que assim que o representante dos herdeiros da viúva Metzger desse uma olhada neles chegaria à mesma conclusão que cheguei e se recusaria a vender a casa para aquela família. Nisso eu estava errado. Não dava para adivinhar, a julgar pelo carro que ele dirigia, mas Narrow tinha muito dinheiro. Depois fiquei sabendo que ele comprou a casa em espécie, e que o corretor, Frank Barrington, ganhou uma comissão maior do que a habitual. Quanto aos herdeiros da viúva, o que está mais próximo daqui mora em Bloomington, então eles nem ligavam para o que os vizinhos iam dizer.

“Acho que a família se mudou para lá em julho. O incêndio aconteceu em agosto. Foi na mesma semana em que o Japão se rendeu, então a notícia não teve destaque no jornal. A matéria alegava que Narrow tinha se esquecido de pôr a grade na lareira do térreo antes de ir para a cama e que uma brasa havia saltado e ateado fogo ao carpete. Os três ficaram presos no andar de cima e morreram, supostamente, por asfixia. O que a matéria não explicava era por que Narrow estaria com a lareira acesa em uma noite quente de verão.

“Cerca de uma semana depois, conversei com um amigo meu, Lewis Peters, que era escriturário no escritório do médico-legista. Perguntei se ele sabia de alguma coisa que não tinha saído nos jornais. Ele não queria tocar no assunto, mas insisti e aí ele acabou me contando que, na manhã depois do incêndio, ele entrara no necrotério para pegar uns documentos e vira o corpo de Henry Narrow. Disse que a pele de Narrow estava escurecida pela fumaça, mas que também havia algo que parecia muito com um buraco de bala na têmpora dele.

“Eu disse a Lewis que, se aquilo fosse mesmo verdade, ele tinha que fazer uma denúncia às autoridades. ‘Não há a quem denunciar’, ele disse. ‘E, mesmo se eu denunciasse, não haveria provas. Eles já se livraram dos

corpos.”

— Você acha que foram o prefeito e o chefe de polícia? — perguntou Montrose.

— Acho. Não que eu seja capaz de provar. Mas se foram mesmo eles, de certo modo, a justiça acabou prevalecendo.

“A casa ficou bastante danificada, mas não destruída, e, como ninguém conseguiu localizar os herdeiros da família, o prefeito tramou para que a cidade se apropriasse do imóvel e o leiloasse. O leilão foi tão mal anunciado que só houve uma oferta: a do genro do chefe de polícia, que comprou a casa a preço de banana.

“O genro, o chefe de polícia e o prefeito foram comemorar em um restaurante lá em Cairo. Beberam um bocado e voltaram para Aken à uma da manhã. Quem estava dirigindo era o genro. Ele entrou na rua Elm em altíssima velocidade e acabou enfiando o carro em uma árvore bem na frente da casa Narrow. O carro rompeu em chamas e os três morreram.

“Depois do funeral, surgiu um boato de que o acidente não tinha sido causado pelo álcool. A história dizia que o genro tinha desviado de repente para não atropelar um menininho e uma mulher negra que haviam disparado do nada para o meio da rua. Como não houve testemunhas do acidente, não teria como alguém saber disso, mas a história foi essa... E logo depois outras pessoas começaram a alegar que também tinham visto a mulher e o menino.”

— Você acredita nisso? — perguntou Atticus.

Landsdowne balançou a cabeça, dizendo:

— Acho que isso foi obra de algumas consciências pesadas. Os boatos acabaram tendo um efeito positivo, porque alguns moradores da rua Elm decidiram que não estavam mais satisfeitos com aquela vizinhança. Isso fez com que algumas das piores pessoas que moravam em Aken se mudassem de vez daqui. Longe de ser o suficiente, na minha opinião, mas nosso atual prefeito é republicano, então talvez o futuro guarde alguma esperança.

— Mas e a casa Narrow? — perguntou Montrose. — Ainda existe?

— Está em ruínas hoje em dia — contou Landsdowne. — Depois do incêndio, ninguém a reformou. Com ou sem fantasmas, acho que qualquer coisa de valor que houvesse lá dentro já deve ter sido roubada há muito tempo.

— Talvez valha a pena dar uma passada lá na frente, de qualquer maneira. Já que estamos aqui.

— Está bem. Vou buscar um mapa e mostro o caminho para vocês. Eu me ofereceria para levá-los pessoalmente, mas, do jeito que vão as coisas, acho que vocês serão melhor recebidos naquela vizinhança sem mim.

* * *

— Rua Hill — disse Montrose, irritado, olhando a placa no cruzamento à frente deles.

— Talvez a gente devesse ter pegado a direita ali atrás... — sugeriu Atticus.

— Eu sei ler um mapa.

— Eu não disse que você não sabe, Pop, mas, se bem me lembro, o sr. Landsdowne disse que era para pegar a rua Locust e então dobrar à direita.

— Se bem se lembra... Humpf. — O olhar de Montrose se voltou para a casa de esquina ao lado deles. — Pelo menos dá para ver que estamos na vizinhança certa.

Em meio à neve no quintal havia a estatueta de um *lawn jockey*, um homenzinho negro vestido de lacaio, com as feições exageradas de forma muito ofensiva.

Atticus também olhou para a estátua.

— Talvez seja melhor irmos embora de uma vez.

— Bobagem, já chegamos até aqui, agora vamos encontrar a casa.

Montrose dobrou para a direita na rua Hill, pensando em dar a volta no quarteirão, mas logo após um pequeno declive descobriu que era uma rua sem saída, terminando na entrada do cemitério de Aken.

Montrose engatou a ré, mas o carro engasgou e morreu. Xingando baixinho, ele levou a mão à ignição.

— Espera aí, Pop — disse Atticus.

Dentro do cemitério havia um homem coreano empurrando um carrinho de mão pelas fileiras de túmulos, recolhendo flores velhas e usando uma vassoura para limpar a neve das lápides.

— Deixa eu ir perguntar àquele cara se ele sabe para que lado fica a rua Elm — continuou.

— Não, fique no carro.

Montrose girou a chave. O motor do Cadillac chiou, mas não pegou. Atticus abriu a porta e saiu.

— Atticus!

— Já volto, Pop.

Atticus deu uma corridinha e atravessou os portões do cemitério, enquanto o pai gritava seu nome.

Montrose tentou a ignição mais uma vez. O motor continuou chiando. Ele se recostou no banco, xingando alto dessa vez, e apertou com força o botão do isqueiro no painel.

Estava catando um cigarro no bolso da camisa quando o Cadillac deu um solavanco, como se alguém tivesse saltado no para-lamas. Quando Montrose se virou, não havia ninguém. Contudo, dava para ouvir risadinhas.

Ele saiu do carro e gritou:

— Quem está aí?

Uma bola de neve acertou o teto do Cadillac, e foi então que ele avistou o menino, a menos de cinco metros da outra ponta do carro. Tinha uns sete ou oito anos, pele clara, grandes olhos castanhos e cabelos escuros e enrolados.

— Ei! — ralhou Montrose.

Deu a volta no carro, mas a preocupação começou a suplantar a raiva quando ele percebeu o que o menino vestia: um macacão jeans, e nada mais. Sem casaco de inverno. Sem sapatos nem meias. Nem mesmo uma camisa por baixo do macacão.

— Ei — repetiu Montrose, com um tom diferente. — O que você está fazendo aqui fora? Cadê a sua mãe?

O menino gargalhou e saiu correndo, descalço, pela neve. Montrose o seguiu. Correram pela calçada colada ao muro do cemitério. Os pés de Montrose afundavam na neve alta empilhada contra a pedra, enquanto o menino seguia a passos leves à sua frente, parando de vez em quando para olhar para trás. Chegaram ao canto do muro em que acabava o terreno do cemitério, e o menino, ainda rindo, desapareceu no meio dos arbustos com galhos cobertos de neve. Montrose lançou-se atrás dele e de repente estava rolando barranco abaixo. Caiu com força no chão, semienterrado em neve.

Semienterrado: o braço esquerdo estava enfiado até o cotovelo em um monte de neve, mas a mão direita repousava na grama morna e verde. Grama de verão.

Montrose ergueu a cabeça e seu olhar acompanhou o gramado até o quintal

de uma grande casa amarela que brilhava ao sol quente do meio-dia. Uma mulher negra de avental xadrez estava nos degraus da varanda esperando o menino, que corria até ela.

Montrose se levantou, com um pé no inverno e outro no verão. Girou o corpo, firmando-se na grama, e a neve na perna da calça e no sapato esquerdos derreteu no mesmo instante.

— Moça! — disse em voz alta, tentando chamar a atenção da mulher, que dera a mão ao menino e o conduzia para dentro da casa.

Contudo, nem ela nem o menino responderam.

Montrose olhou para trás e viu o inverno, ainda a um palmo de distância. E então começou a caminhar em direção à casa. No meio do quintal, olhou por cima do ombro mais uma vez, e a neve havia desaparecido; a colina que levava ao cemitério estava coberta de flores e arbustos verdejantes.

Subiu os degraus da varanda. A porta dos fundos estava entreaberta. Montrose parou na soleira, reparando em uma sequência de letras do alfabeto de Adão entalhadas no batente direito da porta. Olhando mais além, para a direita, viu uma inscrição idêntica gravada no parapeito de uma janela.

— Moça?

Montrose bateu na porta entreaberta. Ninguém respondeu, mas a porta se abriu mais, e ele entrou em uma cozinha.

A mulher se encontrava na pia, esfregando uma panela, embora Montrose tivesse a sensação de que a maior parte do esforço dela estivesse concentrada em ignorar a presença dele. Enquanto isso, o menino, sentado à mesa com um sanduíche e um copo de leite, olhava para ele e sorria como se compartilhasse uma piada interna com Montrose.

— Moça? — repetiu Montrose. Então, quando não houve resposta: — Sra. Narrow?

Por fim, ela o encarou. Mas as palavras que ela disse não eram dirigidas a ele.

— Henry — chamou ela. — Tem alguém aqui.

Um homem branco surgiu na soleira da porta atrás do menino. Olhou Montrose com curiosidade, como se fosse raro receber visitas em casa.

— Posso ajudá-lo? — perguntou o homem.

Lembrando-se do retrato de família da Casa Winthrop, Montrose não teve dúvidas de que aquele era o filho de Hiram Winthrop. “Mas você não tem trinta e cinco anos”, pensou ele. “Mas também, não seria possível... Você só

tinha uns vinte e poucos quando morreu.”

Como deveria chamá-lo? Montrose resolveu ser direto.

— Sr. Winthrop — chamou Montrose.

A mulher, que já tinha voltado a atenção para a pia, ergueu o rosto, assustada. O sorriso do menino desapareceu, e a expressão do homem se fechou em uma carranca.

— Diga a que veio — exigiu.

Montrose sentiu o arrepio do inverno às costas, tentáculos de gelo se enroscando para dentro de sua gola e ameaçando congelá-lo ali mesmo.

— É o meu filho, sr. Winthrop — disse Montrose, com a voz firme apesar do frio. — Meu nome é Montrose Turner, e quem me mandou aqui foi um homem chamado Braithwhite, que quer algo que pertenceu ao seu pai. Mas não foi por isso que eu vim; estou aqui por causa do meu garoto, Atticus. Braithwhite envolveu meu filho nos planos dele, e eu não sei como posso impedi-lo. Mas acho que talvez você saiba. Então vim pedir sua ajuda e estou preparado para negociar. Se eu puder. Se você permitir.

O frio recuou. O verão voltou. Mas a mulher e o menino continuaram observando e aguardando, até que Henry pai assentiu.

— Certo, sr. Turner. Venha para a saleta de visitas. Vamos conversar.

* * *

Sentaram-se a uma mesa perto da janela da frente. Enquanto Winthrop servia o chá, Montrose olhou para o quintal. No limite do gramado, perto da rua, havia um grande carvalho, com um balanço de pneu pendurado no tronco grosso. Montrose pensou que aquela devia ser a árvore em que o genro do chefe de polícia havia enfiado o carro, embora ela não mostrasse qualquer sinal de ter sido parte de um acidente seguido de incêndio.

Talvez o acidente ainda não tivesse acontecido. O calendário acima da lareira da saleta dizia AGOSTO 1945 e, dentre os carros estacionados na rua, Montrose não viu um único modelo pós-guerra. Enquanto considerava aquela possibilidade, uma parte racional e mais teimosa de seu cérebro não parava de protestar. “Tem algo muito errado aqui”, advertia a voz; não era para Montrose estar ali, no verão de um ano que havia passado, sentado à mesa

com um homem morto. Ele deveria se levantar e ir embora pelo mesmo caminho que viera, e logo. E ele definitivamente — definitivamente — não deveria comer nem beber nada que lhe oferecessem naquela casa.

No entanto, Montrose não tinha a menor intenção de sair dali de mãos abanando, e teria sido grosseiro recusar a hospitalidade de Winthrop, então ele aceitou a xícara posta à sua frente e pegou um dos biscoitos amanteigados oferecidos pelo anfitrião. O chá e o biscoito eram extraordinariamente sem graça — sem gosto, para ser sincero —, mas, no instante em que eram engolidos, causavam uma leve embriaguez, um torpor da mente, o que ajudava Montrose a aceitar que uma conversa com um homem morto fazia parte da ordem natural das coisas.

— Henry Winthrop — começou o homem morto. — Faz muito tempo que ninguém me chama por esse nome. Você disse que foi Braithwhite quem o mandou vir aqui... Samuel Braithwhite?

— Foi o filho dele, Caleb. Samuel Braithwhite está morto.

— É mesmo? Eu não estava sabendo. — Olhou pela janela, distraído. — Não recebemos muitas notícias por aqui.

— É, parece que não — disse Montrose, deixando o próprio olhar vagar até o calendário acima da lareira. — Mas a respeito do meu filho, sr. Winthrop...

— Você disse que Braithwhite envolveu seu filho nos planos dele. Que tipo de planos?

— Não sei ao certo. O pai de Braithwhite queria usar Atticus como sacrifício em um ritual. Caleb é mais sutil... Por ora, ele só quer que Atticus fique por perto. Acho que é como se ele fosse um troféu para impressionar os outros amigos bruxos de Caleb. Porém, imagino que também vá inventar de fazer um ritual mais adiante. Quero que ele desapareça antes disso.

— Você quer matá-lo?

— Eu o mataria se pudesse. Mas ele tem uma espécie de feitiço, e, de alguma maneira, eu não consigo nem levantar a mão contra ele. Braithwhite chama de imunidade.

Winthrop assentiu.

— Meu pai também tinha. É bem frustrante.

— Tem alguma maneira de contorná-la?

— Algumas — disse Winthrop. — Mas não conheço nenhuma.

— Conhece alguém que saiba?

— Ninguém que esteja vivo.

— Mas e os cadernos de seu pai? — perguntou Montrose. — É isso que Braithwhite quer que eu leve para ele, e ele disse de forma bem clara que não queria que mais ninguém pusesse as mãos neles. Você acha que pode haver algo nos livros sobre revogar imunidade?

— Talvez.

— Você estaria disposto a se desfazer deles?

Winthrop deu de ombros, evasivo.

— Talvez. Deus sabe que eles não estão *me* servindo de nada. Mas é claro — continuou ele — que teríamos que negociar um preço justo.

— Eu tenho dinheiro — disse Montrose. — Está lá no carro...

— Não, não quero dinheiro. Dinheiro é inútil para mim.

— Então o que você quer?

— Sentimentos — respondeu Winthrop.

— Não entendi.

Winthrop olhou pela janela outra vez.

— Não é só de notícias que carecemos por aqui. É de tudo. Há todo esse sol... Mas nunca sinto o calor. — Ele se voltou para Montrose de novo. — Nem frio. E isto — prosseguiu, apontando o chá e o biscoito —, isto não satisfaz. Não há doce no açúcar, não há sabor no sal. E é a mesma coisa com as emoções. Claro, podemos fingir, mas nunca passa de ecos vazios. Poder sentir alguma coisa outra vez, experimentar uma emoção forte, nem que seja por um instante... Isso seria uma boa troca.

A expressão de anseio intenso no rosto de Winthrop despertou a voz na mente de Montrose. “Vá embora”, aconselhou ela. “Esse cara não é um homem, é um vampiro, e ele está faminto, fuja dele.”

— Ainda não entendi. Como posso fazer com que você sinta alguma coisa?

— Conte-me uma história — falou Henry Winthrop, erguendo a cabeça como um animal farejando o rastro de uma presa. — Conte-me sobre o seu pai.

— Não — disse Montrose. — Não, isso não.

Mas o homem morto não aceitou “não” como resposta.

— Rowland, não era? — perguntou ele. — Era esse o nome dele? Dick Rowland?

Montrose balançou a cabeça, com a voz da sua mente dizendo: “Corra.”

— Meu pai se chamava Ulysses.

— Então quem era Dick Rowland? — questionou Winthrop.

Montrose tentou se levantar, mas o torpor havia se espalhado pelas pernas, prendendo-o à cadeira.

— Quem era ele? Conte para mim.

Montrose não teve alternativa a não ser responder:

— Ele era um engraxate.

— Ele e seu pai trabalhavam juntos?

— Não. Meu pai era dono de loja. Ele e Rowland não se conheciam, só de vista.

— Mas havia uma conexão entre eles — insistiu Winthrop. — Qual? O que aconteceu?

— Rowland foi acusado — disse Montrose, após tentar, sem sucesso, se levantar mais uma vez.

— Acusado de quê?

— O de sempre — contou Montrose. Sentindo a raiva acender de repente dentro de seu peito, ele perdeu a relutância em falar: — Foi no feriado do Memorial Day de 1921. Dick Rowland entrou no edifício Drexel, no centro de Tulsa, para usar o banheiro para negros que ficava no último andar. Ele tropeçou e caiu, esbarrando na ascensorista, uma moça branca chamada Sarah Page. Ela disse que ele a atacou.

— E ele fez isso?

Montrose lançou-lhe um olhar de desprezo.

— Ele ia atacar uma garota branca em plena luz do dia, em um edifício público na rua principal da cidade? — perguntou ele, sarcástico. — Só se tivesse tendências suicidas. Mas não importa: o que aconteceu foi que ela gritou e ele correu, e a partir daí ele era culpado.

“Os policiais o prenderam bem cedo no dia seguinte. Naquela tarde, o *Tulsa Tribune* publicou um artigo sobre o ‘ataque’, alegando que as roupas da garota haviam sido rasgadas. Depois eles admitiram que aquela parte fora inventada, mas é claro que, assim que o jornal saiu, começou o papo de linchamento.

“O xerife prendeu Dick Rowland na cadeia do tribunal de justiça. Ao anoitecer, havia uma imensa turba de brancos do lado de fora, mas os negros que moravam em Greenwood também tinham ouvido boatos sobre linchamento, e alguns homens resolveram pegar suas armas e ir para o centro, para pôr um fim àquilo. Meu pai foi um deles. Não tive a oportunidade de

perguntar a ele sobre o que aconteceu, mas a história que ouvi depois foi a de que um dos brancos na frente do tribunal tentou tomar a pistola de um dos negros. Aí começou a guerra.

“Os negros estavam em desvantagem numérica de vinte para um, então os que sobreviveram recuaram para Greenwood. Os brancos os perseguiram, mas pararam no meio do caminho para se reabastecer de armas e munição. Invadiram lojas de ferragens e casas de penhor, roubando tudo o que não estivesse pregado.

“Meu pai chegou em casa lá pelas onze da noite. Tinha um corte no braço e sangue corria até o punho da camisa, mas acho que ele nem percebeu. Mandou minha mãe enfiar no carro todas as coisas sem as quais ela não conseguiria viver. Disse que ia sair de novo — os homens de Greenwood estavam fazendo uma linha defensiva nos trilhos do trem, para afugentar a turba de brancos — e que, se aquilo não funcionasse, nós teríamos que estar prontos para partir imediatamente.

“Minha mãe não queria que ele fosse, mas meu pai não via escolha. Falou: ‘Eles estão saqueando a propriedade privada do próprio povo, o que você acha que eles vão fazer se permitirmos que entrem aqui?’

“Eu disse ao meu pai que queria ir junto, para ajudar a defender a vizinhança. Eu tinha sete anos, mas já me considerava um homem-feito. É claro que meu pai não deixou, e ele nunca dizia ‘não’ duas vezes. No entanto, eu estava empolgado e tentei insistir, e foi então que ele me deu isto aqui.”

Montrose inclinou o rosto para o lado, apontando para uma cicatriz no canto do olho esquerdo.

— Ele me cortou com o anel que estava usando.

“Meu pai era tido como um homem agressivo, e era mesmo *capaz* de ser violento, mas estava sempre sob controle. Ele me batia quando necessário, mas nunca havia deixado uma cicatriz antes daquela noite, e mesmo ali não teve essa intenção. Quando senti o sangue escorrendo pela bochecha, foi então que percebi como ele estava assustado. Como a nossa situação era perigosa.

“E, *então*, meu irmão George se manifestou e disse que tinha que sair para buscar o livro da minha bisavó...”

— O livro dela? — perguntou Winthrop.

— Um livro-razão — explicou Montrose. — Ficava no cofre da loja do meu pai. Ele disse a George que, se o pior acontecesse, ele mesmo salvaria o

livro, mas meu irmão insistiu que era responsabilidade dele. Achei que George também iria levar uma bela pancada, mas meu pai permitiu. Eu não consegui acreditar... Quando minha mãe se intrometeu, tentando proibir George de ir, meu pai mandou que *ela* calasse a boca.

“Então George e meu pai saíram juntos, e mamãe pôs mãos à obra. Ela mandava, e eu e minha irmã corríamos pela casa reunindo coisas. Empacotando a louça fina que fora presente de casamento. Eu estava com muita raiva. George foi para a linha de frente, e eu fiquei lá com a *louça fina*.

“Começamos a levar as coisas para o carro, e dava para ouvir os tiros ao longe. Minha mãe ficou muito inquieta, e eu também, mas por outros motivos. O carro foi entulhado de coisas, e teve uma hora em que mamãe e Ophelia estavam dentro de casa, tentando decidir o que mais levar, e eu fiquei do lado de fora, sozinho, ouvindo os tiros... Não consegui mais me segurar. Eu tinha acabado de levar para o carro a caixa de ferramentas do meu pai, então peguei um velho martelo grande que ele tinha e corri na direção da batalha.

“Quando cheguei à rua Archer, mal a reconheci. Os defensores de Greenwood tinham atirado nas lâmpadas de todos os postes e posicionado atiradores para guardar os trilhos do trem. Os brancos não conseguiam ver os *snipers*, mas alguns tinham conseguido atravessar para o nosso lado, munidos de panos embebidos em óleo e isqueiros. Todos os barracos do lado de cá dos trilhos estavam pegando fogo, assim como alguns prédios maiores.

“Então lá estava eu com meu martelo, no meio da rua, entre o fogo e a fumaça e a escuridão e as balas que voavam em ambas as direções. Uns homens gritaram para eu sair dali, mas eu estava atordoado e continuei vagando pela rua, procurando meu pai.

“Um carro cheio de homens brancos atravessou os trilhos e foi alvejado de balas. As lanternas e o vidro da frente explodiram. O motorista engatou a ré e tirou correndo o carro dali. Eu comecei a pular, gritando que estávamos vencendo.

“Então meu pai surgiu do nada e me agarrou. Dessa vez, ele não me bateu. Ele me levantou e balançou *assim*.”

Montrose levantou as mãos acima da cabeça.

— Ouvi um grande estrondo, como uma bomba detonando. Meu pai parou de me balançar, me segurou com firmeza e começou a correr. E sabe de uma coisa? É engraçado, mas, depois que nos afastamos da fumaça e do fogo, até

que era agradável ser carregado daquele jeito por ele... Às vezes eu ainda sonho com isso, e no sonho não tem tiros, só o meu pai me carregando no colo em uma noite comum de primavera, como se estivéssemos voltando para casa depois de um filme ou um jogo de basquete. Como deveria ter sido.

“Já estávamos na metade do caminho de volta à nossa casa quando um carro surgiu atrás de nós, a toda. Quando ele se aproximou, vi que tinha sido alvejado, com buracos de tiros no capô, vidros quebrados, e abri a boca para dizer alguma coisa, mas não houve tempo. Um homem branco se inclinou para fora da janela de trás e atirou duas vezes. Logo em seguida o carro foi embora e se perdeu na noite... Eu nunca soube o que aconteceu com ele ou quem era aquele homem.

“Achei que os tiros não tinham nos acertado. Eu sabia que não havia sido ferido, e meu pai não reduziu o ritmo. Continuou correndo por mais ou menos um quarteirão, até que parou do nada. Ele me pôs no chão com cuidado e levou uma das mãos ao meu ombro, como se estivesse tentando se apoiar. Aí desabou para a frente.

“Estávamos no gramado na frente da casa de alguém. As pessoas lá dentro me ouviram gritando, e as luzes da varanda se acenderam. Foi então que vi que meu pai tinha levado um tiro na lateral do corpo e que havia sangue saindo de sua boca. Seu rosto tinha uma expressão... Era horror. Horror diante do universo. Eu era jovem demais para compreender. Achei que ele estava assustado porque estava morrendo, mas não era nada disso. Foi só quando eu tive meu próprio filho... um filho que se recusa a me ouvir... Foi só então que entendi o que ele sentiu naquele momento.

“Ele não sentia medo por ele. Era por mim. Ele queria *me* proteger. E conseguiu: tinha salvado a minha vida ao me tirar da linha de fogo. Mas a noite ainda não tinha acabado, e ele sabia que não seria capaz de cuidar de mim até tudo terminar. Aí residia o horror, a coisa mais abjeta: ter um filho que o mundo quer destruir, e saber que é incapaz de ajudá-lo. Não existe nada pior que isso. Nada pior.”

Com os olhos marejados de repente, Montrose ergueu a cabeça, como se estivesse despertando de um transe, e viu a mulher parada à porta da cozinha, abraçando o filho com força. Ao ver a expressão atormentada no rosto dela, Montrose sentiu vontade de pedir desculpa por ter trazido uma história daquelas para dentro de sua casa, mas o marido se inclinou para a frente, ainda faminto, determinado a saborear até a última migalha daquele prato.

— E então ele morreu? — perguntou Henry Winthrop.
— É — respondeu Montrose. — E então ele morreu.

* * *

Lá fora, ainda era verão, mas dava para ver pela janela o céu assumindo nuances de rosa e dourado e as sombras se alongando na grama. Montrose, ainda perdido na noite em que Tulsa ardeu, não estranhou que a tarde já estivesse caindo ali.

Henry Winthrop falou:

— Queria ter um pai assim.

— Eu *não tenho* um pai assim. Essa é a moral dessa bosta de história. — Secou os olhos com as costas da mão. — Mas e você? Qual é a sua história, como era o seu pai?

— Curioso — respondeu Winthrop. — Eu poderia usar outras palavras para descrevê-lo, mas, para compreender o meu pai, é preciso começar pela curiosidade insaciável. Queria saber tudo sobre tudo, e isso é muita coisa para se saber. Muito mais do que seria possível aprender ao longo de uma vida humana. Assim, para ganhar o tempo de que precisava, ele decidiu se tornar imortal... e chegar o mais próximo possível da onipotência.

“De certa forma, chegava a ser cômico. Os homens com quem ele se associava se diziam racionalistas. Cientistas. Filósofos *naturais*. Falar do sobrenatural era sinal de uma mente fraca. Eles queriam se transformar em deuses, mas relegavam o conceito de Deus como se fosse uma superstição simplória.

“Meu pai era menos ortodoxo que os demais. Não se importava em apelar para coisas simplórias se trouxessem os resultados que queria. Foi isso que o atraiu à minha mãe.

“Ela era uma bruxa. Ela se autodenominava assim, sem o menor pudor. Acreditava em deuses, milagres, mágica, e mostrou ao meu pai que o que ele desejava era possível, ao menos em teoria. No fim das contas, ela também acabou pagando por isso... Primeiro com a própria saúde, depois com a vida.”

— O boato é que ela tinha pólio — falou Montrose.

— Esse é, de fato, o boato — concordou Winthrop. — Mas o que botou minha mãe numa cadeira de rodas não foi uma doença, mas um erro de tradução. Um trocadilho cósmico. Conhece a língua de Adão, sr. Turner?

— Já ouvi falar — respondeu Montrose, com cautela.

— Tem uma frase do Evangelho de Mateus que diz que, se você pedir pão, Deus não lhe dará uma pedra — disse Winthrop. — Isso porque o Deus do Novo Testamento é uma pessoa, um pai que se importa com você. Mas ao usar a língua de Adão, você se dirige à natureza, e a natureza não se importa, ela só faz o que mandam. Se você se embaralhar com as instruções, trocar uma letra, enfatizar a sílaba errada, receberá o que pediu, mas talvez não aquilo que queria.

— O que a sua mãe pediu?

— Um portal. Um dos desafios que meu pai encarou ao longo de sua missão de entender o universo era que a maior parte dele estava fora de seu alcance. Com ajuda de minha mãe, ele se dedicou a criar pontes que ligavam pontos distantes no espaço. Eles obtiveram êxito, mas um dos experimentos deixou minha mãe aleijada. Ela pediu que a natureza lhe concedesse o poder de caminhar entre os mundos, e a natureza transformou suas pernas em pedra.

“Depois do acidente, meu pai se tornou mais cauteloso. Ele tinha um respeito profundo pela tecnologia e já usava máquinas para ajudá-lo a desenvolver sua arte. A partir daquele momento, começou a investir nisso de forma mais intensa. Queria garantir que, no caso de futuros equívocos, o dano recairia sobre qualquer outra coisa que não ele mesmo. As máquinas eram boas substitutas, e, para situações em que elas não davam conta de absorver o risco, ele tinha sempre à mão um séquito de aprendizes jovens e ambiciosos.

“Minha mãe continuou a ajudar meu pai na pesquisa, mas o relacionamento dos dois mudou. No início, ela achava que tinha sido por mero azar ter sofrido no lugar dele, mas, ao ver como meu pai usava os novos assistentes para se proteger do perigo, ela começou a questionar.”

— Esses aprendizes... — disse Montrose. — Você era um deles?

— Não. Minha mãe era irreduzível a esse respeito. Fez com que meu pai promettesse que jamais me envolveria em seu trabalho. Como ela ainda era muito útil para ele, meu pai manteve a palavra. Mas é claro que eu queria ajudar. Qual é o menino que não quer trabalhar com o pai? Mas ela também fez com que eu promettesse. E, sempre que eu começava a manifestar algum interesse em filosofia natural, ela me mostrava as pernas.

— Como ela morreu?

— Tentando se consertar. Quando eu tinha quinze anos, ela decidiu se separar do meu pai. Mas, para se livrar dele, antes tinha que se livrar da cadeira de rodas. Eu estava no colégio interno quando ela realizou um ritual de regeneração. Pediu à natureza que lhe devolvesse as pernas; e, de fato, a natureza lhe deu pernas. Não sei qual o número exato, mas foram mais do que o coração e o sistema nervoso dela eram capazes de suportar. Meu pai disse que ela não sofreu por muito tempo.

“O velório foi de caixão fechado. Depois, nos mudamos para uma nova casa. Meu pai disse que queria um recomeço. Queria que eu me tornasse seu parceiro de pesquisa. Mas àquela altura já era tarde demais. Durante todo o tempo que ele passara longe, perseguindo os mistérios mais antigos do universo, eu havia estudado na escola uma espécie diferente e mais moderna de filosofia. Meu pai ficou furioso. Falou que não tinha investido uma fortuna em mensalidades para que eu me transformasse em um socialista. Culpou minha mãe, que escolhera a escola, e a acusou de me corromper deliberadamente. Nisso ele estava certo.

“O que ele não sabia era que minha mãe tinha escrito uma carta para mim antes de morrer. Ela sabia que talvez não sobrevivesse ao ritual e queria garantir que eu sobreviveria ao meu pai. Então, ela me deixou instruções detalhadas de como fugir: disse onde eu encontraria o dinheiro necessário, como poderia forjar uma nova identidade e me ensinou uma maneira de machucar o meu pai, para vingá-la, quando eu estivesse indo embora.

“Ainda demorei um ano inteiro para partir. Precisava de tempo para me preparar e estava com medo. Meu pai me vigiava muito de perto. Ele não me deixou voltar à escola. Contratou um tutor para mim, um prussiano velho e ríspido... Passei meses enfurnado em nossa nova casa. E foi assim que me aproximei de Pearl. Quando deveria estar estudando, eu estava era lá em cima, no telhado da casa, com ela.”

— Nunca ocorreu a você que era errado envolver uma criada no seu drama familiar? — perguntou Montrose, incapaz de se conter.

— Éramos jovens, estávamos apaixonados. E eu pensava, na época, que não estaria fazendo nenhum favor a ela se a deixasse nas mãos do meu pai. Pearl queria fugir daquela casa tanto quanto eu. Queria ver o mundo.

Ele sorriu, e Montrose reprimiu um comentário cáustico que estava na ponta da língua; nenhum dos dois percebeu, mas da cozinha veio o som de

panelas batendo.

— Esperamos uma noite em que meu pai estivesse viajando — continuou Winthrop. — Escapulimos da casa depois do jantar, fomos até a estação Dearborn e compramos passagens para Los Angeles. Garantimos que o atendente fosse se lembrar de nós. Mas não embarcamos no trem. Em vez disso, fomos a uma garagem onde estava guardado o carro antigo da minha mãe. Fazia mais de uma década que ninguém o dirigia, mas ela tinha deixado pago para que fizessem a manutenção nesse meio-tempo. As chaves estavam no porta-luvas.

“Seguimos rumo ao leste. Durante aquele primeiro ano, moramos em Nova York. Foi lá que nos casamos e que eu me tornei Henry Narrow. Quando Henry Junior nasceu, já tínhamos nos mudado para a Filadélfia. Arrumei emprego em uma livraria; Pearl era babá e dava aula na catequese aos fins de semana. Levávamos uma vida boa por lá.”

— É? — perguntou Montrose. — Então por que voltaram para Illinois?

— Pearl sentia saudade da mãe. Na Filadélfia, todo sábado eu recebia o *Chicago Tribune* do domingo anterior e procurava notícias do meu pai, mas seu obituário já tinha sido publicado fazia tempo, então demorei anos para descobrir que ele havia morrido. Quando contei a Pearl, ela quis voltar e procurar a mãe. Não achei que fosse uma boa ideia. No caso do meu pai, a morte não era necessariamente definitiva, e, mesmo que ele tivesse deixado esse mundo de fato, seus amigos e inimigos ainda poderiam estar me procurando, por conta de tudo o que eu havia roubado.

“Mas Pearl estava com saudade da mãe. Sem me dizer, ela entrou em contato com uns parentes para ver se eles tinham notícias suas e, como nenhum deles sabia onde a mãe estava, ela ficou preocupada. No fim das contas, chegamos a um meio-termo: voltaríamos ao Centro-Oeste e nos instalaríamos em um lugar sossegado onde os antigos colegas de meu pai não seriam capazes de nos encontrar, mas que fosse perto o suficiente de Chicago para que eu pudesse procurar a mãe de Pearl. O plano original era alugar uma casa mais ao norte, mas, quando saímos da Filadélfia, acabamos parando em Paducah para visitar uma prima de Pearl. O reencontro a deixou feliz, e, enquanto estávamos lá, vi o anúncio desta casa, que ficava bem perto, era só atravessar o rio. Tínhamos dinheiro, e eu pensei ‘por que não?’.”

— Por que *não*? — repetiu Montrose. — Depois de tudo o que o sr. Landsdowne falou para você? Por Deus, no que você estava pensando?

— Achei que estaríamos protegidos — explicou Winthrop, com sinceridade. — A última carta que minha mãe deixara continha instruções para fazer dois encantamentos. Um deles era para confundir quem estivesse me perseguindo, durante os meus deslocamentos. O outro deveria ser usado em todas as casas em que eu decidisse morar, para afugentar quem quisesse me fazer mal. Eram os únicos feitiços que eu conhecia, mas não entendia muito bem como eles funcionavam... E minha mãe não tinha previsto a presença de Pearl. Achava que eu fugiria sozinho, e que a maior ameaça seria o meu pai e homens como ele.

— Bruxos — disse Montrose. — A proteção na casa só funciona contra bruxos?

— É o meu palpite. Continuo sem ter muita certeza. Mas meu erro de entendimento foi ainda mais básico. Cometi a mesma falha que minha mãe: fiz um pedido sem compreender a verdadeira natureza do que estava pedindo.

“A questão é que meu pai também me protegia. A proteção dele era diferente da de seu pai, que o fazia por amor. O meu fazia isso incidentalmente, devido a quem eu era e quem ele era. Assim, enquanto morava sob o teto dele, a única coisa que eu tinha a temer era ele mesmo. Quando me vi livre dele, acabei me tornado vulnerável ao mundo e não compreendi isso à época. Achei que estava livre para fazer o que quisesse... Achei que *eu* tinha imunidade.”

— Todo rapaz acha isso — disse Montrose. — Mas aí você ganhou o mundo, e mesmo estando com ela... Não percebeu que as coisas não eram bem assim?

Winthrop confirmou com um gesto de cabeça.

— Na Filadélfia, ninguém nos importunava. É verdade que ouvíamos um ou outro comentário grosseiro. Isso afetava Pearl muito mais do que a mim. Mas ninguém nunca nos *atacou*. Imaginei que fosse o feitiço da minha mãe. Não vi motivo para suspeitar que não funcionaria aqui também.

— Você foi um tremendo de um idiota, isso sim.

— De fato — concordou Henry Winthrop. — Este foi o problema. Eu tinha feitiços para me proteger dos filósofos e sábios, mas não da minha própria tolice... nem das mãos dos homens simplórios.

— *Narrow!*

O grito veio do lado de fora, onde a noite já havia caído. Uma noite em particular. Ao olhar pela janela, Montrose viu três carros estacionados no

gramado e uns dez homens perambulando perto dos faróis. Uma turba de homens simplórios, mas armados.

— Narrow! — gritou o líder deles. — Você e seus dois crioulos, saiam daí, venham para cá!

Do outro lado da rua, mais pessoas se reuniam sob a escuridão estival: espectadores, dentre os quais mulheres e crianças.

Um dos homens no gramado acendeu um isqueiro e levou a chama até o pano enfiado no gargalo de uma garrafa de Coca-Cola cheia de gasolina. Montrose observou a garrafa rodopiando em direção à casa, até que, no último segundo, a força retornou às suas pernas e ele conseguiu se desviar da chuva de cacos da janela. A garrafa entrou na saleta e se estilhaçou aos pés da lareira, e todo o carpete irrompeu em chamas.

Henry Winthrop, que nem havia se mexido, buscou o olhar de Montrose por cima da mesa, sua expressão carregada de pesar e autocomiseração.

— Eu não sabia — disse ele. — Juro que não sabia.

Então o estampido de um tiro de pistola ecoou na noite e a cabeça de Winthrop caiu para trás; ele desabou em sua cadeira, sem vida. Montrose se pôs de pé, chutando a própria cadeira para longe, e apoiou as costas na parede ao lado da janela.

O fogo se alastrava e havia atingido o umbral da porta da cozinha. A fumaça do carpete em chamas se avolumava no teto. Montrose cobriu a boca e o nariz com um lenço. Estava se preparando para saltar as chamas quando, de repente, viu a mulher e o menino de pé lado a lado na frente da lareira, de olhos fechados e com os braços cruzados sobre o peito como cadáveres.

Mais tiros disparados do lado de fora da casa. Montrose se abaixou por reflexo. Quando se recompôs, o menino e a mulher não estavam mais lá e, em seu lugar, de pé bem no meio das chamas, havia um homem grande e de pele escura. Os olhos dele estavam abertos, repletos de uma raiva amarga que era tão familiar que poderia pertencer ao próprio Montrose.

— Pai? — disse Montrose, abaixando o lenço. — Papai?

Os lábios de Ulysses Turner se mexeram com urgência, mas as palavras que passaram por eles, quaisquer que tenham sido, acabaram engolidas pelas chamas. Montrose se inclinou para a frente, esforçando-se para ouvir, mas o calor impediu que ele se aproximasse mais, de modo que ficou ali, impotente e sem entender nada, de pé no meio de um cômodo que se enchia de fumaça e ao som das balas disparadas pelas mãos dos homens simplórios.

* * *

— Pop?

Atticus acompanhou as pegadas de seu pai na neve, seguindo-as até o quintal da casa Narrow. Subiu para a varanda, passando com cuidado por cima de um buraco no assoalho. Havia duas tábuas pregadas bloqueando a entrada dos fundos, mas a porta tinha sido arrombada e ele conseguiu se agachar e entrar na casa.

— Pop? — chamou ele, no meio da cozinha destruída.

— Aqui.

Todo o piso à frente da lareira da saleta havia cedido, assim como o teto acima dele. À pouca luz que entrava pelas frestas nas janelas tapadas com tábuas de madeira, Atticus encontrou o pai do outro lado da sala, sentado precariamente em uma cadeira sem uma das pernas de trás. Montrose estava inclinado para a frente e com os braços estendidos, segurando uma espécie de pacote.

— Pop? Como você chegou aí?

Nenhuma resposta. Atticus voltou à cozinha e encontrou outro caminho até a saleta, passando por um corredor. De frente para o pai, viu que o pacote nas mãos de Montrose era um conjunto de cadernos, agrupados e amarrados com um barbante grosso. Os cadernos estavam cobertos de cinzas, mas o barbante parecia novo e limpo.

— Como você chegou aqui, Pop? — perguntou Atticus. — Isso aí é...

Montrose se levantou, fazendo a cadeira bamba tombar para trás.

— *Nada* — afirmou ele, com os olhos fixos nos do filho e com uma urgência furiosa. — Não encontramos *nada*. A família Narrow está morta, a casa deles está destruída e não encontramos porra nenhuma. É isso que vamos dizer a Braithwhite. E é nisso que vamos *acreditar*. Se ele olhar dentro das nossas mentes, ele não vai ver nada diferente. Entendeu bem? Ouviu o que eu disse?

— Ouvi, Pop. Entendi.

— *Acho bom* — disse Montrose.

Soltou um suspiro exausto, sentindo o peso de cada um dos seus anos de

Jim Crow... Mas pelo menos ainda sentia.

— Temos que ir agora. Este lugar pertence aos mortos, e não a nós. —
Abraçou os cadernos. — Ainda não.

HORACE E O BONECO DO DIABO



O espécime, conforme observado diversas vezes por West, tinha um sistema nervoso esplêndido.

— H.P. Lovecraft, “*Herbert West — Reanimator*”

— Parecia que a moça estava possuída — disse Neville. — Que nem aquele episódio de *The Mysterious Traveler*, quando o demônio tomou conta da namorada do arqueólogo e a voz dela mudou, sabe? Foi igualzinho, mas ela usou palavras que não dá para falar no rádio.

Neville explicou que seu avô Nelson, que morava em Biloxi, fizera cinquenta e cinco anos. A família ia ligar para desejar feliz aniversário à noite, quando as tarifas eram mais baixas. Mas aí, durante o jantar, a irmã de Neville, Octavia, quebrou um copo e cortou o pé. Os pais a levaram ao pronto-socorro, deixando Neville em casa para cuidar da outra irmã, e ele botou na cabeça que ia ligar sozinho para o avô, para que ele soubesse que a família não havia se esquecido do aniversário dele. Era uma tolice — o pai de Neville ficaria furioso por ter que pagar por duas ligações, mesmo na tarifa baixa —, mas o menino nunca tinha feito uma chamada de longa distância e, do alto de seus recém-completados treze anos, estava ansioso para começar a fazer coisas de adulto.

Então pegou o telefone e foi conectado com a telefonista de Biloxi.

— Aqui é Neville Porter, em uma ligação pessoal para o sr. Porter.

A telefonista, uma senhora branca que soava velha e talvez meio surda, perguntou:

— Qual é o nome do destinatário da ligação?

— Sr. Porter.

— *Primeiro* nome — exigiu a telefonista.

— Não precisa, é uma residência, e só tem um sr. Porter lá.

Foi então que o demônio se manifestou.

— Escuta aqui, seu macaquinho de merda — vociferou o demônio. — Se acha que eu vou chamar um crioulo de “senhor”, você está redondamente enganado. Qual é o *nome* dele?

— N-N-Nelson — balbuciou Neville.

O demônio zombou da gagueira e então forçou-o a se desculpar e a chamá-la de “senhora” antes de finalmente completar a ligação. Àquela altura, Neville não queria mais falar com o avô. Não queria falar com ninguém.

— Por que você não bateu o telefone? — perguntou Curtis, quando o amigo terminou de contar a história. — Quer dizer, na cara da telefonista, não na do seu avô.

— Eu não poderia fazer uma coisa dessas — disse Neville. — Seria muito grosseiro.

— E daí? Ela foi grosseira com você. E o que ela ia fazer, a mil quilômetros de distância?

— Ela não está a mil quilômetros de distância do meu avô. E se ela ficasse muito brava e falasse com as outras telefonistas? Acha que meu avô ia continuar recebendo ligações depois disso?

Curtis sobressaltou-se, ultrajado.

— Elas não podem fazer isso!

— Lá é Mississippi, seu burro — disse Neville. — Elas podem fazer o que quiserem.

Horace, que caminhava ao lado deles, concordou.

— Um dia desses, meu pai me contou sobre uma cidade lá no Sul... Houve um ano em que os negros fizeram um mutirão de carro para levar as pessoas para votar, então o departamento de estradas fechou todas as ruas entre o bairro negro e o tribunal. Cortar o telefone de alguém não é nada comparado a isso.

— Bem, se eles cortassem meu telefone, eu ia processar — declarou Curtis, cujo pai era advogado.

— Processar? — repetiu Neville. — Você acha que conseguiria *processar*? Meu Deus, como você consegue ser tão tapado?

— Você sempre pode processar! — insistiu Curtis.

— Não no Mississippi, não, senhor. A lei não é *para* negros, não a lei de lá... Processar! — Neville meneou a cabeça, ultrajado. — Você ia acabar era enforcado em um poste telefônico.

— Caramba, do jeito que você fala, parece até que ficaria feliz com isso! — protestou Curtis.

— Não fico *feliz*, fico *esperto* — retrucou Neville. — E você bem que podia tentar aprender também.

Já enxergavam à distância o toldo amarelo vivo que sinalizava seu destino final, o Empório de Quadrinhos de White City. Neville, que ainda balançava a cabeça e resmungava “Processar!”, apertou o passo, correndo para alcançar outros dois meninos que estavam fazendo a mesma peregrinação depois da escola.

Horace continuou com Curtis e disse:

— Não se sinta mal com o que o Neville falou. Eu sempre ouço o meu pai contar esse tipo de história, e eu sei que é verdade, mas tem umas tão loucas que não quero nem acreditar... Sabe o Joe Bartholomew?

— O Joe Pirata? Sei, sim.

— Você sabe que ele perdeu o olho em um acidente de carro quando era criança, né? Perdeu a mãe também. E meu pai me contou que a sra. Bartholomew provavelmente não teria morrido, mas o hospital perto de onde eles moravam, no Alabama, não tratava negros. Então eles tiveram que chamar uma ambulância de outro hospital, a mais de cem quilômetros de distância, mas quando ela chegou já era tarde demais.

— É sério isso? — perguntou Curtis. — Quer dizer, sei que tudo é segregado e tal, mas até se você estiver morrendo?

— Foi o que eu perguntei ao meu pai — falou Horace. — Tipo, eles nem *tentaram* ligar para o hospital dos brancos para ver se não abriam uma exceção? A mãe do Joe Pirata era professora, então eu pensei, quem sabe... Mas meu pai disse que não é assim que Jim Crow funciona.

— Caramba. — Curtis alisou o casaco na altura da cicatriz de sua cirurgia de apêndice. — Você já foi lá?

— Lá no Sul? Não, nunca.

— Meio engraçado isso, já que seu pai é agente de viagem e tudo o mais.

— Um agente de viagem *precavido* — lembrou Horace. — Eu tentei ir. Uns anos atrás, meu pai viajou a negócios para Atlanta, e eu pedi para ir com ele, mas mamãe não deixou.

— Ela com certeza estava preocupada com o que aconteceria se você tivesse um acidente de carro. Ou uma crise de asma.

— Um dia, eu vou — declarou Horace. — Antes de me mudar para Nova York e trabalhar com quadrinhos, quero ver o Sul com os meus próprios olhos. Você pode vir comigo se quiser.

— Conhecer Jim Crow em pessoa? Não, obrigado. Prefiro ficar em casa e continuar sendo tapado.

— Ei! Ei, crianças!

O chamado, rouco e grave, veio de uma loja pela qual haviam acabado de passar, cujas vitrines estavam tapadas com tábuas. Um homem branco sorria de pé à porta e, com o terno amarrotado e a barba por fazer, parecia um homem de negócios voltando à vida selvagem.

— Vocês querem ganhar um trocado, garotos? — perguntou ele. — Se um de vocês vier aqui um instantinho, eu dou um dólar para vocês.

— Um dólar para fazer o quê? — perguntou Curtis.

— Quero esfregar a sua cabeça.

— O quê? — chiou Horace.

— Vem cá, só quero esfregar a sua cabeça. — O homem estendeu a mão direita, que estava frouxamente cerrada, e a sacodiu; os meninos escutaram o chacoalhar de dados. — Para dar sorte.

Neville, que, no fim das contas, não os abandonara, voltou correndo.

— Fique *esperto* — sussurrou ele, puxando Horace e Curtis para longe. — Não *parem*.

* * *

— Você não vai entrar mesmo, tem certeza? — perguntou Neville.

— Não posso — disse Horace. — Prometi ao meu pai.

Olhando pela vitrine do Empório de Quadrinhos, ele viu que o sr. D'Angelo estava de volta. Na semana anterior, Horace fora à loja com Reginald Oxbow; o sr. D'Angelo estava doente, e o vendedor que o substituíra não parou de vigiá-los. Então, quando foram ao caixa pagar as compras, o homem mandara que eles tirassem o casaco para provar que não estavam roubando nada.

Naquela noite, seu tio fora visitá-los, e, durante o jantar, Horace mencionara o que o vendedor havia feito. Tio Montrose ficara enfurecido.

— E você ainda comprou as revistas daquele cara, depois que ele tratou você desse jeito?

— Hã, sim — respondera Horace, e então tentara explicar que, como o vendedor não era o dono da loja, não comprara as revistas *dele*.

No entanto, essa distinção não fez a menor diferença para tio Montrose,

que lançara ao pai de Horace um olhar que dizia: “É isso que você está ensinando a esse garoto?”

Assim, frequentar a loja estava fora de questão até que o pai de Horace conseguisse arrumar tempo para ir lá ter uma conversa com o sr. D’Angelo sobre o funcionário dele. Horace sabia que podia ter sido muito pior: tio Montrose não teria sequer recorrido à conversa, passando direto para um boicote permanente.

— Se você pudesse entrar, sabe o que ia comprar? — perguntou Curtis.

Horace deu de ombros.

— Estava pensando no novo volume de *Superboy*.

— Também estava a fim de pegar esse — concordou Curtis. — Mais alguma coisa?

— Na verdade, eu queria mais era dar uma olhada, ver o que chegou de novidade essa semana.

— Então fique olhando a gente pela vitrine. Se eu achar algo bom, levanto para você ver.

Neville e Curtis entraram, enquanto Horace ficou do lado de fora, batendo os pés no chão para se aquecer. Não fazia muito tempo que estava ali quando ouviu alguém se aproximar. Pensando que podia ser o homem dos dados, Horace ergueu a mão para proteger a cabeça, mas, quando se virou, deu de cara com dois homens brancos, de barba feita. O da esquerda abriu o casaco, revelando um distintivo de polícia preso no colete.

— Horace Berry? — perguntou ele. — Sou o detetive Noble, e este é o meu parceiro, detetive Burke. Queremos fazer umas perguntinhas para você.

* * *

Eles o levaram a uma lanchonete mais para o fim da rua. Os detetives mostraram o distintivo para dispensar a garçonete, puseram Horace em um nicho em forma de U e se apertaram ao redor dele, Noble à esquerda e Burke à direita. Estavam perto o bastante para que o menino não conseguisse se mover sem esbarrar em um deles, mas longe o suficiente para que o garoto tivesse que girar a cabeça para manter contato visual com o que estivesse falando. Para piorar o desconforto de Horace, no balcão bem à frente do

reservado deles havia um cliente fumando charuto. Quando notou a nuvem de fumaça sobre a cabeça do homem, o menino sentiu os pulmões começarem a se comprimir. Ele sabia que, para evitar um ataque de asma, teria que respirar lentamente e manter a calma. O que seria bem difícil dadas as circunstâncias.

— Então, Horace — começou o detetive Noble —, queríamos conversar com você porque...

— ... achamos que você pode ajudar em nossa investigação — completou o detetive Burke.

— Queremos saber o que você tem a dizer sobre isso aqui. — O detetive Noble pôs na mesa uma cópia de *As aventuras interplanetárias de Orithyia Blue*. — Reconhece?

Horace pegou o livro. Era o volume 11: o especial de Natal. Estava amassado, rasgado e com a tinta da capa borrada. No verso tinha uma marca enlameada de pneu de carro.

— Encontramos isso na cena de um acidente — explicou o detetive Noble.

— Um acidente! Minha mãe está bem?

— Sua mãe? — indagou o detetive Burke. — Até onde sabemos, está sim.

— Por que perguntou sobre ela? — insistiu o detetive Noble.

— Por nada — respondeu Horace.

Abaixou o olhar, fingindo interesse na marca de pneu.

O detetive Noble meteu dois dedos sob o queixo de Horace, ergueu o rosto do garoto e avisou:

— Horace, escute bem. Acho bom você não mentir para a gente.

— Acho bom mesmo — concordou o outro. — Isso nunca termina bem.

— Vou contar um segredinho para você — prosseguiu o detetive Noble. — Nós, policiais... policiais *espertos*... quando fazemos uma pergunta, muitas vezes já sabemos a resposta. Mas perguntamos assim mesmo, para saber se a pessoa com quem estamos conversando está cooperando...

— ... ou se está tentando nos sacanear — concluiu o detetive Burke.

— Você não está tentando nos sacanear, está, Horace? — perguntou o detetive Noble.

— Não! — disse Horace. — Mas eu... Eu nem sei que investigação é essa.

— Não é da sua conta — respondeu Burke. — Você só precisa responder às nossas perguntas.

— Mas — acrescentou Noble, com uma voz mais branda — acho que podemos explicar um pouquinho a situação para você, só para a coisa

começar com o pé direito.

Ele olhou para o parceiro e perguntou:

— Podemos contar um pouco a ele, não é mesmo?

O detetive Burke deu de ombros e respondeu:

— Só um pouquinho.

— Ok. — Noble voltou-se para Horace outra vez. — Estamos investigando certas conexões. Nos últimos meses, eu e o detetive Burke fomos designados para uma vigilância. Sabe o que isso quer dizer?

— Vocês estão vigiando alguém?

— Isso aí. Um homem chamado Caleb Braithwhite. Já ouviu esse nome?

Horace fez que não com a cabeça, sentindo que os detetives o observavam com atenção redobrada.

— Bem — continuou o detetive Noble —, já faz um tempo que estamos de olho no sr. Braithwhite e nas pessoas com quem ele se relaciona. Pessoas como seu primo Atticus, seu tio Montrose e seu pai.

— Meu pai? O que...

— E como gostamos de ser minuciosos — prosseguiu o detetive —, também estamos investigando pessoas que *podem* ter ligações com o sr. Braithwhite, gente que nunca vimos, de fato, com ele. A sua mãe se encaixa nesta categoria. Então essa é a primeira coisa.

— A segunda coisa é aquele acidente... — disse Burke.

— Um acidente envolvendo armas de fogo — completou Noble. — Mas com algumas complicações.

— É, umas complicações muito esquisitas — comentou Burke. — Três homens mortos, dois desaparecidos e indícios de que pelo menos uma pessoa teria fugido da cena. E isto aqui — prosseguiu ele, batendo o dedo na revista em quadrinhos — estava no chão perto das vítimas.

— Agora, tudo isso aconteceu fora da nossa jurisdição, em Wisconsin — explicou o detetive Noble. — Mas as autoridades investigando o caso são amigas do nosso chefe, e eles trocam favores e informações entre si. Foi assim que as autoridades de lá acabaram mostrando esta revista ao nosso chefe, depois de desistirem de tentar entender o que ela significa.

— Normalmente, nós também acharíamos que essa pista não tinha nem pé nem cabeça — disse o detetive Burke. — Mas é aí que entra a coisa das conexões...

— Orithyia Blue é um nome bem incomum — observou o detetive Noble.

— Orithyia era a rainha das amazonas. Só que ela não é muito famosa. Hoje em dia, a única amazona que a maioria das pessoas conhece é a Mulher-Maravilha. E quando já ouviram falar de alguma rainha amazona, geralmente é da mãe da Mulher-Maravilha. Como era mesmo o nome dela?

— Hippolyte — respondeu Burke.

— Isso mesmo, Hippolyte, com “e” no final. Mas o nome também pode ser grafado com “a”.

— Orithyia Blue — disse Burke. — Hippolyta Berry. Coincidência interessante.

— E fica ainda mais interessante — acrescentou Noble —, se você souber, como nós sabemos, que o nome de solteira da sua mãe era Hippolyta Green.

— Blue e Green, azul e verde. — Burke abriu um sorriso. — Ambas mulheres de cor, mulheres negras.

— Também sabemos que sua mãe viaja muito — prosseguiu Noble —, e sabemos que ela estava fora da cidade na noite de 21 de dezembro, quando aconteceu aquela situação em Wisconsin. Ela não nos passou a impressão de ser uma grande fã de quadrinhos, mas sua professora, a sra. Freeman, nos contou...

— Vocês falaram com a sra. Freeman?

— Como eu disse, somos muito minuciosos. A sra. Freeman falou que você é um artista e tanto. Enfim, acho que você já entendeu a situação — concluiu Noble. — E agora que já contamos tudo isso a você, Horace, chegou a sua hora de retribuir o favor. Isto aqui é obra *sua*, não é?

Não tinha como negar.

— É, sim, senhor.

— Você deu isso à sua mãe antes de ela viajar?

Horace aquiesceu.

— Sabe para onde ela foi?

— Minneapolis.

— Então ela teria passado por Wisconsin.

— Acho que sim...

— E o que aconteceu?

— Não sei — respondeu Horace, encolhendo-se quando, de repente, Burke se inclinou em sua direção. — Não sei, mesmo!

— Você sabe de *alguma* coisa — pressionou Burke.

— Ela disse... disse que tinha perdido a revista!

— Quando?

— Assim que voltou. No Natal. Ela me perguntou se eu tinha pegado a revista no carro, e eu disse que não, e ela falou que devia ter perdido. Ela estava preocupada. — Horace se arrependeu das próprias palavras assim que saíram de sua boca. — Mas ela jamais seria capaz...

— Capaz de quê?

— Capaz de fazer alguma coisa ruim!

— Talvez não por conta própria — disse Noble —, mas se o sr. Braithwhite pedisse para ela fazer algo...

— Eu não conheço nenhum sr. Braithwhite! Eu...

— Fica calmo, Horace, nós acreditamos em você. Mas o fato é que agora temos um problema. Eu e o detetive Burke precisamos de respostas. Até poderíamos consultar direto a sua mãe, mas, se ela estiver *mesmo* trabalhando para o sr. Braithwhite, talvez não queira falar conosco...

— E isso poderia acabar mal — completou Burke. — Muito mal.

— Faremos o que for necessário — garantiu Noble. — Mas eu fiquei pensando que você poderia falar com a sua mãe para nós. Seja sutil, mas pergunte se ela conseguiu encontrar a revistinha perdida, tente fazer com que ela conte alguma coisa sobre a viagem a Minneapolis.

— E quando tiver reunido todas as informações que conseguir — acrescentou o detetive Burke —, tente mencionar o nome do sr. Braithwhite. Diga, talvez, que entreouviu seu pai falando dele. Preste atenção na reação dela.

— E então nos conte tudo — concluiu o detetive Noble. — O que acha, Horace? Poderia fazer isso?

Ele queria muito dizer “não”. Além de não querer trair a confiança da mãe, Horace pressentia que aquilo tudo era fingimento, que os detetives já tinham decidido como proceder. E, se machucar a sua mãe já estivesse no programa deles, Horace poderia dizer que sim ou que não e nada mudaria. Nesse caso, ele deveria recusar e sofrer as consequências com sua dignidade intacta. Contudo, ele estava longe de ter a coragem necessária para isso e, só de pensar em dizer “não”, já sentiu mais um espasmo de alerta em seus pulmões.

— Posso tentar. — Suas palavras saíram meio chiadas. — Posso tentar falar com ela.

O detetive Noble fez uma cara triste e comentou:

— Ah, Horace. Assim você me decepciona.

— A gente avisou para você não mentir, Horace — lembrou-lhe o detetive Burke.

— Não estou mentindo! Vou falar com a minha mãe. Vou... — Mas então um ataque de tosse o interrompeu.

O cliente com o charuto havia se levantado do balcão e se aproximava do reservado, antecedido pelo fedor intenso da fumaça.

— E aí? — falou o homem do charuto.

— Infelizmente, capitão Lancaster — respondeu o detetive Noble —, parece que Horace não está disposto a colaborar com a gente.

— Ele acha que pode fingir que vai nos ajudar — disse Burke. — Que pode nos enganar para ser liberado e então correr para casa, para avisar o papaizinho e a mamãezinha.

— Então está bem — retrucou Lancaster. — Vamos tentar outra estratégia.

Lancaster tragou o charuto e, quando a ponta ficou em brasas, Horace sentiu o olho esquerdo começar a se contrair em um tique.

— Levanta ele — ordenou o capitão.

Os detetives agarraram o menino pelos braços, erguendo-o do assento e passando-o por cima da mesa. Horace chutou e tentou gritar, mas seus pulmões não tinham o ar necessário para isso, e quando o puseram no chão ao lado do reservado, ele percebeu que não teria feito a menor diferença: a garçonete e os demais clientes, todos tinham desaparecido. Ele estava sozinho com os detetives, o capitão e a ponta incandescente do charuto.

Horace virou a cabeça de um lado para outro até ficar tonto, determinado a ser um alvo difícil, mas Lancaster não tinha a intenção de cegá-lo: em vez disso, segurou o cigarro com a mão direita e deu uma cusparada na esquerda. Enfiou o fumo de volta na boca e uniu as mãos, esfregando-as rapidamente. Horace parou de resistir ao perceber algo parecido com vapor saindo por entre as palmas do capitão, que disse:

— Segure a cabeça dele bem firme.

Com isso, Horace recomeçou a se debater. Contudo, o detetive Burke apertou com força a parte de trás do crânio de Horace. O capitão estendeu as mãos quentes e besuntadas de cuspe e começou a massagear o couro cabeludo de Horace, como se estivesse determinado a absorver até o último pingo de sorte que o menino tinha.

Naquela noite, ele teve o sonho das cabeças.

Era um sonho antigo. Quando Horace tinha sete anos, viajou com o tio para um depósito em Gary, Indiana. O lugar era um imenso ferro-velho especializado em equipamentos industriais de segunda mão, e os chefes de Montrose haviam pedido que ele fosse lá buscar uma prensa móvel.

Enquanto o tio cuidava dos negócios, Horace explorou o acervo de peças de maquinário no depósito. Os itens maiores ficavam bem à vista nas prateleiras ou mesmo no chão, enquanto objetos menores eram guardados em caixotes de madeira. Estes também eram de segunda mão, e alguns ainda contavam com os rótulos dos produtos de hortifrúti que outrora armazenaram. Enquanto perambulava pelo local, Horace começou a imaginar a história de um mercado para robôs, um “supermetálico” que vendia alfaces de hélices e frutas feitas de tubos de aspirador de pó.

Nas sombras ao fundo de uma prateleira baixa, ele entreviu um caixote que dizia CABEÇAS DE CRIOULO DA GEÓRGIA e, complementando as palavras, havia o desenho de um menino negro sardento e dentuço. Alguém devia ter achado que era uma piada muito engraçada arrancar fora a parte do rótulo que tinha o corpo do menino, deixando só a cabeça sorridente e o chapéu de palha de aba larga.

Um homem branco que caçava alguma coisa naquele mesmo corredor viu Horace encarando o caixote.

— É uma melancia — explicou o homem. — Uma melancia pequena, mais ou menos do tamanho da sua cachola. Tem casca escura e uns cabelinhos ao redor do talo, e é por isso que ela tem esse nome, cabeça de crioulo. Dá para comer as sementes.

No caminho de casa, naquele mesmo dia, Horace dormiu no carro e sonhou que estava na seção de hortaliças de um grande supermercado, de frente para uma mesa com uma pirâmide bem organizadinha de cabeças de meninos negros.

As cabeças em si não eram tão assustadoras. Não eram cabeças *decepad*as, só cabeças sem corpo. Estavam vivas e não pareciam sofrer; a maior parte aparentava estar entediada ou dormindo. O mais incômodo era que a maioria dos clientes parecia não considerá-las dignas de atenção. As pessoas

passavam na frente delas empurrando seus carrinhos sem lhes dar uma olhada sequer, e quando as notavam, era com indiferença no olhar, como se as cabeças não passassem mesmo de uma pilha de melancias. Horace sentiu vontade de se manifestar, de mostrar que, na verdade, aquelas eram *cabeças de meninos*. Porém, ao mesmo tempo, ficou com medo de chamar atenção para si, certo de que algo horrível aconteceria caso ele se fizesse notar.

Desde então, já tivera aquele sonho várias vezes, geralmente quando estava ansioso com alguma coisa. E, nas versões mais recentes, a cabeça dele quase sempre fazia parte da pirâmide.

Dessa vez, a cabeça de Horace estava bem firme em seu pescoço, mas entre os rostos que o observavam na pilha estavam os de Neville, Curtis e Reggie, o filho do reverendo Oxbow.

O expediente já havia acabado. As luzes do supermercado estavam fracas e não havia clientes, algo que, segundo ele se lembrava, jamais acontecera. Horace olhou para os fundos da loja, nervoso. Alguma coisa se mexia lá atrás, fazendo sons furtivos nas sombras. Os instintos de Horace lhe diziam que não seria nada bom ficar cara a cara com o que quer que fosse. Precisava dar o fora dali.

Contudo, quando olhou para a frente da loja, não havia porta de saída, só uma fileira de vitrines brancas, leitosas, opacas. A luz que vinha de fora projetava as silhuetas de dois homens contra o vidro. Os detetives Burke e Noble aguardavam no estacionamento e, se ele quebrasse a janela para fugir, eles o pegariam.

“É só pegar bastante velocidade para sair com vantagem”, disse Horace a si mesmo. “Atravessar em cheio o vidro e não parar. Eles não estão esperando que você faça isso.” Ele se preparou e estava prestes a sair correndo quando algo fez com que ele olhasse outra vez na direção das cabeças. Neville, Curtis e Reggie o encaravam, implorando. “Não nos abandone”, diziam suas expressões. “Não nos deixe para trás.”

A coisa nos fundos da loja se aproximava cada vez mais, arrastando-se por um corredor em direção ao setor de hortifrúti. Horace procurou freneticamente algo que pudesse usar para carregar as cabeças. Encontrou um cesto de vime em uma prateleira embaixo de um balcão apinhado de pêssegos, mas, quando tentou pegá-lo, o cesto deslizou para longe do alcance. Horace se agachou e se inclinou para a frente, imprensando a bochecha contra a frente do balcão, tateando às cegas na prateleira baixa.

As luzes se apagaram. Algo se moveu acima dele, fazendo um pêssego cair e explodir, podre e gosmento, no ombro de Horace. O menino soltou um grito de nojo e se arrastou para trás, para escapar da avalanche de pêssegos que estava prestes a acontecer. Ergueu os braços para se proteger, esperando que algo voasse para cima dele no meio da escuridão. Foi então que percebeu um peso no ombro que era bem maior do que os resquícios do pêssego — um peso nos *dois* ombros. Vindas de trás dele, mãos fortes se espalmaram nas orelhas dele, apertando com força. Torcendo. Nesse instante, Horace gritou até acordar, mas chegou a sentir a cabeça girando por completo e sendo arrancada do pescoço, fácil como uma fruta madura sendo colhida do pé.

* * *

Quando desceu para tomar café, seus pais estavam discutindo. De última hora, sua mãe decidira que iria de carro para Nova York no fim de semana, ver a avó de Horace. Mas o pai do menino estava contando com ela para substituir o gerente da agência de viagens da rua Grand Boulevard, Victor Franklin, que estaria na Filadélfia para o casamento da irmã.

Normalmente, Horace não se meteria. No entanto, se a mãe ia sair da cidade sozinha — o que ela parecia estar determinada a fazer —, ele tinha que adverti-la sobre os policiais.

No dia anterior, ele tentara avisá-la. Depois de ser liberado pelos detetives, ele correria para casa. Seu couro cabeludo ardia, como se o cuspe do capitão estivesse contaminado com ácido sulfúrico. Assim que chegara em casa, Horace fora direto enfiar a cabeça debaixo da água fria. A queimação diminuira, mas ele não conseguira se livrar da irritação residual, por mais água e sabão que usasse.

A ardência no couro cabeludo fazia companhia à ardência na garganta e nos pulmões. Ao longo da noite, descobriria que qualquer tentativa de contar à mãe ou ao pai a respeito do encontro com a polícia lhe provocava uma crise de queimação. Ele conseguia pronunciar algumas palavras, na melhor das hipóteses, antes de ter um acesso de tosse. Quanto mais tentava falar, mais intensa era a tosse, e ele acabara parecendo um gato tentando expelir uma bola de pelo.

Torcera para que a noite de sono o curasse. Mas parecera que a ardência evoluíra para um estágio mais avançado, pois apenas *pensar* em falar sobre o episódio já era o suficiente para provocá-la.

— Não entendo por que tem que ser eu — dizia a mãe dele, na cozinha. — Por que Atticus não pode ficar lá?

— Atticus só volta de Michigan amanhã de manhã — respondeu o pai —, e acho que ele vai querer dormir um pouco quando chegar.

Tosse.

— E o Quincy?

— Preciso do Quincy no escritório da rua Douglas. Por que você não pode esperar o Victor voltar, na terça-feira, e ir para a casa da sua mãe depois disso?

— Porque a previsão disse que o tempo vai fechar na semana que vem, e não vou poder ir a lugar nenhum se houver uma nevasca.

Tosse, tosse. Horace estendeu a mão para o copo.

— George — falou a mãe —, eu só preciso pegar a estrada um pouco. Você sabe como eu fico. Nos últimos tempos, eu venho me sentindo sufocada.

— Você vem mesmo sentindo *alguma coisa*, e não é só nos últimos tempos — retrucou o pai. — Por acaso tem alguma coisa que você não está...

Horace irrompeu em uma tosse intensa, cuspiendo leite em seus ovos mexidos e em boa parte da mesa.

— *Jesus* amado — exclamou a mãe dele.

— Horace, você está bem? — perguntou o pai.

Não, ele não estava nada bem. Mas começava a cair a ficha de que ele não tinha permissão para dizer isso.

* * *

Horace e um grupo de meninos se revezavam depois da escola fazendo as entregas do mercadinho de Rollo Danvers. Ele trabalhava lá três dias por semana, às vezes quatro, ganhando cinco centavos de dólar por viagem, além de quaisquer gorjetas que conseguisse. Em geral tentava chegar cedo para descolar a primeira entrega da tarde, mas naquele dia Horace deixou que os

outros meninos seguissem na frente, a fim de ter tempo para terminar um projeto que havia começado durante a aula.

Os pais dele haviam chegado a um meio-termo: a mãe cuidaria do escritório da Grand Boulevard naquele dia e no seguinte, viajando para Nova York à noite depois do trabalho, e o pai encontraria outra pessoa para substituí-la no domingo. Nesse meio-tempo, Horace, que precisava alertar a mãe sem pronunciar as palavras em voz alta, havia decidido esconder a mensagem em uma revista em quadrinho. Talvez um bilhete fosse uma ideia mais sensata, mas Horace estava acostumado a se expressar daquela forma.

Não tinha tempo de fazer um volume completo, então se concentrou em uma única ilustração de página inteira. Orithyia Blue estava na frente, bem no centro, percorrendo o espaço sideral, distraída pelo conteúdo de um balão de pensamento ainda não preenchido ao lado de sua cabeça. Seguindo em seu encalço vinha uma dupla de cruéis caçadores de recompensas, tão próximos que bastaria uma olhada no retrovisor para que ela os visse. Horace passara bastante tempo se dedicando às feições dos caçadores.

A arte estava pronta. Ele só tinha que decidir o que os caçadores de recompensas estariam dizendo — e no que Orithyia estaria pensando. Sentou-se na salinha dos fundos da mercearia com o caderno sobre os joelhos, tentando encontrar as palavras certas. Ele sempre achava essa parte a mais difícil. O couro cabeludo continuava coçando, afetando ainda mais sua concentração. Coçou a cabeça com vontade para ganhar alguns segundos de alívio e então levou a ponta da caneta ao balão de fala do caçador de recompensas Noble.

Horace.

O garoto ergueu o rosto, achando que Rollo havia falado com ele. Mas o homem estava lá na frente, no balcão, conversando no telefone com um cliente, e não havia mais ninguém na loja naquele momento. Horace voltou-se para o caderno.

Então ergueu o olhar de novo. Dessa vez, não houve um som, e sim uma sensação — o pressentimento desconfortável de que alguém o observava.

Em uma prateleira alta na parede oposta havia trapos, pincéis e vários produtos de limpeza diferentes, incluindo uma lata de polidor de metais Old Carolina que Rollo usava na caixa registradora. O rótulo era ilustrado com um mordomo negro, um parente menos ilustre do Uncle Ben do arroz, a quem Horace batizara de Primo Otis. Tinha algo de *errado* com Otis, algo um

pouco sinistro na geometria de seu rosto que sugeria (a Horace, pelo menos) que, por trás de seu sorriso subserviente, ele estava tramando dar cabo da família dona da prataria que ele limpava. Horace usara a imagem de Otis como base para Iago, o androide homicida que trabalhava como mensageiro de hotel no número 9 de *Orithyia Blue*.

Naquele dia, os olhos de Otis exibiam um pouquinho mais de vida e não estavam vidrados na panela brilhante em suas mãos, como de costume, mas voltados para fora da embalagem, de modo que o peso daquele sorriso malicioso recaiu sobre Horace.

Ridículo. No entanto, depois que o pensamento surgiu em sua mente, o garoto não conseguiu mais se livrar dele: Otis o encarava.

Horace girou a cadeira e recuou até estar sob a proteção da prateleira. Levou o caderno ao colo e tentou, mais uma vez, concentrar-se.

Havia acabado de ter uma ideia e estava encostando o lápis no papel quando ouviu o som baixinho de algo sendo arrastado na prateleira acima dele. Uma chuvinha de pó caiu no caderno, salpicando a página. Horace fitou a poeira enquanto o couro cabeludo coçava com uma infestação de ácaros imaginários. Então ouviu o barulho outra vez, só que mais alto. Horace ergueu a cabeça, com a mão protegendo os olhos, e um frasco de desentupidor líquido o acertou no peito.

Ele pulou da cadeira, derrubando o caderno e o lápis no chão, e pressionou as costas na parede mais distante. Na prateleira, a lata do Primo Otis continuava no mesmo lugar, embora o sorriso dele parecesse um pouco mais largo, como se dissesse: “O que deu em você, garoto?”

— Horace! — chamou Rollo. — Sua vez!

* * *

Do lado de fora, no frio, a queimação no couro cabeludo virou uma ardência gélida que provocava ondas de paranoia desenfreada. Enquanto arrastava o cesto de entregas pelas ruas tingidas de rosa pelo sol poente do inverno, Horace percebeu que sua ansiedade aumentava diante de objetos aparentemente aleatórios, como a gangorra de um parquinho e sua sombra comprida que remetia à de um gigante esquelético sem cabeça.

Rollo lhe encarregara de quatro entregas, a última das quais era para a sra. Vandenhoeck, uma senhorinha holandesa de noventa anos que morava em Washington Park desde os tempos em que o bairro era majoritariamente branco. Vivia sozinha em uma casa cercada de pensionatos feitos de tijolo. Fazer suas entregas era sempre um exercício de paciência. Parecia que ela passava a maior parte do tempo no andar de cima e, assim que o entregador tocava a campainha, ela abria uma janela e espiava lá para baixo, sem dizer nada, só estreitando os olhos com suspeita, como o guarda míope de um castelo tentando decidir se baixa ou não a ponte levadiça. Depois de um bom tempo, ela acabava descendo e destrancando aquilo que, pelo som, devia ser uma meia dúzia de fechaduras na porta da frente. Nunca vinha com o dinheiro já pronto na primeira viagem e, mesmo que o tempo estivesse péssimo, nunca permitia que os entregadores entrassem na casa. Fazia com que esperassem do lado de fora enquanto ela guardava as compras e seguia para algum esconderijo remoto onde deixava seu dinheiro (Horace imaginava um cofre no subsolo, com uns três ou quatro níveis subterrâneos, defendido por *trolls* que só falavam holandês). Quando o entregador já tivesse tido tempo para refletir a respeito da natureza efêmera da juventude, ela voltava à porta, abrindo-a sem soltar a trava da corrente dessa vez, e entregava o dinheiro que devia pelas compras e mais dez centavos de dólar de gorjeta.

Dessa vez, preocupado com o sol que já ia se pôr, Horace quebrou o protocolo e perguntou se a sra. Vandenhoeck queria que ele levasse as compras para dentro. Ela lhe lançou um de seus olhares desconfiados, como se ele tivesse se oferecido para entrar e cortar a garganta dela, e procedeu como sempre fazia. Enquanto ela se encaminhava para o cofre, Horace apoiou o cesto no chão e deu uma volta sem sair do lugar, coçando a cabeça, até sua ansiedade encontrar um novo alvo em que se concentrar: a decoração de Natal da sra. Vandenhoeck.

Os enfeites surgiam no quintal da senhora no fim de novembro e ficavam lá durante todo o inverno. Consistiam em um presépio de madeira, deformado pelos anos e pelas intempéries, e uma estatueta de meio metro do Papai Noel holandês, Sinterklaas, que montava um cavalo branco e tinha um chapéu no mesmo formato que o do papa. Entre Sinterklaas e o presépio havia uma segunda estátua que poderia ser confundida com um *lawn jockey* de trajes renascentistas. Era Pedro, o Negro, o elfo de pele escura que trabalhava como capanga de Sinterklaas, vigiando e punindo as crianças más.

Horace aprendera sobre Pedro, o Negro, não com a sra. Vandenhoeck, mas com Rollo, que servira na Segunda Guerra Mundial e viajara pela Europa depois do fim do conflito. Em dezembro de 1945, ele estava em Amsterdã e, um belo dia, acordou e se deparou com as ruas apinhadas de homens fazendo *blackface*.

“Pegavam carona em jipes militares”, contara Rollo, “então era como se o Exército dos Menestréis estivesse invadindo.”

A estátua de Pedro, o Negro, da sra. Vandenhoeck parecia mais uma pessoa negra de verdade, não um menestrel. Além disso, Horace percebeu naquele instante que ela também parecia um bocado com o Primo Otis, ao menos na boca e ao redor dos olhos. Por mais que tentasse, não conseguia deixar de notar a semelhança, então foi mudando de posição até que a cabeça do cavalo de Sinterklaas ocultasse o rosto de Pedro.

Um minuto se passou. Horace bateu com os pés no chão, assoprou dentro das mãos e coçou a cabeça, desejando que a sra. Vandenhoeck se apressasse.

Então, sentiu que estava sendo observado de novo. Olhou para a decoração de Natal e viu que Pedro tinha saído de trás do cavalo. Horace tentou se convencer de que *ele próprio* tinha se mexido, mas o problema era que a estatueta não tinha apenas andado para a frente: tinha também se *virado*. Assim, em vez encarar a rua, como de costume, Pedro estava encarando Horace com um sorriso.

O ruído alto e súbito da buzina de um carro desviou a atenção de Horace. Durou só um segundo, mas, quando ele voltou o olhar para o quintal, Pedro, o Negro, não estava mais lá.

A ardência no couro cabeludo se alastrou para a nuca. Horace fez menção de se virar, mas sentiu algo muito parecido com uma perninha minúscula se enganchar na parte de trás seu tornozelo. Ele tombou para trás e se estatelou no chão, gritando bem na frente da casa da sra. Vandenhoeck. A porta se abriu e lá estava a velha, olhando feio para ele, segurando em seu punho cerrado o dinheiro das compras e a moeda de dez centavos de dólar que (Horace tinha fortes suspeitas) ele não receberia.

Quanto a Pedro, o Negro, estava novamente ao lado de Sinterklaas, e sua expressão era a epítome da inocência — exceto pelo sutil traço de malícia no sorriso, que só os olhos de Horace conseguiam enxergar.

Foi no sábado que Curtis e Neville levaram o boneco do diabo para a igreja.

A Igreja Monte Sião tinha sido uma sinagoga antes de a vizinhança se transformar e, anterior a isso, o lugar fora ponto de encontro para uma denominação austera de protestantes brancos. O prédio não tinha campanário, mas contava com um sótão aonde se chegava por uma escadaria íngreme e estreita atrás do altar. O teto baixo demais impedia que o espaço servisse para qualquer coisa além de estoque, e o sótão ficara totalmente abandonado durante anos, até que Reggie Oxbow conseguiu convencer o pai a deixar que ele o transformasse em um clube.

O sótão era o feudo particular de Reggie, mas a suserania vinha com um preço: era responsabilidade dele cuidar da irmã mais nova, June, que todos chamavam de Bug. Ela e as amigas receberam um pequeno lote do sótão, perto da escada, enquanto o resto do espaço era de uso exclusivo de Reggie e seus amigos.

Lá em cima, eles jogavam uma porção de jogos. A sra. Oxbow administrava o bazar da igreja, que ficava no porão, de modo que Reggie e Bug tinham acesso prioritário a qualquer brinquedo doado. Reggie possuía uma coleção impressionante de jogos de tabuleiros usados. Os meninos também inventavam jogos, colhendo pecinhas de caixas repetidas de Banco Imobiliário.

Tinham passado as últimas semanas vidrados em um jogo que chamavam de Kríg. Kríg era diminutivo de “*Das Kriegsspiel*”, “O jogo da guerra”. Horace encontrara o manual dele na livraria de Thurber Lang, em uma caixa de livros estrangeiros. O texto estava em alemão, mas ele deduzira pelas ilustrações que o volume nada mais era que um livro de regras para reencenar as campanhas de Napoleão usando dados e soldadinhos de latão.

Para traduzir o manual, Horace recorrera a Rollo, que ainda lembrava um pouco do alemão que aprendera durante a guerra. Depois, o menino apresentara as regras traduzidas a Reggie, que a princípio reagira com indiferença, dizendo sem ironia que não tinha a menor vontade de brincar de Napoleão. Curtis convencera o amigo ao sugerir que eles usassem o cerne das regras e mudassem a temática do jogo. E assim os cavalos de guerra e os navios da Europa viraram os *thoats* e as belonaves de Barsoom, e as

potências continentais se transformaram nas várias raças de Marte. Assim nascera Kríg. A primeira partida fora entre os marcianos vermelhos sob o comando de John Carter, defendendo as cidades gêmeas de Helium Maior e Helium Menor contra uma força conjunta de marcianos verdes, amarelos e pretos. A batalha fora desigual, mas também fizera um tremendo sucesso, principalmente com Reggie, cujos marcianos verdes lideraram uma vitória devastadora contra os vermelhos de Neville.

Naquele sábado, Reggie e Horace subiram para o sótão e encontraram Neville e Curtis fazendo os últimos ajustes em um cenário novo. As caixas de papelão que eles usavam para representar o terreno de Marte estavam povoadas e rodeadas por uma força conjunta de soldadinhos de plástico, carrinhos, peças de xadrez e damas, assim como peões de Banco Imobiliário e ludo. Normalmente as peças ficavam separadas em diferentes grupos de batalha rivais, mas naquele dia estavam unidas contra um único inimigo, um boneco preto feio que Horace nunca vira antes.

— Que raios é isso? — perguntou Reggie.

Atrás dele, Bug ergueu os olhos de sua partida solitária de Sobe-Desce e entouou, solenemente:

— É o *diabo*.

De acordo com a caixa em que viera (e que, naquele momento, servia de pedestal para ele, como uma estátua com os pés virados para fora), o troço era um Boneco Africano Pigmeu do Diabo 100% Articulado: um curandeiro anão com uma cabeça gigantesca que tomava, no mínimo, um terço de seus quarenta centímetros de altura. Seu cabelo estava preso em tranças curtas com ossinhos nas pontas, e havia ainda outro pedaço maior de osso atravessando seu septo nasal. Os olhos fundos eram toldados por sobrelhas peludas e a boca de lábios grossos estava escancarada em um esgar cheio de dentes, do qual escapava uma língua de um tom vivo de vermelho. O peito e os braços nus estavam cobertos de cicatrizes tribais ritualísticas. Havia um crânio em miniatura pendurado por um barbante em seu pescoço, e outro no topo do cajado que ele portava. Por fim, pendendo como um relógio de bolso preso ao cós da saia de grama, havia uma minúscula cabeça encolhida.

Era tão horrendo que chegava a ser cômico, mas como um palhaço, que perdia a graça assim que ficava escuro. Na verdade, assim que o viu, Horace imaginou como seria encontrar aquele boneco escondido embaixo da sua

cama ou dentro do seu armário; nessas circunstâncias, não teria a menor graça.

— Não é demais? — comentou Neville. — Achei no lixo atrás de um brechó perto da minha casa. Não gastei nem um centavo.

— Por que você trouxe isso para cá? — perguntou Reggie. — Esqueceu que estamos na casa de Deus?

Neville revirou os olhos, dizendo:

— A igreja é lá embaixo.

— Além do mais — acrescentou Curtis —, isso não é um demônio. É um robô.

— É o quê?

— Um robô — repetiu Neville. — Construído por Ras Thavas, o cientista louco dos marcianos vermelhos, para enganar os marcianos verdes. O robô foi desenhado para ter a aparência de um espírito tribal marciano gigante, mas Tars Tarkas percebe que, na verdade, ele é uma máquina, e manda John Carter convocar todos os outros marcianos para lutar contra ele.

— Ele tem 350 pontos de batalha — explicou Curtis. — É superdifícil de matar. E tem uma porção de armas especiais...

— ... como raios desintegradores que saem dos olhos — continuou Neville —, e uma *pisada mortal*.

— Do que vocês estão falando? — falou Reggie.

— Uma batalha — disse Curtis. — Uma batalha nova. A gente acabou de inventar.

— Não, não, não... Não vamos lutar nenhuma batalha *nova* hoje, ainda mais com esse boneco aí do diabo. Vamos fazer o Cerco de Helium.

— Já brincamos disso, tipo, um *milhão* de vezes.

— É, porque é divertido.

— Pode ser divertido para você — retrucou Neville —, mas eu não aguento mais.

— É, Reggie — concordou Curtis. — Vamos fazer uma coisa diferente hoje. Vai ser legal, você vai ver.

— Não, nem pensar. — Reggie entrou no campo de batalha, dispersando a infantaria marciana com sua própria versão da pisada mortal. — Vamos arrumar tudo para o Cerco de Helium, e some com esse boneco do diabo daqui.

— Nem a pau — recusou-se Neville.

De repente, ele e Reggie estavam se peitando, gritando um com o outro, enquanto Curtis tentava apartar a briga. Normalmente Horace também estaria se metendo no meio, mas dessa vez não: estava ocupado demais encarando o boneco do diabo.

Neville havia esbarrado sem querer na caixa do boneco do diabo, que estremeceu e quase caíra. No entanto, o boneco não chegara a cair: ele se *equilibrara*, dobrando os joelhos e tornozelos sob a saia de grama. Enquanto os meninos gritavam uns com os outros, a enorme cabeça do boneco girou, voltando-se para as costas de Neville, e ele ergueu seu cajado como se fosse lançar um feitiço no menino.

“Gente, o boneco do diabo está *se mexendo*” foi o que Horace tentou dizer, mas o que saiu de sua boca foi um chiado afônico.

Só que o boneco escutou e virou o rosto para ele. Eles se entreolharam, e Horace viu algo parecido com faíscas dançando ao redor dos olhos do boneco, que talvez estivesse prenunciando um raio desintegrador; e então a cabeça do menino começou a arder de novo, pior do que nunca, e seus pulmões também queimavam.

Curtis foi o primeiro a perceber a tosse esbaforida e desesperada de Horace.

— Horace?

Enquanto isso, o amigo se agarrava à viga do telhado acima de sua cabeça, a outra mão estendida em uma tentativa de apontar, pensando: “Olha, olha, *olha para o boneco...*” Mas nenhum deles olhou, exceto Bug, talvez, porque Horace pensou ter ouvido a menina exclamar, logo antes de ele perder a consciência.

O boneco do diabo sacudiu o cajado e seus olhos emitiram um clarão. Os de Horace se reviraram, e ele desmaiou, esmagando exércitos ao cair.

* * *

Ele acordou em uma cama de hospital. Estava escuro lá fora, e a única luz acesa no quarto era uma pequena luminária de leitura ao lado da cama. Ao despertar e ver apenas o teto escuro acima, Horace temeu que estivesse no supermercado com as cabeças. Sentou-se, sobressaltado.

— Calma — disse seu pai, sentado ao lado da cama, inclinando-se para dar um aperto reconfortante no ombro dele. — Como você está se sentindo?

— Esquisito. — Seus pulmões estavam irritados, mas Horace levou a mão ao alto da cabeça, como se o maior desconforto estivesse vindo dali. — O que aconteceu?

— Você sufocou, quase parou de respirar — contou George. — O reverendo Oxbow preferiu nem esperar a ambulância. Meteu você no carro e o trouxe para a emergência em dois tempos.

Horace assentiu, tendo lampejos de memória: ele sendo carregado, semiconsciente, no frio; rostos preocupados debruçando-se sobre ele; uma agulha entrando em seu braço e uma máscara sendo colocada em seu rosto. Então ele se lembrou do boneco do diabo.

— Horace? — chamou o pai dele, assustado com a expressão no rosto do menino. — Horace, o que foi?

George fez menção de apertar o botão para chamar os enfermeiros.

— Estou bem! — interrompeu Horace. — Desculpa... é só que... Eu estou bem.

— Tem certeza?

Horace se forçou a aquiescer e então perguntou:

— Cadê a mamãe?

— A caminho de Nova York.

— Mas já? — Horace ficou agitado de novo. — Achei que ela só fosse hoje à noite.

— Era esse o combinado, mas hoje de manhã conversamos de novo, repensamos se era lá *tão* importante que o escritório da Grand Boulevard abrisse hoje... Quando o reverendo ligou, ela tinha saído fazia uma hora.

— Ela levou o desenho que fiz para ela?

— Não sei. Não prestei atenção no que ela colocou na mala.

— A gente tem que ir para casa — falou Horace. — Precisamos estar lá caso ela ligue.

— Opa, calma aí! — George levou a mão ao ombro do filho outra vez. — O médico quer que você passe a noite aqui, só para garantir.

— Mas se a mamãe tentar ligar...

— Ela não vai ligar hoje. Você conhece a sua mãe: preocupante será se ela ligar. Ela vai nos dar um alô amanhã, quando você já estiver em casa.

Alguém passou correndo pelo corredor, e Horace virou a cabeça na direção

do som.

— Você vai passar a noite comigo, né?

— Claro que vou... Horace, você está bem mesmo? Tem certeza?

— Tenho sim — respondeu ele, com o olhar ainda fixo no corredor. — Só estou cansado.

* * *

Ele foi para casa na manhã seguinte. Curtis e Neville o visitaram depois da igreja. Trouxeram um cartão dos Oxbow, desejando melhoras, e um saco de biscoitos de gengibre feitos pela sra. Oxbow.

— Reggie queria vir também — disse Curtis —, mas ele está de castigo.

— Por quê? — perguntou Horace.

— Ele bateu na Bug e jogou ela da escada — contou Neville. — Ela está bem, só se machucou um pouco, mas o reverendo não está nada feliz.

— Por que Reggie fez isso?

— Bug destruiu o clube — explicou Curtis. — Fui lá com Neville dar uma olhada, e dá para entender por que Reggie ficou tão bravo. Parece que deu a louca nela. *Todos* os jogos atirados no chão, pisados e chutados. Ela até quebrou uma das janelas.

— Isso não parece coisa da Bug — observou Horace.

— É, ela disse que não foi ela, nem uma das amigas. Mas quem mais seria?

— É claro que talvez ela não tenha feito *tudo* por conta própria — acrescentou Neville.

— Como assim?

— O boneco do diabo — falou Curtis. — Sumiu. Reggie disse que Bug roubou.

— Mas não foi isso que aconteceu — afirmou Neville. — Reggie não queria jogar a nossa batalha e ponto final. Ele deve ter se livrado do boneco assim que fomos embora ontem e então, depois de tudo o que Bug fez, decidiu botar a culpa nela.

A visita durou uma hora. Horace passou o resto do dia lendo, levantando-se de vez em quando para olhar a rua pela janela da frente.

À noite, a mãe ligou de Nova York. A viagem transcorreria sem incidentes. Ela *tinha* levado o quadrinho que Horace fizera para ela, embora ainda não tivesse lido — mas prometeu que o leria na volta. Sentia-se culpada porque não estivera lá quando Horace teve a crise e disse que estava considerando encurtar a viagem. Horace ficou dividido quanto a isso: parte dele queria que a mãe voltasse logo para casa, e outra parte queria que ela continuasse onde estava a salvo.

— Estou bem — disse ele. — Não se preocupe comigo.

Não eram nem oito horas quando ele desligou o telefone, mas o pai disse que estava na hora de dormir, porque ele precisava descansar. Horace foi para a cama, mas não dormiu. Ficou deitado no escuro, de olhos abertos, até ouvir o pai se recolher para o próprio quarto. Então se levantou sem fazer barulho e foi se certificar de que tanto a porta da cozinha quanto a da frente estavam trancadas na chave e no trinco. Foi até a janela da saleta e olhou a rua outra vez. Ficou um bom tempo ali.

No fim das contas, Horace acabou dormindo, mas sonhou que não dormia — que passava a noite inteira verificando se as portas e janelas estavam trancadas. Quando amanheceu, ele estava exausto. No café da manhã, vendo como o garoto parecia cansado, o pai perguntou se ele queria faltar aula. Horace, contudo, achou que sair e estar acompanhado seria menos desgastante do que ficar em casa sozinho, então disse ao pai que queria ir.

— Está bem, mas pegue leve hoje — aconselhou George. — Nada de entregas depois da aula. Venha direto para casa.

Na escola, tentou conversar com Reggie sobre o boneco do diabo, mas Neville e Curtis já deviam ter feito isso, porque o amigo não estava nem um pouco a fim de tocar no assunto.

— Não fui eu, foi a Bug! Agora me deixa em paz!

À noite, seu pai tinha uma reunião na loja maçônica.

— Até pensei em faltar — explicou George —, mas seu tio Montrose avisou que quer conversar comigo. Talvez a gente dê uma volta depois da reunião. Pedi para Ruby vir fazer companhia para você enquanto eu estiver fora. Não quero discussão. Sei que você acha que está velho demais para ter uma babá, mas não quero que fique sozinho hoje à noite.

Horace não discutiu.

Ruby chegou às sete. Horace ficou feliz com a presença dela, e não apenas porque não queria ficar sozinho. Sempre gostara de Ruby. Sentia que ela era

um dos poucos adultos, além de seus pais, que levavam a sério suas ambições artísticas, sem desmerecê-las nem oferecer falsas garantias. Ela sempre dizia que seria muito difícil viver de quadrinhos e que ele poderia até acabar fracassando, mas que, se era isso mesmo que ele queria da vida, não deveria deixar que ninguém o dissuadisse de tentar.

Sentaram-se à mesa da cozinha, beberam chocolate quente, jogaram Palavras Cruzadas de tabuleiro. Em um dia normal, isso seria o paraíso, mas Horace não conseguia se concentrar. Ele levantava o tempo inteiro para checar a porta da frente e olhar pela janela da saleta, e, na terceira vez que fez isso, demorou tanto que Ruby gritou para saber se ele estava bem.

Horace voltou à cozinha e conseguiu parar quieto durante dez longos minutos, mas então pensou ter ouvido alguma coisa na saída de incêndio. Levantou, abriu a porta e pôs a cabeça para fora. Não havia nada ali. Também não havia nada no beco — nada que ele conseguisse enxergar.

Quando voltou a se sentar, Ruby perguntou:

— O que deu em você hoje?

Horace olhou para ela. Seus pulmões tinham voltado ao normal, mas ele sabia que a asma estava só esperando ele dizer a coisa errada para atacar e sufocá-lo.

— Horace, você sabe que pode me contar qualquer coisa.

Ele inspirou e depois expirou. Balançou a cabeça.

Olhou para o jogo, para as letrinhas em seu suporte.

OALICZPI

Desembaralhou as letras: POLICIAZ.

Horace inspirou e depois expirou. Levantou os olhos e viu que Ruby ainda o observava. Sem parar para pensar, disparou:

— Ruby, posso contar um segredo?

Seus pulmões se comprimiram no fim de “segredo”, mas a pergunta já tinha saído.

— Claro. Pode me contar um segredo.

Nos trinta segundos seguintes, ele não conseguiu fazer nada além de se concentrar em respirar. Então a contração nos pulmões aliviou, mas não completamente, e Horace sabia que, se a crise acontecesse de novo, seria muito pior.

Ficou de bico calado. Tirou o z do suporte e virou-o para que Ruby visse as outras letras.

— É sobre isso que é o seu segredo? — perguntou ela.

Horace inspirou e depois expirou. Aquiesceu.

Ruby perguntou, baixinho:

— Acha que pode ter alguém nos ouvindo?

Horace balançou a cabeça, em negativa.

— Mas não quer falar em voz alta?

Horace fez que sim.

— Tudo bem... — Ruby colocou as próprias peças no tabuleiro, assim como o saco com as demais letras, e então empurrou tudo para o lado da mesa onde Horace estava sentado. — Solettra para mim.

* * *

Até que foi rápido. Ele escreveu DETETIVES e ME PERGUNTARAM e VIAGEM MAMÃE NATAL e WISCONSIN, além de algumas outras palavras e frases, mas no instante em que escreveu BRAITHWHITE os dois passaram a se comunicar como se fosse um jogo de pergunta e resposta. Ruby, que sempre fora boa em adivinhações, parecia saber exatamente o que perguntar. Horace assentia de maneira fervorosa, ou às vezes balançava a cabeça em negativa. Soletrou mais uma ou outra palavra, e então, quando a maior parte do segredo já tinha sido revelada, ele sentiu a asma ceder e percebeu que conseguia falar de novo. Contou mais alguns detalhes.

Não tudo. Contou a parte do capitão Lancaster esfregando cuspe na cabeça dele e um pouco de como isso o afetara, mas quando chegou à parte do Primo Otis, de Peter, o Negro, e principalmente do boneco do diabo, Horace se esquivou, julgando que aquela história toda ia parecer maluca demais. Em vez disso, acrescentou que, além dos ataques de asma, ele vinha se “sentindo meio esquisito” e “tendo sonhos estranhos”.

— Você acredita em mim, não é?

— Claro que sim — respondeu Ruby.

Horace sentiu o corpo relaxar de alívio. E então perguntou:

— O que eu devo fazer? Quero ajudar a mamãe, mas não sei direito o que está acontecendo.

— Aguenta as pontas. Conheço uma pessoa que pode ajudar.

— É mesmo? Quem?

Ruby, no entanto, balançou a cabeça.

— Isso eu não posso contar a você, por enquanto. Quando sua mãe volta de viagem?

— Ela ainda não tinha decidido da última vez que a gente se falou. Talvez amanhã à noite.

— Certo. Então você não precisa se preocupar com ela. Fique na sua, não chame atenção. Assim que seu pai chegar, vou entrar em contato com o meu... amigo. Devo conseguir falar com ele ainda hoje, mas, se não der, falo com ele amanhã sem falta.

— E ele vai saber o que fazer?

— É bom que saiba. Amanhã, quando for à escola, tome bastante cuidado, e depois...

— Depois eu tenho que trabalhar — completou Horace. — Precisei faltar hoje, mas prometi ao Rollo que ia amanhã.

— Certo, vamos fazer o seguinte. Vá para a loja do Rollo e eu encontro com você lá. Mas fique de olho aberto quando estiver na rua, Horace, e, se vir esses dois detetives ou aquele tal de capitão Lancaster, saia correndo. Não precisa ter medo de se meter em encrenca, só faça o que for necessário para despistar os caras, e a gente resolve o resto depois. Combinado?

— Combinado. — De repente, Horace estava prendendo o choro. — Obrigado, Ruby. Tenho andado com tanto medo por causa disso tudo e eu não sabia o que...

Dessa vez, os dois escutaram: um baque, como uma pisada forte, na saída de incêndio. Ruby levou o dedo aos lábios e apontou para o interruptor na parede atrás de Horace. Ele se levantou e apagou a luz. Ruby ficou de pé sem fazer barulho e foi até a pia, inclinando-se para conseguir enxergar além das grades na janela.

— O que é? — sussurrou Horace, mas Ruby o silenciou com um gesto.

Ela pegou uma faca no corredor de louça e foi até a porta, ao mesmo tempo indicando que Horace deveria recuar até o corredor. Abriu a porta e saiu, e Horace cobriu o rosto com as mãos. No entanto, passados alguns instantes, Ruby voltou, balançando a cabeça.

— Ninguém — relatou ela. — Não tem ninguém ali.

* * *

Na noite seguinte, já passavam das seis e meia, e Ruby ainda não tinha aparecido.

Fazia vinte minutos que Horace tinha voltado de sua última entrega do dia. Rollo disse que ele podia ir para casa, mas o menino continuou lá, fazendo hora na frente da loja para não ter que ficar encarando e sendo encarado pelo Primo Otis — e para ficar de olho na calçada. Na volta de sua última entrega, ele vira de relance uma pequena criatura preta — talvez um gato ou uma ratazana — se enfiando embaixo de um carro estacionado a meio quarteirão de distância. Agora, vigiando a calçada pela janela, ele se pegou concentrado em um trecho às escuras sob um poste queimado do outro lado da rua.

— Quanto tempo você pretende ficar aí, se agitando? — perguntou Rollo, erguendo os olhos do livro de Zane Grey que estava tentando ler.

— Desculpe — disse Horace. — Rollo, posso usar o telefone?

— Se for ligação local, pode.

Discou o número que Ruby lhe dera, mas só chamou sem parar. Em um impulso, ligou para casa, mas também não houve resposta. Tentou o número da agência de viagem, mas, como era depois do expediente, a chamada caiu no serviço de recados.

— Não vou deixar recado — informou ele à mulher.

Desligou e ficou ali, mordendo o lábio. O pai tinha mencionado que talvez fosse resolver umas coisas depois do trabalho. Horace não prestara muita atenção porque tinha achado que estaria na companhia de Ruby, mas agora sua imaginação estava a todo vapor, e ele se imaginou subindo, sozinho, a escadaria até o apartamento escuro.

Levou um susto quando o telefone tocou.

Rollo lançou um olhar desconfiado para ele e atendeu.

— Mercado Danvers, alô.

Ficou ouvindo por alguns instantes e então pegou o bloco de pedidos.

— Aham, entregamos aí, sim — respondeu ele, anotando um endereço. — É casa ou apartamento?... Certo... Só isso, mais alguma coisa?... Claro, sem problemas... E a entrega é no nome de quem?... Alô?

Rollo franziu o cenho, então deu de ombros e desligou.

Arrancou a folha do bloco e tateou atrás de si para alcançar um maço de

cigarro Chesterfield. Arrastou o papel e os cigarros pelo balcão na direção de Horace.

— Entrega na rua South Park. De lá você pode ir direto para casa, é só trazer o dinheiro amanhã.

Horace encarou o maço de cigarro, mas sua mente estava vidrada na lâmpada queimada do poste na rua.

— Não sei, não, Rollo.

— Não sabe o *quê*?

Horace levou a mão à cabeça. Coçou.

— Nada, não — respondeu.

* * *

Quinze minutos depois, Horace parou sob a luz de um poste para ler o endereço no papel do pedido. À sua esquerda, do outro lado de uma avenida com duas faixas, uma em cada sentido, estendiam-se os 150 hectares do Washington Park, que emprestava o nome àquele bairro. Por trás das árvores viam-se algumas centelhas de iluminação, mas a maior parte daquela região estava sem luz, dando a Horace a impressão de que ele estava à beira de um imenso lago escuro.

Não era o parque que o preocupava. Guardando o papel de volta no bolso, olhou por cima do ombro para o caminho de onde viera, prestando atenção redobrada na calçada ao lado dos carros estacionados.

Assim como nas vinte espiadas anteriores, não havia nada para ver.

Continuou andando para o sul, varrendo com os olhos uma fileira de casas estreitas. No fim dela, encontrou o número que procurava, pintado com tinta spray em um compensado que fora usado para barrar a porta da frente da casa. Horace ficou olhando para o aviso que dizia CONSTRUÇÃO CONDENADA e pensou: “Talvez Rollo tenha anotado o número errado.” Mas a comichão em seu couro cabeludo discordava.

De repente, com um *pop!* vítreo como o de uma lâmpada estourando, o poste logo acima dele se apagou. Horace virou-se na direção do som, e seu olhar foi automaticamente para a calçada aos pés do poste. Nada ali. Mas então ele ergueu o rosto e coçou a cabeça, e sua visão ficou turva por um

momento. Quando voltou a ficar nítida, ele viu um olho vermelho brilhando na escuridão.

Não, não era um olho: era um charuto. O capitão Lancaster se encontrava parado embaixo do poste, com rosto abrutalhado envolto em fumaça e iluminado pela ponta incandescente. Ele tinha um quê de irreal e uma postura rígida como a de uma estátua de cera, que fazia com que ele parecesse mais com um manequim que com um ser humano. No entanto, isso não o tornava menos aterrorizante.

Horace ouviu a voz de Ruby dizendo: “Saia correndo.” Virou-se, e o poste da próxima esquina também queimou. Como se a luz tivesse se acendido em vez de se apagar, outra figura se revelou: o detetive Noble.

“Horace.”

O menino olhou para a direita. O detetive Burke havia se materializado nos degraus da frente da casa condenada, tão perto que quase dava para tocá-lo. Assim como Lancaster, ele parecia estar posando, duro como um espantalho, mas seus olhos estavam vivos e em seus lábios havia o sorriso maldoso do Primo Otis — e a expressão era ainda mais perturbadora no rosto de um homem branco.

Horace recuou na única direção possível. Os passos para trás o levaram para o meio da rua, onde os feixes de um farol o engolfaram, mas seus olhos continuaram fixos no detetive Burke. O carro vinha à toda velocidade na direção do garoto, e o motorista sentou a mão na buzina. Horace girou e saltou do caminho, e sua mochila voou para trás. O carro, que nem chegou a reduzir, acertou a bolsa de raspão, fazendo-a girar e acertar bem o rosto de Horace. Ele subiu a calçada do outro lado da rua, cambaleando, e entrou no parque.

Sob a cobertura das árvores, ele olhou para trás. O capitão e os detetives tinham sido engolidos pelas trevas. Horace não conseguia ver nada se movendo pela rua escura, mas tinha certeza de que havia *algo* ali, fazendo barulhos furtivos nas sombras. Chegando cada vez mais perto.

Virou-se e disparou parque adentro, correndo na direção da luz de um poste mais à frente, atrás das árvores. Quando conseguiu alcançá-la, estava com falta de ar e superaquecido. Largou a mochila e se apoiou no poste, cuja luz branca e fria banhava um parquinho congelado. O menino abriu o zíper do casaco. Inspirou, depois expirou, sem ouvir nada além da própria respiração ofegante.

Com um rangido de madeira e metal, uma das gangorras se mexeu, como se um peso invisível tivesse sido colocado em uma das pontas e uma pilha de neve escorregou da outra, que agora estava no alto. Enquanto Horace se afastava do poste, um vento que ele não sentia fez os balanços se moverem.

O gira-gira foi o próximo. Com um gemido, começou a rodopiar sozinho, bem devagar no início, mas liberando pedaços de neve e gelo conforme ganhava velocidade. Horace ficou observando, transfixado pelas sombras das barras de metal que se moviam.

Algo aterrissou com um baque surdo na extremidade oposta da plataforma que girava. Horace viu o boneco do diabo montado no brinquedo, com a mãozinha agarrada na barra. Quando ele saltou de lá, Horace deu um passo para trás e tropeçou na mochila.

Caiu de costas na neve e, por um instante, seus olhos ficaram na mesma altura do brinquedo infernal que corria na direção dele. Horace rolou, chutando a mochila para longe, e se levantou depressa.

Havia um caminho para pedestres que contornava o parquinho e terminava em uma pequena construção com uma placa que dizia BANHEIRO. Horace disparou nessa direção, rezando para que a porta não estivesse trancada. Não estava, mas, assim que entrou, descobriu que o trinco estava quebrado. Ficou de costas contra a porta, botando todo o peso nela ao mesmo tempo que seus olhos percorriam o cômodo desenfreadamente em busca de uma arma ou uma saída.

Não encontrou nem uma, nem outra. O banheiro era uma cela de concreto sem janelas, grande o bastante para acomodar apenas uma pia, um mictório e um reservado. Era iluminado por uma lâmpada incandescente acima da moldura vazia onde algum dia existira um espelho sobre a pia. Quando Horace olhou para a lâmpada, ela piscou.

Um golpe forte acertou a porta às costas de Horace. Ele fincou os calcanhares no chão. Mais golpes sacodiram a porta, fazendo com que ela estremecesse no batente, mas Horace resistiu e a manteve fechada. Houve uma pausa.

Logo depois veio um som de algo sendo arranhado: um barulho pequeno, mas que, como unhas arranhando um quadro-negro, provocou um calafrio na espinha e coceira no couro cabeludo de Horace. Ele trincou os dentes e fechou os olhos. “Não vai entrar!”, pensou.

Então o arranhar cessou. Ele abriu os olhos.

Havia alguém no reservado. Pela fresta na parte de baixo da divisória de madeira, dava para ver um par de sapatos masculinos e a bainha esfarrapada de uma calça.

— *Ei, garoto, quer ganhar um trocado?* — disse uma voz, grave e rouca.

“Não pode ser”, pensou Horace, “de jeito nenhum.” Mas a porta do reservado se abriu com um rangido e lá estava o homem dos dados. Sua barba por fazer tinha crescido, virando um emaranhado cheio de falhas e sujeira. Seu cabelo e suas roupas também estavam imundos, e ele fedia como se tivesse passado por um cano de esgoto para chegar até ali. A pele estava vermelha, rachada e coberta de feridas com cascas.

— Deixa eu esfregar a sua cabeça! — disse ele, estendendo a mão doente. — Para dar sorte.

Horace se encolheu para trás.

— Você não é de verdade — chiou ele, mas o homem dos dados deu um passo cambaleante na direção de Horace.

O menino se virou, apavorado, e tentou empurrar a porta para sair, esquecendo que ela abria para dentro. Então ouviu mais um passo atrás de si, sentiu dedos encrostados roçarem seu couro cabeludo e puxou a porta com força, correndo para fora.

Mal passara pela soleira, os pés se embolaram e ele se estatelou de barriga no chão. O queixo bateu em um pedaço duro de gelo, fazendo com que ele visse estrelas. A camisa suada colou em mais gelo e neve, sugando em um instante todo o calor de seu corpo. Mas não foi só o frio que o paralisou: quando sua visão ficou nítida outra vez, ele se viu cara a cara com o boneco do diabo.

Sob a forte luz branca, a pele do boneco parecia pálida, as cicatrizes tribais apareciam em alto-relevo, e os ossos no cabelo cintilavam. Seus olhos emitiam uma luz vermelha opaca, e, encarando os do garoto, o boneco começou a se balançar em um tipo de dança, uma dança hipnótica de curandeiro.

“Levanta”, ordenou Horace a si mesmo. “É só uma porcaria de boneco, você é um *gigante* perto dele... Levanta! Levanta e pisa nele!” Mas ele não conseguia mover um músculo sequer e ficou se perguntando se o boneco do diabo faria seu coração parar ou simplesmente o manteria ali até que congelasse de verdade.

Então o boneco ergueu o cajado, esticando a ponta inferior na direção do

rosto de Horace como se fosse uma lança. O garoto sentiu o olho se contrair em um tique outra vez. Pensou em Joe Pirata, meio-cego e preso em um carro destruído na terra de Jim Crow, com a mãe morrendo ao seu lado e nenhuma ajuda a caminho — pelo menos, nenhuma que chegasse a tempo, não naquela terra. Foi tomado por um desespero mais gélido que o chão sob seu corpo, mas também cresceu dentro dele uma centelha de raiva diante de tanta injustiça, e a fúria expulsou o medo, enfraquecendo o feitiço que o prendia. No mesmo instante, reparou que havia um pedaço de tijolo quebrado logo embaixo de sua mão direita.

O boneco do diabo dançou na direção dele, tentando furar seus olhos com o cajado, mas Horace girou o braço e acertou o adversário com o tijolo. O boneco saiu voando pelos ares e o feitiço se quebrou. Horace se levantou num pulo, com o tijolo na mão e pronto para a briga, mas o curandeiro, já recuperado, olhou para o menino e *sibilou*. A raiva de Horace se desfez em cinzas e sua coragem se dissipou como fumaça.

Logo ele estava correndo pela rua outra vez, com o diabo em seu encalço. Sentiu os pulmões se contraindo e já sabia muito bem aonde isso ia dar, mas não podia parar.

O caminho para pedestres fez uma curva fechada, e Horace viu a luz de postes à sua frente. Tinha dado uma volta e estava na rua South Park outra vez. Pensou em sua casa, onde o pai e talvez até a mãe estivessem esperando por ele naquele momento, e essa ideia o encheu de esperança por um instante.

No entanto, havia outra silhueta à espreita em seu caminho: um policial branco. Não era capitão e nem detetive, apenas um guarda uniformizado que lançava um olhar de suspeita para Horace, que corria em sua direção.

— Ei, parceiro — disse o policial. — Aonde você está indo com essa pressa toda?

“Não é de verdade”, pensou Horace, e continuou correndo, mas o policial estendeu o pé e Horace tropeçou, caindo no chão.

— Eu fiz uma *pergunta*. Vai tirar o pai da força? — O policial se postou acima dele, enquanto Horace arquejava no chão. — Está fugindo de onde? O que você fez?

Horace virou de lado. Viu o boneco do diabo sob a luz de um poste bem na curva pela qual o menino acabara de passar. Tentou apontar, mas o policial o agarrou com violência pelas axilas, erguendo-o e imprensando-o contra uma árvore.

— Está fugindo de onde?

Horace, que, a essa altura, não conseguia nem emitir um chiado, ergueu o braço e gesticulou sem força, pensando: “Olha, olha, *olha...*” Mas o policial continuou repetindo a mesma pergunta, cada vez mais furioso.

O boneco inclinou a cabeça para o lado, e Horace viu o policial inclinar a *própria* cabeça para o lado. O boneco abaixou a mão e segurou a cabeça encolhida que trazia pendurada na saia; o policial abaixou a mão e abriu o coldre da arma. Toda a atenção de Horace se voltou para o policial, que sacava e engatilhava o revólver.

— Vou perguntar só mais uma vez — ameaçou o policial. — O que você fez?

A boca de Horace abriu e fechou, inutilmente.

O cano do revólver virou o centro do mundo inteiro.

Então, a cena pareceu se comprimir, pois um cabo invisível se enganchou nas costas do policial, erguendo-o no ar e atirando-o no meio das árvores do outro lado da rua. Horace escorregou para o chão. Ainda não conseguia respirar e se perguntou, conforme uma escuridão mais densa que a noite se apossava de sua visão, se tinha sido baleado e se aquela era a sensação de tomar um tiro.

A mão quente de alguém apertou o centro do peito dele, e seus pulmões relaxaram. Horace se ergueu no mesmo instante, inspirando o ar em um arquejo sofrido. Ao lado dele havia outro homem branco, um jovem de terno que falou:

— Calma. Pode ficar calmo agora... Desculpe fazer você passar por tudo isso, mas eu precisava trazer ele para um lugar aberto. — Levando a mão um pouco para o lado, o homem deu duas batidinhas no maço de cigarro no bolso de Horace. — Guarde eles para mim.

Levantou-se, deixando Horace aos pés da árvore, ainda sorvendo o ar fresco, e voltou-se para o boneco do diabo, que avançara e estava a poucos passos de distância. Os braços do curandeiro estavam estendidos, e ele sacudia o cajado de forma ameaçadora, mas o homem branco parecia achar graça em vez de medo. Ele se abaixou, pegou o boneco pelas tranças e o ergueu, se debatendo.

— Fascinante — disse Caleb Braithwhite, e então segurou o boneco com as duas mãos e arrancou a cabeça dele.

Mais uma vez, Horace se via forçado a ficar parado enquanto um homem branco massageava seu couro cabeludo. Pelo menos dessa vez ele estava em um ambiente mais agradável: em casa, na cozinha, com o pai sentado à mesa a seu lado e a mãe encostada na pia, de braços cruzados.

Caleb Braithwhite terminou de examiná-lo e se afastou.

— É, de fato, uma marca. Feita com uma habilidade surpreendente, inclusive.

A mãe de Horace não estava dando a mínima para a habilidade.

— Alguém pôs uma marca na cabeça do nosso filho?

Braithwhite confirmou.

— Um dos ramos da arte consiste em trazer objetos inanimados à vida: bonecos, estátuas, às vezes cadáveres. Não é uma das minhas especialidades, mas sei que Hiram Winthrop foi um estudioso desse ramo. Parece que Lancaster também. Eu não esperava tanto dele.

— Não estou entendendo — disse o pai de Horace. — O que isso tudo tem a ver com uma marca?

— A marca é um catalisador — explicou Braithwhite. — Considere-a uma espécie de maldição oportunista. Usa os sentidos e as emoções do próprio alvo para encontrar um objeto para trazer à vida. De preferência, algo de que o alvo tenha medo.

— E as coisas que ela traz à vida tentam matar você? — perguntou Horace.

— Essa é a ideia. Você deu sorte de Lancaster ter feito a marca com saliva — comentou Braithwhite. — Marcas feitas com sangue são muito mais potentes e quase impossíveis de remover.

Ele enfiou a mão na bolsa que trouxera e pegou um frasco prateado. Tirou a tampa, embebeu um lenço com seu conteúdo e um pungente cheiro avinagrado invadiu a cozinha.

— Vai arder um pouco.

Braithwhite se inclinou para a frente e esfregou o couro cabeludo de Horace com o lenço.

Ardeu *mesmo*, mas também fez o garoto se sentir melhor. Há dias ele não respirava tão bem.

— Mas por que isso tudo? — exigiu George. — Por que Lancaster foi atrás

de Horace?

— Foi a forma que ele encontrou de me mandar um recado. Lancaster acha que eu planejo traí-lo, e está certo. Mas por acaso o incidente que tirou ele do sério não tem nada a ver comigo. — Braithwhite olhou para a mãe de Horace. — Na noite do solstício de inverno, sua esposa invadiu uma propriedade administrada pela confraria da Aurora Ancestral em Wisconsin. Lancaster parece acreditar que ela estava a meu serviço.

George voltou-se para a esposa.

— Hippolyta, do que ele está falando? O que você fez?

— Não olhe *para mim* desse jeito, George Berry — respondeu Hippolyta. — Há quanto tempo você conhece esse sr. Braithwhite e não me contou nada?

George abriu a boca e logo a fechou.

— Depois a gente conversa sobre isso — disse ele por fim.

— Pode ter certeza de que sim — respondeu Hippolyta.

— A questão é que Lancaster pensou que eu estava por trás disso — interrompeu Braithwhite. — Quando não conseguiu convencer seu filho a espionar para ele, decidiu matá-lo. Em parte para punir sua esposa por conspirar comigo, porém mais como uma forma de me avisar que está de olho em mim. O que é uma boa notícia.

— Como assim? — perguntou George.

— Se Lancaster estivesse mesmo preocupado, teria tentado matar a mim, não seu filho. Ele continua fazendo seu joguinho, o que significa que ainda acha que consegue me dominar. — Braithwhite sorriu. — Ele está cometendo o mesmo erro de Hiram Winthrop em relação ao meu pai. Está me subestimando.

— Mas e agora? Você vai matar Lancaster?

— Eu, não — respondeu Braithwhite. — Nós.

A MARCA DE CAIM



De agora em diante, serás maldito e expulso da terra, que abriu sua boca para beber de tua mão o sangue do teu irmão. Quando a cultivares, ela te negará os seus frutos. E tu serás peregrino e errante sobre a terra.

— *Gênesis 4:11,12*

Eles se reuniram no templo maçônico no fim da noite, sob a cobertura de uma neve fraca, porém persistente. George, Hippolyta e Horace foram os primeiros a chegar. Seus pais estavam solenes, mas Horace mal podia conter a animação por entrar na sala de reuniões secretas. Ele admirou, maravilhado, as duas colunas salomônicas, o altar com exemplares da Bíblia Sagrada e do Alcorão dispostos lado a lado e, acumulando poeira e meio esquecido em um canto, o modelo em escala da tumba do rei Tut.

— Aquilo é um jogo? — perguntou Horace, olhando para a maquete.

O pai, no entanto, não respondeu, e a mãe disse apenas:

— Lembre-se do que eu falei para você.

Joe Pirata e Abdullah chegaram logo depois, seguidos por Mortimer Dupree. Atticus, Letitia e Montrose apareceram juntos após alguns minutos. O último a chegar à loja foi Quincy Brown, o guardião da porta, que assumiu seu posto do lado de fora da sala, munido de uma espada. A arma era cerimonial, mas Quincy, que fora capitão da equipe de sabre na Universidade Estadual de Wayne, sabia se virar muito bem com ela — e, só para garantir, essa noite ele também carregava uma pistola no bolso.

Os demais se sentaram de frente uns para os outros sob as colunas salomônicas, como magos embarcando em um ritual com resultado incerto.

Montrose foi o primeiro a falar. Contou a história de como fora abordado por Caleb Braithwhite em junho do ano anterior, como ele havia mordido a isca e sido atraído para Ardham, onde terminara acorrentado em um porão. Então Atticus assumiu a narrativa e descreveu sua própria jornada para Ardham com George e Letitia, e também o que acontecera quando chegaram lá.

Depois que Samuel Braithwhite e os Filhos de Adão foram reduzidos

novamente a uma pilha de cinzas, chegou a vez de Letitia explicar, sem nenhuma falsa modéstia, como ela se transformara na proprietária de um casarão assombrado. O ânimo dela piorou um pouco quando Atticus acrescentou um epílogo a respeito de quem era o verdadeiro proprietário da Casa Winthrop; a própria Letitia descobrira a verdade fazia menos de vinte e quatro horas, e ainda estava irritada com Atticus por não ter lhe contado antes.

Ela não foi a única que ficou brava por ter recebido algumas informações importantes. Hippolyta soltou fogo pelas ventas quando George resumiu a excursão dos maçons ao museu para resgatar *O Livro dos Nomes*. Ela, contudo, vingou-se alguns instantes depois, quando narrou a própria aventura, que todos, com exceção do marido, desconheciam. Enquanto ela fazia seu relato, George teve o juízo de permanecer quieto, deixando para Montrose a pergunta “Mas você foi lá sozinha, no meio da noite?”, enquanto Horace dizia, estupefato: “Outro planeta? É sério?”

Por mais que ainda relutasse em trair o voto de silêncio que fizera a Ida, Hippolyta contou tudo a eles, pois era justamente esse o propósito daquele encontro: compartilhar tudo, uma vez que até o menor detalhe poderia ser relevante. No fim, a questão que suscitou preocupação mais imediata entre os ouvintes não foi a velha senhora ilhada lá nos confins do universo, e sim a morte dos cinco homens brancos.

— Jesus Cristo! — exclamou Mortimer Dupree.

— É — disse George, quebrando o silêncio —, dá para entender por que Lancaster ficaria paranoico, achando que era Braithwhite quem estava por trás disso.

— Mas não é só paranoia — argumentou Montrose. — Braithwhite está mesmo fazendo jogo duplo...

Em seguida contou a história sobre a visita à casa Narrow. Hippolyta ficou mal ao saber do destino de Pearl e Henry Junior.

— Ah, pobre criança — disse ela. — Pobre Ida.

Então chegou a vez de Horace. Enquanto descrevia como fora amaldiçoado, perseguido e quase assassinado, a animação tomou conta do menino, de modo que ele soou mais empolgado do que apavorado pela experiência. Os adultos, por sua vez, tinham expressões muito sérias no rosto.

George amarrou a história relatando como Braithwhite removera a marca que Lancaster pusera em Horace, e o que dissera depois.

— Então é neste pé que estamos — concluiu ele. — Braithwhite vai à guerra e gostaria da nossa ajuda.

— Ele não *gostaria* da nossa ajuda. — Montrose corrigiu o irmão. — Ele já está *contando* com a nossa ajuda. Braithwhite acha que é nosso dono.

— É verdade — disse Atticus —, e mesmo que ele consiga derrotar Lancaster, duvido que a coisa pare por aí. Ele *diz* que vai nos deixar em paz, mas...

— Ele já contou qual é o seu plano? — perguntou Abdullah.

— Ainda não. Mas vai mandar alguém para nos passar as ordens. — George consultou o relógio. — Deve chegar a qualquer momento.

De fato, alguém bateu à porta pouco tempo depois. George foi atender, e Quincy enfiou a cabeça para dentro da sala e sussurrou algo que fez com que George exclamasse:

— *Quem?*

Então, George deu uns passos para trás, abrindo a porta e dando passagem ao portador da mensagem de Braithwhite.

— Ruby? — disse Letitia.

* * *

Assim, eles ouviram mais uma história. Ruby descreveu como perdera o emprego e como, na noite do ano-novo, conhecera Caleb Braithwhite, aparentemente por acaso.

— E aí você saiu com ele para uma boate? — indagou Letitia. — Foi por isso que não apareceu na minha festa?

Ruby lançou um olhar impaciente para a irmã e zombou:

— Como era mesmo aquela história, Letitia, de que *Deus* queria que você ficasse com a Casa Winthrop?

O relato de Ruby sobre o resto da noite de ano-novo foi uma versão muito resumida e editada. Havia dança e um pouco de álcool, mas nada de beijos, e, embora a noite tivesse mesmo culminado em uma oferta de trabalho, não havia poção mágica.

— Ele disse que trabalhava para o governo e que estava em Chicago em uma missão especial. Falou que precisava de uma governanta para a casa que

tinha montado como esconderijo... Alguém que fosse discreta e não falasse dele para ninguém. — Ruby deu de ombros. — Trabalho é trabalho, e pagava bem.

Ela descreveu o emprego em si da maneira mais fiel possível sem mencionar Hillary. Até contou de algumas das tarefas que ele pedira que ela fizesse, mas nessa versão da história eram “missões patrióticas”, com implicações que Ruby desconhecia.

— Os homens que ele me pedia para espionar pareciam gângsteres, então supus que ele fosse do FBI.

No entanto, contou Ruby, ela começara a estranhar quando ele passara a fazer perguntas a respeito de Letitia. E então, uns dias atrás, quando Braithwhite não estava em casa, ela encontrara a porta do porão destrancada...

Ela descreveu a oficina de Braithwhite sem mencionar o caixão de vidro, focando, em vez disso, em uma variedade de objetos estranhos que pareciam mais apropriados a um culto demoníaco do que ao funcionalismo público.

— Também havia arquivos. Tinha uma pasta com o nome de Atticus e outra sobre a Casa Winthrop. Eu mal tinha começado a olhar quando Braithwhite voltou e me pegou no flagra. Quase me matou de susto, mas não ficou irritado. Disse que precisaria ainda mais da minha ajuda em breve e que seria mais fácil se eu soubesse a verdade... Então ele sentou comigo e me contou a história dele... A história *verdadeira*. Parecia loucura, algo saído das revistas em quadrinhos de Horace, mas eu acreditei. — Ela percorreu o círculo ao seu redor com os olhos. — E parece que vocês também acreditam.

— Então você sabe o que ele está armando? — perguntou George. — O que ele quer de nós?

Ruby assentiu.

— A essa hora, ele deve estar no telefone com o capitão Lancaster, combinando um encontro para resolver as diferenças entre eles. Existe um clube de campo em Forest Glen que pertence à seita de Lancaster, e Braithwhite vai sugerir que eles se encontrem lá amanhã à noite. Ele quer levar Atticus junto.

— Por quê? — perguntou Atticus.

— Essa é mole — falou Montrose. — Você é a oferta de paz.

Ruby assentiu outra vez.

— Algo assim. — Ela se virou para Atticus. — Mas ele não vai entregá-lo

de verdade. É tudo parte do plano, um truque para que Lancaster baixe um pouco a guarda... e é então que entram vocês todos.

Ela abiu a bolsa, apontou para o altar e disse:

— Posso?

George e Abdullah tiraram os livros sagrados dali. Ruby desenrolou um mapa que mostrava a planta do clube de Lancaster e do terreno que o cercava. Ela passou os dez minutos seguintes explicando o plano de Braithwhite.

— Tem variáveis demais — queixou-se Joe Pirata, assim que ela terminou.

— É, e, se uma coisinha der errado, estamos fritos — concordou Mortimer.

— Estamos fritos de qualquer jeito — observou Abdullah. — Mesmo que o plano funcione, tudo o que teremos feito será limpar o campo de batalha na frente de Braithwhite.

— Acho que vai funcionar — disse Ruby. — Não conheço o sr. Braithwhite há tanto tempo quanto alguns de vocês, mas já vi o suficiente para saber que ele é muito eficiente em conseguir o que quer. Mas também já vi o suficiente para saber que o que ele quer nunca é coisa boa. Ele até que é agradável, para um homem branco. Mas é...

— Diabólico — completou Montrose.

— Isso aí — concordou Ruby, e então apontou para o mapa. — Você tem razão, isso não é o suficiente. Temos que nos livrar dele também.

— Acho que estaríamos todos de acordo — falou George —, isto é, se soubéssemos como fazer isso. O problema é a maldita imunidade dele. Se conseguíssemos passar por cima dela...

— Eu não sei como fazer isso — respondeu Ruby —, mas sei de onde vem a proteção.

Então, contou a eles sobre a marca de Braithwhite.

Letitia estreitou os olhos e falou:

— Uma tatuagem no peito? Como você descobriu *isso*?

— Eu sou a empregada, não a proprietária de um grandioso imóvel — respondeu Ruby, sarcástica. — Acha que ele ia se dar o trabalho de pôr uma camisa só porque entrei no recinto? Vi a tatuagem uma vez, quando ele estava fazendo a barba, e foi isso o que ele me contou: que era a marca de Caim dele e que o protegia. Achei que ele estava brincando, mas quando descobri que ele era um feiticeiro...

— Essa tatuagem — disse Atticus. — Ela é vermelha? Cor de sangue?

— É.

Atticus se dirigiu a George:

— O que foi que Braithwhite disse a você? Marcas feitas com sangue são mais potentes...

— ... e quase impossíveis de remover.

— *Quase* impossíveis — observou Hippolyta. — O que significa que é possível.

— Tudo bem, pode ser — admitiu George. — Mas ainda não sabemos como.

— Não, não sabemos — concordou Montrose, que ficara pensativo de repente. — Mas acho que sei a quem podemos perguntar.

* * *

A neve continuava a cair. A rua da Casa Winthrop estava em silêncio quando Atticus, Letitia e Montrose chegaram de carro.

Lá dentro era outra história. O sr. Fox estava ao telefone, no átrio, gritando para se fazer ouvir devido à má qualidade da ligação e ao barulho da filha pulando corda a poucos metros dali. Na sala de jantar, Charlie Boyd e um grupo de amigos estavam absortos em um jogo de cartas bastante escandaloso. Enquanto isso, a sra. Wilkins, que havia acordado não por causa do barulho, mas por causa das lembranças de seu finado marido, caminhava pelo mezanino, perplexa, tentando lembrar onde estava.

— Sra. Wilkins — chamou Letitia. — A senhora está bem?

— Jeffrey? — perguntou a sra. Wilkins, seus olhos aquosos focando-se não em Letitia, mas em Montrose. — Jeffrey, você já chegou *em casa*?

— Este é o sr. Turner, sra. Wilkins — disse Letitia.

Virou-se para Montrose e Atticus e pediu:

— Esperem aqui. Ela deu para fazer isso recentemente, à noite...

Letitia se encaminhou para a escada.

Atticus voltou-se para o pai.

— Então, Pop, onde quer fazer esse negócio? No porão?

— A escolha não é minha — respondeu Montrose, olhando para Hécate.

Ele ergueu a bolsa que trouxera, como se a oferecesse para a estátua.

— Sr. Winthrop? Tenho algo que pertence ao senhor.

Ele manipulou o fecho e abriu a bolsa, mandando uma nuvem de cinzas pelo ar.

— Também tenho más notícias sobre seu filho...

Tirou os cadernos da bolsa, espalhando mais cinzas.

O movimento do pó acinzentado atraiu o olhar de Atticus, e ele observou, fascinado, as partículas girando cada vez mais devagar contra a luz, até pararem por completo, congeladas em pleno ar. Voltando o olhar para além das cinzas, Atticus viu que a menina, Celia, também estava paralisada: seus dois pés estavam fora do chão e, sob eles, a corda era uma risca borrada. Logo atrás, o pai da menina estava estático, segurando o telefone em uma das orelhas e tampando a outra com o dedo. Na sala de jantar, Charlie Boyd estava com a boca aberta, no meio de uma gargalhada emudecida, as mãos inertes prestes a bater com um par de ases na mesa. O pé de Letitia pairava acima do último degrau no topo da escada, enquanto a sra. Wilkins estava imobilizada no mezanino, com uma expressão confusa.

— Pop? — chamou Atticus, sobressaltando-se com o som da própria voz em meio ao silêncio abrupto. — Você está...?

— Estou, estou aqui ainda — disse Montrose, olhando a cena congelada à sua volta. — Parece que não teremos que nos preocupar com ninguém bisbilhotando enquanto negociamos.

Ouviram o elevador subindo, vindo do porão até o primeiro andar. Parou ali e a grade se abriu com estrépito. Atticus contornou a fonte e se aproximou da cabine vazia. O interior era iluminado por uma lâmpada no teto cuja fiação ele mesmo trocara, mas, ao se aproximar, notou que havia outra luz ali, de matiz avermelhada e bruxuleando como o fogo do inferno. Seu brilho vinha do poço, visível pelo vão entre a cabine e o chão do andar, e não correspondia a nenhum aparato que o próprio Atticus tivesse instalado.

— Uh, Pop...

— Está tudo bem — falou Montrose, passando por ele e entrando no elevador. — Já conheço o esquema. É só não comer nem beber nada e tudo ficará bem.

* * *

A noite seguinte estava fria, mas com o céu limpo. Braithwhite buscou Atticus na Casa Winthrop no horário combinado, e eles seguiram para a região de Northwest Side. Falaram pouco durante o caminho. Braithwhite não tirava os olhos da estrada e, satisfeito consigo mesmo, sorria como se sua vitória sobre Lancaster fosse certa. Atticus, mais sério, olhava o tempo todo para o banco de trás do Daimler, como se estivesse conferindo se havia alguém no encalço deles.

A lua acabara de se pôr quando eles pararam no portão principal do Clube de Campo de Glastonbury, bem em frente à placa chamativa que dizia APENAS SÓCIOS. O único sinal de que o vigia dentro da guarita de pedra tinha reparado na presença deles foi o ato de pegar o telefone, e um bom tempo se passou sem que mais nada acontecesse. Braithwhite encarou a demora com bom humor, e seu único sinal de impaciência foi um leve tamborilar de dedos no volante. Atticus olhou para o banco de trás outra vez.

Por fim, o vigia saiu e abriu o portão para eles. Braithwhite seguiu em frente com o carro, mas quase imediatamente teve seu caminho bloqueado de novo, dessa vez pelos detetives Burke e Noble. Com uma expressão travessa no rosto, Braithwhite pisou fundo no acelerador, forçando os detetives a desviarem enquanto o carro avançava na direção deles. Noble conseguiu dar um passo gracioso para o lado, mas Burke escorregou em um trecho de gelo no chão e quase caiu.

Atticus, sabendo muito bem que o desprazer dos detetives ia acabar sendo descontado nele, lançou um olhar para Braithwhite como quem dizia “Qual é a necessidade disso?”, mas então a ficha caiu.

— Eles não têm imunidade.

— As confrarias que conhecem o segredo da imunidade tendem a reservá-la apenas aos membros mais seniores. Ajuda a disciplinar os neófitos. — E acrescentou: — Não se esqueça de que você também não tem.

— Não sou eu que estou causando confusão — observou Atticus.

A essa altura, Noble havia chegado à porta do motorista e bateu no vidro, impaciente. Braithwhite abriu a janela, cumprimentando-o:

— Boa noite, senhor policial. Como posso ajudá-lo?

— Sai do carro — ordenou Noble. E, abaixando-se para olhar Atticus, completou: — Você também.

Eles saíram. Burke estava esperando ao lado da porta do carona para imprensar Atticus contra o carro e revistá-lo com agressividade. Noble fez

cara de quem queria dispensar o mesmo tratamento a Braithwhite, mas, como este tinha imunidade, não podia.

— Se me der licença... — pediu ele.

Braithwhite ergueu os braços, concordando em ser revistado.

Burke empurrou Atticus para o lado e voltou o feixe de uma lanterna para o banco de trás do Daimler. O detetive Noble abriu o porta-malas.

— O que é isso? — perguntou Noble, segurando um objeto do tamanho de um dicionário embrulhado para presente.

— Uma oferta de paz — falou Braithwhite. — Eu disse a Lancaster que lhe traria os cadernos perdidos de Hiram Winthrop.

Noble rasgou o papel.

— Oferta de paz, sei.

— O que é? — perguntou Burke.

Noble mostrou o objeto ao colega, e Burke soltou uma gargalhada, perguntando a Braithwhite:

— Quer morrer, desgraçado?

— Mesmo que eu quisesse — retrucou Caleb Braithwhite —, não caberia a você se encarregar disso.

— De fato. Lancaster iria querer fazer as honras pessoalmente. — Noble, então, deu de ombros. — Você está cavando a própria cova... Deixe as chaves no carro, vou levar vocês lá para dentro.

— Cuidado para não arranhar — recomendou Braithwhite a Burke.

— Quer morrer, mesmo — respondeu Burke.

Ele bateu a mala com força e voltou ao lado do passageiro, pretendendo dar mais um empurrão em Atticus. Mas Atticus, que não queria arriscar cair na tentação de bater em Burke, uma vez que sabia que o detetive não tinha imunidade, já havia começado a caminhar na direção da sede do clube.

Noble, Braithwhite e Atticus entraram, mas Burke continuou de pé ao lado do Daimler, coçando o queixo, pensativo.

— Senhor — chamou o vigia. — Está tudo bem?

— Não, acho que não. — O detetive Burke indicou o Daimler com um gesto de cabeça. — Arrume um lugar para estacionar esse carro, depois ligue para a sede e mande mais homens aqui para fora. Para o portão de trás também... Vou dar uma volta para patrulhar o terreno. Aquele filho da mãe está tramando alguma coisa.

Hippolyta surgiu do meio das árvores enquanto a lua sumia no horizonte. Passara os vinte minutos anteriores atravessando o bosque que margeava o campo de golfe do clube. Tropeçara mais de uma vez no escuro, mas seu senso de direção a ajudara, e ela já conseguia ver a sede do clube — mais ao sul, para além de um gramado coberto de neve — e, bem mais pertinho, o pequeno prédio anexo que era, afinal, o seu destino.

Ouviu passos atrás dela, e logo a mulher branca que a acompanhava também surgiu da sombra das árvores. O nome dela era Hillary, e trabalhava para Braithwhite. Hippolyta preferiria mil vezes a companhia de Letitia ou Ruby, mas Letitia recebera outra tarefa e Ruby estava em algum canto da cidade, fazendo alguma coisa que se recusara a explicar, mas que, segundo ela, era absolutamente essencial para que Braithwhite não suspeitasse de nada.

Hippolyta tateou o bolso do casaco para verificar que a pistola estava ali e começou a cruzar o gramado do campo de golfe com Hillary ao seu lado. Logo estavam tão perto que já conseguiam ler a placa do lado de fora do anexo: ENERGIA, GÁS E ÁGUA — ENTRADA PROIBIDA.

De acordo com Braithwhite, haveria pelo menos dois homens a postos em uma sala de controle no segundo andar. Eles teriam um telefone para se comunicar com a sede, e talvez também um rádio. O grande perigo era que, caso houvesse um tumulto, eles tivessem tempo de dar o alarme. Daí a presença da moça branca.

— Ok — disse Hippolyta, enquanto elas buscavam abrigo na lateral norte do prédio, fora do campo de visão das janelas do segundo andar. — Já sabe como vai fazer para que eles abram a porta para você?

— Eu *poderia* apenas bater e pedir para entrar — respondeu Hillary. — Mas se eles forem cautelosos, podem acabar me pedindo para esperar do lado de fora enquanto ligam para a sede. Precisamos dar um jeito de eles nem pararem para pensar. Então...

Ela tirou o casaco, revelando um vestido preto tomara que caia, mais apropriado a uma festa de gala do que a uma caminhada no bosque. Ela se agachou, tirou as botas e colocou na neve os pés cobertos apenas pela meia-calça. Em seguida, segurou o vestido com as duas mãos e o rasgou.

— É — admitiu Hippolyta, entendendo qual era a estratégia. — Vai dar certo.

* * *

O vigia do portão puxou o freio de mão do Daimler e saiu do carro. Dez segundos depois de a porta bater, ouviu-se o clique suave de um trinco se abrindo, e o encosto do banco de trás foi empurrado para a frente, expondo o estreito compartimento entre o assento e o porta-malas onde Letitia estava escondida.

Ela saiu, agachou-se ao lado do carro e desamarrou os cordões de uma bolsa de veludo. Dentro dela havia uma varinha de ébano com cerca de trinta centímetros de comprimento, entalhada com letras do idioma de Adão. Havia uma pequena libélula de prata engastada na ponta mais estreita, e Letitia tomou cuidado redobrado para não encostar nela.

Ainda agachada, ela foi atrás do vigia, que já estava chegando à guarita. Ela deixou que ele entrasse, então deu uma corridinha e bateu à porta. Quando ele colocou a cabeça para fora da porta, dizendo “Sr. Burke?”, ela encostou na bochecha dele com a libélula. Foi uma carícia muito suave, mas o guarda revirou os olhos no mesmo instante e tombou no chão, inconsciente.

— Interessante — comentou Letitia.

* * *

O detetive Noble levou Braithwhite e Atticus para uma grande sala de visita no canto oeste da sede do clube. Ali, mais uma vez, eles tiveram que esperar. Braithwhite tomou a liberdade de ir até o bar, serviu-se de uma dose de uísque escocês e foi se sentar em uma das duas cadeiras arranjadas na frente da lareira. Atticus não precisava que ninguém lhe avisasse que as cortesias não se estendiam a ele e continuou de pé, observando os livros nas estantes que iam até o teto. Infelizmente, era uma daquelas pseudo bibliotecas, cujo conteúdo parecia ter sido escolhido apenas com base na aparência das lombadas.

A porta do corredor se abriu, e Lancaster entrou, envolto em um redemoinho de fumaça de charuto.

— Olha só quem resolveu aparecer — comentou Caleb Braithwhite.

— É sério isso? É com essa atitude que você quer começar os trabalhos?

Lancaster esperou até que Noble lhe entregasse um copo de uísque, depois ocupou a outra cadeira à frente da lareira.

— Então — continuou ele. — Você trouxe o que me prometeu?

O detetive Noble pigarreou. Pegou o presente de Braithwhite, que estava apoiado no bar, e trouxe-o para Lancaster. O capitão deixou o copo de lado, levou o charuto à boca e pegou com ambas as mãos o livro — um volume único com encadernação de couro. Enquanto lia o título em dourado — ENCICLOPÉDIA COMPLETA DA CABALA HEBRAICA, de Mordecai Kirschbaum —, sua expressão ficou azeda. Devolveu o livro para Noble, tirou o charuto da boca e se pôs a observar o fogo, rangendo os dentes de um lado para outro como se estivesse tentando encontrar uma posição confortável para a mandíbula.

— Nossa — falou, por fim. — Você está querendo mesmo me tirar do sério, hein?

— Não pude trazer os cadernos de Winthrop — disse Braithwhite. — Não estou com eles.

— Porra nenhuma. Não acredito em você. E, mesmo se acreditasse, eu jamais toleraria uma palhaçada como essa. Ou *esta* — acrescentou Lancaster, enfiando a mão no bolso interno do paletó e tirando um disco de osso polido do tamanho de uma moeda, entalhado com a imagem de uma coruja, que foi prontamente atirado no fogo.

— Tudo o que vai volta. Você também estava me espionando.

— Eu estava te vigiando, seu desgraçado, porque sei que não posso confiar em você.

— E está insinuando que eu posso confiar em você?

Lancaster inclinou a cabeça para trás.

— Inacreditável — exclamou ele. — Você tenta foder comigo, e a culpa é *minha*? Fui honesto com você, seu babaca. Acolhi você na minha cidade. Estava disposto a cooperar.

— Claro que estava. Desde que eu soubesse o meu lugar.

— O que você esperava? Pelo amor de Deus, você é uma *criança*, não tem nem metade da minha idade... Achou que eu ia me ajoelhar aos seus pés só

porque você tem um pouquinho de talento? Porra, quem você acha que é?

— Um filósofo natural melhor do que você jamais será — retrucou Caleb Braithwhite.

Lancaster deu uma gargalhada.

— Você falava essas merdas para o seu velho? É um milagre ele não ter matado você primeiro. E vou dizer outra coisa: não conheci o seu pai, mas conheci Bill Warwick, um dos aprendizes de Winthrop das antigas, e ele estava presente quando Winthrop e seu pai tiveram aquele desentendimento. Pelas histórias dele, Sam Braithwhite era um tremendo de um esnobe, então parabéns: por mais que odiasse seu pai, parece que você é igualzinho a ele.

Atticus estava tentando ao máximo se fazer de invisível, mas ao ver a reação de Braithwhite ao comentário de Lancaster, ele se permitiu sorrir. O capitão se retesou e olhou feio para Atticus como se ele tivesse dado uma gargalhada alta.

— Perdão — disse Atticus. — Talvez seja melhor eu esperar lá fora enquanto os cavalheiros...

— Nem fodendo, pode ficar aí onde está — mandou Lancaster, e então, voltando-se para Braithwhite: — E você também.

* * *

O vigia do portão de trás tinha deixado seu posto para urinar nos arbustos ao lado da guarita. Estava fechando a braguilha quando uma libélula de prata pousou em sua nuca, e ele desabou no chão. Letitia, de pé ao seu lado, ergueu os braços como uma boxeadora. Então foi abrir o portão.

Um furgão com os dizeres PADARIA SHADOWBROOK, que estivera aguardando mais para baixo na rua, entrou e parou dentro da propriedade. Montrose e George saltaram do carro e carregaram o vigia inconsciente para dentro da guarita.

— Quanto tempo esse camarada deve ficar apagado? — perguntou George.

— O sr. Braithwhite disse que ele deve continuar desmaiado durante três, quatro horas no mínimo — informou Letitia. — E, quando acordar, não vai se lembrar de nada do que viu ou fez essa noite.

Abdullah já tinha manobrado o furgão e estava dando ré na direção da

plataforma de carga e descarga atrás da cozinha do clube. No instante em que desligou o motor, uma porta ao lado da plataforma se abriu e um homem de terno escuro saiu.

— Merda! — disse Montrose.

Mas o homem branco não saía por causa do furgão da padaria, e sim por causa do cigarro que trazia entre os lábios, e sua atenção estava concentrada no isqueiro protegido pela mão.

— Não se preocupe — sussurrou Letitia, brandindo a varinha. — Deixa comigo.

* * *

— Pelo amor de Deus, moço, me ajuda! — exclamou Hillary.

No instante em que o vigia escancarou a porta, ela fingiu um desmaio e se atirou nos braços dele, que cambaleou alguns passos para trás, recobrou o equilíbrio... e congelou, sentindo o cano da arma contra seu queixo.

— Shhh, quietinho — disse Hillary, enquanto Hippolyta entrava pela porta aberta e corria para o pé da escada.

— Bobby? — chamou uma voz lá de cima. — Quem é?

Dois minutos depois, Hillary estava algemando os dois guardas a um cano na sala do gerador no térreo. Tentou fingir surpresa quando se virou e viu a arma de Hippolyta apontada em sua direção.

— Agora é a sua vez — disse Hippolyta, estendendo para ela outro par de algemas.

Sem nem esperar o comando, Hillary chutou a própria arma para um canto distante da sala. Pegou as algemas e estava se prendendo a outro cano quando um dos guardas deu um risinho sarcástico e falou:

— Bem feito, queridinha. Quem mandou confiar numa crioula?

— Cala essa boca! — disse Hippolyta, perplexa ao perceber que Hillary dissera a mesma coisa, no mesmíssimo tom de voz.

À guisa de resposta ao olhar confuso de Hippolyta, Hillary deu de ombros.

— Vá logo lá para cima e não se preocupe comigo — disse ela, fechando as algemas. — George e Montrose vão dar o sinal a qualquer momento.

* * *

Joe Pirata, Abdullah e Mortimer atravessaram a cozinha do clube, passando por cima dos corpos inconscientes dos seguranças. Pararam para equilibrar o fardo que carregavam — um objeto grande e achatado, enrolado em panos acolchoados — e depois seguiram para o salão de baile. Toparam com um guarda saindo de um corredor lateral, mas Letitia estava logo atrás dele e o apagou antes que pudesse fazer qualquer coisa.

O salão estava vazio. Passaram pelas mesas, manobrando o objeto, até chegar ao espaço aberto logo abaixo do lustre. Enquanto Joe Pirata e Abdullah tiravam os panos que o envolviam, e Mortimer analisava um diagrama em uma folha de papel milimetrado, Letitia prosseguiu até o outro lado do salão. O expositor não estava mais ali, mas a pintura, sim; quando Letitia acionou a trava secreta na parte inferior da moldura, o quadro se afastou da parede, revelando um grande cofre embutido. Ela analisou o disco numerado e esfregou as mãos, como se estivesse se preparando para arrombá-lo.

Em vez disso, ela se voltou para os maçons:

— Certo, vou dar mais uma volta para ter certeza de que eu não deixei ninguém passar. Garotos, vocês conseguem se virar sem mim por uns minutinhos?

— Claro — disse Joe Pirata, sorrindo. — Está tranquilo, pelo menos até a gritaria começar. Tome cuidado.

* * *

Lancaster tomou um gole do uísque, pensativo.

— Então, o que fazer agora, hein? Talvez eu devesse botar você para correr e ficar com *ele*. — Lancaster gesticulou para Atticus com a mão do charuto.

— Você até pode tentar — retrucou Braithwhite.

Lancaster sorriu.

— Acha que eu não seria capaz de obrigar você a fugir se eu quisesse? Mas seria uma pena perder você a essa altura do campeonato. Tenho que

admitir que você tem talento. E sabe falar bem em público. Poderia me ser muito útil no dia do solstício de verão. É uma pena que eu não possa dar as costas para você sem correr o risco de levar uma facada.

— Isso é mesmo um problema.

— É, mas talvez eu tenha uma solução. Lembra da marca que eu coloquei no garoto? Diz aí, o que achou dela?

— Fiquei bastante impressionado com a técnica — reconheceu Braithwhite. — Era mesmo trabalho seu?

— Aprendi os princípios básicos com Bill Warwick. Mas a execução foi toda minha.

— Então esse é o seu plano agora? Vai mandar um bonequinho me atormentar?

— Não, estou pensando em outra marca para você. Algo em que Bill estava trabalhando. Depois que ele desapareceu, encontrei o encantamento em seus arquivos. Bill a chamava de “a marca da besta”.

— Como no livro do Apocalipse? — perguntou Braithwhite. — Ou aquilo que se faz com o gado?

— Bem, no fim das contas, são quase a mesma coisa, não? — falou Lancaster. — Bill vivia preocupado, sem saber em quem podia confiar. Acho que foi por isso que ele entrou sozinho na câmara do tesouro de Winthrop e acabou se dando mal... Enfim, essa marca, a ideia é colocá-la em quem você deseja assegurar lealdade. Basta pensar nas pessoas com a marca para saber exatamente onde estão e o que estão fazendo. E, se elas estiverem aprontando, é só se concentrar mais um pouquinho e a pessoa morre. E sabe qual é a melhor parte? A marca funciona em quem tem imunidade.

— Então ninguém além de você tem o poder de matar os seus servos — falou Braithwhite, dando uma olhadela na direção de Noble. — E você sabe fazer a marca?

— Bill ainda estava trabalhando nela quando desapareceu — explicou Lancaster. — *Acho* que consegui acertar os últimos detalhes. Eu tinha a esperança de que os cadernos de Winthrop pudessem me esclarecer algumas dúvidas, mas era mais uma questão de segurança, mesmo. Estou pronto para fazer um teste com cobaias agora mesmo.

O sorriso de Braithwhite tornou-se hostil.

— E você acha que consegue me forçar a ficar quieto para isso?

— Eu, não — disse Lancaster. — Nós.

Nesse instante, Noble abriu a porta do corredor para uma procissão de homens brancos com anéis de sinete de prata. Entre eles, Atticus reconheceu um ex-subprefeito, além de outros rostos vagamente familiares que ele já devia ter visto nos jornais.

Eram treze homens, no total, e se alinharam em duas fileiras, como um júri em número ímpar.

— Então — disse Lancaster, seu olhar alternando entre Braithwhite e Atticus. — Quem quer ir primeiro?

* * *

Montrose e George tinham chegado ao telhado por um alçapão no teto na cozinha. A chaminé que procuravam ficava na ponta oposta do prédio e, para chegar até ela, eles teriam que percorrer uma passarela de uns sessenta centímetros de largura que corria paralela ao ponto mais alto do telhado. A caminhada já teria sido emocionante no verão, mas naquela noite o piso estava escorregadio por causa da neve e do gelo.

— Igualzinho aos duendes do Papai Noel — murmurou George, nervoso.

Montrose replicou:

— Não vem dar uma de Berry para cima de mim.

Montrose tomou a dianteira, seguido por George, e em pouco tempo (graças, em boa parte, ao poder da rivalidade fraterna) eles já estavam atravessando o telhado com a agilidade de dois meninos. Em instantes, chegaram ao seu destino. Montrose amarrou uma corda à passarela, e eles desceram com cautela o plano inclinado do telhado até que estavam bem rentes à lateral da chaminé. Então George tirou uma lanterna do bolso e olhou para o anexo onde Hippolyta estava aguardando para cortar a energia. Montrose tirou uma bolsa pendurada em seu pescoço, onde havia uma garrafa de vidro com uma poção de um branco leitoso.

A poção fora preparada por Braithwhite, mas aquele recipiente específico fora ideia de Montrose.

* * *

— Ninguém se voluntaria? — perguntou Lancaster. — Que seja. Vamos começar com você, Braithwhite.

Ele deixou de lado o copo vazio e atirou a guimba do charuto na lareira. Noble pegou uma faca no bar e a entregou ao capitão, depois voltou para o seu lugar ao lado da porta. Todos os homens da loja de Chicago fitavam Braithwhite, e a atmosfera ficou carregada. Atticus estava todo retesado, pronto para a ação. Somente Caleb Braithwhite estava relaxado, ou parecia estar, até que, de repente, inclinou-se para a frente em sua poltrona, pôs dois dedos na boca e deu um assobio alto e penetrante.

Quando o assobio morreu, Lancaster ficou encarando ele com a cabeça inclinada para o lado e a lâmina a postos na palma esquerda.

— O que foi isso? — perguntou. — Está chamando o seu pônei mágico?

Uma garrafa de Coca-Cola caiu pela chaminé e se estilhaçou. O fogo se apagou imediatamente, e a lareira começou a liberar uma fumaça branca. No mesmo instante, o clube ficou sem luz elétrica.

Ao ouvir o assobio de Braithwhite, Atticus tinha se virado para a porta e memorizado tudo o que conseguia ver. Assim, embora estivesse cego por conta da fumaça e da escuridão, ele sabia a combinação exata de passos que o tiraria daquela sala.

Em seu caminho só havia um obstáculo, que não tinha imunidade.

* * *

Assim que Hippolyta saiu do anexo, foi acertada em cheio por um golpe que a deixou sem ar. Por um breve instante de confusão, ela pensou que só tinha corrido escada abaixo rápido demais, mas quando o segundo soco acertou a lateral de sua cabeça, percebeu que estava encrencada.

Caiu de lado na neve e tentou alcançar a pistola no bolso, mas o detetive Burke agarrou o pulso dela e torceu seu braço, pegando a arma primeiro. Chutou-a nas costelas, o que fez com que ela parasse deitada de costas, e ficou assistindo à mulher se contorcer e tentar recobrar o fôlego.

— Ora, ora, Orithyia Blue. O que você está fazendo aqui? — Burke chutou-a mais uma vez, com a ponta da bota. — Quem mais está com você, hein? O George está por aqui? O Horace você não trouxe, né?

Ele sorriu ao ver a reação dela ao nome do filho.

— Não? Faz sentido... Ele deve ter ficado com uma babá hoje. Mas não precisa se preocupar, pois, quando terminarmos aqui, eu vou fazer uma visita para ver como ele está.

O tempo retrocedeu para a noite do solstício de inverno, no Wisconsin, e Hippolyta ouviu outra vez aquele estalo duplo dos dois homens de sobretudo escuro colidindo. O sorriso de Burke tingiu-se de confusão, e ele se virou para a porta aberta do anexo no instante em que Hillary surgiu na soleira e atirou nele uma terceira vez, à queima-roupa. Então Burke estava no chão e Hillary de pé ao lado dele, os braços sardentos arrepiados.

— Você está bem? — perguntou ela a Hippolyta.

Hippolyta, ainda meio ofegante, encarou, muda de deslumbramento, os pulsos nus de Hillary.

— Ah, é — falou Hillary. — Trouxe uma chave extra para as algemas. Achei que eu poderia precisar.

Hippolyta se sentou, levando a mão à lateral do queixo. Naquele momento, algo em Hillary era terrivelmente familiar.

— Quem... Quem é você?

— Não precisa se preocupar com isso — respondeu Hillary. — Mas pode me fazer um favor? Quando vir o sr. Braithwhite, diga a ele que eu pedi demissão.

Então, com os pés cobertos apenas pela meia-calça, ela correu pela neve em direção ao lugar onde deixara as botas e o casaco.

* * *

Caleb Braithwhite saiu da sala de visita instantes depois de Atticus, batendo a porta, e então deu um jeito para que ela não quisesse mais se abrir. Enquanto eles corriam pelo corredor, Atticus ouvia a maçaneta chacoalhando e punhos esmurrando a madeira.

Então o barulho parou, e uma força poderosa arrebentou a porta, arrancando-a das dobradiças. Lancaster saiu, sacudindo os braços para dissipar a fumaça. Noble apareceu em seguida, com sangue escorrendo do nariz quebrado. Depois vieram os demais membros da confraria, a princípio

dispersos, mas logo se reorganizaram em um grupo unido que seguia no encalço de Lancaster.

Atravessaram o corredor com pressa, perseguindo o som de passos na escuridão. O barulho tinha acabado de morrer quando eles tropeçaram em um dos vigias inconscientes.

— Silêncio — sibilou Lancaster.

De não muito longe, veio o som de uma avalanche de panelas e pratos caindo no chão. Noble disparou na direção da cozinha, mas Lancaster disse:

— Espere.

E então se virou, foi até as portas duplas do salão de baile e as escancarou.

Na extremidade oposta do recinto, Atticus segurava um isqueiro para iluminar o cofre embutido na parede atrás da pintura, enquanto Braithwhite cuidava da combinação numérica. Ambos se viraram quando Lancaster entrou com estrépito.

— Ah, mas você não conseguiu resistir, não é mesmo? Filho da puta imbecil. — Lancaster avançou com passos firmes, desabotoando os punhos da camisa e enrolando as mangas. — Bom, agora você pode dar adeus ao livro e pode esquecer a oferta para se tornar meu pesquisadorzinho. Eu vou é acabar logo com isso, arrancando a sua cabeça fora. E depois do solstício de verão, quando eu for o chefe da porra toda, vou fazer questão de ir até Ardham e queimar aquela vilazinha de merda.

Braithwhite se virou, avançando como se pretendesse interpelar Lancaster e seu séquito no meio do salão. No entanto, ele caminhava mais devagar do que o grupo. Seus braços estavam relaxados ao lado do corpo, e ele sacodia os dedos. Poderia estar apenas descontraindo-os, apenas se aquecendo, mas sob uma perspectiva diferente, os gestos pareciam os de um titereiro.

Assim que Lancaster passou embaixo do lustre, a toalha de uma das mesas atrás dele se levantou e Mortimer Dupree rolou de baixo dela. Os homens da loja de Chicago estavam tão concentrados em Braithwhite que nem repararam em Mortimer, que engatinhou para a frente e usou um pedaço de giz prateado para fazer um traço curto e preciso no chão. Alterando uma letra.

Lancaster, Noble e os homens da loja estacaram no mesmo instante. Como passageiros de um trem cujos freios de emergência foram acionados, eles balançaram para a frente e para trás, lutando para não perder o equilíbrio. Ainda estavam tentando se estabilizar quando seus pés grudaram no chão.

— Braithwhite! — rugiu Lancaster. — Que merda é ess...

Mortimer fez outro traço de giz. Os lábios de Lancaster continuaram a se mexer, mas sua língua ficou paralisada.

Duas outras toalhas de mesa se levantaram. Joe Pirata e Abdullah ficaram de pé, acendendo lanternas que iluminaram o grande círculo de giz que cercava Lancaster e seus homens — assim como o desenho maior do qual o círculo fazia parte. À direita deles, linhas paralelas conectavam a circunferência maior a uma menor, que circundava a porta erguida no meio da sala, que os maçons haviam trazido no furgão e carregado para dentro do clube. À esquerda, uma única linha — reta nas pontas, mas que ziguezagueava no meio — unia o diagrama a outro círculo pequeno que, naquele momento, encontrava-se desocupado. Duas outras linhas paralelas estendiam-se à frente deles, tão próximas que quase pareciam uma só. Elas atravessavam o cômodo até a parede do cofre e terminavam logo abaixo dele.

— Eu poderia fazer um comentário sagaz e incisivo — disse Braithwhite a Lancaster —, mas sempre fui mais de fazer do que de falar.

Então, pegou um pedaço de giz e traçou um contorno na porta do cofre, conectando-a às linhas paralelas no chão, e depois caminhou até o círculo vazio, ao lado do qual Atticus o esperava com uma faca e um pergaminho enrolado. No entanto, quando fez menção de pegar os apetrechos, Atticus balançou a cabeça.

— Deixa que eu faço — disse Atticus, adentrando o círculo e olhando Lancaster com uma expressão sombria. — Devo um favor a ele, pelo que houve com o Horace.

Braithwhite hesitou, com um lampejo de suspeita no olhar, e disse:

— Este ritual oferece certo risco.

— E o resto dessa noite não ofereceu? — retrucou Atticus. — Faça-me o favor.

Ainda assim, Braithwhite hesitou. No entanto, ficara sem argumentos, e pela primeira vez (e não por acaso) sua intuição o deixou na mão.

— Está bem — disse ele. — Mas, por via das dúvidas, os demais deveriam sair daqui.

Joe Pirata, Mortimer e Abdullah foram para o corredor. Atticus cortou a palma das mãos. Braithwhite se agachou e fez dois traços com o giz, concedendo a Atticus o poder de ler e enunciar o idioma de Adão.

Dessa vez, o feitiço foi diferente. O que saiu da porta não foi luz, mas escuridão — uma sombra viva, como a criatura que assombrava o Bosque de

Sabbath Kingdom. Ela engoliu Lancaster e Noble e o restante da loja de Chicago, depois esticou um tentáculo fino de trevas até o cofre, abrindo-o. E então ela se recolheu, voltando pela porta, sem deixar sequer cinzas para trás.

— Foi quase fácil demais — comentou Braithwhite, esfregando as mãos enquanto se dirigia ao cofre para reivindicar seu prêmio. — Agora, o dia do solstício de verão, esse, sim, será o nosso grande desafio...

Atticus largou no chão o pergaminho ensanguentado. Ergueu o braço esquerdo e arregaçou a manga, revelando as letras do idioma de Adão escritas na pele. Quase não dava para ver a tinta preta que usara, mas naquele instante ele conseguia ler perfeitamente bem. Recitou o encantamento em sua mente, memorizando-o como fizera com a configuração da sala de visitas de Lancaster. Ele saiu do círculo, enquanto sua mente continuava se aferrando ao feitiço.

Braithwhite tirou *O Livro dos Nomes* do cofre, certificando-se de que ele não sofrera nenhum dano.

— Tudo certo — concluiu. — Vamos reunir logo o resto da família e...

Ao se virar, ficou surpreso ao perceber que Atticus estava bem atrás dele, mas, confiante na própria imunidade, não tentou se esquivar, nem mesmo quando Atticus estendeu a mão sangrenta em sua direção.

— O que você está fazendo?

Atticus respondeu no idioma de Adão. Ao enunciar a primeira sílaba, pôs a mão no peito de Braithwhite. Um calor abrasador queimou o tecido da camisa dele, perfurando-o. Braithwhite gritou, deixando *O Livro dos Nomes* cair, e tentou se afastar, mas os dois já estavam fundidos um ao outro, pele com pele, palma e peito, sangue e marca. Atticus continuou falando, enquanto Braithwhite gritava e se agarrava ao antebraço de Atticus.

Atticus terminou o encantamento. O calor e a dor se dissiparam. Quando Atticus afastou a mão, ainda havia uma marca no peito de Braithwhite, e ainda era uma marca de Caim — mas *diferente*, um jogo de palavras construído a partir da marca original.

Braithwhite cambaleou para trás até bater na parede, dizendo:

— O que... o que você fez?

E então suas pernas cederam e ele desabou no chão, indefeso.

As portas do salão de baile se abriram. Montrose, George e Letitia entraram, depois Hippolyta, Joe Pirata, Abdullah e Mortimer. Os recém-chegados se postaram ao lado de Atticus, olhando para o homem no chão,

enquanto Braithwhite se contorcia e tremia como se estivesse sofrendo uma convulsão.

— Vocês não podem... — Ele estava ofegante e tinha dificuldade para falar. — Vocês não podem... me matar...

— Não vamos te matar — informou-lhe Atticus. — Vamos é te expulsar.

* * *

Limparam tudo antes de sair. Mortimer passou um rodo no chão do salão de baile, enquanto Joe Pirata e Abdullah guardavam os acessórios e equipamentos. Hippolyta levou uma delegação até o anexo: Letitia atacou os dois guardas com sua varinha de sono e esquecimento, e, depois de uma breve discussão, Montrose e George enrolaram o corpo de Burke em um dos panos acolchoados e o botaram no porta-malas do Daimler. Enfiaram Braithwhite na traseira do furgão.

Pegaram a rodovia US 41 rumo ao sul. Já passava da meia-noite quando cruzaram o rio Calumet e chegaram a uma placa dupla que dizia:

VOCÊ ESTÁ SAINDO DE CHICAGO

e

BEM-VINDO A INDIANA!

Ali, viraram para a esquerda, passando a um trecho de terreno aberto entre a avenida Indianápolis e os trilhos da Ferrovia Pensilvânia. Bem no limite entre os estados, estacionaram o furgão no lado de Illinois, e Letitia estacionou o Daimler no lado de Indiana, deixando as chaves na ignição. Atticus e Montrose arrastaram Caleb Braithwhite para fora do furgão e o largaram ao lado do Daimler sem qualquer cerimônia. Assim que saiu do perímetro da cidade de Chicago, Braithwhite começou a recuperar as forças, e em questão de instantes estava de pé por conta própria.

Hippolyta tirou um guia rodoviário do porta-luvas do furgão. Entregou-o a Atticus, que, por sua vez, levou-o até Braithwhite.

— Horace não pôde vir para dar tchau — disse Atticus —, mas fez um presentinho de despedida para você.

— Daqui para a frente — explicou George —, é melhor você passar bem longe das áreas marcadas em vermelho, para o seu próprio bem.

— Nem é um transtorno tão grande assim — acrescentou Hippolyta. — Você ainda pode ir para a maior parte do país. Desde que não faça nenhum desvio por Detroit, Filadélfia ou pelo Harlem, vai chegar em casa são e salvo.

Braithwhite balançava a cabeça, incrédulo.

— Vocês não podem... Não podem fazer isso comigo.

— Não só podemos, como fizemos — afirmou Atticus. — A propósito, o sr. Winthrop mandou lembranças. Ele ficou muito agradecido ao receber seus cadernos de volta.

— Winthrop?! — exclamou Braithwhite. — *Winthrop* ensinou você a fazer isso?

— Aham — respondeu Atticus. — E você devia estar grato. Meu pai tinha planos bem diferentes para você, e eu mesmo estava começando a concordar com ele.

— Vocês vão ver o que é gratidão — ameaçou Braithwhite, voltando-se para Letitia. — Você e seus inquilinos terão que encontrar outro lugar para morar. Assim que eu encontrar um telefone público, vou chamar uma companhia de demolição e mandar pôr abaixo a Casa Winthrop.

— Ah, acho que não vai dar, sr. Braithwhite — falou Letitia. — A casa não pertence mais a você.

— É isso mesmo — concordou Atticus. — Dei uma passada no escritório do sr. Archibald hoje à tarde. Quitei o restante da dívida do contrato de Letitia, em dinheiro.

— Quitou... — Braithwhite olhou para George. — Com o dinheiro que eu dei a você?

— Com o nosso dinheiro, sr. Braithwhite — corrigiu George. — *Nosso* dinheiro.

Naquele instante, Braithwhite ficou mudo de raiva. Seu rosto assumiu um tom vermelho, e as mãos, que seguravam o guia rodoviário, começaram a tremer. No entanto, ele logo conseguiu se controlar.

— Que seja. Fiquem com a casa, fiquem com o dinheiro. Mas o livro... — Dirigiu-se a Atticus: — Só me deixe ficar com *O Livro dos Nomes*.

— Acho que não vai dar — falou Atticus. — Abdullah?

— Não — sentenciou Abdullah.

— Eu o compro de você — disse Braithwhite. — Por quanto quiser.

— Não, nem por cada centavo que você tem — replicou Abdullah. — O destino do livro são as chamas.

— Então é isso — concluiu Atticus. — Mas não fique triste, sr. Braithwhite. Na verdade, o livro não seria de nenhuma utilidade para você. Sabe a nova marca no seu peito? Ela não serve apenas para banir você de certos lugares. Você também foi expulso da confraria.

— Do que você está falando?

— Você não é mais um feiticeiro. Ainda tem imunidade, de uma forma mais limitada, mas vai ver que todos os seus outros poderes desapareceram, e, caso tente recuperá-los ou aprender novos feitiços, isso apenas o deixará muito doente. Agora você é alérgico a filosofia natural.

Braithwhite se recusou a acreditar nele, a princípio, mas, quando se voltou para dentro de si e tentou invocar algum outro poder, sua expressão de negação foi se transformando em horror e desespero.

— Não — reagiu ele. — Não, Atticus... Atticus, por favor! Você *não pode*...

— Posso — corrigiu Atticus. — E fiz.

Atticus deu meia-volta e começou a se afastar. Braithwhite ainda tentou agarrar o braço dele, mas Atticus se libertou sem dificuldade, e então uma onda de fraqueza e náusea fez com que Braithwhite recuasse, cambaleando.

— Atticus! Atticus, por favor!... Você *precisa* de mim, Atticus!

De volta à companhia da família e dos amigos, Atticus olhou para ele outra vez, arqueando a sobancelha.

— *Preciso* de você? — repetiu ele. — Acho que você está redondamente enganado, sr. Braithwhite.

— Você acha que tudo acabou só porque a confraria de Lancaster foi destruída? — perguntou Braithwhite. — Não acabou! Há outras lojas pelo país inteiro. Agora que elas sabem da sua existência, virão atrás de você, mas não como eu fiz. Não vão tratar você como um membro da família, nem mesmo como um ser humano, e não vão deixá-lo em paz até arrancarem de você tudo o que quiserem. Aonde quer que você vá, nunca estará a salvo. Você...

Mas as palavras morreram na boca dele quando Atticus explodiu em gargalhadas. Letitia, George, Hippolyta e os demais também começaram a rir — até mesmo Montrose, que ainda estava emburrado por Braithwhite estar se safando com vida. Todos gargalhavam *alto*.

— O que foi? — gritou Braithwhite, encarando-os como se estivessem loucos. — Qual é a graça?

No entanto, eles estavam rindo demais para conseguir responder.

Depois de um tempo, Atticus se recuperou e explicou, enxugando as lágrimas de riso:

— Ah, sr. Braithwhite. Está mesmo tentando me assustar com isso? Acha que eu não sei bem em que país eu vivo? Eu sei. Todos sabemos. Sempre soubemos. Quem não está entendendo é *você*.

Ainda rindo, eles entraram no furgão e foram embora. Caleb Braithwhite continuou parado ali, no frio, muito depois de ter perdido de vista as lanternas traseiras do veículo deles. Meia hora mais tarde, quando o policial estadual de Indiana encostou ao lado dele, Braithwhite ainda estava no mesmo lugar, boquiaberto, com o mapa na mão, como se fosse um viajante perdido tentando entender onde e como errara o caminho.

EPÍLOGO



Mil novecentos e cinquenta e cinco! Um novo ano se aproxima e, como sempre, tiramos um momento para agradecer os avanços dos últimos doze meses: a determinação justíssima da Suprema Corte no caso de Brown contra a Secretaria de Educação; notícias de que a dessegregação das nossas Forças Armadas, ainda que tardiamente, está concluída; e várias outras pequenas vitórias não menos importantes, embora menos alardeadas. Continuamos ansiando pelo tempo (que já não está tão distante assim) em que todos os viajantes serão tratados da mesma forma. E, enquanto esse dia glorioso não chega, estamos decididos a seguir em frente com coragem e passos firmes, preparados para os desafios que a estrada nos guarda...

— Guia de viagem do negro precavido, *edição da primavera de 1955*

— Posso pedir, é claro — disse Letitia. — Mas não tenho como garantir que ele vai topar.

— Estou disposta a trocar favores com ele, desde que sejam razoáveis — afirmou Hippolyta.

Estavam sentadas à mesa da cozinha na casa de Hippolyta. Era uma manhã no início de março, e entre elas havia uma folha de papel na qual Hippolyta havia rabiscado uma série de quadrados, com oito casas de altura por oito de largura. Alguns deles já tinham sido preenchidos com números — a lápis, de forma provisória —, mas a maioria ainda estava em branco.

Letitia bateu no papel com o indicador.

— Tem certeza disso? Afinal de contas, aquela mulher tentou matar você.

— Ela estava tentando proteger a filha.

— E você acha que ela vai ficar agradecida quando souber o fim que Pearl teve?

— É, acho que não — reconheceu Hippolyta. — Mas não é certo deixar a mulher abandonada lá.

— Talvez você tenha razão...

Letitia observou os demais papéis que havia na mesa: panfletos e fichas de inscrição para a Universidade de Chicago e outras duas faculdades, mais distantes, que ofereciam graduação em astronomia. Ela perguntou:

— Mas, vem cá, quanto disso tudo não vem da sua vontade de usar aquela máquina outra vez?

Hippolyta sorriu.

— Se eu pudesse trazer aquele portal aqui para casa, sem os guardas... — Ficou com o olhar perdido, lembrando-se do implacável amanhecer vermelho alienígena. E de Scylla. — Bem, eu ainda teria que ser bastante cuidadosa, mas admito que gostaria mesmo de explorar por aí. Porém, como não posso trazê-lo para cá, não vejo como poderia transformar isso em um hábito. Seria só mais uma vez.

Letitia, que já ouvira aquelas palavras da boca de outras pessoas, estava cética, mas disse:

— Está bem. Vou falar com o sr. Winthrop para ver se ele me dá a combinação.

— Obrigada. E eu agradeço se você não mencionar nada disso ao George.

— Sabia que você ia pedir isso. Não se preocupe.

Hippolyta se levantou para pegar mais café.

— Como está a Ruby?

— Se você descobrir, venha me contar — respondeu Letitia.

— Vocês não têm se visto?

— Ela foi à igreja domingo passado, mas saiu correndo depois da missa, e eu não consegui falar com ela. Acho que está brava comigo.

— Por quê?

Letitia deu de ombros.

— Acho que ela deve estar amargurada. Ela perdeu mais um emprego quando nos livramos do sr. Braithwhite, então é como se ela estivesse sendo punida por fazer a coisa certa.

— Ela foi punida, e você ficou com a Casa Winthrop.

— Eu já *disse* que quero dividir a casa com ela — retrucou Letitia. — Mas Ruby não quer. Na verdade, o problema é que Ruby não sabe *o que* quer... Mas isso não é culpa *minha*. A vida nem sempre é justa, sabe? Não é justo, mas o que é que a gente pode fazer?

* * *

Era meio-dia e ela estava esperando no saguão do edifício, com os cabelos ruivos recém-aparados em uma versão do corte da Amelia Earhart. Dessa

vez, estava de meia-calça, e vestido e sapatos novos, comprados especialmente para aquela ocasião. Trazia na bolsa os documentos de identidade novos, que havia arrumado com um antigo parceiro de negócios de seu pai e que haviam custado os olhos da cara.

— Srta. Lightbridge? — chamou ela, assim que a outra mulher saiu do elevador. — Com licença, srta. Lightbridge.

Joanna Lightbridge olhou, desconfiada, para a estranha que lhe sorria como uma velha amiga.

— Desculpe, já nos conhecemos? Srta...

— Hyde. Hillary Hyde. Não, a senhorita não me conhece. Peço desculpas por abordá-la dessa forma. Tentei marcar uma reunião, mas sua recepcionista me informou que só seria possível ser atendida por uma das suas assistentes e, embora eu tenha certeza de que são ótimas profissionais, era com você que eu queria falar. — Abriu a bolsa e tirou dali uma matéria de jornal. — Li a entrevista que a senhora deu para o *Tribune* mês passado. Achei muito inspiradora.

— *Eu* sou obrigada a discordar — afirmou a srta. Lightbridge, com uma expressão azeda. — Na verdade, eu nem mesmo diria que aquilo foi uma entrevista.

— O repórter foi muito grosseiro. Todas aquelas perguntas sobre a senhorita não ser casada... achei bastante inapropriado. Mas suas respostas foram muito boas, e deu para ver que a senhorita tinha muito mais a dizer... e talvez até tenha dito, mas aquele repórter não anotou.

Nesse momento, um carteiro entrou no saguão, trazendo um carrinho de mão apinhado de pacotes. As duas mulheres abriram caminho para ele e acabaram mais próximas uma da outra.

— Srta. Lightbridge, há pouco mais de um ano eu perdi a minha mãe. Desde então, passei por uma série de mudanças... Não vou tomar seu tempo entrando em detalhes, mas tudo isso me fez perceber que não estou satisfeita com o trabalho que tenho feito. Não sou casada e, por enquanto, constituir uma família não está nos meus planos. Sei muito bem o que eu não quero, mas não o que eu quero... e, ao ler a sua entrevista, fiquei com a impressão de que a senhorita passou por algo parecido em sua vida. É claro que eu sei que é uma mulher ocupada, mas vim vê-la na esperança de que pudesse me conceder só um pouquinho de seu tempo para me indicar o caminho, talvez, ou me ajudar a entender por onde devo começar a procurar o que estou

procurando...

A essa altura, Joanna Lightbridge estava sorrindo.

— Srta. Hyde, não é?

— Por favor, pode me chamar de Hillary.

— Hillary... Então, já almoçou?

— Ainda não. Seria um prazer convidá-la para um almoço, por minha conta, é claro.

— Imagina, Hillary. Quem está convidando sou eu.

* * *

Primeiro, George cogitara comprar algo grande e chamativo, um cofre daqueles que precisasse de dez pessoas para transportar, mas Montrose observara que nem mesmo o aço mais grosso poderia impedir um ladrão de apontar uma arma para a sua cabeça — ou para a cabeça da sua família — e exigir a combinação. Então George concordara em deixar o irmão levar um dos arquivos de metal que ele já tinha para receber uns ajustes especiais em uma oficina. Assim, as duas primeiras gavetas ainda funcionavam normalmente (continham relatórios sobre West Virginia, Wisconsin e Wyoming), mas as duas de baixo formavam uma frente falsa, sendo, na verdade, um painel que se abria como uma porta, revelando um cofre de setenta e cinco centímetros rebitado ao chão.

— Aí tem mesmo trezentos mil dólares? — perguntou Horace, encarando os maços de notas dentro do cofre.

— Agora tem menos — disse George —, mas ainda é o suficiente para pagar a sua faculdade e a faculdade dos filhos de Ophelia.

— E a sua — observou Montrose, olhando para Atticus.

— E a da mamãe — acrescentou Horace.

— É, a dela também — concordou George. — Depois disso a gente vê o que faz com o que sobrar, mas se você ainda quiser ter uma editora de quadrinhos quando terminar a faculdade, podemos conversar sobre um empréstimo para você abrir o seu negócio.

— Sério?

— Primeiro consiga o seu diploma, e depois conversamos — disse George.

— Mas até lá, Horace, você não pode falar sobre isso com ninguém, entendeu?

— Entendi — garantiu o menino.

George fechou o cofre e o painel falso, e então os quatro voltaram à frente da agência. Havia caixas e mais caixas contendo a edição da primavera de 1955 do *Guia de viagem do negro precavido* empilhadas contra a parede. George folheou um exemplar solto, sentindo o cheiro de tinta fresca e se perguntando, como de costume, quanto tempo ainda levaria até que ele pudesse encerrar aquela publicação e rebatizar a empresa com o bom e velho nome Agência de Viagens Berry.

Parecia que ainda ia demorar uns anos.

— Atticus, antes de você ir embora — disse George —, recebi algumas indicações que queria que você fosse verificar.

— Onde?

— Memphis. E também um lar turístico do outro lado do rio, no Arkansas.

— Pode deixar. Posso fazer isso durante o fim de semana.

— Posso ir também? — pediu Horace.

— Não, senhor — respondeu George. — Você tem dever de casa para fazer no final de semana, não tem?

— Posso fazer no carro.

— Além disso, estamos falando da terra de Jim Crow.

— Eu sei — insistiu Horace.

— Jim Crow não é brincadeira, garoto — alertou Montrose, reconhecendo o tom de voz do menino.

— Eu sei. Mas preciso conhecer ele alguma hora. — Horace se virou para o pai. — Mês que vem eu faço treze anos.

George e Montrose se entreolharam. Então Atticus se manifestou:

— Eu posso levar o Horace, sem problemas, se você deixar. E por que você não vem também, Pop?

— Eu? — exclamou Montrose.

— É, você, oras — retrucou Atticus. — Assim pode garantir que Horace aprenderá as lições certas a respeito de tudo o que vai ver. Como você fez comigo. Além disso, eu bem que iria gostar da sua companhia.

Montrose ficou carrancudo. Mas não recusou.

— Eu ficaria mais tranquilo se você fosse — incentivou George. — Eu iria também se não estivesse ocupado.

— Vamos lá, Pop — pressionou Atticus.

— Ah, está bem — cedeu Montrose. — Mas eu dirijo.

AGRADECIMENTOS



Este livro teve um período de gestação mais longo do que a maioria. As primeiras sementes de inspiração foram plantadas quase trinta anos atrás, em conversas com Joseph Scantlebury e o professor James Turner na Universidade Cornell. Mais recentemente, mas ainda assim um bom tempo atrás, eu me deparei com o ensaio de Pam Noles intitulado “Shame”, sobre as dificuldades específicas de ser uma fã negra de ficção científica. E *Sundown Towns*, de James W. Loewen, me apresentou ao *Negro Motorist Green Book* (“O guia Green para o motorista negro”, em tradução livre), de Victor H. Green, e foi então que a história começou a tomar forma.

Sou grato, como sempre, à minha esposa, Lisa Gold, e à minha agente, Melanie Jackson. Obrigado também a Jonathan Burnham, Maya Ziv, Lydia Weaver, Tim Duggan, Barry Harbaugh, Jennifer Brehl, Karen Glass, Caitlin Foito, Amy Stolls e a National Endowment for the Arts, Alix Wilber e Richard Hugo House, Neal Stephenson, Karen Laur, Greg Bear e Peter Yoachim.

SOBRE O AUTOR



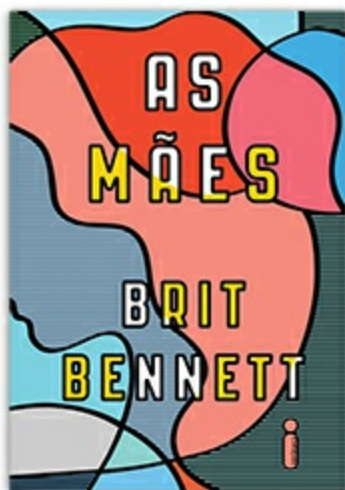
© Lisa Gold

Matt Ruff estreou na literatura em 1988, e desde então suas obras foram publicadas em diversos idiomas, além de terem sido finalistas e vencedoras de importantes prêmios de ficção científica. Quinto romance do autor, *Território Lovecraft* teve seus direitos de tradução adquiridos em dez países e conquistou a admiração de Jordan Peele, diretor do premiado filme *Corra!*, que ficou responsável pela produção da série da HBO baseada na história. Matt Ruff mora com a esposa em Seattle, nos Estados Unidos.

Leia também



[*Ruby*](#)
[Cynthia Bond](#)



[*As Mães*](#)
[Brit Bennett](#)



[O caso da Mansão Deboën](#)
[Edgar Cantero](#)

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Território Lovecraft](#)

[A casa assombrada dos sonhos](#)

[O livro de Abdullah](#)

[Hippolyta perturba o universo](#)

[Jekyll em Hyde Park](#)

[A casa Narrow](#)

[Horace e o boneco do diabo](#)

[A marca de Caim](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Leia também](#)